PAGINAS
ESCOLHIDAS
LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO

Al hermoso espiritu de José
Pareja este recuerdo de nuestro
Brasil.
Com sincera amistad
Marina F. Ferreira
7 Junio, 1934.

Paginas Escolhidas

Academia Brazileira

Paginas Escolhidas

Dentre as obras dos primeiros
Academicos e dos seus Sucessores
(1897-1912)

2ª EDIÇÃO
Revista e melhorada por
JOÃO RIBEIRO E MARIO DE ALENCAR

I

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

ADVERTENCIA

E'esta a segunda edição desde algum tempo preparada das *Paginas Escolhidas* da Academia.

Houve sempre curiosidade, cada vez mais crescente, de conhecer as producções literarias dos nossos Academicos e, aos editores pareceu de utilidade reunir em um ou dois volumes algumas amostras do engenho d'aquelles nossos escriptores principaes.

Que a idea foi bem inspirada bem o prova o exito d'este livro que se reimprime agora.

Muitas alterações foram feitas sobre a edição primitiva. No intervallo entre uma e outra foram eleitos numerosos academicos, e havia que lhes dar um lugar n'esta reimpressão.

D'est, arte, como o intuito conhecido d'esta pequena anthologia é dar uma noticia dos escriptores e academicos actuaes, não poderiam ser contemplados os novos eleitos, sem que soffressem reducções importantes as paginas que já figuravam na collectanea anterior.

Ainda assim, e a mau grado nosso, avolumou-se a materia excedendo os estreitos limites que sobriamente haviamos traçado.

Em muitas d'estas paginas conservamos a orthographia academica (da sua primeira reforma) quando assim o quizeram os seus auctores, segundo as proprias contribuições que escolheram; pois, em alguns casos, foram elles proprios que fizeram ou indicaram a selecção dos trechos.

Como regra geral, a escolha foi da nossa responsabilidade. A desproporção que existe entre algumas partes resultou de embaraços e difficuldades que não podemos remover.

Quanto á ordem dos auctores, seguimos a alphabetica desde a primeira edição, e foi aliás a que adoptou a propria Academia na enumeração das suas cadeiras. Entretanto, para os novos eleitos achamos que o lugar mais proprio lhes cabia ao lado dos seus antecessores.

N'esta segunda edição, ha, a proposito de cada academico, uma breve noticia bio-bibliographica ; e nas paginas preliminares encontrarão os leitores os documentos da inauguração da Academia e os sens Estatutos.

J. R. e M. A.

A ACADEMIA BRAZILEIRA

---

1. Acta da sessão inaugural. 2. Discurso de abertura pelo presidente Machado de Assis. 3. Discurso do secretario geral, Joaquim Nabuco. 4. Estatutos da Academia. 5. Algumas disposições do rejimento interno. 6. Primeiros socios da Academia, e cadeiras dos seus patronos.

O pensamento de fundar, entre nós, uma academia de letras não pertenceu talvez á geração atual. Desde os tempos coloniais, em varias cidades do Brazil, se fundaram *academias* literarias, sob a inspiração das que tão numerosas se haviam criado na metropole portugueza.

Nos ultimos tempos, para nós como para o mundo inteiro, a expressão modelar das academias era a da Academia Franceza, de prestijio universal.

Desde 1894 que um dos nossos homens de letras, Lucio de Mendonça, pensava em congregar os literatos da sua geração em uma companhia semelhante á da Academia Franceza. Este pensamento se foi formando na fase literaria da *Semana* e depois na da *Revista Brazileira*. Cuidou-se, a principio, em entregar a realização da idea ao Governo, devendo a instituição ter definidamente carater oficial.

A idea não pareceu pratica ; ou antes os nossos governos sempre foram e são reconhecidamente infensos á proteção de qualquer especie de literatura que não seja a dos jornaes e pelos motivos que todos sabem.

E não era nobre nem conveniente, que as letras procurassem abrigar-se á sombra dos poderes publicos, quando não tinham ellas e nem teem ainda os recursos essenciais á sua independencia. Formariam, de certo, mais uma repartição publica, parasitaria e inutil.

Foi, portanto, idea feliz leval-a a efeito sem aparato oficial, e esperar que os poderes publicos reconhecessem (como reconheceram mais tarde) a utilidade d'esse tentamen.

Os trabalhos preparatorios e as primeiras reuniões realizaram-se na sala da redação da *Revista brazileira*, em 1896, com os seus redatores e colaboradores. Logo no ano seguinte foi possivel inaugurar a Academia sob a presidencia de Machado de Assis (julho de 1897).

Transcrevemos em seguida os documentos oficiais da fundação,

os discursos então pronunciados, os estatutos, e a distribuição das cadeiras da academia pelos seus primeiros quarenta titulares.

As *cadeiras* da Academia teem cada uma a sua denominação propria, tomada do nome dos nossos antigos poetas e escritores, que são os *patronos* segundo a expressão consagrada oficialmente.

I

ACTA DA SESSÃO INAUGURAL

Aos vinte dias do mez de julho de 1897, prezentes, ás 8 horas da noite, em uma das salas do edificio do *Pedagogium*, os academicos Srs. Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Rodrigo Octavio, Silva Ramos, Inglez de Souza, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Barão de Loreto, Filinto de Almeida, Graça Aranha, Guimarães Passos, José Verissimo, Olavo Bilac, Silvio Romero, Teixeira de Mello, Urbano Duarte e Visconde de Taunay (17), o Sr. Presidente abre a sessão. Justificáram ausencia por carta os Srs. Lucio de Mendonça e Valentim Magalhães (2) ; achavam-se ausentes desta cidade os Srs. Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Aluizio Azevedo, Clovis Bevilaqua, Domicio da Gama, Eduardo Prado, Garcia Redondo, Luiz Guimarães, Magalhães de Azeredo, Oliveira Lima, Raymundo Corrêa e Salvador de Mendonça (12) ; deixaram de comparecer os Srs. Alcindo Guanabara, Carlos de Laet, Coelho Netto, José do Patrocinio, Luiz Murat, Medeiros e Albuquerque, Pedro Rabello, Pereira da Silva e Ruy Barbosa (9).

Além do Sr. Prezidente, que proferiu uma alocução ao declarar aberta a sessão, o Sr. Rodrigo Octavio, 1º secretario, leu a *Memoria Historica* dos trabalhos preliminares para a instalação da Academia e o Sr. Joaquim Nabuco, secretario geral, proferiu um discurso inaugural. Pouco depois de 10 horas levantou-se a sessão.

II

ABERTURA PELO Sr. MACHADO DE ASSIS PRESIDENTE

Senhores, Investindo-me no cargo de prezidente, quizestes começar a Academia Brazileira de Letras pela consagração da idade . Si não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. E' simbolico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espirito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possivel corresponder á vossa confiança.

Não é precio definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nace com a alma nova, e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação politica, a unidade literaria. Tal obra exije, não só a compreensão publica, mas ainda e principalmente a vossa constancia. A Academia Franceza, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, ás escolas literarias e ás transformações civis. A vossa ha de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lirica, da critica e da eloquencia nacionais é indicio de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que elle perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciaes, para que elles os transmitam tambem aos seus, e a vossa obra seja contada entre as solidas e brilhantes pajinas da nossa vida brazileira. Está aberta a sessão. »

III

DISCURSO DO Sr. JOAQUIM NABUCO
SECRETARIO GERAL

Meus Senhores, Uma vez que conversavamos sobre os nossos estatutos, achei ouzado darmos, como tranquilamente se propunha, o titulo de *perpetuo* ao nosso secretario; pensava eu então no constranjimento do nosso colega a quem tocasse lançar aquelle soberbo desafio ao nosso temperamento. Não imajinava estar falando em defeza propria. A primeira condição de perpetuidade é a verosimilhança, e o que tentamos hoje é altamente inverosimil. Para realizar o inverosimil o meio heroico é sempre a fé; a homens de letras que se prestam a formar uma Academia, não se póde pedir a fé ; só se deve esperar delles a boa fé. A questão é se ella bastará para garantir a estabilidade de uma companhia exposta como esta a tantas causas de desanimo, de dispersão e de indiferentismo. Si a Academia florecer, os criticos deste fim de seculo terão razão em vêr nisso milagre ; terá sido com efeito um extraordinario enxerto, uma verdadeira maravilha de crusamento literario.

A nossa formação não passará incolume ; seremos acusados de nos termos escolhidos a nós mesmos, de nos termos feito *Imortaes* e em numero de *quarenta*. Si não tivessemos quadro fixo, receiavamos não ser uma companhia. Tendo-o, si fossemos menos de quarenta, como não se diria: « A Academia Franceza, que é a Academia Franceza, e se reune em Paris, donde ninguem quer sair, precisa ter quarenta membros para trabalhar, e entre nós onde ninguem se reune, no Rio de Janeiro, donde se vive em Paris, julgamos poder ter só vinte, ou trinta ? » Si fossemos mais, estais ouvindo o tom de desdem : « A França, que é a França, só tem quarenta academicos, e nós, que não temos quasi literatura, temos a pretenção

de ter cincoenta.» O numero de quarenta era quasi forçado, porque não dizel-o ? tinha a medida do prestijio, esse quê de simbolico das grandes tradições, o cunho do *primi capientis:* as proporções justas de qualquer creação humana são sempre as que foram consagradas pelo sucesso. Não tomamos á França todo o sistema decimal? Podiamos bem tomar-lhe o metro academico. Nós somos quarenta, mas não aspiramos a ser *os Quarenta.*

Quanto á escolha propria, como podia ser evitada ? Nenhum de nós lembrou o seu proprio nome ; todos fomos chamados e chamámos a quem nos chamou... Houve uma boa razão para nos reunirmos ao convite do Sr. Lucio de Mendonça ; é que, exceto essa, só havia outra forma de apresentação: a oficial. Não seria de certo mais inspirada, e não podia ser tão ampla, a nomeação por decreto, e uma eleição publica havia de resentir-se da côr local. De qualquer modo que se formasse a serie dos primitivos, a orijem seria imperfeita ; resultariam iguaes injustiças. Não temos de que nos aflijir : todas as Academias naceram assim. Que era a Academia Franceza quando a Richelieu ocorreu insuflar-lhe o seu genio, associal-a á sua missão ? Era uma reunião de sete ou oito homens de espirito em Paris. E as Academias, as Arcadias todas do seculo passado? Qualquer pretexto é bom para nacer... Não se deve inquirir das orijens. Quando a vida aparece, é que o inconciente tomou parte na concepção, e com a vida vem a responsabilidade, que enobrece as orijens as mais duvidozas. Quem nos lançará em rosto o nosso nacimento, si fizermos alguma couza ; si justificármos a nossa existencia, creando para nós mesmos uma função necessaria e desem penhando-a ? Acszo tem o ator que provar ao publico o seu direito de existir ? Não basta a emoção que desprende de si e faz passar por todos nós ? E o pintor, o escultor, o poeta ? Não basta a obra ?

Na formação do primeiro quadro era preciso atender á proporção de auzentes. A Europa exerceu sempre sobre a imajinação dos nossos homens de letras uma atração perigosa. Houve, talvez, tempo em que Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, Salles Torres Homem, Maciel Monteiro, Gomes de Souza, Varnhagen, Joaquim Caetano, Pereira da Silva podiam ter formado uma Academia Brazileira em Paris. Isso vinha de traz, e continúa hoje com mais força. Bem poucos dos nossos homens de letras recusariam em qualquer tempo um desterro para lonje do paiz. Ha felismente muito entre nós, quem de coração, de sentimento, pela imajinação, pelo espirito, por todo o praser de viver, prefira o quadro, o aspeto, a sensação do nosso torrão brazileiro a todos os panoramas d'arte da Europa. Para se ser assim tão sincero, tão definitivamente brazileiro, — em alguns isso vem de uma reação natural contra o egoismo estetico, — parece, a julgar pelo nosso confrade, o autor da *Retirada da Laguna*, que o melhor é ter tido no sangue a inoculação da propria arte européa.

Como quer que seja, foi precizo contar com essa imigração certa do talento nacional, com esse tributo que elle pagou sempre a Paris.

Havia tambem que atender á representação igual dos antigos e dos modernos... Uma censura não nos hão de faser : a de sermos um gabinete de antigualhas. A Academia está dividida ao meio, entre os que vão e os que vêm chegando ; os velhos, aliás sem velhice, e os novos ; os dois seculos estão bem acentuados, e si algum predomina é o que entra ; o seculo XX tem mais representação entre nós de que o seculo XIX. Quanto a mim, já tomei o meu partido... Uma vez me pronunciei entre os dois e como o fiz no livro de uma joven senhora do nosso patriciado, pedir-lhe-ei licença para reproduzir, creio que nos mesmos termos, essa minha ultima profissão de fé. « Nacido, dizia eu, em uma época de transição, prefiro em tudo, arte, politica, relijião, ligar-me ao passado que ameaça ruina do que ao futuro que ainda não tem fórma. » E' apenas, como vêdes, uma preferencia ; resta-me ainda muita simpathia pelas quimeras que disputam umas ás outras o toque da vida e muita curiosidade pelas invenções e revelações iminentes. Eu não sou o poeta do quadro de Gleyre, vendo, a barca das ilsuões perdidas, dourada pelo crepusculo da tarde, e abismado no seu proprio isolamento; o coração, que é a parte fixa de nós mesmo, está em mim voltado para o ceu estrelado, para a cupola de verdades imortaes, de principios divinos, que sucede ao trabalho, aos esforços, a ardentes decepções do dia. Oh !..., meus senhores, é quando a vida pára, que se tem a plenitude do viver. Ao contrario de tudo o mais, a vida, falo da vida intelectual, não é o movimento ; é a parada do espirito, a absorção, a dilatação infinita do pensamento em um só objecto, em um só goso, em uma só compreensão. *Quieta non movere.* Serei talves um velho imajinario ; é o meio de não ser um joven imaginario. Ha na vida uma cousa que não se deve finjir : — é a mocidade.

Devo confessar-vos que assim pensada, com uma ou outra lacuna das quaes algumas se explicam pela recusa dos escolhidos, e com uma exceção apenas, a nossa lista de nomes parece reprezentar o que as nossas letras possuem de mais distinto. Algumas das nossas individualidades mais salientes nos estudos moraes e politicos , no jornalismo e na ciencia, deixaram de ser lembradas... A literatura quer que as sciencias, ainda as mais altas, lhe dêm a parte que lhe pertence em todo o dominio da fórma. Outros nomes, estes literarios, estão ausentes, alguns, porém, renunciaram ás letras. Devo dizer que compreendo a omissão d'estes : a uma Academia importa mais elevar o culto das letras, o valor do esforço, do que realçar o talento e a obra do escritor. De certo, deixamos ao talento a liberdade de se apagar. Alguem fez uma bela obra ? Admiremos a obra e deixemos o autor viver como toda a gente ; não o forçemos, querendo que se exceda a si mesmo, a refaser-se uma e mais veses, a viver da sua reputação, diminuindo-a sempre. Não o condenemos á serie, deixemol-o desaparecer da fileira, depois de ter feito

uma brilhante ação como o soldado. A altivez do talento póde consistir nisso mesmo, em não diminuir. E' a primeira liberdade do artista, deixar de produsir ; não, porém, renunciar a produzir ; repelir a inspiração, abdicar o talento, deixar a imajinação atrofiar-se. Isso é desinteressar-se das suas proprias creações anteriores, as quais só podem viver por essa cultura literaria, que perdeu para elle toda a primasia.

Não ha em nosso gremio omissão irreparavel ; a morte encarrega-se de abrir nossa porta com intervalos mais curtos do que o genio ou o talento toma para produsir qualquer obra de valor. Nós, os primeiros, seremos os unicos academicos que não tiveram merito em sel-o, quasi todos entramos por indicação singular, poucos foram eleitos pela Academia ainda incompleta, e nessas escolhas cada um de nós como que teve em vista corrijir a sua elevação isolada, completar a distinção que recebera : só d'ora em diante, depois que a Academia existir, depois de termos uma regra, tradições, emulação, e em torno de nós o interesse, a fiscalisação da opinião, a consagração do sucesso, é que a escolha poderá parecer um plebicito literario. Nós de facto constituimos apenas um primeiro eleitorado.

As Academias, como tantas outras cousas, precisam de antiguidade. Uma Academia nova é como uma relijião sem misterios ; falta-lhe solenidade. A nossa principal função não poderá ser preenchida sinão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dinastia dos nossos sucessores. Não tendo antiguidade, tivemos que imital-a, e escolhemos os nossos antepassados. Escolhemol-os por motivo, cada um de nós, pessoal, sem querermos, eu acredito, significar que o patrono da sua cadeira fosse o maior vulto das nossas letras. Foi assim, pelo menos, que eu escolhi a Maciel Monteiro, Nesse mixto de medico poeta, de orador diplomata, de *dandy* que vem a morrer de amor, eleji o pernambucano. A lista das nossas escolhas ha de ser analisada como um curioso documento auto-biografico; está ai o sentido da minha. Entretanto, como nenhum de nós preocupou-se de escolher a maior figura de nossas letras, póde ser que algumas dellas não figurem nesse quadro. Teremos meio de reparar essa falta com homenajens especiais. Restam apenas cinco cadeiras : já não ha logar para entrarem juntos Alexandre de Gusmão, Antonio Jozé, Santa Rita Durão, São Carlos, Monte Alverne, José da Silva Lisboa, Porto-Alegre, Salles Torres Homem, José Bonifacio, o avô e o neto, Antonio Carlos, J. J. da Rocha, Odorico Mendes, Ferreira de Menezes.

Basta essa curta historia de nossa formação para se ver que não podemos fazer o mal atribuido ás Academias pelos que não querem na literatura sombra da mais leve tutela, do mais frouxo vinculo, do mais insignificante compromisso. E' um anacronismo receiar hoje para as Academias o papel que ellas tiveram em outros tempos, mas si aquelle papel fosse ainda possivel, nós teriamos sido

organisados para não o podermos exercer. Si percorrerdes a nossa lista, vereis nella a reunião de todos os temperamentos literarios conhecidos. Em qualquer genero de cultura somos um Mexico intelectual ; temos a *tierra caliente*, a *tierra templada* e a *tierra fria*... Já tivemos a Academia dos Felises ; não seremos a dos Incompativeis, mas na maior parte das cousas não nos entendemos. Eu confio que sentiremos todo o praser de concordarmos em discordar; essa desintelijencia essencial é a condição de nossa utilidade, o que nos preservará da « uniformidade academica. » Mas o desacôrdo tem tambem o seu limite, sem o que começariamos logo por uma dissidencia. A melhor garantia da liberdade e independencia intelectual é estarem unidos no mesmos espirito de tolerancia os que veem as cousas d'arte e poesia de pontos de vista opostos. Para não podermos faser nenhum mal basta isso; para fasermos algum bem é preciso que tenhamos algum objetivo comum. Não haverá nada comum entre nós ? Ha uma cousa; é a nossa propria evolução ; partimos de pontos opostos para pontos opostos, mas como astros que nacessem uns a leste e outros a oeste, temos que percorrer o mesmo circulo, sómente em sentido inverso. Ha assim de comum para nós o ciclo, o meio social que curva os mais rebeldes e funde os mais refratarios ; ha os intersticios do papel, da caracteristica, do grupo e filiação literaria, de cada um ; ha a boa fé invencivel do verdadeiro talento. A utilidade desta companhia será, a meu ver, tanto maior quanto fôr um resultado da aproximação, ou melhor, do encontro em direção oposta, desses ideais contrarios, a tregua de prevenções reciprocas em nome de uma admiração comum, e até, é preciso esperal-o, de um apreço mutuo.

Porque, senhores, qual é o principio vital literario que precisamos crear por meio desta Academia, como se compõe a materia organica em laboratorios de quimica ? E' a responsabilidade do escritor, a conciencia dos seus deveres para com sua intelijencia, o dever superior da perfeição, o despreso da reputação pela obra. Acreditais que um tal principio limite em nada a espontaneidade do genio ? Não, o que faz, é sómente impôr maiores obrigações ao talento. A responsabilidade não póde ameaçar nenhuma independencia, coartar nenhuma ousadia ; é della, pelo contrario, que saem todas as nobres audacias, todas as grandes rebeldias. Em França a Academia reina pelo prestijio de sua tradição ; exerce sua influencia pela escolha, pela convivencia e pelo tom ; mantém um estilo *academico*, como toda a arte francesa, convencional, acabado, perfeito, e que só poderia parecer estreito a um genio do Norte, como Shakespeare. Mas não é do destino da França produsir Shakespeares... Nós não temos por missão produzir esse estilo, o qual, como toda concepção intelectual, escapa á vontade e ao propozito, póde ser guardado e cultivado, mas não póde ser creado, obedece a leis de cristalisação de cada idioma, a simetria de cada genio nacional. Nós pretendemos sómente defender as fontes do genio, da poe-

zia e da arte, que estão quazi todas no prestijio, ou antes na dignidade da profissão literaria... Não tenhamos tanto ciume do genio, o genio ha de revelar-se de qualquer modo; elle faz a sua propria lei, cria o seu proprio berço, esconde o seu nacimento, como Jupiter infante, no meio dos seus coribantes.

Além da deferencia devida á companhia a que me faziam pertencer, confesso-vos que aceitei a honra que me foi feita, atraido pelo prazer de me sentir ao lado da nova geração. Cedi tambem, devo dizer-vos, á necessidade que sente de atividade, de renovação um espirito muito tempo ocupado na politica e que de boa fé acredita ter voltado ás letras. Na Academia estamos certos de não encontrar a politica. Eu sei bem que a politica, ou tomando-a em sua fórma a mais pura, o espirito publico, é inseparavel de todas as grandes obras : a politica dos Faraós reflete-se nas piramides tanto quanto a politica ateniense no Partenon ; o genio catolico da Idade Média está na *Divina Comedia*, como o genio protestante do Protetorado está no *Paraiso Perdido*, como o genio da França monarquica está na literatura e no estilo dos seculos XVII e XVIII...

Nós não pretendemos matar no literato, no artista, o patriota, porque sem a patria, sem a nação, não ha escritor, e com ella ha forçosamente o politico. Até hoje, apesar do cristianismo, que trouxe o sentimento de uma comunhão mais vasta, o genio nada fez fóra da patria ou, pelo menos, contra a patria. A patria e a relijião são em certo sentido cativeiros irresgataveis para a imajinação, condições do *fiat* intelectual. Compreendeis o artista grego que em replica a Eschilo esculpisse o Persa ? Ou o poeta francez que depois de Sedan cantasse o Alemão ? A politica, isto é, o sentimento do perigo e da gloria, da grandeza ou da quéda do paiz, é uma fonte de inspiração de que se resente em cada povo a literatura toda de uma época, mas para a politica pertencer á literatura e entrar na Academia é preciso que ella não seja o seu proprio objeto ; que desapareça na creação que produziu, como o mercurio nos amalgamas de ouro e prata. Só assim não seriamos um parlamento.

Disse-vos, porém, que vim seduzido pelo contato, eu quizera que se pudesse dizer o contajio dos moços. Como as diferentes idades da vida se compreendem mal uma a outra! — é a observação que vou fazendo á medida que caminho. Asseguro-vos que não suspeitava do que é a vista da mocidade tomada da outra marjem da vida... Os que envelhecem não compreendem mais o valor das ilusões que perderam ; os jovens não dão valor á experiencia que ainda não têm. Ha dois climas na vida, o passado e o futuro. A Academia, como o nobre romano, tem a sua *vila* dividida em casa de verão e em casa de inverno. Podeis habitar uma ou outra, conforme o vento soprar. Eu direi sómente a todos os novos espiritos ambiciosos de abrir caminho para a gloria : não receiem a concurrencia dos mais velhos ; sejam jovens e hão de romper tão naturalmente, como os rebentos da primavera rompem a casca da arvore rugosa. Basta a

mocidade, si fôr verdadeiramente a vossa propria mocidade que expressardes, para vos dar o nome.

O escritor que chegou á maduresa é, só por isso, o representante de um estado do espirito que preencheu o seu fim. Não ha mocidade perpetua, o vosso privilejio está garantido... Quando se fala da mocidade perpetua de um escritor, como Molière, por exemplo, não se quer dizer que não envelheceu, mas que o fundo de verdade humana que elle recolheu e exprimiu continúa a ser sempre verdadeiro. Não é que o escritor ou a obra guardasse a sua deliciosa frescura; é que a humanidade sempre joven, se reconheceu a si mesma sob os traços de outra época e acha em vel-os o mesmo prazer, si não maior! — do que em sua imajem atual. Eu leio em Elisée Reclus: « Acima da sua grande queda o São Francisco possue fórmas particulares de peixes inteiramente diversas das que vivem a baixo; o invencivel precipicio separou as duas faunas. » Não tenhais medo da concurrencia... estais acima da grande quéda. Uma advertencia, porém. A's vezes não são as gerações sómente que envelhecem uma após outra; sente-se tambem envelhecer a raça. A manhan torna-se então incrivelmente curta, como nos tropicos, e o perfume da mocidade cada vez mais inapreensivel ao calor do sol que se levanta. «Não ha que se apressar nas cousas eternas,» é uma dessas admiraveis frases do grande mistico inglez. Não vos apresseis em compôr a obra que ha de conservar para vós mesmos a essencia de vossa mocidade.

Eu li ha pouco umas pajinas, na *Biblioteca* de Buenos Aires, assinadas pelo general Mitre, a quem sinceramente admiro; a idéa é que a literatura hispano-americana não produziu ainda um livro. Que livro, diz elle, se tomaria para uma viajem, — eu acrescentarei, para o exilio? Senhores, hoje nenhum de nós se contentaria com um livro; um livro em poucos dias está lido e não gostamos de reler; para uma viajem de dias precisamos levar uma biblioteca... Numa pajina sedutora, Emile Gebhart pintava ultimamente Cicero, condenado á morte, fazendo esperar a liteira em que se podia salvar, por não saber que livro levasse comsigo para os longos instantes da proscrição... Nós podemos compreender-nos na sentença de Mitre: não tivemos ainda o nosso livro nacional, ainda que eu pense que a alma brazileira está definida, limitada e expressa nas obras de seus escritores; sómente não está toda em um livro. Esse livro, um extrator habil podia, porém, tiral-o da nossa literatura... O que é essencial está na nossa poesia e no nosso romance. O livro não podemos fazer, porque o livro é uma vida; em um livro deve estar o homem todo, e nós não sabemos mais fundir o caracter na obra, sem o que não póde haver creação. Em um certo sentido creação é, sinão um suicidio, uma larga e generosa transfusão do proprio sangue em outras veias. Temos pressa de acabar. Estamos todos eletrisados; não passamos de condutores eletricos, e o jornalismo é a bateria que faz passar pelos nossos cerebros, pelos nossos corações, essa cor-

rente continua... Si fossemos sómente condutores, não haveria mal nisso ; que sofrem os cabos submarinos ? Nós porém, somos fios dotados de uma conciencia que não deixa a corrente passar despercebida de ponta a ponta, e nos faz receber em toda a estensão da linha o choque constante dessas transmissões universais...

Esperemos que a Academia seja um isolador, e que do seu repouso, da sua calma, venha a sair o livro em que o general Mitre vê o sinal da força, da musculatura literaria... Eu pela minha parte não sei que opera não daria por uma só fraze de Mozart ou de Schumann; trocaria qualquer livro por uma dessas palavras luminosas que brilham eternamente no espirito como estrelas de primeira grandesa... A obra de quasi todos os grandes escritores rezume-se em algumas pajinas ; ser um grande escritor é ter uma nota sua distinta, e uma nota ouve-se logo ; de fato, elle não póde sinão repetil-a.

A principal questão ao fundar-se uma Academia de Letras brazileira é se vamos tender á unidade literaria com Portugal. Julguei sempre esteril a tentativa de crearmos uma literatura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma ; sempre pensei que a literatura brazileira tinha que sair principalmente do nosso fundo europeu. Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de desenvolver literariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjuntamente com elle em tudo que não depende do genio da lingua. O fato é que, falando a mesma lingua, Portugal e Brazil têm de futuro destinos literarios tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionais. Querer a unidade em tais condições seria um esforço perdido. Portugal, de certo, nunca tomaria nada essencial ao Brazil, e a verdade é que elle tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de ideas, de estilo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim... A raça portugueza, entretanto, como raça pura, tem maior resistencia e guarda assim melhor o seu idioma ; para essa uniformidade de lingua escrita devemos tender. Devemos opôr um embaraço á deformação que é mais rapida entre nós ; devemos reconhecer que elles são os donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renoval-as indo a elles. A lingua é um instrumento de idéas que póde e deve ter uma fixidez relativa ; nesse ponto tudo precisamos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos que se consagrarem em Portugal á puresa do nosso idioma, a conservar as formas genuinas, carateristicas, lapidarias, da sua grande época... Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano, Garrett e os seus sucessores deixem de ter toda a vassalajem brazileira. A lingua ha de ficar perpetuamente *pro-indiviso* entre nós ; a literatura, essa, tem que seguir lentamente a evolução diversa dos dois paises, dos dois hemisferios. A formação da Academia de Letras é a afirmação de que literaria, como politicamente, somos uma nação que tem o

seu destino, seu caracter distinto, e só pode ser dirijida por si mesma, desenvolvendo sua orijinalidade com os seus recursos proprios, só querendo, só aspirando a gloria que possa vir do seu genio.

IV

PRIMEIROS SOCIOS DA ACADEMIA

	TITULARES	CADEIRAS
1	Affonso Celso	Theophilo Dias.
2	Alberto de Oliveira	Claudio Manuel da Costa
3	Alcindo Guanabara......	Joaquim Caetano.
4	Aluizio Azevedo ✠......	Basilio da Gama.
5	Araripe Junior ✠....... (Félix Pacheco).	Gregorio de Mattos.
6	Arthur Azevedo ✠...... (Vicente de Carvalho).	Martins Penna
7	Barão do Loreto ✠..... (Arthur Orlando).	Junqueira Feire.
8	Carlos de Laet..........	Porto Alegre.
9	Clovis Bevilaqua........	Franklin Tavora.
10	Coelho Netto	Alvares de Azevedo.
11	Domicio da Gama.......	Raul Pompeia.
12	Eduardo Prado ✠...... (Afonso Arinos).	Visconde do Rio Branco.
13	Filinto de Almeida	Arthur de Oliveira.
14	Garcia Redondo	Julio Ribeiro.
15	Graça Aranha	Tobias Barreto.
16	Guimarães Passos ✠.... (Paulo Barreto).	Laurindo Rabello.
17	Inglez de Souza.........	Manoel de Almeida.
18	Joaquim Nabuco ✠..... (General Dantas Barreto).	Maciel Monteiro.
19	José do Patrocinio ✠.... (Mario de Alencar).	Joaquim Serra.
20	José Verissimo..........	João Francisco Lisboa.
21	Lucio de Mendonça ✠... (Pedro Lessa).	Fagundes Varella.
22	Luiz Guimarães ✠...... (João Ribeiro).	Pedro Luiz.
23	Luiz Murat.............	Adelino Fontoura.
24	Machado de Assis ✠.... (Lafayette R. Pereira).	José de Alencar.
25	Magalhães de Azeredo....	Gonçalves de Magalhães.
26	Medeiros e Albuquerque..	José Bonifacio, moço.
27	Olavo Bilac............	Gonçalves Dias.

28 Oliveira Lima	Varnhagen.
29 Pedro Rabello ✠....... (Heraclito Graça).	Pardal Mallet.
30 Pereira da Silva ✠..... (Barão do Rio Branco) ✠ (Lauro Müller)	Souza Caldas.
31 Raymundo Corrêa ✠.... (Oswaldo Cruz).	Bernardo Guimarães,
32 Rodrigo Octavio........	Tavares Bastos.
33 Ruy Barbosa...........	Evaristo da Veiga.
34 Salvador de Mendonça...	Joaquim Manoel de Macedo.
35 Silva Ramos	Thomaz Gonzaga.
36 Sylvio Romero	Hippolyto da Costa.
37 Teixeira de Mello ✠.... Almirante Jaceguay.	Casimiro de Abreu.
38 Urbano Duarte .... (Augusto de Lima).	França Junior.
39 Valentim Magalhães ✠.. (Euclydes da Cunha) ✠ (Afranio Peixoto).	Castro Alves.
40 Visconde de Taunay ✠.. Francisco de Castro ✠ Martins Junior ✠ Souza Bandeira.	Francisco Octaviano.

V

ESTATUTOS

Art. 1. A Academia Brazileira de Letras, com séde no Rio de Janeiro, tem POR FIM A CULTURA da LINGUA et da LITERATURA NACIONAL, e funcionará de accordo com as normas estabelecidas em seu rejimento interno.

§ 1. A Academia compõe-se de 40 membres effetivos e perpetuos, dos quaes 25, pelo menos, residentes no Rio de Janeiro, e de 20 membros correspondentes estranjeiros, constituindo-se desde já com os membros que assinarem os presentes estatutos.

§ 2. Constituida a Academia, será o numero de seus membros completado mediante eleição por escrutinio secreto ; do mesmo modo serão preenchidas as vagas que de futuro ocorrerem no quadro dos seus membros efetivos ou correspondentes.

Art. 2. Só podem ser membros efetivos da Academia os brazileiros que tenham, em qualquer dos generos de literatura, publicado obras de reconhecido merito ou, fóra desses generos, livro de valor literario.

As mesmas condições, menos a de nacionalidade, exijem-se para os membros correspondentes.

Art. 3. A administração da Academia compete a um Prezidente, um Secretario geral, um 1º Secretario, um 2º Secretario e um Tesoureiro, eleitos anualmente por escrutinio secreto e reelejiveis.

§ 1. O Presidente dirije os trabalhos da Academia, e a reprezenta em juizo e nas suas relações com terceiros.

§ 2. As funções dos tres Secretarios serão discriminadas no rejimento.

§ 3. Ao Tesoureiro incumbe a guarda e administração do patrimonio social de acordo com os outros membros da diretoria.

Art. 4. A Academia terá uma comissão de contas, composta de tres membros e eleita anualmente, além das demais comissões que forem creadas pelo rejimento.

Art. 5. A Academia funciona com cinco membros e delibera com dez.

Paragrafo unico. Para as eleições exije-se, em primeira assembléa, a maioria absoluta dos membros residentes no Rio de Janeiro.

Art. 6. Sem venia da Academia, nenhum academico tem o direito de declarar essa qualidade nos livros que publicar.

Art. 7. Os membros da Academia não respondem individualmente pelas obrigações contraidas em nome della, expressa ou implicitamente, pelos seus representantes.

Art. 8. A Academia poderá aceitar auxilios oficiaes e particulares, bem como encargos que vizem o progresso das letras e da cultura nacional.

Art. 9. No caso de extinção da Academia, liquidado o seu passivo, reverterá o saldo que houver em favor da União, si antes não resolver seja transferido a algum estabelecimento publico ou a outra associação nacional, que tenha fins identicos ou analogos aos seus.

Art. 10. Para reforma destes estatutos, extinção da Academia e aplicação do patrimonio academico, no caso do art. 9º, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros efetivos da Academia.

Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1897. *Machado de Assis*, *presidente; Joaquim Nabuco*, *secretario geral; Rodrigo Octavio*, 1º *secretario ; Silva Ramos*, 2º *secretario; Inglez de Souza*, *tesoureiro.*

VI

Algumas disposições do rejimento interno, votado em 28 de Janeiro de 1897. Art. 1. A Academia Brazileira de Letras funcionará desde 1 de maio até 30 novembro de cada ano.

§ 1.º O presidente, logo que se verifique a presença de cinco academicos, abrirá a sessão.

Art. 3.º Para as votações da Academia será necessaria a presença, pelo menos, a dez academicos, exceto nas questões de or-

dem que serão votadas pela maioria dos academicos presentes. As eleições só se farão com a maioria dos membros rezidentes na cidade do Rio de Janeiro. As questões a que se refere o art. 10 dos Estatutos serão decididas pela maioria dos membros da Academia.

Art. 18. Os membros efetivos ou correspondentes da Academia serão eleitos, um a um, nas sessões para isso designadas pelo presidente, por escrutinio secreto e maioria absoluta de votos, nos termos do § 1º do artigo antecedente.

Paragrafo unico. Não havendo maioria absoluta de votos, far-se-ão mais tres escrutinios; si em nenhum delles houver maioria, a eleição será adiada para uma sessão ulterior, e sucessivamente para outras, até que algum candidato obtenha maioria absoluta de votos.

Art. 19. As eleições de membro correspondente podem ser feitas logo que chegue á Academia conhecimento da vaga, e as de membro efectivo pelo menos tres mezes depois.

Art. 20. Logo que seja eleito um novo academico efetivo, o presidente designará dia para ser recebido, nomeando o academico que terá de responder ao seu discurso de recepção.

Paragrafo unico. Toda a sessão de receção será solene, mesmo quando se realize em sessão ordinaria.

Art. 21. As propostas para membros correspondentes serão assinadas por dois membros efetivos da Academia e uma vez eleito o correspondente, se lhe dará conhecimento dos nomes dos proponentes.

Art. 22. Só será considerado membro da Academia o candidato eleito depois que tomar posse em sessão, sendo permitido aos residentes fóra da séde, tomar posse por declaração escrita dirijida á Mesa. O praso para a posse em qualquer dos cazos não excederá de seis mezes.

Art. 24. Além de outros meios que a Academia possa mais tarde adotar para preenchimento de seus fins, propõe-se desde já :

a) a organisar um anuario bibliografico das publicações brazileiras que aparecerem no pais ou no exterior :

b) a coligir dados biograficos e literarios, como subsidio para um dicionario bibliografico nacional ;

c) organisar um vocabulario critico dos brazileirismos introduzidos na lingua portugueza e em geral das diferenças no modo de falar e escrever dos dois povos ;

d) a coligir e imprimir as produções de escritores nacionaes que estejam ineditas e auxiliar a impressão de obras de valor literario que não encontrem editor ;

e) a conceder premios ás composições literarias que os merecerem.

Art. 25. O titulo de membro da Academia é perpetuo e por isso não serão substituidos os membros que venham a resignar os seus logares.

CADEIRA THEOFILO DIAS

THEOFILO DIAS (1857-1889) foi um poeta e escritor de grandes esperanças, autor das *Fanfarras*, *dos Cantos tropicaes* e da *Comedia dos Deuses*.

CONDE AFFONSO CELSO

AFFONSO CELSO, naceu em Minas Geraes, em 1860.

Publicou os *Preludios* (1875) *Devaneios*, *Telas sonantes*, *Poemetos*. *Rimas de outr'ora*, *Poesias escolhidas*. Obras de historia e de viajem são os *Vultos e Factos*, *Oito anos de parlamento*, *Porque me ufano do meu paiz*, etc. São romances e obras de ficção, *Minha Filha*, *Lupe*, *Giovanina*, *Aventuras de Manoel Jacó*, a *Imitação de Cristo* (trad. em versos) *Notas e Ficções*, etc. São ainda de sua lavra, as comedias, o *Gorro de papai*, etc.

E'hoje o Secretario geral, e quem preside habitualmente as sessões da Academia (1913).

ALMA VARIA

Uma só alma ? ! Que engano !
Muitas almas todos têm :
Muda-se a alma de anno em anno,
Morrem umas, outras vêm.

Tive uma alma côr de arminho :
Pura assim nunca se viu ;
Mas essa alma... Passarinho,
Bateu as azas, fugiu.

Tive uma alma ardente e bella
Como o sol jamais brilhou.
Mas essa alma... Pobre véla,
Zuniu um vento e a apagou.

Hoje, esta alma que me habita,
Donde veio ?,.. Quem m'a deu ?
— E' como estranha visita,
Mais velha e triste do que eu !

TUAS ARMAS

Pequenino capacete,
Microscopico punhal,
Eis ao pé de um ramalhete,
Sobre aquelle tamborete,
Tua agulha e teu dedal.

Com gratidão e respeito,
Contemplo os gentis objectos :
Como os manejas com geito !
São teus amigos do peito,
Teus confidentes dilectos.

Emquanto cóses, eu ando
Tranquillo, a pensar assim :
Si ella cóse, está scismando
E, em scismas, de quando em quando,
Talvez suspire por mim.

Em longas horas ingratas,
Buscando-os, achas remedio...
Mimosas coisas pacatas !
E' com ellas que tu matas
O tempo, a tristeza, o tedio...

Do mundo fugindo á bulha,
Armas possues contra o mal
(Disso a certeza me orgulha)
Na ponta da tua agulha,
No escudo do teu dedal...

PORTO CELESTE

Andei em longas excursões distantes :
Vi palacios, sacrarios, monumentos,
Fócos da industria, artisticos portentos,
Praças soberbas, capitaes gigantes.

Mas lia, em toda parte, nos semblantes,
Dôres,.. lutas... identicos tormentos...
— Onde a patria dos risos ? !... Desalentos
Colhi apenas, mais crueis que d'antes.

Achei, emfim, n'um pequenino porto,
Crenças, consolações, calma, conforto,
Tudo o que anima, enleva e maravilha :

Ninho de encantos que a innocencia habita,
Promontorio do céo, plaga bemdita,
E' junto ao berço teu, ó minha filha.

ANJO ENFERMO

Geme no berço, enferma, a creancinha,
Que não fala, não anda e já padece...
Penas assim crueis porque as merece
Quem mal entrando na existencia vinha ?

O' melindroso ser, ó filha minha,
Si os céos me ouvissem a paterna prece,
E a mim o teu soffrer passar pudesse,
Gôso me fôra a dôr que te espesinha.

Como te aperta a angustia o fragil peito !
E Deus que tudo vê, não t'a extermina,
Deus que é bom, Deus que é pai, Deus que é perfeito.

Sim... é pai, mas a crença nol-o ensina ;
Si viu morrer Jesus, quando homem feito,
Nunca teve uma filha pequenina !

A' MORTE

Si és simplesmente um somno que não cessa,
A paz perfeita, o imperturbavel nada,
No seio teu acolhe-me depressa,
Morte, libertadora abençoada.

Mas si um novo existir em ti começa,
Degráu apenas de infinita escada,
Bem hajas sempre !... Encerras a promessa
De outra phase, de certo melhorada.

Seja o que fôr, tens a attracção do abysmo :
No teu egualitario despotismo
A lei das leis universaes eu vejo :

Esquecimento, solução, remedio,
Nas contorsões da duvida e do tedio,
Quantas vezes te chamo e te desejo !

PRIMEIRA COMMUNHÃO

I

Foi no dia da Assumpção da Virgem Maria e no antigo palacio imperial de Petropolis.

Sete horas e meia da manhan. Fresco, limpido o ambiente : — um azul muito claro, muito alto, muito meigo.

O palacio, dominando amplo parque, todo constellado de azaléas, tem um ar austero e risonho, ao mesmo tempo. Affluem carruagens : senhoras, homens, crianças, trajos de gala, a physionomia jubilosa. Alguma coisa sympathica e attraente vai se passar.

Entra-se em largo vestibulo, com severos adornos ; sóbe-se magestosa escada, em meio de extensa galeria, na qual se aprumam, sustendo o tecto, soberbas columnas.

Chega-se á pequena, mas formosa, graciosissima capella. E' quadrilatera, inteiramente branca, decorações de estuque no fôrro elevado. Por vastas janellas derrama-se a luz, penetram virações cheirosas, descortina-se, ao longe, risonha paizagem : — caprichosas collinas transbordantes de vegetação. Notavel a capella pela singeleza elegante. Num unico altar uma unica imagem. Innumeros cirios ; e, por exclusivo enfeite, azaléas brancas, ramos de bambú.

A imagem nao está em um nicho, porem afastada da parede. Dir-se-ia solta no ar. E' a Virgem de Sion, vestida de azul, as mãos cruzadas, calcando aos pés a serpente symbolica. Como é bonita a Virgem de Sion ! Genuina obra prima, feita com devoção por grande artista. Nos traços, de incomparavel finura, radia belleza sobre-humana. Illumina-lhe o semblante ineffavel sorriso. Que feições suavissimas, que tocante postura ! E tudo leve, ethereo, immaterial... Acódem insensivelmente aos labios de quem a contempla os qualificativos da saudação : — clemente, piedosa, mãi de misericordia, vida, esperança, doçura !...

II

Nota-se, ao pé do altar, um espaço reservado com dezoito cadeiras vazias. Agglomera-se, em seguida, a turba variegada dos assistentes, anciosa, porem reverente e calada.

No fundo, em filas de bancos parallelos, as cento e muitas alumnas do collegio. Todas de branco, um véu branco sobre a cabeça e os hombros. Permanecem quasi immoveis, á espera. Entre a assistencia, giram rapidas algumas *irmans*, professoras e empregadas no pensionato. Nao falam; deslisam como sombras, mettidas no habito escuro, o escapulario á cinta, uma espécie de capuz orlado de branco emmoldurando o rosto. Parecem contentes e ditosas. Destaca-se a superiora, pequena, olhos azues brilhantes, sorriso permanente, aspecto de autoridade sob os modos humildes, vendo tudo, providenciando ácerca de tudo, vivaz, expedita, incançavel.

Reina expectação impaciente. Mas que respeito, que silencio, que recolhida emoção!...

De subito, ouvem-se vozos, ao longe, entoando um himno religioso.

— « Ahi vêm ellas... » — murmura-se.

Cresce a emoção. Todos os olhares se cravam na entrada da capella. As vozes se aproximam. Vozes debeis, mas afinadas, de um timbre terno e penetrante. Repassa o himno uncção fervorosa. Sôam passos lentos, cada vez mais perto. São as novas commungantes... Vem cantando, em vagarosa procissão, pela galeria do palacio, afim de receber a vez primeira, o corpo e o sangue de Christo. Sóbem a escada, cantando sempre. Assomam vultos alvos á porta. Eil-as...

III

A' frente, o niveo estandarte de Sion, com a cerulea figura da Santa. Empunha-o uma menina, das grandes, inteiramente de branco. Pendem do estandarte fitas brancas, nas quaes seguram as mais pequeninas discipulas do collegio, vestidas de anjo. Agora as commungantes : duas a duas, comprida roupagem branca, larga facha branca á cintura, grinalda de rosas brancas na fronte, longo veu branco na cabeça e nas espadoas, branco cirio na mão. Acercam-se do altar sérias, graves, as feições espiritualisa-

das, palidas, frementes. Fazem uma reverencia á Virgem. Ajoelham. Começa a missa. Oh! nunca as praticas do culto tivéram tanta poesia, tanta significação, tanta magestade! Ha effluvios divinos no espaço. As almas se embebem do celeste misterio.

Rezam baixinho as commungantes, mas as companheiras, em distencia, cantam psalmos, ao som do órgão, de uma maneira velada, cheia de infinita melodia.

Choram muitos dos circumstantes. A santa do altar resplandece ; augmenta a bondade de seu sorriso, emquanto as vélas despedem clarões mais fortes, o perfume do incenso se mistura ao aroma silvestre trazido pela aragem, e a voz do sacerdote vai proferindo em surdina as frases do ritual. Com que reverencia todos se inclinam quando elle abençôa !...

Já elevou pela segunda vez a hostia e o calix, já partiu o sagrado emblema.

— *Agnus Dei... Agnus Dei...* Cessaram os canticos e a musica. E' intenso o silencio, indizivel a commoção. Chegou-se ao momento supremo da solemnidade.

— *Dominus non sum dignus... Dominus non sum dignus...*

Ha um repique compassado de campainhas. Volta-se o sacerdote e profere breves e eloquentes palavas sobre a grandeza do acto que vai começar. Dois dos pequenos anjos desdobram diante do sacerdote alva toalha de rendas, conservando-a estendida, á guisa de mesa. Erguem-se duas a duas as commungantes, prosternam-se junto á toalha, recebem a sacrosanta particula e voltam para os seus lugares, — solemnes, hirtas, mais palidas ainda, as mãos postas, os olhos baixos, banhadas de misticismo. O silencio é augusto. Como que se escutam bater os corações. Tudo rapido, tudo simples, mas produzindo impressão imperecivel que abala suavemente o mais intimo do ser.

IV

Terminou a série das primeiras commungantes. Foram dezoito.

Agora, toca a vez ás companheiras. O Collegio inteiro vai tambem commungar. Duas a duas igualmente, com identico fervor, na mesma attitude embevecida, desfilam cerca de duzentas donzellas, numa ordem perfeita. Passam,

passam, extaticas todas, dando vaga e deliciosa sensação de via-lactea, de uma coisa muito elevada, muito pura, muito branca.

Acabou-se ?... Ainda não. Adiantam-se por seu turno as antigas discipulas do collegio, vindas de procedencias varias e longinquas, para tomar parte na festa. Moças feitas algumas, encantadoras senhoras, talvez já victimadas pelas decepções da existencia, trazem tambem o véu branco sobre os vestidos formosos.

Acabou-se ?... Restam os pais e os parentes das meninas, pessoas idosas, alumnas de outros collegios, num prestito interminavel. Grande multidão commungou sem que por um instante arrefecesse ou se alterasse a nobreza pathetica do acto. Recomeçam, por fim, os himnos, presentemente festivos. Os accórdes do orgão tornam-se satisfeitos, vibrantes, triumphaes.

E a missa conclue, ouvida sempre com geral devoção, a que se juntou candida alegria.

V

Precipitam-se todos para as primeiras commungantes ; abraçam-nas, festejam-nas, acclamam-nas. Parabens ! Parabens! E ellas radiantes, felizes, trocam entre si piedosas lembranças, destinadas a perpetuar a data gloriosa.

Feliz na realidade, esse momento, minhas meninas. Não encontrareis outro assim, cem annos que vivais. Horas virão de prazer, de interessante novidade, — o casamento, o baptisado do primeiro filho, que sei eu ? — porém travadas de apprehensões e melancolia, complicadas ; nenhuma singela, casta, branca, qual a que passastes ha pouco. A vossa ventura foi ahi completa, como só póde ser um momento no mundo, como nunca mais será.

Mas ha gotas imperceptiveis de perfume que bastam a embalsamar por longo prazo vasto recinto ! Pois bem ! Sejam quaes forem as vicissitudes do vosso destino, a recordação desse momento vos dará sempre um lampejo branco, vos encherá sempre, sempre, de regozijo e consolação.

JOAQUIM NABUCO

A figura de Nabuco formava por si só o melhor dos exordios. Bastava assomar á tribuna para empolgar a attenção e a sympathia.

Muito alto, bem proporcionado, a cabeça e o rosto de uma pureza de linhas esculptural, olhos magnificos, expressão a um tempo meiga e viril, nobre conjuncto de força e graça, delicado gigante, Nabuco sobresahiria em qualquer turba, tipo de eleição, desses que a natureza parece fabricar para modelo, com cuidado e amor.

A voz estridulava como um clarim; dominava os rumores, cortava, penetrante e poderosa, as interrupções. De ordinario, despedia rajadas, como um latego sonoro. Não enrouquecia, antes adquiria, com o exercicio, vibrações cada vez mais metalicas e rijas. Voz de combate, — a do commandante excitando os soldados, no acceso da batalha.

A gesticulação garrida, as attitudes plasticas de Nabuco contribuiam para a grande impressão produzida pelos seus discursos. Consistia um dos seus movimentos habituaes em metter as mãos nos bolsos das calças, ou então, em enfiar dois dedos da mão direita na algibeira do collete.

Desses e outros gestos provinha-lhe vantajoso ar de desembaraço e petulancia. Articulava sillaba por sillaba os vocabulos, sublinhando os mais significativos.

A tantos preciosos predicados, juntavam-se immensa verbosidade, vivaz imaginação poetica, corroborada por aturados estudos literarios, fertil em radiantes metaphoras, enthusiasmo, natural eloquencia, inspiração.

Nabuco, demais, sempre escolhia para thema assumptos elevados, — problemas sociaes, philosophicos e religiosos, de alcance universal. Fugia ás polemicas individuaes, ás intrigas da politiquice. Não se submettia á disciplina e ás conveniencias partidarias ; desconhecia chefe. A questão abolicionista attingira o auge, apaixonada e brilhante. Nabuco, que já havia ligado seu nome á causa dos captivos, tribuno consagrado das victimas, reentrara na Camara, em 1887, de modo excepcionalmente triumphante, derrotando nas urnas o ministro do Imperio, Machado Portella, homem bom e influente, cujo desastre a todos surprehendera.

Concorriam nessa quadra em Nabuco copiosos e variados encantos : o de heroe da sociedade, o das viagens, em

que convivera com as summidades estrangeiras, o de jornalista, o da popularidade, o da sublime bandeira que empunhava ! A imprensa abolicionista vivia a endeosal-o. Tudo, em summa, cooperava para determinar e encarecer os seus inolvidaveis triumphos oratorios de então. Fascinava ; os proprios adversarios, que tamanhas superioridades irritavam, conheciam-lhe e proclamavam lhe o immenso valor. Occorria gente de todas as condições, numerosas senhoras para vêl-o e ouvil-o. As galerias o acclamavam.

Mal o presidente proferia a phrase regimental : « tem a palavra o Sr. Joaquim Nabuco » — corria um calafrio pela assistencia excitada ; electrisava-se a atmosphera. A oração não tinha um curso continuo e seguido : fazia se por meio de jactos. Nabuco disparava um pedaço mais ou menos longo, rematado por uma citação justa, uma bella imagem, um *mot à la fin*. Parava, descançava, consentia que se cruzassem os apartes e os applausos. Olympico, sebrepujando a multidão com a avantajada estatura, manuseava vagarosamente as notas, sorria, os olhos entrefechados, reflectia, aguardava a cessação do rumor, despresava os apartes, ou levantava o que lhe convinha, e, de repente, partia em novo arremesso.

Mal descerrava os labios, restaurava-se o silencio.

Nem era possivel detêl-o mais. Continuasse o ruido, e a portentosa voz, a vertiginosa dicção de Nabuco prestes o abafariam.

As perorações, de ingente sopro lirico, eram cuidadosa e habilmente preparadas. Para ahi a imagem mais pomposa, a declaração de maior alcance, o gesto mais theatral. Provocavam estrepitosas ovações nas galerias. Sentava se Nabuco, e, durante minutos, ficavam os trabalhos virtualmente suspensos, emquanto não se esvaeciam as resonancias de seus possantes e magicos accentos, repercutidos no que a intelligencia e o coração possuem de mais elevado e sensivel.

Talvez em época fria e normal e em discussões terra a terra, Nabuco não se mostrasse o orador extraordinario que foi no periodo abolicionista.

Ouvi-o, mais tarde, em brindes, numa conferencia de caridade effectuada no Casino Fluminense, a favor da Cruz Vermelha. Não parecia o mesmo. Ainda dispunha de bellos predicados oratorios, mas quão longe do brio e do fulgor daquelle tempo ! Então, repito, alcançou incomparaveis triumphos.

Poder-se-ia compôr formosa anthologia das suas phrases conceituosas e eloquentes nessa data. Por exemplo, ao receber o ministerio João Alfredo : « Não, Sr. Presidente, não é este o momento de se fazer ouvir a voz dos partidos. Nós nos achamos á beira das catadupas dos destinos nacionaes, e junto della, é tão impossivel ouvir a voz dos partidos, como seria impossivel perceber o zumbir dos insectos atordoados que atravessam as quédas do Niagara. » Ou, a 8 de Maio, ao ser lido na mesa pelo ministro Rodrigo Silva o projecto abolicionista, tendo prorompido prolongadas acclamações e ruidosas manifestações dentro e fóra do recinto : « Sr. Presidente, eu peço a V. Ex. e peço á Camara que tenham telerancia para esta manifestação que o povo brazileiro acaba de fazer dentro deste recinto. Não houve momento igual na historia da nossa nacionalidade. E' como si o territorio brasileiro até hoje estivesse occupado pelo estrangeiro, e este, de repente, o evacuasse, e nos deixasse senhores da nossa vida nacional. » Nestas occasiões, como em algumas outras, Nacubo attingiu o sublime, pois em suas arengas perpassaram os brados de milhões de captivos, trisecularmente opprimidos, os reclamos do Direito, as imprecações da Liberdade.

CADEIRA CLAUDIO M. DA COSTA

CLAUDIO MANOEL DA COSTA (1729-1792) na Arcadia *Glauceste Saturnio* escreveu as *Obras* (Coimbra-1768) o poema *Vila Rica* e outras poesias que foram de publicação postuma ; todas as suas produções andam reunidas na edição Garnier (1903) em 2 volumes.

ALBERTO DE OLIVEIRA

ALBERTO DE OLIVEIRA, natural de Saquarema, Estado do Rio de Janeiro, naceu em 1859. O seu primeiro livro *Canções romanticas* (1878) desde logo o colocou entre os primeiros poetas da nova geração. A's *Canções romanticas* seguiram-se as *Meridionais*, *Sonetos* e *Poemas*, *Versos e Rimas*, e *Poesias* em tres sucessivos volumes (1900 e 1903 e 1913).

A LAGARTA

I

Ser lagarta, em verdade
E' uma cousa bem triste !
O asco provoca, enoja... Ah ! só por crueldade,
Ou brinco, ou raiva ultriz de alguma divindade
Este animal existe.

Zeus, que no Olympo excelle,
Toma de um touro um dia
A fórma, e arrasta Europa e a longe praia a impelle ;
Mas fosse Europa flor, e da lagarta a pelle
Zeus acaso enfiaria ?

Não ! de escrupulos prêsa,
Ao vêl-o assim, fugira
Ao seu lesmoso labio a agenoria princeza ;
E, alvo lirio real, a estremecer surprêsa,
Toda se retraira.

E quem ha que se agrade
De um ente assim ? resiste
Quem ao vêl-o ? e se o viu, quem é que tem piedade
De animal tão ruim ? Ser lagarta, em verdade,
E' uma cousa bem triste !

II

De uma eu sei, entretanto.
Que cheguei a estimar
Por ser tão desgraçada !
Tive-a hospedada a um canto
Do pequeno jardim ;
Era toda riscada
De um traço côr de mar
E um traço carmezim.

III

Dava-lhe a custo a sombra escassa e pequenina
De um galhinho sem vida um pé de cazuarina.
Batia-lhe de chapa o sol no dorso ; forte,
Vergastava-a de rijo o temporal do norte ;
Subia acima o ramo, abaixo vinha, á vasca
Do vento. E o pobre ser, seguro sempre á casca,
Lesmava-a toda. Emfim, mais forte a aragem brinca,
A' noite, assopra, zune, e o debil galho estrinca,
Estala, e dentre os mais, andando á roda, o aparta.

Veiu com elle ao chão a misera lagarta.

IV

E, affirmo, podeis crêl-o, eu vi-o ! em toda aquella
Selvazinha gentil de arbustos pequeninos,
Onde a abelha sussurra e o grillo tagaréla,
E azoinam da cigarra os tiples argentinos,

Não houve um seio só de acacia ou margarida
Que se quizesse abrir piedoso ao somnolento
Animal que á procura entre ellas foi de vida,
E entre ellas foi cair porque o mandara o vento.

Torceu-se então na sombra ao ser abjecto a immunda
Bôcca, e emquanto ao redor é tudo em paz dormido,
E um penetrante aroma a noite incensa e inunda,
Estas vozes lhe ouvi, á feição de um gemido :

V

— « Cansei-me em vão, pedindo ! A's rosas de ostro embalde
Falei, e aos girasóes de grande c'rôa jalde :
Não quizeram me ouvir girasóes e rosaes.
Beijei supplicemente os pés dos vegetaes ;
Ninguem me quiz, ninguem ! Passei como mendiga,
Implorando a chorar um pouso e estancia amiga...
Tudo em vão, porque a tudo inspiro nojo e ohorror !
Treme a folha ao sentir-me, e treme ao vêr-me a flor.
E aqui estou, fria, exhausta, exposta ao vento enorme,
Sósinha, sem dormir, e vendo um céo que dorme !
Noite, oh ! sê testemunha, eterno e mudo espião,
De minha dor sem nome, e desta ingratidão ! »

VI

Disse, e pensou na morte. E com o mortal excidio
Pensou tudo acabar. E pensou no suicidio.
Ia-se a pouco e pouco adelgaçando o véo
Da noite. A estrella d'alva illuminava o céo.
Fez o tumulo em vida e sepultou-se nelle.

Ides ver que a maguava a sua propria pelle.

VII

Claro rompia o sol no céo do Oriente. A' grande
Natureza que em tudo a sua força expande,
Doeu-lhe que, sendo abril na terra alegre e farta,
Jazesse alli dormindo a misera lagarta.
E, então, porque talvez, entre emplumado bando,
Visse uma borboleta isolada pairando,
Toma o leve casulo, arranca á morte a vida ;
Sopra a negra materia informe, envilecida,
Anima-a ! Uma asa faz e faz após outra asa,
Leves, pervias á luz ; justa-as cuidosa e casa ;
Depois, entre-sorrindo, e nellas pondo a vista,

Como em rapto genial trabalha a mão do artista,
Rabisca-lhes por cima um desenho chinez...
A chrysalida, então, abriu-se desta vez,
E da lagarta que era eis surge a borboleta.

Pasmada, olhou em roda, e, assim como uma setta,
Rompeu livre o azul...

VIII

O azul rompeu do espaço.
Pôz-se a voar, a voar, sem tregua, sem cansaço,
Té que, descendo os pés, que eram dois aureos fios
De aranha, em frente a um lago, entre uns ramos sombrios,
Pousou. Reviu-se n'agua. A alegria nas azas
Scintillava-lhe assim como os rubins em brazas
Numa corôa. A luz cantava em torno, ao vêl-a
No lago a se mirar como uma linda estrella.
Do póllen seu na côr, que embalde o Ticiano
Sonhara, o adito escuro, o impenetrado arcano
' Stava da tinta ideal que, em sol delida, a immensa
Sphera tinge de azul, de ignotas mãos suspensa.
Os perfumes que, então, das urnas de ouro, em vago
Bando, a aurora deixara esparsos sobre o lago,
Vieram, marchando no ar, invisiveis, saudal-a.
Já se ouvia no bosque aos passaros a fala,
A manhã na amplidão voava, desenrolando
O seu césto de fogo.
E ella, as azas vibrando,
Voou tambem na amplidão.

IX

O meu jardim agora.
Podeis florir, cecêns e cravos côr da aurora !
Fugiu com a noite, foi com a noite e o vento aquelle
Incubo hediondo e vil de ascosa e immunda pelle.
Cravos da côr do sol, cecêns, flori radiosas !
Enxambre a luz do Oriente a tunica das rosas !
Sus, camelias ! Mas eis, trêfega a alvoroçada,
A nossa borboleta. Inquieta e desejada,
Vae por tudo estendendo as suas azas loucas ;
E foi lagarta ! e andou cuspida de mil bôccas !

E foi monstro ! e rojou de ventre como as feras !
E irritava o gramado, e nauseava as heras !
Eil-a, que garbo agora ! Eil-a a ostentar as côres
Das azas com que passa entre as ruidosas flores.
Tudo a procura e quer e é um longo anceio mudo,
E, vêde-a, a vingativa ! um beijo céde a tudo !
Mas quem póde exclamar, ao vêl-a assim tão bella :
— Ella é minha ! se este ar, se todo o espaço é della !
Ama, vôa, revôa, agora beija, agora
Foge, volta de novo, e beija, e vae-se embora.
E é em vão que em cada moita anda a acenar-lhe o aroma,
Em vão a flor, do sol aos raios de ouro, agoma,
A açucena na alvura em vão sua alma ostenta,
Em vão para attrail-a o cravo se ensanguenta,
A papoula flammeja ! Ella é a Mimi leviana :
Ama, e treme, e delira, e vôa, e foge, e engana.
Sabei, lirios, sabei, dahlias, sabei vós quantas
A amaes, sabei, jasmins, sabei, cheirosas plantas,
(Myosotis côr do céo, pasmae com o caso incrivel !)
Sabei todas que vós combateis o impossivel,
Querendo possuil-a ! O' macias alfombras !
O' tufos de verdura ! O' verdura das sombras !
O' camelias sem côr ! O' lirios côr de opalas !
O' crystaes das manhãs ! manhãs de eternas galas !
Ninhos ! sons ! harmonia ! e sol ! e firmamento !
Ella não será vossa ! Em vão é o vosso intento !
Pois um unico amor, uma paixão estranha
Domina-a :
A trama de ouro e o fulvo olhar da aranha.

ULTIMA DEUSA

Foram-se os deuses, foram-se, em verdade ;
Mas das deusas alguma existe, alguma
Que tem teu ar, a tua magestade,
Teu porte e aspecto, que és tu mesma, em summa.

Ao vêr-te com esse andar de divindade,
Como cercada de invisivel bruma,
A gente á crença antiga se acostuma,
E do Olympo se lembra com saudade.

De lá trouxeste o olhar sereno e garço,
O alvo cóllo onde, em quedas de ouro tinto,
Rutilo rola o teu cabello esparso...

Pisas alheia terra... Essa tristeza
Que possues é de estatua que ora extincto
Sente o culto da fórma e da belleza.

O ESPELHO

No espaçoso salão, suspenso de alto muro,
Brilha inutil agora o espelho, que no escuro
Lança um reflexo frio. Apagou-se o clarão,
Foi-se o esplendor do baile. Ermo é o vasto salão.
Fórmas esculpturaes, sedas de varias cores
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes,
Prismas de ouro e rubins radiando entre crystaes
A' luz, tudo passou ! 'Stá vasio o scenario
E inutil brilha agora o espelho solitario.
Sombra uniforme, egual, como pesado véu,
Sobre tudo caiu, por tudo se estendeu.
Nem da mobilia esparsa, em seu verniz sombrio,
Lampeja acaso a furto o mogno luzidio,
Nem desse lustre ahi suspenso, aureo e subtil,
Pyrilampêa um só dentre os pingentes mil.
Completa escuridão ! E no seu throno alteado,
Olha o espelho em redor, como um luar gelado :
— « Parede alta, onde estás ? Onde vos escondeis,
Crespos florões de fogo, esplendidos paineis,
Estatuetas de bronze ? Onde, encoberta agora,
Dormes, porta, que a entrada ampla, a girar sonora,
Estendias a um passo aereo de mulher ?
Oh ! se accordasses ! oh ! se um momento sequer
Tu te abrisses ! se os teus gonzos brutaes rangessem !
Se de novo essa luz brilhasse e se ellas viessem !
Se ellas viessem ! e aqui, da noite á languidez,
Neste vasto salão eu as visse outra vez !
Se, as mãos dando-se, o seio a arfar, largada a trança,
Eu as visse outra vez no vortice da dansa !
Se as visse após, o olhar febril, pallida a côr,
Exhaustas de cansaço, anhelantes de amor !

Mas contra o somno e a sombra investe o meu desejo,
E' tudo escuro ! é tudo escuro ! eu nada vejo. »
E olha de novo o espelho. Olha debalde. Só !
Só, — E no chão, do tecto ouve cair o pó.
Que isolamento ! que tristeza ! que anciedade !
Só ! e em seu rosto a sombra ! e em su'alma a saudade,
Só ! e a lembrança eterna, immensa do que viu,
Do que evocou, do que sonhou, do que sentiu !
— Fórmas esculpturaes, sedas de varias cores
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes...
Tudo ! e tudo se foi ! tudo ! e tudo — jamais !
Jamais naquella noite elle, como esse enorme
Salão sem luzes que, triste e soturno dorme,
Verá passar ! verá sorrir ! verá brilhar !
E o espelho, extremo esforço, abre, escancára o olhar :
Nada ! o negrume espesso ! a escuridão ! O ouvido
Aguça : nada ! nem o minimo ruido,
A não ser esse, o eterno ! o do incessante pó,
Sempre a cair do tecto ! — « Estou só ! estou só !
Porque deixei passar tanta imagem formosa,
Tanta visão gentil em minh'alma ambiciosa,
E uma só não guardei, deixando-as todas ir ?
Porque, leviano, á face um mundo a reflectir,
Deixei que desse mundo o clarão se apagasse,
Sem um raio sequer guardar em minha face ?
Vário, que existe agora em meu semblante vário ? »
E olha o espelho, olha ainda...
— Espelho solitario,
Consola-te na tua anciedade sem fim,
No abandono em que estás... Ha corações assim.

SERENATA NO RIO

Desce a corrente do rio
O barco sem remadores.
Que secreto murmurio
Da ribanceira entre as flores !

O barco sem remadores
Oscilla á tôa, fluctua,
Da ribanceira entre as flores,
Aos frios raios da lua.

Oscilla á tôa, fluctua...
Que figura inteiriçada,
Aos frios raios da lua,
Vae nesse caixão deitada !

Que figura inteiriçada !
— Vêde-lhe os olhos sem vida !
Vae nesse caixão deitada,
Toda de branco vestida.

Vêde-lhe os olhos sem vida !
Que visão ! que fórma estranha !
Toda de branco vestida,
E' um marmor que a lua banha.

Que visão ! que fórma estranha !
Que neve esmaiada aquella !
E' um marmor que a lua banha...
Soluça alguem junto della :

(Que neve esmaiada aquella !)
— « Minha pallida neblina,
(Soluça alguem junto della)
Dorme, que a noite é divina !

Minha pallida neblina,
A morte ao seio te estreita ;
Dorme que a noite é divina,
E em breve estarás desfeita.

A morte ao seio te estreita,
Tua essencia se evapora ;
Em breve estarás desfeita,
Como as neblinas da aurora.

Tua essencia se evapora... »
Cala-se a voz de repente.
Como as neblinas da aurora
Roxêa o clarão do oriente !

Cala-se a voz... De repente
Surge o dia esplendoroso ;
Roxêa o clarão do oriente
O barco sllencioso.

Surge o dia esplendoroso...
— Como um phantasma sombrio,
O barco silencioso
Desce a corrente do rio.

UM ATOMO

E' um atomo de ferro. A sua edade a edade
E' do mundo. A existir por toda a eternidade,
Do ignoto vem e para o infinito caminha.
Que era antes de ser o que é ? que fórma tinha ?
Onde foi que surgiu e como ? Desconhece.
Quando é longa a existencia, o seu começo esquece,
E a do atomo transpõe os tempos. Todavia,
Elle que, novo, em flor, inda ao principio, um dia
Do seio o desentranha a terra se recorda ;
E se recorda mais que de uma gruta á borda
Viu-se a primeira vez em fórma avermelhada
De oxydo, a colorir-lhe o verde limo á entrada.
Varias combinações que o que é materia soffre,
Allianças em que entrou com o chloro, o iodo, o enxofre
E varios corpos, saes de toda a côr formando,
Dias que, lento e surdo, esteve elaborando
Das pirites a massa e a massa dos pesados
Imans que jazem sob a terra sepultados,
Tudo á sua memoria acode, mas incerto ;
Lembra-se haver descido á fonte de um deserto,
Numa pedra brutal desgalgada de um monte ;
Lembra-se haver ouvido o chôro áquella fonte
E ter ido a rolar com as suas cristallinas
Aguas e seixos por vallados e campinas ;
Lembra-se que um volcão explodira mais tarde ;
Entre o espesso betume e a lava e o sulphur que arde,
Entre a deflagração de corpos mil que troam,
Elle, o atomo, se viu. Os seculos escoam.
E' um dia de batalha ! ao sol, um de outro em frente,
Dois exercitos vêm-se e atropeladamente
Chocam-se. Um general sobre ardego ginete
Cruza. Lampeja no ar, rapido, um capacete.
Nelle, lembra-se ainda o atomo, se achava.
Passou dahi mais tarde a existir numa aljava,
Parte de um pique foi, de uma couraça parte ;

Régia espada a pender de rico talabarte
Teve-o ao gume. Entre as mãos de Cesar victorioso
Fulgiu num gladio ; entrou no oceano magestoso
De uma quilha no tope, em nau de largas velas ;
Depois enferrujou-se, ao clarão das estrellas,
Dormindo á noite sobre as ondas que de rastros
Levavam-n'o, levando os destroços dos mastros ,
De solitaria costa ás praias impellido
Foi com o rôto madeiro a que estivera unido ;
Dahi, lembra-se mais, arvore annosa o toma,
Fal-o em seiva subir á sua esparsa coma
E, assim ás virações que vêm do mar, suspira,
Toda verde, a cantar, como uma grande lira...
Oh ! do atomo na terra a trajectoria excede
A' da estrella que o céu de polo a polo mede ;
— Sol obscuro, elle vae, preso a um sistema ignoto,
Do universo através, em seu continuo moto ;
Todas as creações, todas as cousas, tudo
Perlustra, explora, anima e, sempre activo e mudo,
Sempre indestructo, eterno, o que hoje cae desfeito
Recompõe amanhan em outro ser perfeito ;
Novas fórmas empresta ao que sem fórmas vê-se ;
Principio a tudo, em tudo o atomo apparece !
Este, depois que a vida em seu mais rude aspecto
Animara — e á lembrança agora esse trajecto
Longo lhe vem — se apraz ora em teu corpo ardente,
O' Emma, a circular do sangue na corrente ;
Ouve-o ! é elle que, ao sol da mocidade, o poema
Da saude e do amor canta em teus labios, Emma !
Ouve-o ! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,
Tão vermelhas assim, te pôz e tão formosas !
Ouve-o ! é elle que canta, é elle que murmura :
— « Deixa-me aqui viver, carne cheirosa e pura,
Deixa-me aqui viver perpetuamente ! a vida
Só agora a comprehendo aqui, carne querida !
Ah ! que fogo, ao correr-te os musculos, me inflamma,
Dessa rêde arterial embalado na trama !
Que ancia no collo teu, no candido regaço,
Que suave desmaiar, que amoroso cansaço !
Que desejo, ao roçar dos seios teus pudïcos
Os marfineos botões, os levantados bicos !
Ah ! que doce existir, carne piedosa, agora !

Deste sangue em caudaes na diluida aurora
Afoga-me, abafando a queixa que tamanha
De tão longe e por tudo ha tanto me acompanha!
Deixa-me aqui viver, guarda-me aqui! Bemdicta
A alma seja e feliz que nesse corpo habita!
Bemdicta esta em quem vivo, em cujo sangue corre
O atomo vil, bemdicta! Ella é que me soccorre,
Ella é que me consola em meu destino vario!
Ella unica foi a abrir-me do santuario
De um gôso não sentido as portas! E eu me inflammo,
Eu ardo. Um'alma eu sou que pede outra alma. Eu amo! »

DE « ALMA EM FLOR »

Ouvi-lhe um dia (Acode-me á lembrança
O quadro : ella se achava a sós commigo
Olhando a tarde do mirante antigo,
De onde o extremo horizonte a vista alcança.

Eu ora uma ave no ar com os olhos sigo,
Ora lhe sigo o voar da leve trança)
Ouvi-lhe : — « Se não fôsses tão criança,
Era capaz de me casar comtigo! »

Phrase cruel! Ah! como a repisava
Dia por dia o coração ancioso!
E a sós no quarto, que impaciencia a minha,

Quando, no espelho os olhos, eu notava
A demora, o vagar com que, medroso,
Meu buço de homem despontando vinha!

ESPELHO D'AGUA

Ao pé d'agua nos beijámos;
Por testemunhas, apenas
Essa agua havia, e com as pennas
Brancas um cisne, e alguns ramos.

Mas o cisne um dia foi-se,
Os ramos se desfolharam
E do lenhador á foice
Em achas no chão rolaram.

A agua sómente hoje existe,
Sem o cisne e aquelles ramos,
Do beijo que alli trocámos
Testemunha unica e triste.

Ella, ella só, se o duvidas,
Póde, que a traz de memoria,
De nossas boccas unidas
Num beijo, contar a historia.

Commigo até lá caminha,
E vêr-lhe-ás á face nua
Minha bocca prêsa á tua,
Tua bocca prêsa á minha.

FONTE OCCULTA

Entre umas pedras mettida,
Rolando clara e modesta,
No coração da floresta
Vive uma fonte escondida.

Receiosa de ser ouvida,
Talvez abafando um ai,
Quasi sem queixa ou murmurio
Fluindo vae;

E de ser vista receiosa,
O vivo fio adelgaça;
E assim ignorada passa,
Passa ligeira e medrosa.

Tal em alma desditosa
Que já não ama nem crê,
Se escôa um fio de lagrimas
Que ninguem vê...

FIO DE OURO

Por essa noite de inverno, a sós, em frente um do outro, na estreita sala de jantar, os dois velhinhos, para os quaes se passara o domingo sem uma pessôa que os viesse ver, encolhem-se tiritantes, bocejam de aborrecimento, minuto a minuto, — ella agasalhada em seu largo chale de lã vermelha; elle enfiado em secular casacão felpudo cuja gola levantou até ás orelhas. São oito horas. Sópra lá fóra o vento em compridas e soluçantes rajadas;

chove, talvez, uma chuvinha fina, cujo cair passa imperceptivel no barulho da ventania.

Noite propicia a somno de amantes, noite amena para os que são moços e amam ; mas para os que já não sonham, para os que envelheceram ha muito, noite má, aborrecida noite de inverno !

Calados ambos, frios como a propria cerração em que se amortalham as arvores, os dois velhinhos olham de quando em quando um para o outro, como dois amigos que ao cabo de longa jornada exgottaram todo o manancial de conversação e emmudecem sob a poeira, na solidão do caminho.

Na sala é o relogio a unica voz que se ouve, tardo e monotono, balanceando a pendula, marcando os minutos.

Mas fóra são mais sibillantes as rajadas do vento... Chove mais forte agora; pingam as beiradas da casa ; na intermittencia do sudoeste ouve-se um tac ! tac ! soluçante de gottas que cáem. A serra deve estar encarapuçada de nuvens, devem rebentar aguaceiros lá em cima, pois ao longe engrossa rouco rumor, que não é senão o das cachoeiras que cantam alto por noite de chuva.

Se péga o temporal !

Pela alma da velha passa um cuidado :

— Não vá abater o frechal da cosinha! O Eduardo, que é entendido em carpintaria, aconselhara-a mandar fazer uns reparos, de uma vez que viera encaixilhar a janella do quarto. Mas em quanto podia andar o trabalho ? O Eduardo dissera que em dez ou doze mil réis. Dez ou doze mil réis, neste tempo !...

A alma do velhinho encolhe-se, encolhe-se recuando aos poucos, para o passado...

— Fria noite ! Em noite assim, viagei eu uma vez... quando foi isto, Domingos ? Em mil oitocentos... mil oitocentos e trinta, do Rio dos Indios para o Catimbáo Grande. Nasceu dessa viagem o meu casamento. Montava um excellente animal, besta de aluguel, mas valente.

As estradas eram atoleiros sobre atoleiros. Cheguei enlameado dos pés á cabeça. Na fazenda só os negros estavam ainda de pé,..

A alma da velha continuando :

— ... Se o Domingos recebesse o dinheiro que lhe deve o Camillo, arranjava-se. Não é muito, mas chegava para o con-

certo, e talvez sobrasse para melhorar o gallinheiro. Nada peior do que os incommodos da visinhança...

E a alma do velho :

— ... Bôa gente a do compadre Thomaz ! Já ninguem me esperava. Quem veiu abrir foi o compadre. Abraços, saudades. Veiu a ceia depois ; ceia arranjada ás pressas : café, beijús de tapioca e manteiga. Fui dormir. A cama parecia de noivos : lençóes alvissimos, com um leve cheiro de capim santo ; fronhas de linho rendadas ; a um canto o lavatorio, jarro, bacia, toalha, e uma penca de rosas por cima do espelho... As rosas foram alli postas por ella...

E a outra alma :

— ... A peior visinha é a Jacintha da padaria. Peste de mulher ! Lingua até alli ! Pois não me matou uma vez a *riscada*, a mais poedeira das minhas gallinhas, só por lhe haver bicado uma miseria de pés de couve ! Matou-a e comeu-a ! Ah ! que estes desafôros se dão quando a gente está velha. Fosse eu moça, tivesse aquelles braços de outrora...

— ... Maria Felicia ! Maria Felicia ! porque puzeste no quarto do hospede aquella penca de flores ? Embebedou-me o seu cheiro, embebedou-me a idéa de que no dia seguinte teria de vêr-te... No dia seguinte, quando ergui a vidraça, o campo estava amarello de sol. Que linda a fazenda do Catimbáo ! A' mesa do almoço, entre o compadre Thomaz e a D. Constança, Maria Felicia, muito séria, com um rosa ao cabello (uma rosa igual ás do espelho) olhava-me... olhou-me não sei quantas vezes. Bom tempo ! vae tão longe, mas ainda tenho saudades !...

— ... Fortes braços, bonitos braços. Bonitos. Ralaram a muitas mulheres de inveja. O Domingos pilhou-a uma vez descuidada, e mordeu-os. Uma dentada cujo signal tomou com o tempo a côr da ferrugem, até que foi indo, foi indo, e apagou-se. Tudo passa com o tempo !...

A alma de Domingos revia-se agora no garbo dos seus vinte annos. Tinha pouco mais desta idade quando casou com Maria Felicia. Um rapagão. Cabellos castanhos, meio falhados, olhos vivos e azues. Chamavam-lhe Dominguinhos. Os escravos da fazenda dobravam a lingua : Nhô Dominguinhos. Eram muitos. Bonita mulata a Rufina, a que

lidava com as roupas, fazia as camas e trazia o café á sala! Uma vez...

E a pobre alma ia aqui, ia alli, despertando os seus sonhos mortos, mandando ás suas illusões sepultadas que resurgissem; mas os sonhos deixavam-se estar onde haviam caido; as illusões forcejavam sem que pudessem partir a loisa feita do pó de milhares de dias, que sobre ellas pesava. Tudo acabado! Tentou erguer de suas ruinas, reconstruir na memoria, vêl-a de novo, a fazenda com seus escravos, com o engenho de assucar, com o gemer dos carros de eixos sonoros, com a boiada, e o campo verde a perder de vista... Tudo acabado! O que surgia era um montão de destroços, uma ilha no vácuo. Mas um ponto verde emergiu, uma haste fina chicoteou-lhe o rosto. Era a vergontea de um bambual. Fôra lá que a Rufina...

A outra alma philosophava:

— ... Passa tudo com o tempo! Ah! como é triste a velhice! Murchou-se-me a carne dos braços, meus braços de marmore! Cairam-me os dentes—minhas fieiras de perolas! O rosto, retalharam-me as rugas; meus cabellos de ouro fizeram-se neve... Que frio! Chove neve lá fóra. Ah! como é triste a velhice!

E, alternando com ella, a alma do marido philosophava tambem:

— Tudo acabado! tudo perdido! Triste cousa ser velho! Chegar a esta idade para ter a gente umas pernas que mal se arrastam, um corpo que já não se apruma, umas mãos que se engelham, uma bôcca que já não ri, uns olhos que choram sempre! E o sangue gelado, e as noites sem somno, e a vida sem um goso, sem uma delicia!

Deixando correr uma lagrima, Domingos attentou dessa vez fixamente na mulher, e sobre aquella cabeça branca, como sobre si mesmo, caiu a compaixão de sua alma.

— Pobre Maria Felicia, velhinha como eu! Ahi onde estás, quem dirá seres a mesma que estes olhos, que os meus olhos antigos, não se cançavam de ver! Nada mais da formosa mulher que uma noite, no Catimbáo, me enfeitou o espelho de rosas! Nada mais daquellas compridas tranças de ouro que beijei tantas vezes! Que mimoso talho de lettra tinha essa mão que alli está, descórada e tremula, ageitando o chale! As cartas que me escreveu!

— Como é triste a velhice! Que frio! era tudo o que a tiritar dizia a outra alma.

Mas a alma de Domingos teve uma grande saudade das cartas de namôro, sobre as quaes, gulosa, noutro tempo se debruçara. Lembrou-se que ha dez annos atrás ainda as relêra uma noite. Havia-as guardado... Onde as havia guardado? E impelliu brusca a octogenaria armação de ossos e pelle onde penava os ultimos restos de vida. Na sala estreita deu dois passos a figura do velho; approximou-se da secretária, em cuja gaveta recordava-se haver guardado um cofre contendo antigas lembranças. Lá estava realmente o cofre. Abriu-o. Com todo o amor, toda a veneração, começou a retirar delle, entre um pouco de pó, residuo de flores ha muito desapparecidas, varias cousas que ia beijando como reliquias: dois pedacinhos de fitas, já sem côr; um grampo de coral, partido; uma pequena fivella de liga, cuja prata ennegrecêra com o tempo; um lenço de sêda. Dentro deste estavam as cartas. Duas, tres quatro cartas sómente. Quatro, mas quasi illegiveis, tão desbotados seus caracteres estavam. Tentou lêl-as; leu-as avidamente, mais com o coração do que com os olhos. Leu-as de novo, beijou-as, aspirou-as com sofreguidão; envolveu-as depois no lenço, e, antes de guardal-as, rebuscou o fundo do cofre. Nada mais. Mas o cofre parecia fendido ao fundo, uma tenue fisga brilhava, dando passagem a um raio de luz. Examinou. Ah! era um fio de cabello, um delgado fio de ouro, um ultimo fio da cabelleira de ouro que o tempo pouco a pouco arrebatara de sua vista! Só elle, esse fio, existia, só elle escapara ao naufragio dos annos, vindo de tão longe, da terra do sol, da região aromada da primavera, do paiz dos sonhos, da mocidade que se extinguira! Só elle escapara, ouro sempre, todo de ouro, como os irmãos, que eram tantos, e cançaram na viagem e a lento e lento se cobriram de neve!

E com os labios naquelle fio comprido e brilhante, como a trança a que pertencêra, a alma de Domingos seguiu por elle fóra até ao passado. Avivaram-se as scenas extinctas, accordaram os sonhos mortos, resurgiram as illusões sepultadas. O Catimbáo appareceu á distancia, appareceu a cancella do campo, a casa com as paredes caiádas, o engenho com a chaminé golfando no ar sereno um jôrro de fumaça, os negros que chegavam da roça, de enxada ao hombro, a varanda com as suas columnas, dois molequi-

nhos retinctos e vivos aos quaes usava distribuir moedas de cobre ; e á janella do mesmo quarto, onde dormira naquella noite das rosas, Maria Felicia scismava, com um pente á mão, correndo os longos cabellos soltos...

Era um extasi... Mas a velhinha — a outra Maria Felicia que alli estava por detrás delle, — teve um sobresalto, estremeceu, cochilava, talvez repetindo o estribilho :

— Que triste a velhice !

Domingos voltou-se. A luz do lampeão batia em cheio na cabeça da velha — um montão de neve ! e entre aquella neve, entre aquelles fios leves e brancos, pareceu-lhe ver brilhar um fio de ouro, uma especie de raio de sol.

CADEIRA JOAQUIM CAETANO

JOAQUIM CAETANO da Silva (1810-1873) doutor em medicina, politico e diplomata notavel. As suas obras principais são *L'Oyapoc*, Paris, 1861, *e Questões americanas* (*Rev. de Inst.*, 1863). São de sua lavra alguns trabalhos de filologia que deixou manuscritos. (Um *Suplemento* ao dicionario de Moraes, e uma *Gramatica*).

ALCINDO GUANABARA

ALCINDO GUANABARA naceu no Rio de Janeiro, em 1865. Aos vinte anos conquistou subitamente a reputação de escritor.

Foi redator de varios periodicos politicos, varias vezes deputado e e' actualmente senador.

AMOR

Extranha coisa! Seria então aquillo o amor sincero e honesto? Dar-se-ia que elle — o eterno zombador de coisas aereas — tivesse sido farpeado pelo amor que conduz á estola do padre? Pois existia realmente esse ridiculo sentimento que agrilheta duas almas aninhadas em corpos differentes? Pois então o amor não era simplesmente um motivo gasto de filigranas litterarias ou um pretexto futil para horas de prazer, mas uma coisa séria que entrava assim, subtilmente, pelo coração, derrocando todas as idéas, todas as opiniões adquiridas?

Mas não era possivel! Apaixonado porquê? Que tinha demais aquella menina, criança além do mais leviana, que passava junto delle sem lhe prestar attenção talvez? O que o havia seduzido naquelle corpo, afogado em um vestido modestamente escuro que nada deixava entrever? Pois era ella uma mulher que o prendesse?

A mulher que elle comprehendia era outra e muito differente daquella; era Eva, toda nua, subindo no azul glo-

riosamente com as carnes banhadas da luz do sol moribundo e a radiar além como um novo sol mais ardente!

Chamassem-no doido, embora! mas a unica mulher que elle imaginava era esta, impudicamente núa, para ser estreitada, penetrada e possuida toda, desejando o possuidor possuil-a ainda mais!

E, tomado de raiva contra si mesmo, atirava a penna com que escrevia e punha-se a cruzar o quarto a longos passos, impaciente e nervoso. E depois, recostando-se á janella, os olhos fixos no muro fronteiro, verde de limo, ficava a relembrar a epoca em que a conhecera creança ainda, de saia curta, tocando piano para que elle ouvisse e gostasse e sahindo depois precipitadamente da sala, a sorrir, garrula e adejante como uma ave travessa.

E aquellas recordações todas, vindo assim, involuntariamente, poisar-lhe no cerebro, de immenso prazer o enchiam, mas de um prazer que era uma satisfacção placida e sem arrebatamentos. E o seu espirito muito feliz então voou de um a outro facto, revivendo-lhe na lembrança as menores circumstancias, os minimos detalhes: um sorriso, que sorprehendera em certa occasião, um olhar que lhe fôra lançado uma vez na rua... E permanecia assim afogado em um goso que não confessava, absorvido e mudo, como se se tivesse recolhido dentro de si mesmo.

Amava-a agora! Tinha vontade de dizer alto a todos os que passavam que a adorava, que sentia nascer-lhe aquelle amor, e que o alimentara e o vira crescer, dilacerando-lhe o coração numa agonia pungentemente doce!

Adorava-a como quem adora a uma deusa, pouco se lhe dando de saber se era correspondido e achando baixa mesmo a exigencia dessa reciprocidade. Era bem preciso que se considerasse a mulher como algum ente superior a nós, que se devia adorar pelo que tem de superior ao homem pelo que tem de grande e de consolador.

Collocava-a, pois, agora muito alto, acima da terra, ao lado de Deus, envolta na castidade da sua belleza, recebendo a adoração que do seio ardente dos homens se exhalava, em densas espiraes, como nuvens de incenso... Essa idéa arraigava-se-lhe na alma, e elle pensava ás vezes que a devia impôr aos mais, julgando uma necessidade sem par contrafazer o seu modo de sentir com apregoar opiniões que não eram já as suas. Sentia-se tão feliz assim! E distrahida-

mente, fixando os olhos no azul do céo, começava a pensar no futuro, um futuro risonho, cheio de paz e de gloria ; uma casa pequenina, perfumosa, e um vulto vaporoso de mulher, accentuando-se aos poucos, definindo-se e envolvendo-se na catadupa dos cabellos ligeiramente ondeados, cahidos sobre os hombros e rolando quasi até o chão.

E o seu temperamento romantico fortemente excitado pela impressão que lhe causava essa lembrança, agitava-se convulso, enchendo-lhe a alma de uma sensação dolorosa que elle afagava amorosamente. Vinham-lhe agora pontas de orgulho, não querendo declarar-se vencido e dominado por uma creança a quem nunca havia confessado o seu amor, pois occultára sempre essa paixão, affectando uma completa indifferença pelas mulheres como por um bando de levianas e pretenciosas.

Julgando que a não devia ir procurar, prendia-se em casa, fazendo-se muito razoavel, muito sensato. Para que visital-a? Quem se poderia livrar dos commentarios da visinhança ? E devia elle deixar que se fallasse disto, quando nada o auctorizava a dizer-se amado ; nada, nada, nem a mais simples palavra, nem o mais ligeiro olhar sequer ?

E ficava assim, de pé contra a janella, angustiado por aquelle soffrimento, ardendo no desejo de vel-a ainda uma vez e sentindo esse desejo avolumar-se, impôr-se como uma necessidade irremediavel e que urgia ser satisfeita.

De repente num movimento brusco, como se o seu espirito houvesse sido contundido, despertou daquelle estado doloroso, abrindo olhos capazes de ver a desordem do seu misero quarto de estudante pobre.

Pela janella aberta, a noite entrava, envolvendo de seu pó escuro todas as coisas e enchendo o ambiente de uma tristeza funda e lamentosa, que lhe provacava intimos soluços... As lagrimas formavam-lhe um como nevoeiro sobre os olhos e, trasbordando-lhe das palpebras, pelo seu rosto deslisavam de manso... Sahia depois para a rua, ás tontas, cheio de raiva contra as mulheres em geral, raça de seres fracos que communicava aos homens a sua fraqueza, e levava assim horas e horas percorrendo as calçadas, á tôa, acotovelando os transeuntes, sem rumo e sem nada ver adiante de si, embuçado, no seu proprio soffrimento e dominado, como por uma idéa fixa, pela imagem daquella mulher ligada para sempre á sua existencia.

E alta noite, completamente exhausto, volvia á casa combaleante e sentava-se á mesa, tristemente absorto, vendo-a creança ainda e depois a crescer sob o seu olhar amoroso, e, moça já, erguida alli deante delle, a fixar-lhe no rosto os dois grandes olhos negros e a arrebatar-lhe o pobre coração de amante e louco que rolava na catadupa dos seus longos cabellos, ligeiramente ondeados...

SITUAÇÃO POLITICA DO PAIZ EM 1898

A revolução de 1889, que derribou o imperio, determinou, como era fatal, a dissolução dos partidos constitucionaes, creados pelo Imperador, como instrumentos de sua vontade, e do qual eram, ao mesmo tempo, mascara e anteparo. A'força de pertinacia na execução de um plano previamente traçado, a monarchia lograra sobrepor ao regimen constitucional um regimen de facto, que assentava no reconhecimento de suzeranos de ambos os partidos nas provincias, formando um escola de aristocracia que tinha assento no Senado e no Conselho d'Estado e por cujo intermedio a vontade do monarcha recebia a consagração formal das leis e era coberta apparentemente com o manto das formulas constitucionaes.

As luctas politicas eram travadas então entre os dois partidos com o objectivo exclusivo da conquista das boas graças do monarcha, de quem dependia a obtenção do poder. O monarcha era, pois, um centro de equilibrio para os dois poderosos partidos, cuja existencia por si só bastava para mantel-os dentro de uma esphera de paz e de ordem, pois que, se estava no interesse dos partidos não levar o combate ao adversario no poder a extremos que o incompatibilisassem com o monarcha, estava tambem no interesse deste não dar ao partido no poder tal somma de autoridade, que esmagasse o adversario, ou lhe tirasse toda a esperança de vida normal.

A revolução de 1889 rompeu naturalmente esse equilibrio. As influencias que exerciam suzerania sobre as provincias foram eliminadas pelo sopro revolucionario. Um terceiro elemento, até então completamente afastado da direcção e formado, sem homogeneidade, de militares, de moços radicaes e de alguns antigos filiados aos partidos monarchicos, que se apressaram em adherir á nova ordem de cousas, sobrepoz-se ao pessoal que dominava as provin-

cias e manteve-o totalmente arredado dos negocios publicos. O Governo central agiu directamente sobre os governos dos estados, apezar da legislação, pautada de conformidade com os principios theoricos, haver estabelecido com o regimen federativo, a autonomia completa dessas unidades componentes do paiz.

Obvio era, porém, que não havia nada de estavel nessa organisação, que assim surgia do solo ao clarim revolucionario. Verificado que a ordem de cousas politicas inaugurada em 1889 era definitiva, os antigos elementos dominantes no paiz apressaram-se em adoptal-a e dissimuladamente entraram na lucta com o intuito reservado, mas bem firme, de rehaverem o poder de que foram desapossados por surpreza. A essa lucta não presidiam mais os intuitos, nem se imprimiam os caracteres das que se travavam sob o Imperio. Adoptados os lineamentos do regimen federativo, dissolvida toda a antiga organisação partidaria, livre do freio que os chefes punham ás ambições locaes, subordinando-as aos interesses geraes da communidade partidaria, foram as provincias o theatro dos combates e o seu dominio o premio optimo do vencedor. Ao envez dos dois grandes partidos nacionaes, regendo uniformemente todos os departementos administrativos do paiz, appareceram em cada um delles aggremiações diversas, compostas de elementos colhidos indifferentemente nos seus remanescentes, pleiteando ardentemente a posse do poder que, uma vez obtida, era defendida com ardor e intolerancia que raiava pela ferocidade. A politica federal ficou dest'arte sem unidade.

O Governo central, tendo de viver em relação com o Congresso, onde não se encontrava um pensamento politico adoptado por um dos partidos, era obrigado a ameaçar ou a lisongear as facções que dominavam nos Estados para obter dos seus representantes no poder legislativo os elementos necessarios para se manter. A administração não podia deixar de ser altamente perturbada, numa situação que assim se caracterisava. Sobre o governo central, agiam e reagiam os interesses dos homens que luctavam nos Estados ; e a necessidade de manter entre elles, no que respeitava os interesses geraes da União, um certo equilibrio, era tarefa geralmente penosa que absorvia todo o tempo do governo central e lhe exhauria a energia e os recursos. A anarchia dominava todos os departamentos da administração, com

especialidade o das finanças que mais vivamente della se resentia. A Nação empobrecia-se e desmoralisava-se. Os orçamentos eram votados por amor da formula : nem se contava com os recursos que elles consignavam, nem se acreditava que as despezas ficassem restringidas ás que elles autorisavam. Não eram desse genero tambem as preoccupações dos homens politicos : toda a energia, todo o espirito de combatividade sempre em vigilia, toda a actividade e toda a intelligencia não eram empregadas senão no continuo duello travado entre os que estavam de posse dos governos dos Estados e os que delles se queriam apoderar. O Governo central era coagido a tomar parte nesse duello, favorecendo ora a uns, ora a utros ; e nessa improba, fatigante e improductiva tarefa perdia o tempo que deveria ser dedicado aos misteres da administração. O prolongamento de uma situação politica dessa natureza ameaçava devorar, de uma assentada, com o credito e a honra do Brazil, as proprias instituições constitucionaes.

A revolta de 1893 foi a consequencia fatal dessa situação; as ambições em jogo, os interesses contrariados, os desvarios proprios de uma lucta politica sem ideal deviam naturalmente determinar o appello ás armas. A debilidade do organismo republicano, que gerára esses males, devia estimular os que, tendo ficado fieis ao regimen imperial, só esperavam o momento opportuno para tentarem a sua restauração. A colligação de todos esses elementos, posto que absurda, fortemente sustentada pelo desanimo e pela descrença do povo que não via nos que dirigiam o paiz uma energia esclarecida, determinou essa longa e penosa quadra de afflicção e de lucto, cuja rememoração não pode ser feita sem dolorosa magua.

Todavia, como que a propria agudez da crise determinou reacções beneficas. O que a agitação da politica não logrou fazer; fêl-o a agitação armada. O perigo imminente que ameaçou não só o governo legal, mas as proprias instituições republicanas suscitou a resistencia fria, mas decidida e energica do Marechal Floriano Peixoto, que se achou subitamente apoiado pela varonil dedicação da mocidade e por um grupo parlamentar que abstrahia , no momento, dos interesses locaes para armar o governo dos recursos indispensaveis á sua defeza e conservação. O desastre completo da aventura de 1893 trouxe, como consequencia natural e

forçada, a entrega do paiz a esse grupo parlamentar. Não podia, entretanto, haver agrupamento politico mais heterogeneo. Os personagens que o formavam vinham de procedencias politicas as mais diversas, mantinham aspirações e, sobretudo, sentimentos os mais differentes. Ahi encontravam-se todos os matizes da opinião: desde o republicano da propaganda até o antigo conselheiro da corôa ; desde o radical mais exaltado até o ultramontano ferrenho ; desde o constitucionalista intransigente até o adepto do regimen parlamentar ; desde, finalmente, o *legalista* (como então se chamavam os adversarios da revolta) até o proprio adepto da revolta. Para que homens, que assim estavam longe de se entender sobre assumptos capitaes, calassem as suas divergencias e apparentassem a formação de um corpo politico regular, era indispensavel que houvesse entre elles um forte traço de união, superior a essas divergencias, tidas em toda a parte como ponderosos motivos de separação. Esse traço de união não era outro senão o que desde a primeira hora vinha dominando a politica e que, dahi em deante, ainda mais se devera acentuar : o interesse da conservação do poder e da influencia nos Estados. Tinha-se chegado á época da eleição, ; e, mercê da indifferença do governo de então, que, por causas ainda hoje controvertidas e cuja analise escapa ao nosso proposito neste momento, absteve-se de influir directa ou indirectamente na escolha de seu successor, o partido que assim se formava, achou-se na plenitude do dominio e da influencia em todo o paiz e poude eleger o Presidente da Republica e constituir o terço do Senado e a totalidade da Camara com partidarios seus. Pretender que esse grupo de homens politicos, que tomou a denominação do Partido Republicano Federal, havia avassallado a nação de modo tal, que com ella se houvesse de facto confundido, seria pretender o absurdo e sustentar uma falsidade : a verdade era que havia no paiz uma forte corrente de opposição e de combate a elle, caracterisada, no inicio da presidencia do Sr. Prudente de Moraes, sobretudo pelos remanescentes da revolta, que nelle viam o partido vencedor. Apparentemente, então, havia logica na situação : os descontentes de todo o genero, que haviam appellado para as armas e tinham soffrido o decisivo revez, recorriam aos elementos naturaes da lucta politica, á imprensa, á tribuna, ás reuniões e aos *meetings* para forçarem o partido adverso,

que endossava a responsabilidade do combate que lhe fôra dado e dominava plenamente a Nação, a lhes reconhecer o direito á existencia legal, concedendo-lhes a amnistia e garantido-lhes a liberdade de viverem em sua patria á sombra dos beneficios e da protecção que a lei a todos assegura. Não tardou, porém, que a acção conjuncta e harmonica do partido adverso, que nesse momento suffocava as divergencias que o assolavam, actuasse sobre a mola politica que o Partido Republicano Federal apparentava ser com a efficacia destruidora de uma picareta sobre um bloco de gneiss. O observador menos perpicaz poderia ter percebido desde logo que pelo menos tres correntes se formavam nella : a dos radicaes exaltados, que real e sinceramente haviam tomado parte activa na resistencia á revolta e não tinham, nem queriam ter contemplações para com os vencidos ; a dos que faziam da moderação e da clemencia uma bandeira para dissimular o proposito que os animava de deslocarem o eixo da politica e assumirem realmente a direcção della; e a corrente dos que, por assim dizer, representavam o centro, procurando conter o enthusiasmo daquelles e reter o retrocesso destes. Era evidente que um agrupamento politico, assim retalhado, estava longe de constituir um partido : a sua unidade era facto puramente accidental e apenas apparente, destinado a desapparecer no momento em que fosse possivel á corrente dos moderados garantir a sua propria conservação e o seu exclusivo dominio nos Estados. A lucta intima que se travava no seio do Congresso era realmente desigual. Os chamados exaltados não tinham de facto objectivo practico algum : aguerridos da lucta recente, afiavam, impacientes, o ferro dos combates e pretendiam que o governo fosse na vanguarda delles derrocando as organisações e as resistencias reaccionarias, cujo nucleo mais valente, aliás, estava a seu lado e prostestava-lhes fidelidade e sympathia ; os moderados, que constituiam esse nucleo, aproveitavam-se da facilidade do momento para se organisarem e fortificarem, aguardando o ensejo em que deveriam esmagal-os, esmagando ao mesmo tempo, se tanto fosse preciso, a columna do centro a cujo seio se haviam acolhido enlanguidos e onde encontraram o calor que lhes deu alento. Nessa lucta, nem todo os republicanos estavam envolvidos ; alguns havia que se tinham conservado alheios á constituição desse partido e a outros sempre pareceu sus-

peita, ou, pelo menos, inefficaz a organisação : o Sr. Dr. Campos Salles era dos republicanos de maior somma de responsabilidades o que mais se destacava como recusando a sua collaboração activa a essa organisação politica, talvez por julgar que não tinha os caracteristicos intrinsecos do partido uma aggremiação, da qual poude o Sr. Belisario de Souza dizer em plena camara, com assentimento geral, que era « uma cathedral aberta a todos os credos » ; ou talvez por entender que o partido republicano estava organisado desde a propaganda e seria aos que não quizessem admittir a Republica, ou acceital-a como foi feita por elle, que cumpriria a organisação dos partidos que o combatessem. Uma organisação partidaria, que indifferentemente abrigasse todas as opiniões e todos os sentimentos, não era, certamente, destinada a satisfazer a ninguem, salvo talvez exactamente aos adversarios dos sentimentos republicanos que, graças a ella, poderiam aspirar a reapossar-se do poder mais cedo do que legitimamente poderiam esperar. Foi de facto, mais ou menos, o que succedeu. O Presidente incorreu no desagrado e na suspeição dos exaltados, logo aos seus primeiros actos, francamente favoraveis aos adversarios vencidos, que habilmente procuravam convencel-o de que nelles, e não nos *legalistas*, poderia encontrar apoio efficaz. Essa linha de conducta foi tambem adoptada no Congresso pelos que se chamavam moderados, de modo que não tardou que a situação apparecesse como sendo os moderados do partido os governistas exaltados, accordes assim com os revolucionarios vencidos, ao passo que os radicaes e o centro apenas toleravam o Presidente cuja acção procuravam tolher por todos os modos. Não queremos fazer aqui o historico detalhado desta quadra angustiosa e difficil. Embora obscuramente, nella figurámos e o nosso depoimento poderia ser acoimado de suspeito. Confiamos, porém, que de futuro esses successos serão examinados á plena luz e ver-se-ha então que áquelles mesmos, tão accusados de fomentarem as soluções violentas, se deve não ter sido o paiz, arrastado a novas aventuras, depois que, fortes pelo dominio conquistado sobre o animo do Presidente, eivado de pequeninos sentimentos de odio e de animadversão pessoaes, os moderados do partido provocaram uma scisão que subsistia, como estamos vendo, desde a sua formação. A scisão não foi nem o producto de uma exaltação de momento, nem uma submissão a imposição

de principios, ou de ponto de vista doutrinario: foi, na mente dos que a resolveram e a fizeram effectuar, o coroamento de uma longa e meditada obra politica, que se caracterisaria pelo deslocamento do poder das mãos dos republicanos historicos para os dos antigos elementos dos partidos monarchistas que adheriam á Republica, pois que ella estava feita, mas que queriam governal-a allegando que eram, de facto, a maioria do paiz. No baralhamento geral de pessoas que então havia, é evidente que impossivel seria procurar a justiça desta apreciação no exame meticuloso e imparcial de cada elemento que se encontrava num ou noutro dos lados em lucta ; interesses diversos, fallando mais alto que a fidelidade aos principios, poderiam mesclal-os, sobretudo nas camadas subalternas ; mas é fóra de duvida que na alta mente dos directores e inspiradores desse movimento, outro não foi o sentimento que agiu. A scisão de 1897 foi a desforra da derrota de 1889, não no terreno dos principios então victimados, pois que não havia fé nelles,mas no terreno do dominio, do interesse e do amor proprio do pessoal, então excluido violentamente da direcção. A dissimulação, que os levou até essa victoria apparente, subsistiu depois della na denominação com que se decoraram de Partido Republicano. Não é agora a occasião de fazer o processo do que foi esse agrupamento no governo. Não teriamos, aliás, nada de novo a accrescentar á conhecida pagina de violencias, de astucia e de hypocrisia que é a historia de todas as reacções triumphantes, em todas as epocas ; senão talvez que observar que, se essa não chegou aos extremos de selvageria que lhes são habituaes, foi porque, em summa, a scisão não era ainda a victoria definitiva, mas um grande passo para a conquista do poder supremo, que a eleição de 1899 lhe devera trazer.

Era, de facto, esse o grande objectivo dos dois grupos em lucta : aquelle que nesse pleito colhesse a victoria, esmagaria fatalmente o adversario. A lucta civil, de que apenas o paiz sahia, ameaçava-o de modo quasi irremediavel. Qualquer que fôra o resultado do pleito em que os dois partidos entrariam com candidatos bem accentuados, podia-se ter a certeza de que a guerra civil seria a sua consequencia fatal. A irritação dos animos tinha-se accentuado nesses mezes que succederam á scisão, de tal modo, que, ao envez das agitações eleitoraes, presentia-se bem em todo o paiz o retintim das

armas que se aprestam para o combate. Os Estados, que não estavam dominados pelos reaccionarios no governo, viam claramente nas tentativas de subversão que já então se faziam, qual seria o seu destino depois do triumpho absoluto e aprestavam-se para oppôr a violencia á violencia. Esperar-se-hia, entretanto, até lá ? Ousariam os reaccionarios affrontar a opinião e os elementos republicanos, impondo ao Presidente, submettido á sua protecção, um candidato que fosse um grito de guerra? E se o ousassem, aguardariam, dentro da lei, o seu triumpho, os que amanhã seriam inexoravelmente sacrificados ? O passo era dos mais difficeis. Não temos duvida em avançar, que, se elles se sentissem apoiados em força sufficiente para, num encontro pelas armas, terem segura a victoria, não hesitariam um momento : o candidato que levariam ás urnas seria um dos seus homens de sentimento e de acção mais nitidamente accentuados. Não estão, porém, tão apartados de nós esses dias amargurados, que não tenhamos de memoria que os elementos para uma lucta possivel não se dispunham de modo a garantir-lhes essa victoria. Offerecer o combate nessas condições seria uma imprudencia, que destoaria por completo da norma de proceder até então observada e que, de mais, não estaria nas tradições dos reaccionarios : a conquista definitiva do poder só deveria ser tentada com a mesma segurança de exito com que foi effectuada a scisão. Entretando, o problema da successão presidencial urgia por uma solução. No campo opposto, esse problema não tinha a mesma importancia. Ninguem se illudia sobre o exito da candidatura apresentada, qualquer que fosse : todos estavam certos de que o pronunciamento das urnas não podia ser disputado com probabilidades de victoria. E ainda que apparentemente houvesse dois partidos em lucta politica, normal e constitucional, ainda que ninguem confessasse o sentimento real que a cada um animava, a verdade era que todos esperavam que os reaccionarios lançassem o seu grito de guerra sem commiseração, indicando um dos seus prohomens para a Presidencia a vagar, certos de que o perigo commum aconselharia a resistencia de todos.

Foi nessa conjunctura que a direcção intelligente do grupo que dominava o governo lançou a candidatura do Sr. Campos Salles. Era um acto de submissão á opinião republicana, era o reconhecimento da sua propria impotencia, era uma capitulação formal, que, entretanto, se fazia com

o grande alarido de quem triumphava por completo. Esperava-se da astucia o que se não tinha podido conseguir da força.

DURANTE A REVOLTA

Naturalmente, conhecidos esses traços geraes da situação em que os fugitivos se encontraram, á imaginativa popular aprouve esboçar quadros trajicos cuja veracidade evidentemente não se póde garantir. Um delles é uma nota viva que apaixona.

Vencido pela fome e pela sêde, desesperado por não achar um meio de se libertar da prisão insular em que se achava, certo de que ia ter a mais miseravel das mortes, um dos prisioneiros deliberou arriscar-se e ir ao seio mesmo dos inimigos. Aguardou a calada da noite; e, quando tudo lhe pareceu silencioso no acampamento, que fôra seu e que conhecia palmo a palmo, adiantou-se cautelosamente, avançou com prudencia, dissimulou-se perante as sentinellas ...e entrou.

Estava em uma sala, cuja porta dava para a rua e onde havia uma mesa e armarios com bebidas e comezainas. Era o conforto, era a vida que ali estavam. Mal cuidava elle de não produzir ruido, que o tempo era pouco para saciar a fome de longos dias e sêde torturante. Eis senão quando ouve rumor; pára estatelado, applica o ouvido, escuta... Eram passos, passos de homem, que se approximavam, que estavam mesmo á porta, sahida unica daquella ratoeira !

Como fugir? Pois ali, no momento mesmo em que pensava ter adquirido a vida, iria encontrar a morte ? ! Agacha-se, encolhe-se debaixo da mesa, cuja coberta o protege. E' um official de marinha que entra, talvez um guarda-marinha, talvez um tenente, um moço emfim. Não caminha tão pouco desassombrado, antes acautela-se, ensurdece os passos, e não traz luz.

Entra, risca rapido um phosphoro, pega numa garrafa e bebe um trago. A luz mortiça e breve do phosphoro extingue-se; e o official colloca-se á porta como quem espera, impaciente. Provavelmente, alguma acção importante a empenhar-se ; aguarda um aviso ; espera uma ordem ; busca talvez um signal... Mas eis que passos rapidos e precipites soam.

. . . .

Passam rapidas as horas.

O nosso heroe, sepultado sob a mesa, esquadrinha, perscruta, inquire como sahir, como escapar-se do esconderijo. Um só movimento, um só grito, e a sentinella, cujos passos ouve, dá-lhe a morte. Cantam os gallos; a manhã já se annuncia : força é sahir. Ah ! pobre official ! O nosso homem move-se, esgueira-se, serpenteia,todo elle ouvidos, attento, evitando o ruido, em minutos longos como horas. Eil-o, emfim, em frente á porta, a dois passos da liberdade e da vida, embaraçado apenas por aquelle homem que dorme. Uma idea sinistra atravessa-lhe o cerebro. Brilha junto uma espada ; toma-a; de um movimento rapido com mão firme degola o official e sai bruscamente e ganha a mata, alucinado, com o ferro gotejante de sangue...

CADEIRA BASILIO DA GAMA

Basilio da Gama (José) na Arcadia, *Termindo Sepilio*, naceu em 1740 e faleceu em 1795. E' autor do poema *Uraguai* (Lisboa, 1769) e de outras composições menores e avulsas. Suas obras estão reunidas em recente edição, dirigida por Jósé Verissimo (Garnier).

ALUIZIO AZEVEDO

Aluizio de Azevedo naceu no Maranhão em 1857, foi consul gera do Brazil no estrangeiro, tendo servido sucessivamente em Espanha, na Republica Argentina, no Japão, Inglaterra e Italia.

São mais conhecidos, entre as suas obras, os romances *Uma Lagrima de mulher* (1880) *Mulato* (1881) *Casa de Pensão*, *Cortiço*, *Misterio da Tijuca*, *Filomena Borges*, *Girandola de Amores*, *o Homem*, *Mortalha de Alzira*, o *Livro de uma Sogra.*

Escreveu tambem algumas comedias representadas com exito. Falleceu em Janeiro de 1913.

HERANÇAS

Duro o sobrecenho, a cara franzida e má, trabalhava elle sombriamente á sua secretária, importunado pelo rumor de duas vozes, uma de homem e outra de mulher, que altercavam na sala proxima, n'um arrastado crescendo de rixa habitual.

— Diabo ! resmungou, coçando a cabeça. Já lá estão os dois a brigar ! Não me deixam fazer nada !...

O ruido augmentou. Cruzaram-se injurias mais fortes ; ouviram-se punhadas e pontapés nos moveis.

— Que inferno !

E o rapaz arremessou a penna e correu á porta da sala, exclamando desabridamente :

— Então, meu pae ! não tenciona acabar com isso ? !

— Pois não vês que é tua mãe que me provoca ? ! berrou o outro, apoplectico de raiva. Vem ouvir só o que ella me está dizendo, esta peste !

— Ora tenha juizo !...
— Malandro !
— Ouviste ? !
— Não faça caso !...
— Especulador !
— E' de mais !
— Deixe-a lá !...
— Bebedo ! Covarde !
— Covarde ! ? Pois vou dar-te o panno de amostra da minha covardia, vibora assanhada !

E o homem atirou-se em furia, de mãos promptas para fechar a mulher dentro das garras. Mas o filho, de um salto, susteve-lhe a carreira e aprezou-o energicamente pelo vigoroso dorso, empurrando-o para o quarto onde trabalhava e cuja porta obstruiu com o corpo.

— Deixa-me, ou te arrependerás! bradou o pae, ameaçando-o com o punho cerrado.

— Acalme-se ! O senhor já está em idade de ter juizo Apre !

— Tento na lingua ! Olha que ainda sou homem para amassar vocês dois n'uma só pasta !

O filho não fez caso da nova ameaça, deu com impeto uma volta á maçaneta da porta e disse ao outro em tom secco :

— O senhor está hoje n'um dos seus dias, e eu preciso trabalhar, sabe ? O melhor é pôr-se ao fresco ! Vá dar um giro pela estrada. A lua já nasceu e os caminhos estão seccos até á estação...

— Não vou ! Ninguem aqui nesta casa tem o direito de mandar-me sahir !

— Decerto, mas é melhor que se affaste... No fim de contas sou seu filho e pesa-me ter de faltar-lhe ao respeito para defender minha mãe.

— Chega a tempo esse escrupulo... não ha que ver !...

— Não puxe palavras ! Sinto-me pouco disposto a discutir e tenho muito que fazer !

— Pois não me provocasses ! Não te fosses metter onde não eras chamado !

— Não o provoquei, ora esta ! Metti-me na sua contenda com minha mãe, para lhe não deixar que batesse nella. Não seria a primeira vez. Sei até onde vai a força do seu genio !

— Meu genio ! E pódes tu fallar delle ?... Acaso tens tu

melhor genio do que eu ?... Não me terás dado por ventura as mais bellas provas da tua brutalidade e da tua insolencia ?... Sempre te conheci feroz ! Ainda bem pequeno, em um impeto de raiva, uma vez que no açude te quiz constranger a nadar commigo, mordeste-me o braço como um cão ! conservo até hoje no corpo o signal dos teus dentes ! olha !

E, em um só tempo, o homem arregaçou até ao biceps as mangas do braço esquerdo, estendeu-o erecto e nú defronte dos olhos do filho.

Este abaixou a cabeça com tristeza, sem desfranzir o sobrecenho...

— E exacto... disse, sahi aos meus... Juro-lhe porém que sempre me arrependo das minhas violencias, mal as commetto... E se ainda ha pouco não interviesse na sua disputa com minha mãe, o senhor tel-a-hia espancado...

— E o que tinhas a ver com isso ? Antes della ser tua mãe, já era minha mulher ! Tu lhe deves respeito, mas eu tenho o direito de ser respeitado por ella !

— Bom ! Acabou-se ! Vá dar um passeio ; vá que isso lhe fará bem...

— Não acabou tal ! quizeste arrematar a contenda, pois agora é aguentar com ella ! Se assim não fosse, excusava eu de estar aqui a trocar palavras comtigo ; já sabes que posso passar perfeitamente sem te ouvir a voz...

— Mas afinal, onde quer o senhor chegar ?

— Quero despejar os meus resentimentos contra tua mãe e contra ti !

O rapaz sacudiu a cabeça com impaciencia,e soprou forte todo o ar dos pulmões, cerrando mais as sobrancelhas.

O outro proseguiu, resfolegando a miudo :

— Ella, aos teus olhos, será tudo quanto quizeres ; para mim é, e sempre foi, um demonio ! uma furia infernal! uma serpente venenosa !

— Lembro-lhe de novo que sua mulher é minha mãe !...

— Sei, e é por isso justamente que não a conheces. Não pódes ver nella a verdadeira creatura que nella existe! Todas as mulheres são, para os seus competentes filhos, uns anjos impeccaveis ; mas se aquelle diabo te dissesse uma só parte do que a mim me repete a cada instante, na febre do rancor e da maldade, terias a cabeça em fogo como a minha me escalda neste momemto !

— Basta ! não quero saber disso !

— Has de saber ! Não acceito imposições !

— Peço-lhe então que se cale, ou se retire...

— Pedes-me ? Com que direito ? Acaso esperas tu que eu attenda aos teus pedidos ? Só pedidos de amigo se tomam em consideração e tu nunca foste meu amigo !

— Se nunca fui seu amigo a culpa não é minha. O amor filial é sempre consequencia do amor dos paes. Não nasce com o filho, é preciso formal-o. Sei que amo minha mãe...

— Tal mãe, tal filho ! Ella declara que me detesta ; elle declara que nunca me amou...

— E o senhor ?... amou-me algum dia ?... No emtánto o seu amor de pae devia ter nascido commigo, que sou seu filho. Eu tinha o direito ao apeiar-me na vida de encontrar o seu amor já de pé, á minha espera, ao lado dos gemidos de minha mãe parturiente ; e foi só o amor materno que me recebeu, e só elle me vigilou o berço. Caricias de pae não me recorda havel-as recebido na edade em que se fórma o amor no coração das crianças. Sahi dos alugados braços de uma ama para o venal desterro de um internato de segunda ordem, onde bem raras vezes o senhor foi visitar-me. Nesse tempo, confesso-lhe, menos me lembrava das suas feições que das de outros paes que lá iam frequentemente visitar os filhos mais felises do que eu, nem sei, com franqueza ! até como não cheguei a esquecêl-as de todo ! Do internato segui logo a trabalhar para um paiz extranho, onde suas cartas foram tão raras quanto foram as suas visitas ao collegio. Volto á minha terra, entro de novo nesta casa, sou friamente acolhido pelo senhor e, pouco depois, recebo ordem sua para tomar por esposa uma rapariga, que eu mal conhecia ; recuso. O senhor insiste. Resisto a pé firme; o senhor oppõe-me com empenho uma série de razões pecunarias, que em nada alteram o meu proposito ; e então o senhor ameaça-me, como se eu fôra uma criança ou um imbecil, e lança-me á cara todas as brutalidades que lhe vêm á bocca; eu pela primeira vez fico conhecendo o homem que é meu pae : começo a detestal-o e, uma vez por todas, perco-lhe o respeito : insulto-o! Desde esse infeliz momento, toda a indifferença que o senhor tinha por mim transformou-se em odio, odio legitimo e mortal. E, de então até hoje, o senhor, apezar dos meus esforços em ser bom filho para minha mãe, não procura disfarçar sequer a profunda aversão que eu lhe inspiro ! Não é esta a verdade ?

— Sim, é! Eu te odeio, porque o teu proceder para commigo, negando-te a acceitar a esposa, cujo dote vinha salvar tua familia da miseria, foi indigno e cruel, em vista da franqueza com que te fallei e das supplicas que te fiz!

— Indigno ?!

— Foi mais : foi degradante, porque foi uma extorsão, foi um roubo!

— Oh!

— Sim, um roubo! Posso proval-o!

— Não! Não ha razões que justifiquem a exigencia de tal sacrificio, nem ha homem de bom senso que se preste a casar pelas conveniencias pecuniarias do pae!

— Ha! Eu fui um delles! Como tu, sahi do collegio para aprender a ganhar a vida longe de minha terra ; ao voltar a esta casa meu pae apontou-me, como te apontei, a mulher com quem devia eu casar. Recalcitrei, como tu recalcitraste; mas o pobre homem trouxe-me para este quarto, que era então o seu gabinete de trabalho, fechou-se commigo e, chorando, abriu-me o coração e contou-me a sua vida ; disse-me, que seu casamento tinha já sido feito em identicas circumstancias para salvar meu avô de uma vergonhosa ruina, e pintou-me núa e crúa, tal qual como fiz comtigo, a sua tristissima posição. Elle, coitado, tinha aqui em casa uma orphã rica e feia, de quem era tutor, e de cujo dote lançara mão ; a maioridade della estava a bater á porta ; ia chegar o momento da prestação de contas e meu pae não tinha com que. A sua ultima esperança era o meu casamento com a pupilla, essa detestavel creatura que foi depois tua mãe. Pois bem! eu, aliás apaixanado por outra mulher, de quem até hoje nunca mais me esqueci ; eu não tive animo como tu tiveste, miseravel, de abandomnar meu pae ao desespero e ao opprobio que o esperavam, e sacrifiquei-me por elle. Era o meu dever de filho — cumpri-o. Meu filho, por sua vez, não fez o mesmo a meu favor — lesou-me! E' um ladrão!

— Cale-se, por amor de Deus! exclamou o rapaz, sentindo que a colera, dentro delle a custo reprimida, ameaçava rebentar.

— Não me calarei! Has de me ouvir!

— Oh! cale-se! cale-se! não me queira fazer mais desgraçado do que sou! Cale-se, ou não responderei por mim!

— Ameaças-me ? bramiu o pae. Não te tenho medo!

O rapaz cerrou os punhos, rilhando os dentes. Tremiam-lhe

os musculos da face, tal era o esforço que fazia para conter-se.

E os dois olharam-se, em mudo e offegante desafio. Pae e filho mediram-se com o mesmo odio, com a mesma irascibilidade hereditaria, com a mesma loucura consanguinea.

Uma palavra mais, só uma palavra, bastaria para os lançar um contra o outro.

Mas a porta da sala abriu-se de roldão, e a mãe accudiu, correndo para o filho, a cujo pescoço se agarrou com impeto.

— Meu filho, não lhe batas! não lhe batas, implorou a misera.

— Não lhe tocarei! Obrigado, minha mãe... Elle, porém, que saia já da minha presença! Não o posso ver!

— Lembra-te de que elle é teu pae!...

— Seu pae, nunca! vociferou o outro. Não é possivel que este monstro seja meu filho!

E, espumando de raiva, dirigiu-se á mulher, com o punho fechado e o braço extendido, quasi a tocar-lhe no rosto:

— Esse bandido é teu sangue e só teu sangue! Semelhante traficante nunca poderia ter procedido de mim! Concebeste-o de qualquer cigano ou de quaquer vaqueiro errante!

— Ah! gemeu a mulher em um grito de dôr e de revolta, levando ao coração ambas as mãos, como se o tivessem apunhalado.

— Rua! berrou o pae. Sai já daqui de minha casa! Rua, miseravel!

E atirou-se sobre o filho, para o lançar fóra.

Ouviu-se então um bramido de fera assanhada. O rapaz, com um movimento rapido, empolgára-o pela cintura, gritando-lhe feroz:

— Tu é que sahirás, infame! Vou despenhar-te pela escada!

E travou-se a luta, irracional e barbara. Pae e filho eram ambos possantes e destemidos. O rapaz cingia o outro pelo rins e, aos arrancos, procurava arrojal-o para o corredor. Mas o adversario resistia, e os dois estreitaram-se com mais gana, feitos em um só, em uma só mole offegante e furiosa, que rodava aos trancos pela casa, levando aos trambolhões o que topava, despedaçando moveis e vidraças, esfregando-se pelas paredes, a rodar sempre fundidos em um infernal abraço de odio, filho de odio, de odio do mesmo sangue.

Afinal fraqueou o mais velho, cahindo de joelhos. E o outro, de pé, começou a arrastal-o penosamente para o lado da escada.

— Has de sahir!

O arrastado forcejava para resistir ainda, escorando-se no chão com os pés, com as pernas e com os cotovellos; mas, pollegada a pollegada, ia cedendo. Arfavam como dois touros.

— Larga-me! Larga-me!

— Has de sahir! Has de sahir!

E aproximavam-se do patamar. Já parte do caminho estava vencido. Não tardaria o primeiro degrau. O mais velho, porém, a certa altura do corredor, fez um supremo esforço, para erguer a cabeça e, pondo as mãos, supplicou de joelhos quasi sem folego:

— Pára aqui, por amor de Deus! Não me leves mais adeante!... Foi até aqui, neste logar justamente, que eu, nestas mesmas condições, uma noite como esta... arrastei teu avô como me estás arrastando agora!.. Não me leves além do que eu o levei!... Não seria justo!.... Vingaste-o!... Estamos quites!

A SERPENTE

João Braz foi jantar a Santa Theresa com o seu amigo Manoel Fortuna, como costumava fazer invariavelmente todos os domingos.

Eram ambos do commercio: João guarda-livros e o outro estabelecido com uma loja de alfaiate. Grisalhando já, entre os quarenta e os cincoenta, não tinham elles todavia vinte annos quando se conheceram; e essa longa amizade jamais fôra perturbada pelo menor attrito de caracter.

— A paz dos anjos seja nesta casa! exclamou João Braz, no tom risonho e tranquillo com que, ao chegar os domingos a casa do velho amigo, dizia sempre e sempre essa mesma phrase.

— Bons ventos o tragam, compadre, respondeu Manoel, extendendo-lhe a mão. Como tem passado? E minha afilhada como vae?

— Sem novidade, graças a Deus. Lá foi, mais o marido e os filhos, visitar a sogra, na Piedade. Naturalmente só voltam amanhã no trem das nove e meia. D. Maria, já sei, está lá dentro?

— Está. Vá entrando, compadre.

E o guarda-livros enfiou sem cerimonia até á cosinha para ir entregar a Dona Maria, que lá estava ás voltas com o jantar

e com a cosinheira, os pacotes de doces e fructas que elle trazia pendurados da mão esquerda.

Abraçaram-se formalmente, entre as palavras e os risos do costume.

João Braz era viuvo já pela segunda vez. Do primeiro matrimonio ficára-lhe uma filha, que, pelo baptismo, o fizera compadre de Manoel, e depois, dezoito annos mais tarde, lhe dera um lindo casal de netos, agora constituidos no alegre enlevo da sua velhice.

Aquelles jantarinhos domingueiros em casa do amigo tinham para elle o irresistivel encanto do mais velho habito da sua vida. Mal cumprimentava os donos da casa, trocava a sobrecasaca por um rodaque de linho branco e extendia-se n'uma cadeira de balanço, sob as arvores do jardim, á espera que o chamassem para a mesa. O cozido, o vinho virgem e os motivos da conversa entre os tres eram quasi sempre os mesmos. Depois do café, os dois compadres armavam sobre as pernas o taboleiro do gamão e enfiavam partidas até ás dez e meia da noite, emquanto D. Maria se arranchava lá fóra com as familias da vizinhança, fazendo roda á porta da chacara ou passeiando pelas approximações da casa.

Manoel todavia não era casado com a sua companheira. Tendo-a aos trinta annos, recolhido como empregada para lhe tomar conta da casa, da despensa e das roupas brancas, deixou-se afinal entrar passivamente no inventario dessas cousas, e ella acabou por tomar conta tambem delle. Quando deram por si, estavam unidos pela mais legitima ternura e estavam conviventes no mais perfeito pé de igualdade. D. Maria era honesta por indole, era sadia e limpa ; o negociante sentiu-se bem ao lado della e deixou-se ficar.

Terminado o jantar, Manoel foi, como de costume, buscar o gamão ; e assentados um defronte do outro, dispuzeram-se os dois amigos á pachorrenta campanha, trocando logo as primeiras facecias e as primeiras risadas de todas as suas innumeraveis partidas.

— Mas então, compadre, interrogou João, armando o jogo ; afinal que me diz você do que fallei outro dia a respeito de D. Maria ?... Está resolvido a...

— Ai mau ! Já ahi vem você com a mania ! Tardava-me essa cantiga ! Ora, para que lhe havia de dar !

— Mania não, homem de Deus ! E tudo que ha de mais razoavel e de mais justo ! D. Maria é uma senhora séria...

você não tenciona separar-se della... por que, pois, não se casam logo ?... Seria mais bonito !

— Mas por que diabo hei de me eu casar, se somos felizes assim como vivemos ha treze para quatorze annos ?... Nunca até hoje nenhum de nós dois pensou em semelhante cousa... As nossas relações de amizade não podem ser mais limitadas e modestas. Ella não tem pretenções e eu, cá pelo meu lado, nada espero nem desejo fóra do meu canto, onde vivo em boa paz, graças a Deus ! Quando queremos sair, saimos ! Vamos ao theatro ! vamos ao Passeio Publico ! vamos a toda a parte ! Ninguem repara em nós ! Por que então hei de eu agora tirar-me dos meus cuidados e casar ?!... Não m'o dirá você ? !...

— Seria mais bonito !...

— Ora deixe-se disso, compadre !

— E' uma questão de moral !...

— Então, seu João, eu sou um homem immoral ?... Porque ?

— Não digo isso, mas...

— Se tivessemos filhos, vá ! Convenho que seria de vantagem o casamento... mais, se até hoje elles não vieram, é natural que nunca mais venham.

— Não, compadre, o seu casamento com D. Maria não é só um acto de moralidade, é tambem um dever de gratidão e é um bom cumprimento de justiça ! Pois então uma mulher, uma senhora, dedica-se durante quatorze annos a um homem, procedendo sempre com a mais severa honestidade, ajudando-o na vida, tratando delle, aturando-o enfim! e, ao cabo de todo esse tempo, elle se não resolve a fazer por ella um pouco mais do que no primeiro dia das suas relações !... Não! não é justo, seu compadre! Tenha paciencia, mas não é justo !

— Homem ! Sabe de uma cousa ? Não fallemos mais nisto ! Você quando mette a cabeça para um lado não ha meio de tiral-o d'ahi !

— Pois não fallemos ! não fallemos ! O meu protesto, porém, fica de pé !

Não fallemos, não fallemos, mas no domingo seguinte, durante o joguinho, o compadre João Braz voltou á carga e accrescentou ás novas excusas do amigo :

— Nas suas condições dizem os homens geralmente a mesma cousa e afinal acabam sempre casando á ultima hora,

quando a mulher está a despedir-se da vida e já nada aproveita por conseguinte com a tardia resolução do seu ingrato companheiro; ao passo que esse mesmo acto de justiça, praticado antes, em pleno gozo da existencia, seria honroso motivo da verdadeira felicidade para ella !

— Ora deixe-nos em paz, compadre ! Deixe-nos viver como vamos vivendo e preste mais attenção ao jogo, senão prego-lhe um gamão cantado.

— Pois vivam, continuem a viver seguros pela mão esquerda, mas eu cá ficarei com o direito de revoltar-me se um dia, em caso extremo, resolver-se você a cohonestar a sua união com D. Maria !

Manoel soprou com mais força e arregaçou as sobrancelhas, dando silenciosa cópia de quanto o fatigava aquella torturante catechese. E continuou a jogar sem dizer palavra.

O outro proseguiu, distrahido do jogo :

— Além disso, é que póde você morrer de um momento para outro, sem ter tido tempo de pôr em ordem os seus negocios, e a pobre senhora ficar para ahi desamparada no mundo ! Você tem parentes em Portugal, até irmãos se me não engano, pois saiba então, que mesmo com testamento, esta casa e o que você possue no banco ha de tudo parar em poder delles, arriscando ficar D. Maria sem ter onde cair morta e precisando na velhice andar pelas esquinas a pedir por amor de Deus um bocado de pão para matar a fome ! Vamos lá ! Isto lhe parece justo, seu compadre ?

— Oh ! Não diga isso, creatura, que você me aperta o coração ! Ora já se viu ? !

— Pois é cumprir com o seu dever, homem! Case-se por uma vez !

E, como D. Maria nesse momento entrava do passeio, o moralista levantou-se, deixando o taboleiro do gamão sobre as pernas do parceiro, e foi ter com ella, para lhe dizer á queima roupa :

— Estive até agora conversando com o compadre a seu respeito, D. Maria ! Mais isto é um cabeçudo de marca ! Pergunte-lhe pelo que lhe fallei e ajude-me tambem pelo seu lado !

Manoel soltou uma gargalhada.

— Sabes tu qual é agora a mania do João ?... disse elle. voltando-se para a companheira. E' casar-nos ! Ora já se

viu para que lhe havia de dar?... E não me larga, o teimoso! Não me falla n'outra cousa!

— E não lhe parece que eu tenho razão? perguntou João Braz, dirigindo-se por sua vez a D. Maria, que os escutava immovel, sorrindo em silencio.

— Ah! respondeu ella com doçura. Eu estimaria... isso com certeza... Para que negar?...Casada sempre é outra cousa: póde uma mulher andar de cabeça erguida e póde mandar em voz alta, porque manda no que é seu! Mas, cá por mim, em boa hora o diga! dou-me por muito feliz em ter Deus me chegado para um homem como seu compadre, e nada exijo nem reclamo, porque muito já é o que elle faz por mim e pelos meus!

— E não dóe a você a consciencia, seu Manoel, exclamou João Braz com a voz tragicamente commovida, extendendo o braço e derreando para um lado a cabeça, não dóe a você a consciencia ao ouvir estas palavras que são a expressão pura da virtude e da resignação?

— Pois bem! Pois bem! rosnou Manoel, quasi vencido. Havemos de ver! havemos de ver!

— Não! replicou o outro energicamente: « Havemos de ver, » é uma promessa de caloteiro! Você o que não quer, já sei, é incommodar-se. Pois eu me encarrego de tudo! Amanhã mesmo trato dos papeis. Está dito?

— Sim, sim! Veremos amanhã.

— Não! não! Já d'aqui não saio sem autorisação para correr os banhos! Quando me metto n'uma cousa, é assim! O caso é estar convencido da justiça e da razão!

— Mas que desensoffrimento! Que sangria desatada! exclamou Manoel. Irra! Parece que você vae salvar o pae da forca!

— Nada, meu amigo! O que se tem de fazer, faz-se logo. — O pão endurece de um dia para outro! — E lá a senhora, D. Maria, ajude-me a arrastar este egoista! Segure-o pelos hombros, que eu o seguro pelas pernas, e despejemos com elle do terraço a baixo, se não nos autorizar já e já a tratar amanhã mesmo dos papeis do casamento!

— Pois com um milhão de raios! vociferou afinal o perseguido, fugindo ao terrivel compadre, que por pilheria o agarrava já pelas pernas. Arranje! arranje você lá os papeis que quizer! arranje o diabo! mas deixe-me em paz e nunca mais me falle em semelhante cousa! Apre! Póde gabar-se, meu

caro, de que é um serrazina de primeira força ! Nunca vi cousa igual !

— Ora bravo ! applaudiu João, batendo palmas. Até que afinal você provou que é um homem de bem! Venha de lá este abraço ! E, quanto á senhora, os meus parabens de amigo sincero ! Amanhã mesmo trato dos papeis !

— Mas olhe lá, seu João... atalhou o outro, segurando-lhe o braço. Observo-lhe que não estou absolutamente disposto a prestar-me ao ridiculo nesta idade! Só consinto no casamento, se este fôr cousa muito intima, muito em segredo, sem festas, sem convites e sem nada de barulho !

— O' homem! volveu João Braz, o casamento faz-se de madrugada, um dia destes, na competente igreja, sem que ninguem tenha que metter lá o nariz! E depois ficam vocês casados e dignamente unidos para sempre ! Podemos é jantar, nós os tres juntos esse dia ; o que, para não alterar a praxe, bem póde ser n'um domingo. Hein? Que lhe parece?

— Bom... Assim vá lá ! cedeu Manoel.

— Fica então marcado para o domingo que vêm ?...

— Pois marque lá para domingo ! Irra !

E assim foi. No domingo seguinte Manoel levou D. Maria á igreja da sua freguezia e voltaram de lá marido e mulher, graças a João Braz que tinha tudo despachado, com uma expedição capaz de envergonhar ao mais activo agente de casamentos.

O jantar, já se vê, foi melhor nesse dia e regado mais copiosamente. D. Maria mandou matar perú e recebeu de mimo, um leitão assado. Fez doces e comprou fructas e flôres. Manoel, á tarde, admirou-se de ver entrarem-lhe pela sala algumas vizinhas com trajos de festas, acompanhadas pelos parentes e não se pôde furtar a parabens e abraços, que lhe faziam torcer o nariz.

— Aquelle compadre João Braz era o diabo ! Afinal de contas tudo aquillo estava fóra do programma !

Manoel principiava a arrepender-se do que tinha feito e parecia já menos alegre que nos outros dias.

D. Maria, essa pelo contrario, estava radiante e mostrava-se mais empertigada, mais dona de casa. A' mesa fallou aos convivas com um ar empantufado e senhoril, que ninguem, ainda menos Manoel, até ahi lhe conhecera.

Comtudo, o bom homem, apezar de devéras contrariado por sair dos seus velhos habitos, não se queixou ; e, mal termina-

dos os fervorosos brindes da sobremesa, foi pachorrentamente buscar o taboleiro do gamão e armou-o sobre os joelhos, no logar do costume, assentado defronte do victorioso compadre.

D. Maria acabava nesse instante de assomar á porta da sala, palitando os dentes. Ao ver o marido, que armava a primeira partida, exclamou :

— Tambem vocês são terriveis com esse infernal gamão! Oh! nem mesmo no dia de meu casamento e com visitas aqui deixam o diabo do jogo !

E arrebatou das pernas dos dois parceiros o taboleiro, com os dados, as pedras e os copos de couro, que se espalharam pelo chão.

João Braz soltou uma risada, suppondo que aquillo era simples gracejo. Mas D. Maria accrescentou de cara fechada e com a voz dura :

— O' senhores ! Que diabo, deixem-se dessa semsaboria uma vez ao menos ! Tenham um pouco em conta o dia de hoje

E afastou-se, muito escamada, sacudindo os quadris e abanando-se com o leque.

Os dois compadres, assentados um defronte do outro, como se fossem agora jogar o sisudo, olharam-se, sem animo de proferir palavra.

E assim que se pilharam a sós, Manoel segredou ao amigo.

— Você viu, compadre ! Você viu o panno da amostra ?

João não respondeu e Manoel murmurou, sacudindo a cabeça:

— Póde ser que me engane, e Deus o queira! mas supponho que para sempre me fugiu de casa a tranquillidade !...

E tinha razão o pobre homem : taes cousas se foram succedendo em casa delle que Manoel, mezes depois, surgiu um dia no escriptorio do amigo, e atirou-se n'uma cadeira esbaforido de colera.

— Que houve de novo, compadre ? que mais lhe aconteceu ? perguntou o guarda-livros.

— Foi você quem se encarregou dos papeis para casarnos, não é verdade ? bramiu o negociante. Pois, meu amigo, trate agora dos papeis do divorcio, porque este que aqui está nunca mas porá os pés na casa em que estiver aquella furia! Nunca mais, ouviu ! ?

E aquelle homem, até ahi tão pachorrento, tinha agora uma catadura de tigre assanhado e dardejava ferozmente o guarda-

chuva, ameadando quebrar os globos das arandelas do gaz.

— Arre ! arre ! berrava elle. Vá para o inferno e o diabo que a ature !

— Mas, compadre, reconsidere, escute ! Você está fóra de si, homem !

— Não! berrou Manoel, esbugalhando os olhos e rilhando os queixaes. Não, com mil raios ! Se me approximar daquelle demonio é para estrangulal-o ! não volto á casa ! não quero ser assassino !

— Mas o que mais houve, compadre ?

— Que houve ? ! — E o infeliz soltou uma gargalhada satanica. — Que houve ? ! Vá lá á casa e veja o estado em que deixámos tudo ! Vá ver !

NO MARANHÃO

Quando eu tinha treze annos, lá na provincia, uma das familias que mais intimamente se dava com a minha era a do velho Cunha, um bom homem, já afastado do commercio a retalho, onde fizera o seu peculio, e casado com uma senhora brazileira, D. Marianna.

Tinham um casal de filhos : Luiz e Rosa, ou Rosinha, como lhe chamavamos. Luiz era mais velho que a irmã apenas um anno e mais moço do que eu apenas mezes.

Fomos por bem dizer criados juntos, porque, quando não era eu que ia visital-os, eram elles dois que vinham passar o dia commigo.

Moravam na praia de Santo Antonio, num grande e bello sobrado, cujos fundos, como o de todas as casas do littoral da ilha do Maranhão, davam directamente para o mar.

O Cunha, além desta casa, que era de sua propriedade, tinha um sitio onde ia frequentemente passeiar com a familia.

Quasi sempre levavam-me tambem. O sitio chavamase « Boa-Vinda » e ficava á margem do rio Anil, para além de Vinhaes. Embarcava-se no proprio quintal da casa.

Estes passeios a Boa-Vinda constituiam um dos maiores encantos da minha infancia. Criado á beira mar na minha ilha, eu adorava a agua ; aos doze annos era já valente nadador, sabia governar um escaler ou uma canôa, amainar com destreza a vela num temporal, e meu remo não se dei-

xava bater facilmente pelo remo de pá de qualquer jacumahuba pescador de piabas.

Sahiamos quasi sempre no segredo da primeira madrugada e chegavamos ao sitio ao repontar do sol.

Ah ! que deliciosos passeios ! Que bellas manhãs frescas, deslisadas por entre os mangaes, sentindo-se rescender forte o odor salgado das marezias ! E depois, lá no sitio, installados, na varanda de telha vã, que prazer não era devorar o almoço, assentados todos em bancos de páo, em volta de uma mesa coberta de linho claro, a beber-se o vinho novo do cajú por grandes canecas de terra vermelha ! E depois — toca a brincar ! toca a correr por ahi afóra, em pleno matto, cabellos ao vento, corpo e coração á larga !

E, á tarde, depois do jantar, quando a natureza principiava a cahir nos desfallecimentos chorosos do crepusculo, vinhamos todos assentar-nos na eira, defronte da casa, ouvindo o pio mavioso e plangente das sururinas que se acoitavam para dormir nas mattas proximas. Então, Luiz ia buscar a sua flauta, Rosinha o seu violão, e eu, acompanhado por elles, punha-me a cantar as modas mais bonitas da minha terra.

D. Marianna e o Cunha gostavam de ouvir-me cantar. Nesse tempo a minha voz tinha ainda, como minha alma, toda a frescura da innocencia.

A' noite, enfim, mettiam-se de novo no balaio as vasilhas do farnel, carregava-se com tudo para bordo da canôa, extendia-se por cima um vela de lona, em que nos assentavamos os tres, Luiz, a irmã e eu ; o Cunha tomava conta do leme, com a mulher ao lado ; tres escravos encarregavam-se dos remos, e rebatiamos para a cidade.

Tanto era risonha e viva a ida pela manhã, quanto era arrastada e quasi triste a volta pela noite. D. Marianna começava a cabeçear de somno ; o Cunha punha-se a falar comnosco sobre as nossas obrigações de aula no dia seguinte ; Luiz em geral deitava-se com a cabeça no regaço da irmã ; e eu estiava-me sobre a lona, de rosto para o ceu, a olhar as estrellas.

Uma noite voltavamos do sitio nessas condições. Mas havia luar.

E que luar ! Desse que parece feito para quem anda embarcado; desse que vae espalhando pelo caminho adeante brancos phantasmas que soluçam, correndo pelas aguas, surgindo e

desapparecendo com as suas mortalhas de prata, n'uma agonia de morte, como se fossem as almas afflictas dos afogados.

Tinhamos já passado Vinhaes havia muito e iamos agora deixando atraz de nós, uma por uma, todas as velhas quintas do Caminho-Grande, que dão um lado para o Anil. D. Marianna toscanejava como de costume, rescostada numa almofada, o rosto pousado na palma da mão ; Rosinha, com um braço fóra da canôa, brincava pensativa, com as pontas dos dedos no orla phosphorescente que se fazia nas aguas a cada rumorosa braceagem dos remos ; Luiz, cantarolava distrahido; e o velho Cunha, vergado sobre o braço o leme, com o seu grande chapéo de carnahuba dereado para a nuca, a camisa e o casaco de brim pardo abertos sobre o peito, fitava as praias que iamos percorrendo, como se a belleza daquella noite do Norte e a solidão d'aquelle formoso rio azul lhe enleassem traiçoeiramente o espirito burguez, fazendo o milagre de arrebatal-o para um devaneio contemplativo e poetico.

Qual ! No fim de longo recolhimento, quando passavamos em certa altura do rio, disse-me elle com um suspiro de lastima :

— Que desperdicio de dinheiro e quanta incuria vae por aqui !... Vès aquellas ruinas cobertas de matto ? aquillo foi principiado ha bem quarenta annos para um grande armazem de alfandega... nunca passou do começo! Teve a mesma sorte do caes da Sagração e do dique das Mercês! Que gente!

E eu puz-me a considerar as ruinas, que pareciam crescer á luz do luar ; e o Cunha, possuido de uma febre de censura, continuava a derramar pelas tristes aguas do Anil a sua cansada indignação contra os maldictos presidentes de provincia, que tão mal cuidavam na nossa pobre e querida capital.

E, á marcha monotona e vagarosa da canôa, ia-se desdobrando lentamente ao lado de nós todo o flanco alcantilado da cidade.

Surgiu á distancia o largo dos Remedios, elevando-se da praia como um velho baluarte dos tempos guerreiros.

Ouvia-se já um rumor tristonho de cusuarinas.

— Está alli! exclamou o Cunha, extendendo o braço para o lado de terra. Para que esbanjar dinheiro com uma estatua daquella ordem, quando ha por ahi tanta cousa de necessidade séria de que se não cuida ?...

Olhei na direcção que o Cunha indicava e vi a estatua de Gonçalves Dias, erguida no meio do largo dos Remedios, toda branca, muito alta, triste ao luar como a solitaria columna de um tumulo.

Não achei animo nem palavras para protestar contra o que dizia o velho Cunha. De Gonçalves Dias sabia apenas que fôra um poeta infeliz e nada mais.

— E ! rosnou o pobre homem. Para o luxo de encarapitar aquelle grande boneco no tope daquelle immenso canudo de marmore — houve dinheiro ! E dinheiro grosso ! Todo o povo do Maranhão concorreu ! Ao passo que para concluir o trapiche de Campos Mello, que é uma necessidade reclamada todos os dias pelo commercio, não appareceu ainda quem se mexesse ! Sucia de doidos ! Isto é uma cousa tão revoltante que eu confesso, chego quasi a arrepender-me de me ter naturalisado !

Tornei a olhar para a estatua e, não sei porque, as palavras do velho Cunha não me produziram desta vez a impressão de respeito que costumavam exercer sobre o meu espirito de criança. Pungia-me aquillo até, como uma blasphemia cuspida sobre uma imagem sagrada. Lá em casa de minha familia todos veneravam a memoria do nosso poeta, e na escola onde eu aprendia a escrever a lingua portugueza o meu proprio mestre lhe chamava a elle mestre.

No emtanto não oppuz uma palavra de defes a ; mas, fitando agora de mais perto a branca figura de pedra, que na sua mudez gloriosa encara aquelle mesmo mar que serviu de sepultura ao cantor das palmeiras de minha terra, acheilhe o ar tão tranquillo, tão superior, tão distante de mim e do Cunha, que balbuciei para este, timidamente :

— Mas, seu Cunha, se o povo lhe fez aquella estatua, é porque elle naturalmente a mereceu, coitado !

— Mereceu ! ? Porquê ? ! O que foi que elle fez ?... « Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorgeiam não gorgeiam como lá. » ? ! Está ahi o que elle fez ! Fez versos !

E o Cunha, no auge da sua indignação, redobrou de furia contra a loucura dos homens, que levantavam estatuas a poetas em vez de cuidar dos trapiches que o commercio a retalho reclamava.

Nesse instante a canôa deslisava justamente por defronte do largo dos Remedios.

A lua, perdida e só no meio do ceu luminoso, banhava no seu misterioso effluvio a immovel e branca figura de marmore.

E Rosinha, que não prestara attençào á nossa conversa, abriu a cantar, com a sua voz crystallina de donzella, uma das cantigas mais populares do Brazil :

« Se queres saber os meios
Porque ás vezes me arrebata
Nas azas do pensamento
A poesia tão grata ;
Porque vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos ceus,
Vem commigo, o' doce amada!
Que eu te direi os caminhos
Donde se enxergam anjinhos,
Donde se trata com Deus. »

E aquella menina, na sua virginal singeleza, estava desaffrontando Gonçalves Dias, porque são delle os versos que ella ia cantando aos pés da sua estatua, innocentemente; rendendo, sem saber, emquanto o pae o amaldiçoava, o maior preito que se póde render a um poeta : repetir-lhe os versos, sem indagar quem os fez.

Não sou supersticioso, nem o era nesse tempo, apezar dos meus treze annos, mas quiz parecer-me que naquelle momento a estatua sorriu.

Effeitos do luar, naturalmente.

CADEIRA GREGORIO DE MATOS

Gregorio de Matos, o maior dos nossos antigos poetas, natural da Bahia (1623-1696), de vida escandalosa pelas muitas questões de desafetos, e de inimisades que levantavam os sèus versos satiricos terrivelmente feceninos. Suas obras quasi todas restam manuscritas, á exceção da parte publicada por A. Valle Cabral, Rio, 1882, em um tomo que ficou unico, com a morte do dilijente editor.

ARARIPE JUNIOR

Tristão de Alencar Araripe Junior naceu no Ceará em 1848. Doutor em direito pela faculdade do Recife (1869) exerceu desde então varios cargos de importancia na majistratura e na administração. Foi Consultor geral da Republica.

Erudito critico e escritor de ficção.

São romances que escreveu *Ninho de Beija flor*, *Luizinha*, *Miss Kate* sem falar em inumeros contos e fragmentos. Duas monografias criticas : *Gregorio de Matos* (1894) *José de Alencar* (1881) ambas com tres edições. Varios escritos avulsos de critica sobre Edgard Poe, Ibsen. etc, e trabalhos de Jurisprudencia.

Falleceu em 1911.

Em 1912 foi eleito para sua vaga na Academia o poeta : jornalista Felix Pacheco.

JOSÉ DE ALENCAR

Os momentos artisticos não duram toda a vida. Esse phenomeno de excitação cerebral, com effeito admiravel, que os antigos julgavam influição divina ou sobrenatural, o *Deus in nobis* do poeta latino, depende quasi sempre de circumstancias especiaes, que em nada honram a valentia humana. Não ha quem hoje ignore, depois dos trabalhos de Claude Bernard, Lhuis, Maudsley, Bain, que nestas occasiões só o que nos pertence é a força inicial, e que o cerebro trabalha por sua conta e risco, sem consideração alguma a quem lhe imprime o movimento.

O *Guarany* parece ter sido fructo de um destes estados mentaes. Tudo quanto fôra assimilado inconscientemente, de permeio com tudo quanto o esforço voluntario obtivera, vasou-se de repente no papel, concretisando-se em uma obra que o proprio autor talvez não soubesse explicar. ¡E' visivel a influencia que certos autores tiveram na genese do livro. José de Alencar encontrára os moldes do romance moderno, segundo os processos de Walter Scott, levado ao maior aperfeiçoamento por A. Dumas, Sue e outros, e necessariamente teve de procurar nestes mestres os meios de captivar o interesse dos seus leitores pelo habil manejo das *medias res*, das machinas e de tantos outros artificios de que abusaram mais tarde Capendu, Ponson du Terrail, Montépin e o proprio Dumas, estragando o genero e provocando a justa reacção, que deu em resultado o naturalismo de Zola. Muito lhe serviram nesse intuito estes autores, sem que comtudo podessem com isso imprimir nova direcção ao seu espirito. Emquanto ao aspecto geral, nada mesmo tem o *Guarany* que se destaque da phisionomia dos melhores romances publicados no periodo em que floresceram aquelle escriptores. O entrecho é commum. Um cavalleiro portuguez acastellado com sua familia nas margens desertas do Parahyba, a lutar com a bondade de uns e a maldade de outros, cercado de aventureiros que não lhe guardam fidelidade ; uma menina angelica a provocar amores e sentimentos lubricos ; a dedicação de um indio ; ataques de selvagens ; actos de bravura e de pericia por parte dos portuguezes; eis o circulo dentro do qual desenvolvem-se as scenas mais importantes do romance. Não ha quem não reconheça logo que a idéa do autor, qualquer que fosse ella originariamente, cresceu no meio das reminiscencias das obras do autor do *Waverley*, e que a visão brazilica entrelaçou-se insensivelmente com as scenas castellãs da idade media, que até certo ponto não deviam differir em substancia das que o autor suppoz nos tempos coloniaes. Quem não verá em D. Antonio de Mariz, « que como um rico homem devia protecção e asylo a seus vassallos, » um *Ivanhoe* portuguez ? Aquella casa do Paquequer, com suas disposições pittorescas e romanticas, não lembra de perto os castellos de Kenilworth ou de Lamermoor ? E a cavalgada com que começa a narração ? E as conspirações dos aventureiros? Os cavalheirismos de Alvaro ? os combates ? as sortidas ? E esses Aymorés acampados, como uma

horda de guerreiros nas ruinas de Karnac ou sob as barbacãs de algum barão feudal ? Emfim, os regulamentos marciaes, os pundonores fidalgos, a catastrophe theatral, tudo isso não traz-nos á idéa os monumentos, que se prendem á escola que em Italia gerou os *Noivos* e na França *Notre Dame de Paris?*

Mas não seja isto motivo para doestos ao autor de paginas tão bonitas. A originalidade de sua obra está seguramente em outra parte: esta originalidade consiste na subordinação da natureza bravia á belleza feminil, na transformação de tudo quanto cerca a mulher, ainda mesmo o enorme e o repellente, no mimo, na graça, na candura. Essa concepção póde-se dizer que resume-se na palavra *Yara*, palavra tupy que significa senhora, e que serve de titulo a um dos capitulos do livro, accentuando o eixo sobre o qual volve-se todo o interesse do drama. Uma menina celestial e ligeiramente caprichosa, que tira da innocencia e da candura uma força extraordinaria para supplantar o deserto, uma creatura angelica, que com o seu prestigio insciente traz a natureza a seus pés : eis a mola, o centro, a magia do *Guarany*, e a explicação de todo o encanto que produziu e ainda hoje produz em nosso espirito esta obra inimitavel (1). E' justamente por isto que todo aquelle que começa a ler o *Guarany* sente um indizivel alargamento na alma. O leitor, desdobrando-se atravéz dos sentimentos ineffaveis, que desperta esse ideal de bondade, perde-se no esquecimento de si e da terra aonde pousam-lhe os pés; acha-se como em um pais dourado por luzes coadas por opala, num céu asul e esplendente. A naturesa revela-se-lhe por inextinguiveis cambiantes ; do seio da terra irrompe o *lumen purpureum*, que tudo envolve, quando o cerebro se deixa conquistar pelos globulos de um sangue generoso.

---

(1) Ha um romance de Méry — *A Florida*, que talvez despertasse em José de Alencar essa feliz idéa. As scenas deste livro passam-se tambem nos tropicos, em uma feitoria situada, se não me falha a memoria, na costa do Malabar. A heroina é uma creoula de origem franceza, em situação identica á de Cecy, que tremúla sob o pincel inspirado do autor de *Eva* como uma creação *feerica*. Mergulhada na solidão das vastas florestas daquellas regiões asperimas, onde a deusa Bowania se metamorphosea a cada passo em horrendos perigos, no tigre dos juncaes, na serpente gigantesca, na cobra capello, no gorila, no thug estrangulador, nas febres palustres, nas convulsões meteorologicas, essa menina inoffensiva combate tambem o genio do mal com o olhar asul da innocencia. A propria naturesa selvagem fornece-lhe armas á defeza sua e dá-lhe forças para domar leões, que lhe guardam o aposento virginal durante o somno e elephantes, que a conduzem e acompanham em seus passeios pela floresta.

Todas as agruras somem-se da paizagem e um optimismo sadio invade a creação inteira. Um doce sentimento da existencia despeja-se sobre os habitantes incautos desse paraizo artistico ; em tudo transluz uma felicidade cristallina.

. . . .

Si houve talento nos idealistas, esse talento consistiu em convencer-nos da verdade de suas caprichosas creações. Não ha negar que José de Alencar no epilogo do *Guarany*, apesar de romper a cada passo com o real, chega a embevecer-nos na possibilidade daquellas festas da naturesa, naquelle despontar de amor em Cecilia pelo brusco Goytacaz. Si a illusão é tão bem disposta ! si as luzes e cambiantes, espalhados na tela pelo magico pincel, nos prostram em uma tão doce languidez, em uma tamanha *nostalgia celeste !* Quem ha ahi que não siga com o coração doidejante aquella canôa a resvalar como uma sombra pela face lisa do Parahyba, arrebatando a intangivel *Yara* ás devastações dos Aymorés ? E a transfiguração desse humilde Pery, que por ultimo tem mais de anjo das florestas, personificando o bom genio do Brazil, do que do anthropophago descripto por Hans Stade e Lery ? Em plena selva a phantasia do poeta alonga-se em descripções de uma côr nativa admiravel, aonde, usando de uma phrase sua, encontram-se á farta as acritudes da manga e do cajú ; as paisagens esfusiam-se em tropicalismo intenso : lembram incontestavelmente Chateaubriand, mas despido desse esmagamento de um espirito assoberbado pelo deserto, desses extasis histericos que levaram Proudhon a qualificar de *femmelins* todos os escriptores que se prendem a Rousseau (1). O sentimento da solidão é quebrado a todo instante pelo perfume das gardenias e pelo esvoaçar dos colibris. A immensidade retrae-se para formar um grupo conciso e nitido, aonde o espirito do leitor atem-se a uma visão concreta e viva.

Cecy, accordando do pesadelo que a assombra, collocada no meio daquella solidão, abrigada unicamente pelo braço do selvagem, depois de consolar-se e submetter-se ao destino, anesthesiada pelos carinhos do amigo que a conduz in-

---

(1) « Le moment d'arrêt de la littérature française commence à Rousseau : il est le premier de ces femmelins de l'intelligence en qui l'idée se troublant, la passion ou la passivité l'emporte sur la raison ». Proudhon, *Influence de l'élément féminin sur la littérature française.*

vulneravel e respeitada pelas forças brutaes da natureza bravia, vê-se pela primeira vez só, diante daquelle « silencio que parece fallar », onde « as sombras se povoam de seres invisiveis e os objectos, na sua immobilidade, como que oscillam pelo espaço ». O indio dorme prostrado pelo cansaço no fundo da canôa, e ella, a debilidade entregue á força, não tarda commover-se em face do escravo que se transformára em heróe. « Como os quadros dos grandes pintores que precisam de luz, de um fundo brilhante e de uma moldura simples, para mostrarem a perfeição de seu colorido e a pureza de suas linhas, o selvagem precisava do deserto para revelar-se em todo o esplendor de sua belleza primitiva ». Cae a crosta do goytacaz e surge o homem idéal, o amante desanuviado de todos os preconceitos sociaes, forte, dessa fortaleza que só possuem as naturesas virginaes. O filho das mattas, o senhor das florestas transfigura-se aos olhos de Cecy ; « as montanhas, as nuvens, as catadupas, os grandes rios, as arvores seculares, servem de throno e de docel a esse monarcha das selvas ». Admira-o e agradece a sua abnegação ; contempla-o bafejado pela aragem matutina, acariciado pelas aguas do rio que arfam docemente, pelos leques de palmeiras que se agitam rumorejando. Uma philosophia que não é da terra, uma philosophia celestial faz-lhe entrar na alma uma grande resignação. Lembra-se ligeiramente da sua vida risonha de outr'ora e uma lagrima pende de seus cilios e cae sobre a face de Pery. O indio desperta ; e um mundo de novas e desconhecidas sensações começa para ella nesta doce intimidade. O seu enleio cresce á proporção que o indio exprime-se em sua pittoresca linguagem. Ella « é como a rolinha, quando atravessa o campo, sente-se fatigada e descança sobre a aza de um companheiro que é mais forte » ; elle é quem « guarda seu ninho emquanto dorme, quem vae buscar o alimento, quem a defende, quem a protege ». Estas comparações a sobresaltam a principio, mas não obstam a que as duas almas se confundam, que os olhos de Pery brilhem de mais, que elle se repute seu escravo... seu irmão. Cecilia por fim, esquecida de tudo, familiarisada com a selva, que graças a Pery converte-se no verdadeiro *boudoir* de uma sultana para satisfazer os seus menores desejos, adormece num berço de flôres acalentada pelos sonoros ruidos que se diffundem pelos arredores. Pery, porém, presente a convulsão dos elementos em roda ; vê o Parahyba erguer-se nas ferocidades de

uma inundação, e prepara-se para disputar sua *senhora* ás garras do cataclismo. A menina é deposta na canôa e o indio vôa adiante da procella; não tarda a ser colhido pelo perigo, e tremulo, com a innocente creatura adormecida nos braços, acouta-se no olho de uma palmeira. A torrente, entretanto, recrudesce como todos os horrores dos phenomenos desta ordem ; as aguas a pouco e pouco sobem ameaçando o abrigo; chega o momento critico; o indio é um heróe, desce, mergulha e, réalisando uma obra de Hercules, consegue desarraigar a palmeira. No meio da immensidade das aguas boia o improvisado esquife « como uma ilha de verdura, banhando-se na corrente ». Pela primeira vez o valoroso selvagem desespera por não poder poupar a sua senhora um momento de terror; mas, ainda assim, elle, que vencera o tigre, que vencera os homens, que vencera o veneno, crê vencer os elementos, e, perdido na solidão tumultuosa do rio, pensa em salva-a numa dobra do horisonte. A palmeira deriva arrastada pela torrente para sumir-se no infinito das mares, e os dois amigos, embebendo suas almas em um sentimento de ternura infinda, corôam o romance com a tintas mais delicadas e gracis de que se serviu a inspiração de José de Alencar.

« O halito ardente de Pery bafejou-lhe a face. Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e limpidos sorrisos ; os labios abriram como azas purpureas de um beijo soltando o vôo. »

A saudade, que deixa na alma este final vago e vaporoso, desculpa bem as violencias commettidas por essa musa feminil contra os documentos da vida real.

GREGORIO DE MATTOS

O regresso de Gregorio de Mattos para a *Terra dos papagaios* constitue facto capital em sua biographia.

Um dia o poeta arrumou nas malas o genio que o diabo legara-lhe em testamento, ensacou as contrariedades de envolta com a roupa suja, e, embrulhado no manto de Diogenes, atravessou o Atlantico em busca dos seus penates. O auctor do *Marinicolas* nunca se lembrou de contar a historia dessa travessia; mas póde-se imaginar o azedume da musa durante uma viagem longa, como eram as que se faziam naquelles tempos. Depois de trinta e cinco annos de Portugal, supportar cincoenta ou sessenta dias de encerro, em um navio estreito e immundo, entre mar e céos, sem companhia

de lettrado, senão a de outro poeta lirico, devia ter sido para Gregorio de Mattos motivo de satiras candentes contra os causadores de tamanhos dissabores. E' provavel tambem que o enjôo lhe embaraçasse a *verve*, obrigando o bacharel *mazombo* a philosophar sobre o futuro que o aguardava na Bahia. O que é certo é que a sua chegada ao Brazil creou-lhe uma *alma nova.* O confronto da obra, que o poeta realizou dessa data em deante com a effetuada nos annos anteriores, demonstra que elle, se não voltasse á patria amada, não teria ido além das satiras agressivas do genero do *Marinicolas.*

Pisar nas areias de sua terra foi o mesmo que libertar-se, desentoxicar-se e restituir a si o genio perdido em Portugal. Gregorio de Mattos, portanto, evadindo-se ao meio onde se achava, salvou o melhor poeta satirico das Americas.

Em outra parte eu já expliquei que a chave para a comprehensão da originalidade da litteratura brazileira, pelo menos, nos dois primeiros seculos, estava na analise do phenomeno aqui operado e a que conferi o nome de obnubilação. Consiste este phenomeno na transformação por que passavam os colonos atravessando o Oceano Atlantico, e na sua posterior adaptação ao meio phisico e ao ambiente primitivo. Basta percorrer as paginas dos chronistas para reconhecer esta verdade. Portuguezes, francezes, hespanhoes, apenas saltavam no Brazil e internavam-se, perdendo de vista as suas pinaças e caravellas, esqueciam as origens respectivas. Dominados pela rudez do meio, entontecidos pela natureza tropical, abraçados com a terra, todos elles se transformavam quasi em selvagens; e se um nucleo forte de colonos, renovado por continuas viagens, não os sustinha na lucta, raro era que não acabassem pintando o corpo de genipapo e urucú e adoptando idéas, costumes e até as brutalidades dos indigenas. Os exemplos historicos surgem em penca : Hans Stade, Soares Moreno, Pae Pina (Amanayara), Nnhanguéra, e os trugimões ou linguas que deram tanto que fazer a Villegagnon. O mesmo jesuita Anchieta não escapou a esta influencia. A sua vida entre os selvagens e o seu prestigio contra os sacerdotes indios attestam que este padre, se não por imposição do meio, ao menos por arte refinada, se fez um legitimo *pagé.* A missão do thaumaturgo brazileiro, como o chamavam, nas florestas do Sul, não se pode explicar senão pelas feitiçarias aceitas ou habilmente copiadas, dos piagas, e com que elle catechisou os seus caboclos.

Quando Gregorio de Mattos aportou em 1679 á Bahia, com a edade de cincoenta e seis annos a cidade de S. Salvador havia passado por grandes transformações.

Os bons tempos dos padres da Companhia de Jesus e daquelle a quem Varnhagen chamava o *Orpheu Americano*, o grande Nobrega, estes tempos aureos já estavam muito longe. Havia uma coisa, porém, que não mudara. Os aspectos da natureza tropical continuavam a ser os mesmos : e tanto bastava para que o poeta se sentisse reviver. O velho fauno, pois, hauria o mormaço da terra como se haure uma bebida embriagadora : e a poesia se lhe desabotoou nos versos quenter e cantharidinos que todos os amadores das boas lettras devem conhecer. Antes que cantasse « na sua lira maldizente » as « torpezas do Brazil, vicios e enganos, » o autor dos tercetos aos viciosos foi por momentos optimista. Nem todas as poesias de Mattos vertem o fel da satira. Emquanto durou-lhe a influencia sedativa dos novos ares, elles se deleitou em cantar as delicias da Bahia. As impressões, que os coqueiraes do Reconcavo, os prados risonhos e os outeiros floridos das ilhas produziram em sua imaginação, deviam ter cicatrizado muitas ulceras abertas em sua alma pela vida antipathica de Lisboa.

Esse ninho tepido de amores, chamado Bahia de Todos os Santos, muito melhor se appellidaria de Cithera, se os encantos e as louçanias com que a natuzera arreiou esse berço da civilisação brazileira não tivessem attrahido para ahi os jesuitas e os mais refinados politicos produzidos no paiz. Não foram os frades e chronistas indifferentes a tão perigosa tepidez. No jargão em que escreviam as suas noticias legaram-nos verdadeiros poemas descriptivos, tal a força das sensações que lhes deixavam os beijos da paizagem, o aroma das resinas, o matiz das flores, o cheiro das fructas e o ruido dos passarinhos. A prole encarregou-se depois de commentar esse desavergonhado lirismo. Frei Bastos teve de muito longe seu precursores. Todos os paraisos possuem a sua arvore da luxuria. No Reconcavo, com certeza, essa arvore fôra plantada com a mesma cavilação da legenda, porque, segundo contam os ditos chronistas, já no tempo em que os tupinambás percorriam, como senhores absolutos, as costas do Brazil, nesse retiro operara-se por causa de uma Helena indigena uma guerra tão crua, senão peior do que a de Troia celebrada pelo divino Homero.

Os antigos acreditavam numa influencia sobrenatural, a que denominavam *genius loci*. Na Bahia esse genio manifestou-se em varias coisas e por varios modos. Gabriel Soares, por exemplo, pretendeu surprehendel-o no conjuncto da cidade nascente cujo aspecto risonho, alegre, dava de longe um verdadeiro rebate de satisfação electrica ao espectador. As casas brancas cavalgando a falda da collina ; os quintaes tufados de pomares em flor ; as laranjeiras carregadas dos fructos maduros; as palmeiras surgindo por sobre os telhados e balouçando-se ao som da aragem balsamica que soprava de Itaparica ; o conjuncto de tão bellos aspectos, circumdados pela ribeiras de terra e pelas aguas esmeraldinas do mar, que sahiam barra fóra para perder-se na amplidão do oceano : tudo isto o enlevava e obrigava o chronista a soltar gritos de prazer, desse prazer sadio, que é o prodomo dos grandes trabalhos de observação. O seu *Tratado descriptivo do Brazil*, com effeito, mostra que elle afiara o seu engenho nas subtilezas que por essa terra jocunda lhe eram reveladas. E não foi só elle a victima desse encantamento tropical. O severo Manoel da Nobrega, o espirituoso Cardim, o dedicado Aspilcueta Navarro, todos os que foram aportando áquellas plagas se deixaram successivamente dominar por essa bebedeira tropical.

Terra suggestiva, logar miraculoso, sem a solemnidade acroceraunia das montanhas do Guanabara, a angra de todos os Santos dir-se-hia ter sido construida de proposito para um enorme biaterio, morno ainda da força geradora dos tempos prehistoricos. Posta no centro do Brazil, tendo o rio de S. Francisco quasi á mão, a região de Paraguassú se destinava pela natureza das leis geographicas o ser o ponto de partida das impulsões civilizadoras do paiz. E os factos se encarregaram de exagerar esse direito primacial. Apenas Thomé de Souza fundou a provoação, que de futuro seria a cidade hibrida que hoje conhecemos, de toda a terra dos Brazis começaram a convergir para aquelle ponto os elementos que deviam constituir a vida brazileira.

Fôra intuito do rei de Portugal, mandando o primeiro governador para o Brazil, tirar este paiz da anarchia em que o tinham posto os capitões-móres donatarios : e Thomé de Souza, assumindo as redeas do governo da colonia soube corresponder ás vistas da metropole. Rapidamente realizou-se o que el-rei recommendara em sua carta régia de 7 de

Janeiro de 1459. Para « conservar e ennobrecer as suas terras do Brazil, » a povoação da Bahia de Todos os Santos fez-se « grande e forte » como elle desejava ; deu-se « favor e ajuda » a outras provoações, « cumpriu-se o serviço de Deus, » e centralizou-se a administração com o auxilio de um ouvidor geral, um provedor-mór e um capitão-mór da costa encarregado de defender o littoral. Tanto bastou para que o que era até então amorpho, surgisse como um corpo valido, rijo e cheio de vida. O Brazil teve uma cabeça e essa cabeça offereceu logo sérias resistencias. Todavia, os jesuitas que companharam o primeiro governador em missão espiritual e civilizadora, tendo á frente o nunca assás lembrado Manoel da Nobrega, encontraram difficuldades quasi invenciveis, porque o Reconcavo havia sido viciado pelo celebre Caramurú, o qual, fazendo larga prole entre os indigenas e transigindo com as suas pessimas inclinações, desencadeara nesses barbaros a cobiça e ensinara-lhes o caminho de obterem dos brancos as vantagens sem o troco do serviço. A' vista disto os proprios jesuitas concordaram que se tomassem as primeiras medidas de rigor. Mas isto era o menos, porque os brancos que se tinham aclimatado naquellas regiões, de parceria com os indios, e completamente entregues á mais brutal relaxação, sem exceptuar os mesmos sacerdotes, offereciam o mais repugnante exemplo do quanto póde a luxuria em terras tropicaes. O padre Nobrega, mal encetou sua missão, tratou logo de extirpar da fraca colonia portugueza esse peccado nefando e horroroso. Servo de Deus, o que poderia elle allegar senão que por ali andavam artimanhas do diabo ? Ignorando, com certeza, a influencia das leis mesologicas e outras interferencias de cuja descoberta se orgulha a sciencia moderna, o heroico jesuita atacava o facto como este se lhe mostrava, e, de cruz alçada, ia prégando contra os vicios peccaminosos, ao mesmo tempo que escrevia para Portugal solicitando instantemente a remessa de mulheres brancas, ainda mesmo prostitutas, que se converteriam casando com os degradados. Tudo isto, porém tinha seu destino. Era indispensavel para a constituição do tipo bahiano que se fizesse uma caldeação de raças, de sentimentos e de instinctos, antes que a Bahia conquistasse a sua autonomia. Foram os tupinambás os primeiros a dar seu contigente. O que eram estes indigenas, em materias de amores e artes correlativas, refere-o, com

tintas de um realismo admiravel, Gabriel Soares no seu *Tratado descriptivo*, de modo a não se pôr duvida a parte que tiveram no ensinamento dessas artes ao colono boçal, despedido da metropole e avido de sensações. O capitulo CLVI daquella inestimavel obra indica as loucuras de que seriam capazes esses pobres colonos deante das tupinambás, vergastados pela solidão, pelo clima, por um alimento acre e pelas suggestões de uma vegetação sempre verde e enormemente carregada de resinas aphrodisiacas.

Não tardara unir-se a esse elemento erotico, o forte sensualismo dos africanos. Este importantissimo elemento da nossa colonização impregnou a Bahia, mais do que a qualquer outra região do Brazil, de umas tonalidades originaes de mestiçagem, dignas de serem analysadas ao clarão da critica de um Taine, ou de um Hennequin. A negra mina, carinhosa, intelligente e bella, seduzindo com a formosa carnadura e pelo busto lustroso e esculptural da Venus africana o portuguez libidinoso, não custou a vencer a indigena nesse concurso de procreação. E' verdade que a mulher tupinambá tinha a indolencia das orientaes, o abandono das naturezas morbidas, a molleza, a indecisão, o embalar eterno da rede e o gozo vago, intermittente, quasi indefinivel dos batracios. Enervantes, depravadoras, é bem certo que, se não concorresse a outra mestiçagem, o colono portuguez nunca mais sahiria do tejupar, nem abandonaria a rede para brandir a enxada ou o machado e desbravar a floresta. Mas essa enervação não podia deixar de causar-lhes medo. Os instinctos sabem buscar os seus caminhos. Accresce que a india desconfiada não era capaz de constituir *foyer*. Ao contrario de tudo isto, a negra mina apresentava-se com todas as qualidades para ser uma excellente companheira e uma criada util e fiel. Escrava, resistente a todos os trabalhos, sadia, engenhosa, fina, sagaz, cautelosa, ao mesmo tempo quo nutria um fogo inextinguivel, ella sabia dirigil-o e aproveital-o em beneficio da propria prole. Com semelhantes predicados e nas condições precarias em que no primeiro e segundo seculos se achava o Brazil em materia de bello sexo, era impossivel que a mina não dominasse a situação. E, de feito, em toda parte do paiz onde houve escravatura ella influiu poderosamente sobre o colono e *vaccinou* a familia brazileira.

Podia, portanto, o padre Nobrega bradar quanto quizesse

contra o que reputava « grande mal », escrevendo ao padre mestre Simão Rodrigues que « a gente da terra vivia em peccado mortal e nenhum havia que deixasse de ter muitas negras das quaes se enchiam de filhos » ; a preta mina não recuaria, e, victoriosa, daria tom a essa desenfreada poligamia de que tão incommodado se mostrava o missionario jesuita. Cada vez mais entranhada no seio da familia colonial, a africana, quando não senhora do lar, era a medianeira da cosinha e a providencia dos quartos baixos. Não possuindo força intellectiva para elevar-se sobre a fatalidade da sua raça, ella empregava toda a sua sagacidade effectiva em prender o branco e a sua gente na tepidez do collo macio e acariciador.

Foi nesse regaço, pois, que a Bahia medrou e se desenvolveu. Ahi formou-se a *yayasinha* e embalada na côxa avelludada aprendeu a ser dengosa e a nada fazer. Nesse collo macio lhe ensinaram a ser superticiosa, ao som de cantigas africanas e reminiscencias fetichistas. Foi nessa escola tambem que a menina brazileira aprendeu a ser dissimulada e a enfeitiçar os outros com a sua indolencia tropical. A' negra africana igualmente deve-se a creação do petulante e vicioso *yoyô*. Com ella ensaiou-se o adolescente nas primeiras batalhas do amor. Até o proprio *sinhô velho* deixou-se seduzir pelas suas cautelosas e discretissimas caricias, que a *sinhá da sala* deixava de enxergar talvez preoccupada com os multiplos serviços que a preta lhe prestava, condimentando os acepipes e instruindo-a com a riqueza da culinaria da contra costa.

Nesse aconchego lubrico, apimentado pelos vatapás, pelo dendê, fortalecido, intensificado pelo côco e pelas delicias da moqueca ; enlanguecido pelas cantigas e lundús e por mil outras coisas miudas, que a imaginação da africana levantava, afim de tornar a vida tão acre como ella a sentia nos adustos desertos do continente negro; nesse ninho de volupia gerou-se uma raça de mestiços, eloquente, resonante, apaixonada e um tanto cheia de paradoxos nos costumes, a qual, mestiça no sangue, por sua vez encarregou-se de mestiçar as idéas, os sentimentos e até a politica dos brancos dominadores da terra.

De onde procede o *capadocismo* bahiano senão deste hibrido regaço ?

FELIX PACHECO

Natural de Theresina, Estado do Piauhy, onde nasceu em 1879. Escreveu varios livros de versos *Luar de Amor, Vîa Crucîs, Mors-Amor ;* um estudo notavel sobre a *Regencîa* e varios outros ; mas a sua actividade principal e incessante foi no jornalismo e no *Jornal do Commercio* onde é um dos principaes redactores. Actualmente (1912) é deputado federal.

PUDOR...

Sonhos de louco, sim ; mas que farias
Se eu te pudesse ver a sós e nua,
Como a Grecia vio Diana, que era a lua
A caçar pelo bosque as phantasias ?

Se ao pé das aguas múrmuras e frias,
Na mesma selva onde a arte continúa,
Minha illusão surgisse em face á tua,
Que recanto do corpo occultarias ?

Desnastrando talvez os fios de ouro,
Doce ninho de arrulos e de enleio,
Escondesses o fúlgido thezouro.

Mas o vento protege ao devaneio,
E, se elle se immiscue nesse namoro,
Convem que cada mão resguarde um seio...

ANIMA RERUM

Almas, que sois do corpo ephemeras esposas,
Quintessencias subtis em amphoras de argiila,
Dizei-me, onde ides vós, se a carne se anniquilla
Na eterna escuridão que reina sob as lousas ?

Força monumental, que dentro em mim repousas,
Mysteriosa razão de meu ser que vacilla,
Ascenderás um dia á região mais tranquilla,
Ou ficarás na terra a palpitar nas cousas ?

E' buscal-o na flôr, mãe que perdeste o filho !
Noivo, que a julgas morta e fria, o olhar sem brilho,
Ella vive no céo estrellado e profundo !

Existe em cada pedra a alma de um insensivel.
Homens, temei o mar : o mar é o reino horrivel
Das almas sem amor que andaram pelo mundo !

ESTRANHAS LAGRIMAS

Lagrimas... Noutras epocas verti-as.
Não tinha o olhar enxuto como agora.
Alma, diria então commigo, chora,
Que o pranto afoga e annulla as agonias.

Ah ! quantas vezes, pelas faces frias,
Por mal de meu amor, que se ia embora,
Gotta a gotta rolando, ellas, outrora,
Marcaram noutes e marcaram dias !

Vinham do oceano d'alma immenso e fundo,
Ondas de augustia em suspiroso arranco,
Numa desesperança acerba e louca.

Nos olhos, hoje, as lagrimas estanco.
Rolam porem sem que as descubra o mundo,
Sob a forma de risos, pela bocca.

PANOPLIA AZUL

Artista é o gravador que usa um buril de gemmas,
Na ancia da perfeição que tudo encarne e exprima.
Do esforço pertinaz irrompe a flor da rima,
Desabrochando do sol para ennastrar os poemas.

O arco pagão alcei contra as deusas supremas
E o florete gentil compuz na doce esgrima.
A lança da illusão brandi, que fere e anima
E sobré alfanges de ouro abri soberbos lemmas.

E' o meu trophéo de amor a recordar victorias.
Apollo varonil, cubiçoso de glorias,
Bati-me como um leão, entre beijos e alarmas.

Hoje, tudo passou no sonho incerto e vago ;
Mas junto ao coração, como symbolos, trago,
Numa panoplia azul, essas antigas armas !

NELLA MISERIA

.... Nessun maggior dolore
....
....

ALIGHIERI.

Ah com que dôr acerba recordamos
De outros tempos as galas feiticeiras !
Restam-nos só crepusculos e poeiras...
Vê tu que spectros funebres os ramos !

Roxas perpetuas, tristes como freiras,
Nascem pelos caminhos por que andamos
E nas regiões de horror por onde vamos
Só se escutam corujas agoureiras.

Uma Torre no chão, desfeita em ruina,
Duas sombras estranhas e esquecidas,
Cumprindo na amargura a mesma sina...

Que importa ao mundo vário um sonho morto ?
Unam-se numa só as nossas vidas :
Uma augustia commum vale um conforto.

NOIVOS ETERNOS

Volve as passado o olhar piedoso e triste
E mede a longa estrada percorrida,
Paira no ar um adeus de despedida,
Tudo se foi no turbilhão que viste,

Dolorosa visão, sombra esquecida,
Rolei no mesmo abysmo em que cahiste,
Cobre-me o luto de que te cobriste
E o nosso amôr já se não chama vida,

Palmilharemos ainda outros caminhos,
Povoados de amargores e de espinhos,
Até que a morte nos envolva em goivos.

Nunca explodiram, nunca, os nossos beijos
E essas ancias de amor e esses desejos,
Insatisfeitos, morrerão com os noivos...

KARNAK

Sempre que o meu passado recomponho,
De ti me lembro e do recinto bello
Em que tive o meu lar e abri meu sonho.

Nenhum brazão no portico singelo,
Mas, lá dentro, chimeras e alegria,
Indo e vindo num brando ritornello.

Anteriormente em teu logar havia
Um mattagal cercando humildes choças,
Cheias de agreste e singular poesia,

Demolidas as rusticas palhoças
E desbravado o solo, anniquillou-se
Todo aquelle ar buccolico de roças.

O paganismo primitiva e doce
De teu rosal bravio e das cabanas
Em graça bem cuidada transformou-se.

Eis já de encantos novos te engalanas.
Levantam-se alinhadas as palmeiras
Nobres, altas, nostalgicas, ufanas.

Tudo mãos femininas féiticeiras.
Vão dispondo com arte e com carinho,
Para inveja das outras jardineiras.

Coitada ! ai não pensara em tanto espinho,
Em tanta escuridão, em tanto frio,
Nem que tão cedo abondonasse o ninho !

Era tão bello aquelle sol de estio !
Não pensara que a morte viesse e abrisse
Os braças tão depressa como abriu !

Tudo com archangelica meiguice,
Tudo, tudo vigiava e corrigia.
Nada era feito ali sem que não visse.

A trepadeira florida encobria
O tanque de agnas limpidas e frescas.
Era um perpetuo amanhecer de dia !

Suggestionava historias romanescas,
No vasto parque, entre illusões radiosas,
Desdemonas, Ophelias e Francescas

Erravam como sombras vaporosas.
Sirynge ali fugira as régio Pan,
Corça esquiva entre as arvores umbrosas,

E, emfim, vencendo-a o Deus na fuga vã,
Em verde canna subito mudara
E, ao Deus vencera a sylphide pagã.

O risco de meu pae delineara
Hemicyclos do seixos pequeninos
De uma belleza caprichosa e rara,

Perto vibrava sempre a voz dos sinos
No templo que nasceu junto commigo
E onde escutei primeiro as sacros hymnos.

Volvo atrás do caminho por que sigo
E já nem vejo as torres da alta igreja
Sombras dispersas de meu tempo antigo.

Tudo uma nuvem tragica negreja.
Lá me ficou a melhor parte d'alma
Na tumba maternal, que um anjo beija.

Esse anjo é quem me guarda e quem me ensalma.
Vêde em que trlste symbolo resumo
A minha antiga e constellada calma !

Ah ! como é triste essa espiral de fumo !

Flõr do perdão, Maria ó mãe piedosa,
Guia no val de lagrimas teu filho,
Para que vença a guerra tenebrosa.

Marca-me o verdadeiro e nobre trilho.
A luz divina de teus meigos olhos
Aclare sempre a estrada que palmilho.

A vida é cheia de urzes e de abrolhos.
Não me deixes sangrar no escuro pego.
Accende altos pharoes sobre os escolhos.

Neste oceano trahidor por que navego
Ha vendavaes e perfidas sereias.
Não abandones nunca o pobre cego!

Tu que es divina e tudo, tudo enleias,
Com teu poder angelico e profundo;
Cuja vida resurge em minhas veias

E andas agora em constellado mundo;
Dá que eu não ouça canticos de ondinas,
Manda aquietar-sé o pelago iracundo!

Armem-se em guerra invejas pequeninas:
Toda a miseria humana a mim que importa,
Se tenho a calma e a intrepidez leoninas,

Para vencer a sorte vesga e torta?
Que me unporta o voejar das procellarias,
Se uma santa me alenta e me conforta?

Destino incerto que, nas marchas vârias,
Todos os risos candidos que espalhas
Transmutas logo em maldições nefarias,

Sabei que nesse horror não me amortalhas,
Pois quem nasceu de mãe, que amor fez anjo
Na virtude magnifica sem falhas,

Como essa para quem, na harpa que tanjo,
Com piedade filial e zelo immenso,
Os mais formosos hymnos teço e arranjo,

Nunca nas ancias viverá suspenso.
Na evocacão que faço de seu vulto
Tudo se me restaura e eu me convenço.

Que é della que me vem e de seu culto
O clarão que meu verso enfeixa e encerra
E faz de mim, no meio do tumulto,

O mais feliz dos homeus que ha na terra!

ESPELHOS

Em cada flôr, em cada estrella, em cada
Restea de sol, por toda parte em summa,
De dia, á noite, no ar, no azul, na bruma
Sinto dispersa a formozura amada.

Nas campinas, ao luar, nas ondas, numa
Montanha que, na curva illimitada
Do horizonte, impassivel e calada,
O seu perfil phantastico ergue e apruna ;

Por toda a naturera anda sua alma,
Na tempestade assim como na calma,
Em tudo a vejo, multiplice miragem !

Vivo a fital-a, extatico, de joelhos,
A contemplar de joelhos sua imagem,
Reproduzida por milhões de espelhos !

SUPER OMNIA

I

Salve, graça immortal ! Salve, eterna belleza !
Força viva e pagã, que és a perfeita gloria,
Maravilhosa luz rebrilhando na historia,
Mais alta do que o céo, maior que a natureza !

A submissa legião, que aos teus encantos presa,
Ha millenios perpassa e rola sem memoria,
Leva dentro de si, pela vereda flórea,
Castidades azues e febres de impureza !

O sonho branco e vão, o anceio ardente e forte,
A paixão sem peccado e a lascivia bramante,
Os tímidos e os leões querem todos gozar-te...

Quanta desillusão ! quanta dôr ! quanta morte
E tu, grande e fatal, caminhas para diante,
Castigando e ferindo os mystagogos da arte !

II

Astros, luzi! Deixae vôar no infinito,
Esparsa, a vossa luminosa côma!
Flôres, abrivos. e ide, como o grito
De uma virgem violada, aos céos, aroma!

Auras, cantae um hymno! Eil-a que assoma
A's portas do seu templo de granito!
Deusa, visão, mulher, demonio ou mitho,
Eil-a, a apparição que tudo doma!

Um côro gigantesco, espaço em fóra,
Applaude a formosura resplendente,
Fonte eterna do amor, perpétua aurora!

E a acclamação augmenta, cresce, cresce...
E a suprema belleza, indifferente,
Rindo desse fervor, desapparece!

CADEIRA MARTINS PENA

MARTINS PENA (Luis Carlos) natural do Rio de Janeiro (1815-1848) escreveu comedias de costumes, O *Juiz de paz da roça*, o *Judas em sabado de aleluia*, os *Irmãos das almas*, o *Noviço, os Meirinhos* etc. editadas em um só volume por Mello Moraes e Silvio Romero (Garnier).

I

ARTHUR AZEVEDO

— ARTUR AZEVEDO (1855-1908). Foi, de certo, o maior e mais fertil escritor de teatro que tivemos nos ultimos tempos. Alcançam bem uma centena as numerosas peças comedias, vaúdevilles, originais traduzidas ou parafraseadas que conseguiu fazer representar quasi sempre com extraordinario exito. Apontam-se como principaes ou mais populares as seguintes: *Vespera de Reis*, *Princeza dos Cajueiros*, *Bilontra*, *Badejo*, *Almanjarra*, *Tribofe*, *Cocóta*, *A filha de Maria Angú*, *Amor por anexins*, *Os noivos*, *Abel Helena*, os *Doidos*, *Viajem ao Parnazo.*

Entre as obras mas cuidadas devemos contar os seus versos sempre excelentes (reunidos en publicaçoès postumas) e os seus contos e pequenas historias em prosa e em verso.

Succedeu-lhe na Academia o poeta, e escriptor VICENTE DE CARVALHO, que tambem é membro da Académia Paulista.

MONOLOGO DE SGANARELLO

(MOLIÈRE)

SCENA XVII

SGANARELLO, *só.*

Quer vingar-me o querubim !
Deus lhe dê felicidade !
Com que generosidade
As dôres toma por mim !
A indignação que lhe excita
A minha enorme desgraça
O quanto é mister que eu faça

Claramente me suscita.
De similhantes ataques,
De tão pezadas afrontas
Não pedem severas contas
Só medrozos e basbaques.
Com toda a rezolução
Eu vou... vou já !... neste instante
Mostrar áquelle tunante
Que não sou nenhum poltrão !
Elle não ha de voltar,
Nem um minuto sequer,
A cobiçar a mulher
Do proximo !
(*Dá alguns passos e volta*).
Tem-me cara o rapazote
De muito dezabuzado...
Seu Sganarello, cuidado :
Vai com muita sede ao pote !
Teria graça que eu fosse
Expor-me a pancadaria
De criar bicho ! — seria
Em cima de quéda, couce !
Não considero sensato
O homem metido a valente,
E aprecio enormemente
O cidadão que é pacato.
Com medo de ser batido,
Fujo sempre de bater ;
Foi virtude, é, e ha de ser
Ter um genio comdido.
Mas a minha honra exije
Num pronto me dezagrave
De um dezaforo tão grave,
Que tanto e tanto me aflije !
Ora, faça-me favor !
Exija quanto entender,
Que lhe hei de sempre fazer
Ouvidos de mercador.
Si eu provocar uma briga,
E um ferro bem afiado
Traspassar de lado a lado
A minha pobre bariga ;
Si eu morto cair, em suma,
De sangue todo coberto,
A minha honra por certo
Não lucrará couza alguma !
Em pavorozo ataúde

Ninguem por gosto se esconde,
Pois é logarinho aonde
Não vai quem preza a saude.
Antes marido enganado
Pela mulher, que defunto !
Que mal isto faz ? pergunto ;
Fica-se torto ou aleijado ?
Oh ! maldita a vez primeira
Em que, por extravagancia,
Ligaram tanta importancia
A similhante frioleira !
A honra do homem mais lizo
(Como me prezo de ser)
Depende do proceder
De uma mulher sem juizo !
Si todo o crime é pessoal,
Como o direito apregoa,
O crime de outra pessoa
Não me póde deixar mal.
Tenho das ações alheias
A responsabilidade ;
Si a minha cara metade
Faz por aï couzas feias, —
Contra o meu nome, que é meu,
O mundo inteiro arremete ;
Ella as asneiras comete,
E o asno devo ser eu !
Que abuzo ! que crueldade !
Deviam já decretar
Leis que fizessem cessar
Tão medonha iniquidade !
Aos pobres homens não bastam
Tantos outros acidentes
Incomodos e frequentes
Com que os mizeros se agastam ?
As molestias, as demandas,
E o mais que apoquenta um homem,
A paciencia lhe consomem,
Fazem-no andar em bolandas,
Sem precizar que se rale,
Se amofine, se consuma,
E morra por amor de uma
Couza que de nada vale !
Adeus ! coração á larga,
Que um homem tudo suporta !
A mim bem pouco me importa
Que o mundo me faça carga !

Quem errou ? Minha mulher :
Ella que chore e se aflija ;
Eu, que tenho uma alma rija,
Não me incomódo sequer !
Demais, o cazo é comum,
E a lembrança me alivia
De que desta confraria
Eu não sou numero um.
Ha muita gente bem posta,
E de gravata lavada,
Que se cala e não faz nada
Em vendo mouros na costa...
Bravatas e valentias
Arrotar não é prudente
Por amor de um incidente
Que se dá todos os dias.
Si me não dezagravar,
Tolo, sei, me chamarão :
Não tolo, mas toleirão
Serei, si a pele ariscar !
(*Levando a mão ao peito.*)
Mas sinto... sinto que a bilis
No meu peito se derrama,
E uma voz cá dentro clama :
« Animo ! vai ! não vaciles ! »
Pois não quero vacillar !
Sim, não quero ser poltrão !
Hei de daquelle ladrão
Vingar-me ! E, p'ra começar,
Vou — é cazo decidido ! —
Vou pol-o de caza á banda,
Dizendo a todos que elle anda
Com minha mulher metido !

O ORACULO

COMEDIA EM 1 ATO

PERSONAJENS

HELENA, *viuva.*
NELSON, *advogado.*
LUDGERO, *solteirão.*
JOSÉ, *creado de Nelson.*

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro. Atualidade.

ATO UNICO

Sala e ao mesmo tempo consultorio do Dr. Nelson. Porta ao fundo. Duas janelas á esquerda e duas portas á direita. Estantes de livros, consolos, etc. A' direita, perto da porta do 1º plano, meza carregada de livros, papeis, pena, timpano tinteiro, uma caixa de charutos, etc. Perto da meza, quasi ao centro, uma poltrona.

CENA I

JOSÉ. — *Ao levantar o pano, José está refestelado na poltrona com um espanador na mão, a saborear um charuto.* — Digam lá o que disserem ; não ha vida melhor que a de creado de um advogado rico e sem causas. Passo os dias n'uma beatitude invejavel, sem ter absolutamente nada que fazer, comendo e bebendo do melhor, e fumando magnificos charutos ! O amo nunca está em casa e eu faço de conta, que tudo isto é nosso. Permita Deus que tão cedo não acabem os seus amores com a tal viuva das Laranjeiras. Em quanto aquillo durar, durará tambem a minha beatitude. E porque não ha de durar? A viuva é bonita a valer, e não deve custar grandes sacrificios por ser senhora abonada. (*Sinal de dinheiro*). E' exquisito que não se casem... ella viuva... elle solteiro... Mas Deus me livre de se lembrarem disso. Entrando uma mulher n'esta casa, adeus beatitude ! (*Toque de campainha. José levanta-se.*) Quem será ? Algum cliente ! Duvido ! seria o mesmo que aparecer uma violeta em Dezembro. (*Indo espiar pelo buraco da fechadura da porta do fundo.*) Mas não me engano, é ella... é a viuva das Laranjeiras ! Ora esta ! é a primeira vez que aqui vem ! Dar-se-ha caso que ... (*Novo toque de campainha.*) Lá vou ! lá vou ! (*Abre a porta. Entra Helena elegantemente vestida. Toilete escura.*)

CENA II

José e Helena

JOSÉ, *inclinando-se diante de Helena.* — Minha senhora...

HELENA. — Bôa tarde. (*Procura alguem com os olhos.*)

JOSÉ. — Elle não está em casa, minha senhora.

HELENA. — Demora-se ?

JOSÉ. — Não, sei, porque não tem horas certas.

HELENA *encarando-o.* — Conhece-me ?

JOSÉ. — Pois não' minha senhora. Mais de uma vez tive a honra de ir a casa de V. Ex., a mandado do s'or doutor.

HELENA. — Sim... é verdade...

JOSÉ. — E, quando assim não fosse, bastava todos os dias ver o retrato de V. Ex. á cabeceira do leito do s'or doutor... (*Apontando para a porta da direita 1º plano.*) ali n'aquelle quarto.

HELENA. — O meu retrato ?

JOSÉ. — Está parecidissimo. Só lhe falta falar.

HELENA. — Elle saiu ha muito tempo ?

JOSÉ. — Logo depois do almoço.

HELENA. — Tem estado doente ?

JOSÉ. — Não, minha senhora ; está de perfeita saúde.

HELENA, *arrebatadamente.* — Então porque ha quatro dias não me aparece ?

JOSÉ. — Não sei, minha senhora.

HELENA. — Está visto... não póde saber... não é da sua conta... Mas como estou nervoza e ajitada !

JOSÉ, *oferecendo-lhe a poltrona.* — Porque não se senta, minha senhora ? (*Helena senta-se.*) V. Ex. quer que lhe vá buscar um copo d'agua com um pouco de assucar e uma gota de agua de flôr de laranja ?

HELENA. — Para quê ?

JOSÉ. — Como V. Ex. disse que estava nervosa...

HELENA. — Pois sim, aceito. (*José inclina-se e sai. Helena ergue-se e percorre a cena.*) Não ha que ver : está farto de mim ! Desfez-se o encanto ! Tudo acabou. Já o esperava ; ha muitos mezes noto a mudança do seu entusiasmo de outr'ora. Melhor seria que nos houvessemos casado. E dizer que fui eu que o não quiz ! Dei-me tão mal com o casamento, que não me sorriu experimental-o de novo. Era bem independente para me não importar com o que dissessem. (*Senta-se e ergue-se logo em seguida, cada vez mais agitada.*) Mas não! é impossivel que Nelson seja tão ingrato... Ha tres anos pertenço-lhe, e nunca tive outro amor, nunca pensei n'outro homem. (*José volta, trasendo um copo d'agua n'uma salva de prata que apresenta a Helena. Ella bebe alguns goles.*) Obrigada. (*José vae collocar a salva com o copo sobre um consolo.*) Diga-me, José. (*Elle aproxima-se.*) Chama-se José, não é assim ?

JOSÉ. — José Tralhota, para servir a V. Ex.

HELENA. — Diga-me... (*Arrependendo-se.*) Não, não me diga nada ! (*Aparte.*) Que ia eu fazer ? Um criado !

JOSÉ. — V. Ex. póde confiar absolutamente em mim. Ha dois anos estou ao serviço de s'or doutor Nelson e elle aprecia muito a minha discreção.

HELENA. — Não ; não seria correto interrogal-o. Não quero que o seu amo possa acusar-me da mais leve incorreção.

JOSÉ. — Sou um simples criado de servir mas... possúo alguma penetração.

HELENA. — Que tenho eu com isso ?

JOSÉ. — Julgo ser agradavel a V. Ex. afiançando-lhe que nada, absolutamente nada observei nesta casa que pudesse causar a V. Ex. a menor inquietação.

HELENA. — Bom.

JOSÉ. — Entretando, se V. Ex. quizer, observarei d'aqui em diante ainda com mais cuidado, e comunicarei a V. Ex.

HELENA. — Cale-se ! Por quem me toma ? Espial-o ? Nunca! (*Toque de campainha Sobresaltada.*) Será elle ?

JOSÉ. — Não, minha senhora... O toque de campainha do s'or doutor é mais enerjico, mais de dono da casa.

HELENA. — Então algum cliente ?

JOSÉ. — Seria um fenomeno, mas... quem sabe ? Tudo acontece. Não calçaram a rua do Ouvidor ? (*Indo ver pelo buraco da fechadara.*) Não, senhora, não é um fenomeno... (*Decendo.*) E' um cavalheiro do meu conhecimento que nunca vi cá em casa : o comendador Ludgero Pontes.

HELENA. — Ludgero Pontes ? Não quero que me veja ! E' um velho amigo de minha familia.

JOSÉ, *indo abrir a porta do quarto da direita 1º plano.* — Queira V. Ex. entrar para cá, emquanto o despacho.

HELENA, *hesitando.* — No quarto delle ... ?

JOSÉ, *quazi malicioso,* — Que tem isso ? V. Ex. já lá está em fotographia. O orijinal não será de mais.

HELENA, *ao entrar.* — Se elle aparecer, não lhe diga que estou no seu quarto.

JOSÉ. — Sim, minha senhora.

HELENA. — Quero causar-lhe uma surpresa.

JOSÉ. — E muito agradavel. (*Helena sae.*) Parece-me que a agua de flôr de laranja lhe fez bem. (*Novo toque de campainha.*) Lá vou ! lá vou ! (*Vae abrir a porta do fundo.*)

CENA III

JOSÉ E LUDGERO

JOSÉ, *inclinando-se.* — Queira entrar, s'or comendador Ludgero Pontes. (*Entra Ludgero, homem quazi septuajenario, mas bem conservado, e elegante. Cabelos brancos. Monoculo. Polainas. Veste um fato claro, da ultima moda, um pouco improprio, talvez, da sua edade. Traz um pacote na mão.*)

LUDGERO. — Então você conhece-me ?

JOSE. — Se o conheço ! Olhe bem para mim, s'or comendador; sou o José, o José Tralhota, que V. Ex. trouxe de Lisboa.

LUDGERO, *assestando o monoculo.* — Ah ! sim... o meu creado de quarto do Hotel Central. Eras tão esperto, tão vivo, tão intelijente, que rezolvi trazer-te comigo quando sai de Lisboa... Chegando, porém, ao Rio de Janeiro, arrependi-me, e puz-te no olho da rua. (*Senta-se na poltrona.*)

JOSÉ. — Ainda estou por saber o motivo dessa desgraça.

LUDGERO. — Convenci-me de que tinhas espirito de mais par um simples creado... Os Scapins e Frontins só me agradam na Comédie ou no Odéon. Fóra d'ali acho-os detestaveis. Entretanto, ao saires de minha casa, poderias aspirar a coisa melhor... Porque não te arranjaste no comercio ?

JOSÉ. — Não sou ambicioso... agrada-me esta situação... considero-me colocado melhor que o meu amo.

LUDGERO. — E's filosofo... e mandrião.

JOSÉ. — Mais mandrião que filosofo.

LUDGERO. — Estás então ao serviço do Dr. Nelson ?

JOSÉ. — Sim, senhor, e afianço-lhe que o Dr. Nelson está satisfeito.

LUDGERO. — Se elle fosse tão espirituoso como tu, não te poderia aturar.

JOSÉ. — Nem eu o aturaria.

LUDGERO. — Elle fuma charutos tão bons como os que eu fumava ?

JOSÉ. — Os charutos que elle fuma não se comparam com os de V. Ex. Os de V. Ex. eram bahianos ; os delle são de Havana.

LUDGERO. — Tanto melhor para ti. Eu gosto dos meus, e não quero de outros. (*Mostrando o pacote.*) Ainda agora aqui trago provizão para um mez. (*Erguendo-se.*) Vae pôr isto sobre um movel qualquer. (*José coloca o pacote sobre um consolo.*) Pelo que vejo teu amo não está em casa ?

JOSÉ. — Não, senhor.

LUDGERO. — Se é bem creado, não deve tardar. Escreveu-me, pedindo-me que désse um pulo até cá quando viesse á cidade, porque desejava fazer-me uma consulta.

JOSÉ. — Logo vi que V. Ex. vinha para ser consultado. Para consultar ainda está para ser o primeiro que aqui venha.

LUDGERO. — Respondi-lhe disendo que hoje ás duas horas o procuraria. (*Consultando o relojio.*) Já são duas e cinco.

CENA IV

OS MESMOS, NELSON, DEPOIS HELENA, *escondida.*

NELSON, *entrando do fundo.* — O seu relojio está cinco minutos adiantado, comendador. O meu está certo pelo balão.

HELENA, *entreabrindo a porta, a parte.* — E' a sua voz ! é elle !...

LUDGERO. — Mais minutos, menos minutos não quer dizer nada. (*Depois de apertar a mão a Nelson.*) Estou ao seu dispor.

NELSON, *a José.* — Vá lá para dentro. (*José sai D. 2º plano, olhando para a porta do quarto onde Helena está escondida ; leva a salva e o copo.*) Desculpe-me tel-o incomodado, mas o senhor mora tão lonje, na Gavea... para lá ir é preciso perder um dia inteiro... por isso pedi-lhe que quando viesse á cidade...

LUDGERO. — Fez muito bem, não tem de se desculpar. Sou um solteirão ocioso. Vivo dos rendimentos que escaparam á minha mo-

cidade tempestuosa, e tornei-me um contemplativo, sem outra ocupação que não seja fumar e ler Balzac.

NELSON, *oferecendo-lhe uma cadeira perto da meza.* — E' o seu auctor favorito ?

LUDGERO. — O favorito, não : o unico. Balzac é suficiente para a existencia de um leitor. Na sua obra estão compendiados, não só toda a sociedade moderna como todo o genero humano. Tenho relido aquelles cem volumes não sei quantas vezes. Sempre que chego ao ultimo, sinto saudades do primeiro, e atiro-me a elle com curiozidade e sofreguidão. Bastaram a Balzac vinte anos para escrever tudo aquillo ; aos simples mortaes como nós, meu caro Nelson, são necessarios cincoenta para ler aquillo tudo. Mas vamos lá, que dezeja de mim ? (*Sentam-se, devendo Nelson ficar o mais perto possivel de Helena, que continua escondida.*)

NELSON. — Eu sei que o comendador é um dos brazileiros que mais têm viajado... sei que na sua mocidade, que o senhor é o primeiro a classificar de tempestuosa, teve um numero consideravel de aventuras galantes, e é considerado um oraculo em questões de amor. Sei tambem que muitos rapases inexperientes recorreram aos seus conselhos, e taes e tão discretos foram estes, que elles alcançaram tudo quanto pretendiam. Pois bem : fiado na velha amisade que o ligou a meu pai, e na bondade com que sempre me tratou, quero tambem eu consultal-o sobre um caso melindroso.

LUDGERO. — Um caso de amor ?

NELSON. — Sim, um caso de amor.

LUDGERO. — Exajerou quem lhe disse que sou um oraculo. Alguma experiencia, isso tenho, porque toda a minha vida recende a « odor di femina ». As mulheres me custaram muito para que não me deixassem pelo menos o orgulho e a consolação de as ficar conhecendo... Entretanto, não foram ellas, foi esse grande psicologo, Balzac, quem fez de mim, em questões de amôr, não um oraculo, mas um conselheiro modesto embora avizado. Exponha-me o seu caso.

NELSON. — Mas de antemão perdôe a massada.

LUDGERO. — Não é massada. Estes assuntos para mim têm mais interesse que a navegação aerea e a telegrafia sem fios.

NELSON. — Então um charutinho, para me ouvir com mais paciencia. (*Oferece-lhe a caixa de charutos.*)

LUDGERO, *tirando um charuto.* — Aceito, mesmo porque sei que só fuma havanos.

NELSON. — Sabe ?

LUDGERO. — Pelo seu creado.

NELSON. — Ah ! (*Acendem os charutos e fumam.*)

LUDGERO. — Vamos lá.

NELSON. — Ha tres anos sou o amante de uma senhora viuva, distinta, bem educada. Quero acabar com essa ligação. Que devo fazer ?

HELENA, *aparte*. — Oh !

LUDGERO. — E' a primeira vez que sou consultado neste sentido. Ordinariamente recorrem á minha experiencia os que desejam, não acabar, mas principiar. — E' indispensavel, antes de mais nada, conhecer o motivo que o desgostou. Tem ciumes della ?

NELSON. — Ciumes ? Oh ! se a conhecesse ! E' um modelo de meiguice, fidelidade e constancia.

LUDGERO. — Existe alguma particularidade que o afaste desse modelo ?... quero dizer : alguma enfermidade... algum defeito fizico... por exemplo o mau halito ?

NELSON. — Por amor de Deus ! E' uma mulher sadia, limpa, cheiroza !

LUDGERO. — Então é feia ?

NELSON. — Feia ? Uma das caras mais bonitas do Rio de Janeiro.

LUDGERO. — Tem mau genio ?

NELSON. — Uma pombinha sem fel.

LUDGERO. — Então é tola, vaidosa, presumida, afetada, asneirona ?...

NELSON, *interrompendo-o*. — Nada disso. E' uma mulher de espirito e, como já lhe disse, perfeitamente educada.

LUDGERO. — E' devota ? Anda metida nas egrejas ? Passa obras esquecidas a rezar diante de um oratorio ?

NELSON. — Apenas vae ouvir missa aos domingos.

LUDGERO. — Talvez abuse do piano, ou canté desafinado...

NELSON. — Não canta. Toca piano mas não abusa. Digo-lhe mais, é uma bôa interprete de Chopin.

LUDGERO. — O senhor gosta de outra mulher ?

NELSON. — Juro-lhe que não.

LUDGERO. — Bom. Já sei o que isso é. O meu amigo aborreceu-se della, porque não lhe descobriu defeitos. E' bôa de mais.

NELSON. — Quem sabe ?

HELENA, *aparte*. — Oh !

NELSON. — O caso é que esta ligação já durou mais tempo do que devia. Urje acabar com ella. A viuva tem uma filhinha que ainda está na edade em que se olha sem se ver, mas a menina crece a olhos vistos, e é conveniente fazer com que mais tarde não obrigue a mãi a corar.

LUDGERO. — Isso agora é um pouco de hipocrisia. Que lhe importaria a filha se o senhor gostasse devéras da mãi ? O amor não conhece escrupulos nem conveniencias.

NELSON. — Demais, sou moço... tenho um grande horisonte deante mim... enceto agora a minha carreira de advogado... Esta ligação póde prejudicar seriamente o meu futuro.

LUDGERO. — Vá por ai. O que o inquieta é o seu futuro, e não da menina. Mas diga-me : tem certesa, certesa absoluta de que essa mulher possue efetivamente todas as perfeições ?

NELSON. — Se não é a mais perfeita, é a menos imperfeita que ainda conheci.

LUDGERO. — Cuidado, meu amigo ! Muitas vezes tem a gente certesa de uma coisa, e a coisa é outra, muito diversa. Por exemplo: este charuto, que o senhor pagou como sendo de Havana, é um riograndense que não troco pelo peor dos meus bahianos. (*Levanta-se e vai atirar o charuto pela janela.*)

NELSON, *erguendo-se.* — Pois olhe, paguei-o bem caro.

LUDGERO. — E as mulheres enganam mais facilmente que os charutos.

NELSON. — Afirmo-lhe que a mulher de quem se trata é excepcional.

LUDGERO. — E o senhor quer se ver livre della ?

NELSON. — Quero !

LUDGERO. — E a sua resolução é inabalavel ?

NELSON. — Inabalavel.

LUDGERO. — Que exquisitice ! Emfim, só ha um meio de conseguir o que deseja... um meio violento, mas unico.

NELSON. — Qual ?

LUDGERO. — Suma-se ! Dezapareça !

NELSON. — Ella irá procurar-me onde quer que eu vá.

LUDGERO. — Bôa duvida ; mas faça-se invisivel, meta-se no mato e volte ao cabo de oito dias. Naturalmente ella aparece e pergunta em termos asperos, ou sentidos, o motivo do seu procedimento. Muna-se então de um pouco de corajem, e responda o seguinte : « A' vista de um ato que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de comum entre nós. Não me peça explicações : meta a mão na conciencia, e meça a extenção do meu resentimento. »

NELSON. — E se ella aparecer antes que eu desapareça ? Ha quatro dias não a procuro. Espero que de um momento para outro surja por ai. Admira-me até que ainda não tivesse vindo

LUDGERO. — Ella não lhe escreveu ?

NELSON. — Não ha nada neste mundo, que a obrigue a escrever uma carta nem mesmo um simples bilhete ao seu amante. E' um sistema que adotou e ao qual não cede, haja o que houver.

LUDGERO. — Decididamente essa mulher é uma fenix. Eu, no seu caso, metia-a n'uma redoma.

NELSON. — Mas diga-me... se ella aparecer ?

LUDGERO. — Atire-lhe a tal frase : « A' vista de um fato... »

NELSON, *interrompendo-o.* — Mas que fato ? Pois não lhe disse já que ella é um modelo de fidelidade ?

LUGDERO, *sorrindo.* — Meu joven amigo, devo parecer-lhe implacavel para com o belo sexo ; mas creia : não ha mulher, por mais virtuosa, por mais amante, que não tenha alguma coisa de que a acuse a conciencia. A sua bela viuva, em que pese ás aparencias não deve, não póde escapar á lei comum. Desde que o senhor se refira positivamente, categoricamente a um fato, embora não de-

clare que fato seja, ella ficará persuadida de que o seu amante veio ao conhecimento de alguma coisa que se passou, e a pobresinha julgava encoberta no véo de impenetravel misterio.

NELSON. —Mas quando mesmo ella tenha algum pecadilho na conciencia (juro-lhe que o não tem), com certesa protestará enerjicamente e exijirá que eu ponha os pontos nos ii ; ha de querer que eu declare a que fato aludo, e... vamos e venhamos! como acusal-a sem consentir que ella se defenda ?

LUDGERO. —Ah! meu doutor! se pretende aplicar rasões juridicas ao caso, está bem arranjado! A jurisprudencia do amor é absurda. Acuse, retire-se, e não entre em explicações. Afianço-lhe que o exito é seguro, tanto mais — perdõe-me este pequenino ataque ao seu amor proprio... — tanto mais que receio seja ella tão inocente como os seus charutos são de Havana. (*Indo buscar o chapeo e a bengada.*) E com esta, adeus ! siga o meu conselho e dê-me noticias suas. (*Estende a mão.*)

NELSON, *apertando-lh'a.* — Adeus, comendador, e muito obrigado. Vou acompanhal-o até a escada.

LUDGERO. — Por quem é, não se incomode.

NELSON. — Ora essa é bôa ! (*Saem ambos pela porta do fundo.*)

HELENA, *vindo á cena.* — Agora nós !... E' precizo que elle não me veja... Quero mostrar a esses senhores que tambem eu li a *Comedia Humana.* (*Esconde-se atraz de uma das portas do fundo.*)

NELSON, *no corredor.* — Adeus, comendador, e ainda uma vez obrigado ! (*Volta sem ver Helena, e esta sae rapidamente pela porta do fundo.*)

CENA V

NELSON, *depois* JOSÉ

NELSON. — «A' vista de um fato que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de comum entre nós ! Não me peça explicações : meta a mão na conciencia e meça a extenção do meu resentimento!» Assim, sosinho, sem ella diante de mim, é facil ; mas dizer coisas destas a uma senhora de quem não se suspeita... Sim, se realmente ?... Qual ! Póde lá ser! Decidamente ha de faltar-me o animo. (*Com uma idéa.*) Se eu lhe escrevesse? o efeito seria o mesmo. (*Senta-se á meza, dispondo-se para escrever e toca um timpano. Molha a pena, prepara o papel, etc. Entra José.*)

NELSON. — Ninguem me procurou emquanto estive fóra ?

JOSÉ, *depois de lançar uma olhadela á porta do quarto.* — Ninguem !

NELSON. — Feche aquella porta. (*Aponta para o fundo.*)

JOSÉ, *depois de fechar a porta reparando no pacote que o comendador deixou ficar.* — Oh ! o s'or comendador deixou ficar aqui os charutos.

NELSON. — Como sabe que são charutos ?

JOSÉ. — Elle disse-me.

NELSON. — Conhecem-se ?

JOSÉ. — Pois se foi elle quem me trouxe de Lisboa.

NELSON. — E' um bom tipo.

JOSÉ. — Magnifico.

NELSON. — E atirado ás mulheres, hein ?

JOSÉ. — Fazia delle gato-sapato.

NELSON. — Devéras ?

JOSÉ. — E foi uma dellas que o fez comendador.

NELSON. — Como assim ?

JOSÉ. — Foi a condição que impoz aos seus favores. Parece-me estar ainda a ouvil-a: «Meu Ludgerosinho, emquanto não fôres comendador não serei tua !» D'ali a quinze dias elle tinha a comenda de Christo.

NELSON. — Bom. Basta de dar á lingua. Veja se o apanha no largo da Carioca. Provavelmente foi tomar o bonde da Gavea. Esses charutos devem fazer-lhe falta.

JOSÉ. — E' já. (*Vae abrir a porta do fundo.*)

NELSON. — Por ahi não. Vá pela porta da sala de jantar. (*José sae pela direita 2º plano.*)

CENA VI

NELSON, *depois* HELENA

NELSON, *tomando a pena e escrevendo.* — « Minha senhora, á vista de um fato... (*Toque de campainha.*) Deve ser o comendador que vem buscar os charutos... E eu que lh'os mandei levar ! (*Levanta-se e vae abrir a porta. Entra Helena.*) Helena !

HELENA, *com impeto.* — Meu Nelson, meu amor, que quer isto dizer ? Ha quatro dias não me appareces! E' a primeira vez, em tres anos, que a tua ausencia foi tão prolongada!... Dize... que tens tu ?... que te fiz eu ?... porque me recebes com tanta frieza ?... que se passou ?... disseram-te mal de mim ?... fui vitima de alguma intriga ?... porque te calas ?... porque me repeles ?... Jã me não amas ? Dize ! (*Pauza.*) Este silencio... (*Com um grito.*) Ah ! tudo adivinho ! amas outra !...

NELSON, *com um grande esforço.* — A' vista de um fato que chegou ao meu conhecimento, nada mais póde haver de comum entre nós.

HELENA. — Que fato ?

NELSON. — Não me peça explicações.

HELENA. — Tenho, me parece, o direito não de pedil-as, mas de exijil-as.

NELSON. — Meta a mão na conciencia, e meça a extensão do meu resentimento. (*Afasta-se.*)

HELENA. — Estou perdida ! O mizeravel não guardou segredo ! (*Cae sentada n'uma cadeira, e cobre o rosto com as mãos.*)

NELSON, *com um sobresalto.* — O miseravel ? ! Que miseravel ? !

HELENA. — Bem sabes quem é, pois vejo que nada ignoras. (*Erguendo-se.*) Tens razão, Nelson : nada mais póde haver de comum entre nós. Apreeio e respeito a delicadesa dos teus sentimentos. (*Dirije-se para a porta do fundo.*)

NELSON. — Ouve, Helena !

HELENA. — Nada mais quero ouvir. Peço-te como um ultimo favor, que me não insultes. Eu estava na doce persuação de que tudo ignorarias, de que jamais virias ao conhecimento de uma fraquesa que tão desgraçada me faz, porque eava um abismo entre nós Vejo que o infame foi indiscreto e fez chegar aos teus ouvidos a noticia de uma vergonhosa aventura a que fui arrastada n'um momento de desvario, e da qual me arrependi amargamente. Que fatalidade ! (*Finje que chora e soluça.*) Oh ! eu devia ter advinhado que tudo sabias... A tua ausencia foi significativa, e eu, louca, na suposição estupida de que poderia esconder a minha ignominia ! (*Com um soluço.*) Adeus !

NELSON. — Mas vem cá... quero saber...

HELENA. — Saber o que, se tudo sabes ? Que resultaria de qualquer explicação entre nós dois ? O teu perdão ?... Oh, não ! não me perdoes, Nelson, porque o teu perdão deporia contra o teu carater de homem de bem ! (*Com outro soluço.*) Adeus ! (*Encaminha-se para a porta.*)

NELSON, *tomando-lhe a passajem.* — Já te disse que quero saber...

HELENA. — Se alguma coisa queres saber que não saibas, sabe que foi a tua frieza, o teu desprendimento, o pouco caso com que afinal começaste a tratar-me, que me determinaram a dar o máu passo que dei, e que tantas lagrimas me vae custar. Tu nunca me comprehendeste... nunca estimaste o incomparavel tezouro que havia aqui. (*Bate no peito.*)

NELSON, *enfurecido.* — Então era certo ? Pertenceste a outro homem ?

HELENA, *com doçura.* — Se já tão fria, tão tranquilamente m'o disseste, porque o repetes agora com tanta vehemencia ? Não fiquemos irritados um contra o outro... separemo-nos como dois bons amigos... com um aperto de mão. (*Emquanto lhe aperta a mão.*) Adeus ! lembra-te sempre da infeliz Helena, que te ama ainda como sempre te amou, mas não procures nunca mais tornar a vel-a : não é digna de ti. (*Aproximando-se mais de Nelson sem lhe largar a mão.*) Se algum dia te recordares com pena da nossa ventura passada, console-te a certeza de que a minha vida vae ser de agora em diante um inferno de remorsos e saudades. Adeus para sempre !

NELSON, *enlaçando-a.* — Não sairás d'aqui sem me dizer o nome desse homem !

HELENA, *tranquilamente.* — Pois se o sabes...

NELSON, *furiozo.* — Não sei ! Queria experimentar-te... e não imajinava...

HELENA, *fujindo-lhe dos braços.* — Experimentar-me ! Não compreendo ! Se de nada sabias, como e porque me lançaste em rosto a minha culpa ? E culpa foi ? pergunto agora. Tens acaso mais direito sobre mim que qualquer outro homem ? Não sou eu livre como os passaros ? Não recusei a mão de esposo que me ofereceste ? Sabes tu se nesse homem encontrei mais solicitude, mais carinho, mais amor do que em ti ? Quem é aqui o credor ? Que me déste em troca do quanto te dei ? Por ti segreguei-me da sociedade, sacrifiquei, talvez, o futuro de minha filha, enterrei a minha mocidade, porque imajinei que o teu amor compensasse tudo isso ! Qual foi a compensação ? Esse ardil infame de inventar um homem ! Pois bem, Nelson, esse homem existe e nunca saberás quem é ! Adeus (*Dirije-se para o fundo.*)

NELSON, *agarrando-a.* — Helena ! Helena ! dize-me o nome do teu amante !

HELENA. — Cala-te ! Não deças mais !

NELSON, *frenetico e apaixonado.* — Deço ! deço ! quero decer, decer muito, com tanto que te encontre lá embaixo !... Faze de mim o juizo que quizeres... despreza-me como ao mais abjecto dos homens... mas essa terrivel confissão fez com que o meu amor extinto despertasse mais violento, mais impetuoso que nunca !

HELENA, *tentando desenvencilhar-se dos braços de Nelson.* — Deixa-me ! deixa-me.

NELSON. — Ao meu amor faltou isto — o ciume ! Eu amo-te ! mais do que te amei, porque nunca me pareceste mais bela, nunca me sedusiste assim !

HELENA. — Não ! Deixa-me ! Não sou digna de ti !

NELSON. — Cala-te, meu amor, minha amante, minha doce Helena ! Perdôo-te ! Amo-te ! Adoro-te !

HELENA. — Se realmente me amas, se me adoras, então és tu que não és digno de mim ! (*Desprende-se dos braços delle e corre para a porta do fundo.*)

NELSON, *indo buscal-a.* — Vem cá... Ouve... Não sou eu que te perdôo... és tu que me perdôas a mim, porque tens razão : o indigno sou eu : (*Helena finje que chora.*) Não chores... senta-te aqui... ao pé de mim... e conversemos tranquilamente. (*Fal-a sentar-se na poltrona, e senta-se n'uma cadeira.*)

HELENA, *enxugando as lagrimas finjidas.* — Nada disto suceDeria se nos tivessemos casado.

NELSON. — Tu não quizeste...

HELENA. — Se eu fosse tua mulher, não te enganaria...

NELSON. — Ainda estás em tempo de o ser.

HELENA. — Oh ! Nelson !

NELSON. — Amo-te ! Amas-me ! Que nos importa o resto ?

HELENA. — Não, tu não me pódes amar como outr'ora...

NELSON. — Amo-te com mais paixão, com mais fogo ! (*Enche-a de beijos ; entra José e cobre os olhos com as mãos.*)

CENA VII

NELSON, HELENA, JOSÉ QUE LOGO SAI

JOSÉ. — Ah !

NELSON E HELENA. — Ah !

NELSON, *erguendo-se.* — Que é ? Tire as mãos dos olhos

JOSÉ. — Não encontrei o comendador no largo da Carioca. Voltei com os charutos.

NELSON. — Pois guardes-os lá dentro. Logo á tardinha irá leval-os á Gavea.

JOSÉ, *a parte.* — Um passeio á Gavea ! oh, beatitude !... (*Sae pela direita, 2º plano, Nelson volta a sentar-se onde estava ao lado de Helena.*)

HELENA. — Queres então que eu seja tua mulher ?

NELSON. — Esse é o unico meio de sermos felizes ; essa é a maior prova de amor que podemos dar um ao outro.

HELENA. — Imponho apenas uma condição.

NELSON. — Dize.

HELENA. — Jamais, e sob pretexto algum me pedirás explicações sobre o passado... nenhum nome procurarás saber...

NELSON. — Persistes então em me ocultar...

HELENA, *erguendo-se.* — Persisto.

NELSON, *erguendo-se.* — Seja !

CENA VIII

NELSON, HELENA, LUDGERO

LUDGERO, *entrando.* — Com licença. Deixei ficar aqui os meus charutos. (*Venda Helena, sorpreso.*) Oh ! a senhora D. Helena aqui !

NELSON. — Conhecem-se ?

HELENA. — Ha muitos anos... o senhor comendador foi muito amigo de meu pae.

NELSON. — E tambem do meu. Que coincidencia !

LUDGERO. — Coincidencia porque ?

NELSON. — Porque somos noivos.

LUDGERO. — Noivos ?

HELENA. — Acabámos de ajustar o nosso cazamento.

LUDGERO. — Parabens, muitos parabens... Mas os meus charutos ? Tenho um bonde d'aqui a meia hora.

NELSON. — Vou buscal-os. Estão com o creado. (*Sae pela direita 2º plano.*)

CENA IX

HELENA, LUDGERO, *depois* NELSON E JOSÉ

HELENA, — Aí está em que deram os seus conselhos, senhor oraculo.

LUDGERO. — Os meus conselhos ?

HELENA. — Eu sou a fenix, a mulher ideal de quem elle se queria ver livre, e ouvi tudo d'ali, onde estava escondida. Creia, não obstante a sua implacabilidade para com as pobres mulheres, que nunca tive outro amante... mas disse-lhe o contrario... confessei-lhe uma culpa que não tinha, porque só assim poderia reconquistal-o.

LUDGERO. — Mas agora que o casamento está tratado, é preciso dissuadir o pobre rapaz

HELENA. — Mais tarde, ou talvez nunca. Esse homem, que elle não sabe quem é... essa aventura misteriosa... essa ignobil mentira é a garantia da minha felicidade. Emquanto elle supozer que não fui delle só, será só meu.

LUDGERO. — Que mulher ! Aquelle idiota não a merece !

HELENA. — Merece... Hei de provar-lh'o. Tenho a minha idéa.

LUDGERO, *aparte.* — Hum !

NELSON, *voltando com o pacote e acompanhado por José.* — Comendador, aqui tem os seus bahianos.

LUDGERO. — Obrigado. (*Apertando a mão a Nelson.*) Meu amigo, renovo os meus parabens, e uma vez que se vai casar, recomendo-lhe que leia a *Fiziolojia do cazamento.*

HELENA. — De Balzac ?

LUDGERO. — De Balzac, sim. E' uma fantazia licencioza, mas genial, que corre mundo desde 1829. Minha senhora... (*Aperta a mão a Helena.*)

JOSÉ, *a parte.* — Elle casa-se !... Adeus, beatitude !...

II

VICENTE DE CARVALHO

A morte recente de Artur Azevedo abriu na Academia a vaga que foi preenchida por Vicente de Carvalho (1909).

O novo academico é escriptor e jornalista. Os seus titulos literarios, porem, que apontaram aquella sucessão foram os versos das *Ardentias* (1885), *Relicario* (1886), *Poemas* (1908) e outros.

Vicente de Carvalho naceu em S. Paulo em 1865, na cidade de Santos. Formou-se em direito, foi deputado, á constituinte e exerceu altos cargos de importancia politica no Estado de S. Paulo.

PALAVRAS AO MAR

Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitarias ! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo !
Junto da espuma com que as praias bordas,
Pelo marulho acalentada, á sombra
Das palmeiras que arfando se debruçam
Na beirada das ondas — a minha alma
Abriu-se para a vida como se abre
A flor da murta para o sol do estio.

Quando eu nasci, raiava
O claro mez das garças forasteiras ;
Abril, sorrindo em flor pelos outeiros,
Nadando em luz na oscilação das ondas,
Desenrolava a primavera de ouro ;
E as leves garças, como folhas soltas
Num leve sopro de aura dispersadas,
Vinham do azul do ceu turbilhonando
Pousar o vôo á tona das espumas...

E' o tempo em que adormeces
Ao sol que abraza : a colera espumante,
Que estoura e brame sacudindo os ares,
Não os sacode mais, nem brame e estoura ;
Apenas se ouve, timido e plangente,
O teu murmurio ; e pelo alvor das praias,
Langue, numa caricia de amoroso,
As largas ondas marulhando estendes...

Ah ! vem dahi por certo
A voz que escuto em mim, tremula e triste,
Este marulho que me canta na alma,
E que a alma jorra desmaiado em versos ;
De ti, de ti unicamente, aquela
Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber si a ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte anos.

O' velho condemnado
Ao carcere das rochas que te cingem !
Em vão levantas para o ceu distante

Os borrifos das ondas desgrenhadas.
Debalde ! O ceu, cheio de sol si é dia,
Palpitante de estrelas quando é noite,
Paira, longinquo e indiferente, acima
Da tua solidão, dos teus clamores...

Condemnado e insubmisso
Como tu mesmo, eu sou como tu mesmo
Uma alma sobre a qual o ceu resplende
— Longinquo ceu — de um esplendor distante.
Debalde, ó mar que em ondas te arrepelas,
Meu tumultuoso coração revolto
Levanta para o ceu, como borrifos,
Toda a poeira de ouro dos meus sonhos.

Sei que a ventura existe,
Sonho-a ; sonhando a vejo, luminosa,
Como dentro da noite amortalhado
Vês longe o claro bando das estrelas :
Em vão tento alcançal-a, e as curtas azas
Da alma entreabrindo, subo por instantes...
O' mar ! A minha vida é como as praias,
E o sonho morre como as ondas voltam !

Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitarias ! Tigre
A que as brisas da terra o somno embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo !
Ouço-te ás vezes revoltado e brusco,
Escondido, fantastico, atirando
Pela sombra das noites sem estrelas
A blasfemia colerica das ondas...

Tambem eu ergo ás vezes
Imprecações, clamores e blasfemias
Contra essa mão desconhecida e vaga
Que traçou meu destino... Crime absurdo
O crime de nascer ! Foi o meu crime.
E eu expio-o vivendo, devorado
Por essa angustia do meu sonho inutil.
Maldita a vida que promete e falta,
Que mostra o ceu prendendo-nos á terra,
E, dando as azas, não permite o vôo !

Ah ! cavassem-te embora
O tumulo em que vives — entre as mesmas
Rochas nuas que os flancos te espedaçam,
Entre as nuas areias que te cingem...
Mas fosses morto, morto para o sonho.
Morto para o desejo de ar e espaço,
E não pairasse, como um bem ausente,
Todo o infinito em cima de teu tumulo !

Fosses tu como um lago,
Como um lago perdido entre montanhas :
Por só paisagem — áridas escarpas,
Uma nesga de ceu como horizonte...
E nada mais ! Nem visses nem sentisses
Aberto sobre ti de lado a lado
Todo o universo deslumbrante — perto ;
Do teu desejo e alem do teu alcance !

Nem visses nem sentisses
A tua solidão, sentindo e vendo
A larga terra engalanada em pompas
Que te provocam para repelir-te ;
Nem buscando a ventura que arfa em roda,
A onda elevasses para a ver tombando,
— Beijo que se desfaz sem ter vivido,
Triste flor que já brota desfolhada...

Mar, belo mar selvagem !
O olhar que te olha só te vê rolando
A esmeralda das ondas, debruada
Da leve fimbria de irisada espuma...
Eu adivinho mais : eu sinto... ou sonho
Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo
Pelos fundos abismos do teu peito.

Ah, si o olhar descobrisse
Quanto esse lençol de aguas e de espumas
Cobre, oculta, amortalha !... A alma dos homems
Apiedada entendera os teus rugidos,
Os teus gritos de colera insubmissa,

Os bramidos de angustia e de revolta
De tanto brilho condemnado á sombra,
De tanta vida condemnada á morte !

Ninguem entenda, embora,
Esse vago clamor, marulho ou versos,
Que sai da tua solidão nas praias,
Que sai da minha solidão na vida...
Que importa ? Vibre no ar, acorde os écos
E embale-nos a nós que o murmuramos...
Versos, marulho ! amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos !

"ROSA DE AMOR"

" Deixa-me, fonte " — dizia
A flor, tonta de terror.
E a fonte, sonora e fria,
Cantava, levando a flor.

" Deixa-me, deixa-me, fonte ! "
Dizia a flor a chorar :
Eu fui nascida no monte...
Não me leves para o mar. "

E a fonte, rapida e fria,
Com um sorriso zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria levando a flor.

" Ai, balanços do meu galho,
Balanços do berço meu !
Ai, claras gottas de orvalho
Cahidas do azul do céu ! "

Chorava a flor, e gemia,
Branca, branca de terror,
E a fonte, sonora e fria,
Rolava, levando a flor.

" Adeus, sombra das ramadas,
Cantigas do rouxinol !
Ai, festa das madrugadas,
Doçuras do pôr do sol !

" Caricia das brisas leves,
Que abrem rasgões de luar...
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar!..."

***

As correntezas da vida
E os restos do meu amor
Resvalam numa descida
Como a da fonte e da flor...

SONHO POSTHUMO

(*Fragmento*)

Implacavel rancor do espirito á materia,
Da illusão á verdade,
Do que sonha ao que vive... O' miseria, miseria!
O' vaidade, vaidade!

A alma insubmissa e vã suppõe-se encarcerada
No corpo, essa prisão
— Ilha de um rude mar, princeza desterrada,
Flor cahida no chão;

Considera-se como a fina essencia, presa
Num vaso desprezado;
Vê no corpo um montão de infamia e de torpeza,
De vicio e de peccado.

A morte — como um fim de captiveiro encara
— Um romper de manhã,
A hora da partida anciosa e livre para
As terras de Chanaan...

Alma, é louco o desejo altivo, em que te abrazas,
De céos nunca attingidos;
Ai, que serias tu, passaro, sem as azas,
Alma, sem os sentidos?

Nos olhos se esvasie o olhar, que te revela,
Que descobre... ou que faz
Tanta extensão de azul, tanto fulgor de estrella...
Alma, que sonharás?

Alma, que sonharás, na silenciosa ausencia
Do som — emudecida
Para o teu devaneio a vaga confidencia
Dos sub-solos da vida ?

Em vão levantas no ar as tuas phantasias
E as tuas ambições ;
Architectas em vão tantas philosophias,
Tantas religiões...

Para mais desterra na morte a carne, morta
Por fim, enfim vencida,
Inventaste o pavor de um carcere sem porta,
De um antro sem sahida,

Inventaste-o debalde. O tumulo condemna
O corpo á podridão,
Mas não te exime a ti da mesma escura pena
De apodrecer no chão:

Sangue que o coração alvoroça e amotina,
Vibração provocada
Dos nervos, e depois... um sonho da retina...
És tudo isso, e mais nada.

O derradeiro somno, eu quero assim dormil-o :
Num largo descampado,
Tendo em cima o explendor do vasto céo tranquillo
E a primavera ao lado.

Amortalhe-me a noite estrellada ; arda o dia
Depois, claro e risonho ;
E seja a dispersão na luz e na alegria
O meu ultimo sonho.

PEQUENINO MORTO

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourada, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda !
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro...
Pequenino, acorda !

Como o somno apaga o teu olhar inerte
Sob a luz da tarde tão macia e grata!
Pequenino, é pena que não possas ver-te...
Como vaes bonito, de vestido novo
Todo azul celeste com debruns de prata!
Pequenino, acorda! E gostarás de vêr-te
De vestido novo.

Como aquela imagem de Jesus, tão lindo
Que até vai levado em cima dos andores,
Sobre a fronte loura um resplendor fulgindo,
— Com a grinalda feita de botões de rosas
Trazes na cabeça um resplendor de flores...
Pequenino, acorda! E te acharás tão lindo
Florescido em rosas!

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Numa voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino levam-te dormindo... Acorda!
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro...
Pequenino, acorda!

Que caminho triste, e que viagem! Alas
De ciprestes negros a gemer ao vento;
Tanta boca aberta de famintas valas
A pedir que as fartem, a esperar que as encham..,
Pequenino, acorda! Recupera o alento,.
Foge da cobiça dessas fundas valas
A pedir que as encham.

Vae chegando a hora, vae chegando a hora
Em que a mãe ao seio chama o filho... A espaços,
Badalando, o sino diz adeus, e chora
Na melancolia do cair da noite:
Por aqui, só cruzes com seus magros braços
Que jamais se fecham, hirtos sempre... E' a hora
Do cair da noite...

Pela Ave Maria, como procuravas
Tua mãe!... Num éco de sua voz piedosa,
Que suaves cousas que tu murmuravas,
De mãosinhas postas, a rezar com ela...

Pequenino, em casa, tua mãe saudosa
Reza a sós... E' a hora quando a procuravas...
Vae rezar com ela !

E dopois... Teu quarto era tão lindo ! Havia
Na janela jarras onde abriam rosas ;
E no meio a cama, toda alvor, macia,
De lençóes de linho no colxão de penas.
Que acordar alegre nas manhãs cheirosas !
Que dormir suave, pela noite fria,
No colxão de penas...

Tange o sino, tange, numa voz de chôro,
Nume voz de chôro... tão desconsolado...
No caixão dourado, como em berço de ouro,
Pequenino, levam-te dormindo... Acorda !
Olha que te levam para o mesmo lado
De onde o sino tange numa voz de chôro...
Pequenino, acorda !

Porque estacam todos dessa cóva á beira ?
Que é que diz o padre numa lingua extranha ?
Porque assim te entregam a essa mão grosseira
Que te agarra e leva para a cóva funda ?
Porque assim cada homem um punhado apanha
De caliça e espalha-a, debruçado á beira
Dessa cóva funda ?

Vais ficar sozinho no caixão fechado...
Não será bastante para que te guarde ?
Para que essa terra que jazia ao lado
Pouco a pouco róla, vae desmoronando ?
Pequenino, acorda ! — Pequenino !... E' tarde !
Sobre ti cai todo esse montão que ao lado
Vae desmoronando...

Eis fechada a cóva. Lá ficaste... A enorme
Noite sem aurora todo amortalhou-te.
Nem caminho deixam para quem lá dorme,
Para quem lá fica e que não volta nunca...
Tão sósinho sempre por tamanha noite...
Pequenino, dorme ! Pequenino, dorme...
Nem acordes nunca !

CADEIRA JUNQUEIRA FREIRE

Junqueira Freire (Luiz José) (1832-1855) naceu na Bahia. Notavel poeta, autor de *Inspirações do Claustro* e *Contradições poeticas*. As suas obras completas estão publicadas em 2 vol., ed. Garnier.

I

BARÃO DE LORETO

Franklin Americo de Menezes Doria, Barão de Loreto (1836-1906), naceu na Bahia, formou-se em direito pela faculdade do Recife, foi conselheiro do Imperio, deputado, presidente de provincias e ministro. Cultivou a poesia e d'elle são os *Enlevos* (1859) a tradução da Evanjelina de Longfellow (1874) e varios discursos e fragmentos literarios publicados em avulsos.

MÃI

No céu claro e diafano o sol dardeja a pino ;
Brilha da primavera o majico festim :
Então, dentro do berço está loiro menino,
Sob a magnolia em flôr, no meio do jardim.

Pulando sobre a relva, errantes passarinhos
N'agua do lago azul dessedentar-se vão ;
Alguns provam ainda, ou levam para os ninhos,
Especial manjar, migalhas de alvo pão.

Invizivel sorri á candida creança
O anjo seu da guarda, o seu celeste par ;
E, com suave arrôlo, o berço lhe balança
A mãi que lhe é tambem um anjo tutelar.

Transluz no rosto d'ella a intima alegria ;
Enleva-se a mirar o filho tão gentil ;
Nos braços muita vez o toma, e acaricia,
Beijando avidamente a boquinha infantil.

Ella agradece a Deus esse ente mimoso,
Que aí no berço está, sob a magnolia em flor.
E lhe disperta n'alma o inefavel goso
Da primeira emoção do maternal amor.

Assim no belo abrigo, onde a primavera
Em derredor do berço um paraiso faz,
O coração da mãi se expande e retempera
Nas ternas efusões do santo amor vivaz.

II

ARTHUR ORLANDO

Arthur Orlando da Silva naceu na cidade do Recife em 1859.

Prosador e publicista. As tendencias do seu espirito são para as questões geraes e filosoficas.

Muitos são os seus livros, ensaios, fragmentos, estudos, *Filocritica*, *Meu album*, e outros que se lhe seguiram.

E' tambem politico e tem sido varias veses deputado ao congresso Nacional.

O MOMENTO HISTORICO DAS LEIS (1)

Entre as questões mais serias de que têm-se ocupado os juristas, está a do *momento historico das leis* (2), impor-

(1) As notas são do academico.

(2) Quando foi apresentado este estudo á Faculdade de Direito desta cidade, entre outras *graves* censuras soffri a de querer applicar o *monismo* ao processo juridico. Esta censura, porém, é digna irmã gemea de uma critica em que já incorri com Martins Junior. A pedido de um amigo, a quem muito presamos, nós fizemos para a *Commissão Central Emancipadora* um esboço de representação á Assembléa Geral, propondo diversas medidas a bem da abolição da escravatura no Imperio. Neste trabalho disiamos que a *commissão*, convencida de que a agricultura moderna não é senão uma *espiritualisação da terra*, uma applicação das leis da phisica, da chimica e da biologia ao desenvolvimento das plantas e dos animaes, e, mais ainda, uma serie de observações, de experiencias, de calculos, de economias, de previdencias, condições que seria difficil de conseguir com o escravo sem iniciativa, sem responsabilidade nem dignidade, vinha propôr uma serie de medidas, cujos fins não eram outros senão matar economicamente o trabalho escravo, tornando-o caro, prejudicial, repugnante, e proteger o trabalho livre mais nobre, fecundo e productivo. Demos, como vê-se uma prova de bom senso ; mas, apezar de tudo, o nosso esboço foi deshumanamente mutilado de maneira que veio a ficar um monstruoso aleijão ; e tudo isto porque, como depois disse nos o presidente da *Commissão*, — *haviamos mettido no meio o monismo*. Impagavel.

tante problema de *physiophilia processual* sobre que, ha um seculo, escrevem-se volumes e mais volumes sem que até hoje tenha-se chegado a uma solução satisfactoria.

Os trabalhos de Weber, de Bergmann, de Struve, de Meyer, de Savigny, de Ymbert, de Lassalle, de Gabba, estão cheios de vistas subjectivas, de distincções subtis ; mas ao mesmo tempo sem nenhum proveito positivo, sem nenhum resultado pratico.

E' que até o presente em uma das mais importantes questões da vida juridica não tem-se empregado senão um methodo despido de todo o espirito scientifico, recorrendo-se para a solução do problema a phrases sem nenhuma realidade objectiva.

Os systhemas até agora conhecidos são meras creações metaphysicas, filhas da phantasia indisciplinada dos juristas que, não observando com calma e imparcialidade os factos, procuram sómente jogar com phrases sem sentido para chegarem ás conclusões, que já têm em vista.

A vida juridica, como outra qualquer vida, tem formas e funcções, e d'ahi uma *morphologia* e uma *physiologia* do direito, que influenciam-se reciprocamente, sendo uma o complemento da outra.

Assim como não basta conhecer-se a topographia de um paiz para comprehender-se a sua historia, do mesmo modo não é sufficiente saber-se a legislação de um povo para entender-se a sua existencia juridica.

Ha muito tempo que diz R. von Ihering : « Nenhum codigo, nenhuma collecção de leis, de uma epocha ou de um povo, poderia ser comprehendido sem o conhecimento das condições reaes deste povo e desta epocha. Só a vida ensina-nos a razão da existencia das regras do direito, sua significação, e faz-nos conhecer os obstaculos que sua acção encontra nas circumstancias da vida. »

No estudo completo do direito, ao lado da *morphologia* deve estar a *physiologia* animando as abstracções, transformando os textos em realidades vivas.

« Applicar uma regra de direito é, como affirma o citado R. von Ihering, exprimir *concretamente* o que ella propõe *abstractamente.* »

Mas o processo juridico considerado como a *parte dramatica*, com a *synthese physiologica* do direito, tambem tem a sua *ontogenese* e a sua *philogenese,* queremos dizer, o seu

desenvolvimento *individual* e *especifico ;* e entre as questões mais serias da *physiolophilia processual*, que não é senão o estudo do desenvolvimento *especifico* das funcções juridicas, occupa logar importante a que tomamos por objecto do presente estudo (1).

Como, porém, para a solução desta questão temos de tomar uma outra direcção que o caminho sempre seguido, em vez de começarmos o nosso trabalho definindo o que seja *effeito retroactivo*, pedra angular, sobre que assenta tudo que tem-se escripto a respeito da determinação do *momento historico das leis*, definição que nada exprime, importando antes uma contradicção nos proprios termos (2), precisamos mostrar o conceito que fazemos do direito, indicar

---

(1) A proposito de *ontogenese* e *philogenese*, devo lembrar o grande espanto que causou á Congregação da Faculdade de Direito desta cidade uma das minhas *proposições*. « *As ordalias no processo*, dizia eu, *são provas* ONTOGENETICAS do desenvolvimento PHILOGENETICO *no direito por meio da* LUCTA. Houve um lente que quasi perde os sentidos deante desta technologia, e levou a sua santa simplicidade, a sua celestial ignorancia a ponto de confessar em publico que não saberia o que era *ordalia*, se não tivesse ouvido o seu collega da esquerda e de pedir-me que lhe explicasse o sentido daquella proposição que ELLE NÃO COMPREHENDIA. Em face de tanta necedade conheci a figura que estava fazendo, e arrependi-me amargamente de ter posto o meu espirito em prova perante tal gente. Estive para dar a devida resposta, dizendo que aquella confissão não era senão simptoma de uma affecção morbida, especie de molestia que costuma atacar os cavallos, e que manifesta-se por uma indifferença completa para os alimentos e para tudo o que os cerca ; mas não quiz parecer malcreado mesmo a um imbecil. Alguns dias depois Tobias Barreto, com toda a sua largueza de vistas, com toda a generosidade do seu grande coração, vingava-me escrevendo o seguinte : « A sciencia do direito é uma sciencia de seres vivos ; ella entra por conseguinte na categoria da *physiophilia* ou *philogenia* das funcções vitaes. O methodo, que lhe assenta, é justamente o methodo *philogenetico*, do qual Eduardo Strasburger diz ser o unico de valor e importancia para o estudo dos organismos viventes. Se o leitor entende, tanto melhor para si ; caso porém não entenda, não é culpa nossa. Talvez nos perguntem : quem é esse senhor Eduardo Strasburger ? Só podemos responder que não é lente da nossa faculdade nem candidato á deputação geral ». O mesmo não posso affirmar do meu *illustre* arguente, que não era candidato á Assembléa Geral, e representa hoje o Rio Grande do Norte juntamente com o padre João Manoel.

(2) Pereira e Souza, no seu *Esboço de um Diccionario juridico, theorico e pratico*, copiando a definição da *Encyclopédia*, define effeito retroactivo « aquelle que remonta a um tempo anterior á causa que o produz. » Póde ser defeito de organisação cerebral moderna ; mas hoje ninguem comprehende mais um *effeito anterior* á causa que o produz. Effeito anterior á causa que o produz, é a mesma cousa que filho nascido antes do pae. Não menos incomprehensiveis são as definições de Merlin, Malher de Chassat e de Felice.

as causas que têm concorrido para o seu desenvolvimento e determinar as condições de uma verdadeira classificação juridica. Sómente depois destes conhecimentos *propedeuticos é* que poderemos caminhar com firmeza e chegar a verdadeiras conclusões.

O direito por muito tempo foi considerado como um principio anterior e superior á sociedade, como uma lei absoluta, que não está sujeita a relatividades, nem no tempo nem no espaço, como uma creação do eterno e do infinito, como uma obra perfeita e acabada em si, fóra da acção da solidariedade e da continuidade universal.

Graças, porém, á lei geral da gravitação, principio em que resolvem-se todos os phenomenos do universo, e em virtude do qual todo o nosso mundo é mantido, não só na mais estreita solidariedade como na mais intima continuidade, esta concepção do direito já não póde subsistir.

« Um mesmo principio, diz Mismer, liga o mais pequeno corpo ao maior atravez dos espaços interplanetarios, o organismo mais humilde ao mais complexo atravez das camadas geologicas, a humanidade ásu a morada terrestre, o homem a seus semelhantes. »

Este principio é o da gravitação que, no pensar do mesmo Mismer, expulsará a theologia e a metaphisica do governo moral e social, como já expulsou-as da phisica, da chimica e da biologia.

E' preciso convir que o insuspeito Claudio Bernard, estabelecendo que os seres vivos são pequenos mundos em cujo meio os phenomenos se encadeam como em nossa terra, e em todas as terras que fluctuam no espaço, derrubou as barreiras que separavam o mundo organico do mineral, e predispoz assim os espiritos para esta concepção mechanica do universo, pela qual todos os segredos da natureza parecem prestes a desvendar-se em face da luz derramada pela descoberta de Newton.

Em virtude, pois, desta poderosa força, tão geral quanto invisivel, que prende a solidariedade humana á solidariedade universal (1), o direito já não póde ser concebido

---

(1) Na Suissa o notavel metaphisico Secretan pretende subordinar o principio da solidariedade universal, fundada sobre a unidade de todos os seres em Deus e de todos os homens em Adão, ás necessidades do dogma e da moral christã. Secretan está convencido de que o caracter mais geral da somma dos phenomenos consiste no seu encadeamento ; mas por outro

como um principio proeminente á economia geral da natureza.

Assentado que o direito faz parte deste admiravel mechanismo, que contem em si mesmo as causas de suas incessantes transformações, admittindo que as leis que presidiram á sua origem e desenvolvimento acham-se subordinadas ás que presidiram á origem e desenvolvimento da vida na superficie do nosso globo, ainda assim resta-nos uma questão importante, que é saber si o direito é uma substancia, uma qualidade ou simplesmente uma relação.

A substancia do justo desappareceu deante da livre indagação do espirito moderno como a substancia do bello, a substancia do verdadeiro, a substancia da alma e umas tantas outras entidadades metaphisicas, que durante tanto tempo passaram por ter uma existencia real.

O direito tambem não é qualidade das pessoas, porque si o fosse, deveria existir n'ellas fóra de todo o estado social. Mas ao individuo considerado insoladamente, repugna toda a idéa de direito ; e, portanto, não existe senão como relação das pessoas entre si.

Sendo, porém, da essencia de toda a relação mudar quando um dos seus termos muda, segue-se que si os homens não são sempre os mesmos em todos os tempos e lugares, variando as relações qúe deram origem ao direito, com ellas variam a idéa e o sentimento do justo.

Nós já escrevemos em alguma parte ! « Filho da civilisação, o direito não existia na epocha em que os nossos antepassados viviam nús em cavernas escuras, luctando contra as grandes especies felinas e nutrindo-se do producto da caça e da pesca. Como uma creação historica, como experiencia capitalisada, como um producto da acção collectiva, como um resultado do desenvolvimento do espirito humano, o direito nada tem de absoluto : varia com os tempos, com os logares, com as raças e com todas as mais circumstancias, que fazem que cada povo tenha a sua historia de uma feição particular, que não se confunde com a de nenhum outro povo. O direito de um primitivo, que faz da mulher

---

lado, tambem está persuadido de que somos *livres*. D'ahi a base da sua moral no que elle chama um « *duplo facto experimental* » : — liberdade e solidariedade. « Obra como parte livre de um todo solidario » eis a formula final do dever, segundo Secretan. Vide *Revue Philosophique*, anno de 1872, vol. 2º.

uma escrava e come-a em tempo de fome, não é o de um moderno, que divinisa a mulher e faz do amor um culto ; o direito da selvagem brazileira, devorando com os da sua tribu o filho que teve do prisioneiro de guerra, é bem diverso do direito d'essa ingleza, que, ao lêr o conto do sacrificio de Isaac, exclamou : — Deus não era capaz de dar tal ordem a uma mãe. O direito varia de povo a povo : assim como não encontram-se dois individuos com as mesmas feições, tambem não existem dois povos que tenham as mesmas instituições juridicas.

D'este modo fica assentada a relatividade do direito e saltando aos olhos quão absurda é a concepção de um direito absoluto, universal, eterno, gravado pela *mão da naturesa* no coração do homem.

Só depois que o homem tornou-se uma especie de Hercules, e por meio do machado de pedra, do arco e da flecha livrou a terra dos animaes terriveis que a infestavam; só depois que assegurou o seu nutrimento e a sua habitação contra a naturesa inteira, foi que elle poude cuidar d'este *modus vivendi* superior, que não é senão uma resultante da perfectibilidade humana, um producto do transformismo social.

Affirmando, como fizemos, que o direito é uma relação de pessoas entre si, póde parecer á primeira vista que julgamos a sociedade exclusivamente composta de pessoas ; mas não : a sociedade é uma combinação binaria de pessoas e de cousas.

« A riquesa, dit Schœffle, não serve sómente de alimento á sociedade, é um dos elementos histologicos do corpo social. » Assim é realmente. A sociedade suppõe a riquesa, como suppõe a collectividade. Não se comprehenderiam as maravilhas da evolução social sem a riquesa, pois a ella mais do que á hereditariedade phisio-psichologica devemos a ligação das gerações entre si, a união do presente ao futuro, a guarda fiel das conquistas do passado.

Mas como elemento histologico do corpo social, a riquesa é de uma importancia capital na vida juridica. Foi pela riquesa que começou esta magnifica evolução pela qual os individuos se transformaram em familia, as familias em cidades e as cidades em estados.

Não se comprehende familia sem patrimonio, bem como nação sem estradas, sem fortalesas, sem exercitos, em uma

palavra, sem riquesa publica. A propria humanidade parece ter o seu capital representado nos monumentos historicos, scientificos e litterarios.

A vida juridica de um povo desenvolve-se á medida que augmenta o seu capital social. Um povo pobre não póde ter a mesma somma de direitos que um pais rico.

Não sendo, porém, a riquesa em ultima analise senão um augmento de força directriz nas mudanças de logar e de estado da materia, segue-se que a *alma mater* do direito é a actividade humana.

Como a actividade humana reveste uma opulenta variedade de fórmas segundo as differenças de solo, de clima, de raça a que está sujeita, é claro que o direito, filho d'ella, deve variar conforme uma infinidade de influencias climatericas, topographicas e ethnicas; mas soffrendo o direito variações continuas, multiplas transformações, quaes serão as leis que regem estas metamorphoses incessantes, este *fieri* perpetuo ?

Estas leis são tão variadas e multiplas que, no estado actual dos conhecimentos humanos, seria impossivel enumerar todas; mas, applicando o darwinismo ao direito, apontaremos algumas, sem que, entretanto, por isso se possa explicar como se operou toda a evolução mental e emocional do direito.

Si ainda hoje está por se acabar a historia *morphogenica* e a *morphophilica* dos seres vivos, de maneira que ainda não pôde explicar-se como de um organismo amorpho sahio por evoluções continuas a bellesa plastica da mulher ; si é terreno ainda menos explorado a *phisiogenia* e a *phisiophilia*, de tal sorte que seria impossivel explicar como dos movimentos monotonos dos animaes inferiores proveio a graça feminina com todos os seus encantos; seria loucura, se não ridiculo, pretender fazer *psichogenia* e *psichophilia* juridica, explicando como se tem operado toda a evolução mental e emocional do direito.

N'este ponto a nossa tarefa se resumirá em indicar as principaes leis que têm presidido á genese e desenvolução do direito, e em fazer algumas observações sobre estas leis.

1. Temos em primeiros logar a *lucta*, lei suprema que regula o desenvolvimento de todos os seres e de todas as creações historicas.

Assim como as massas cosmicas não se desenvolvem se-

não pela conquista de umas moleculas sobre outras,. da mesma maneira as nações não progridem senão pelo combate, pela victoria do forte sobre o fraco.

N'este sentido é que se diz que o direito é filho da lucta, para exprimir que elle não se desenvolve espontaneamente, como pretende a escola historica, porém pela concurrencia, pelo combate sem tregua, em que o successo está sempre do lado do mais forte, o que fez R. von Ihering dizer que o direito é Saturno devorando seus proprios filhos.

O direito é a disciplina das forças sociaes, e esta disciplina na falta de um mechanismo theologico, que supponha um *principio de finalidade* a dirigir os acontecimentos historicos, não póde ser explicada senão pela causa que move todo o mundo — a *lucta.*

« Assim como nossa vida phisica, diz Arthur Schopenhauer, consiste em um movimento incessante, do mesmo modo nossa vida interior e intellectual requer uma occupação constante, pouco importa em que, si em pensamento, si em acção; é o que prova a mania das pessoas desoccupadas, que não pensam em cousa alguma, pôrem-se a tamborinar immediatamente com os dedos ou com o primeiro objecto que apanham. E' que a agitação é a essencia da nossa existencia ; uma inacção completa torna-se logo imsupportavel, porque engendra o mais horrivel tedio. Governando este instincto, é que se póde satisfazel-o methodicamente e com mais fructo. A actividade é indispensavel á felicidade ; é necessario que o homem trabalhe, faça alguma cousa sempre que lhe fôr possivel, ou pelo menos aprenda o que quer que seja. Suas forças requerem emprego e o seu desejo é que ellas produzam um resultado qualquer. Trabalhar e luctar contra as resistencias é uma necessidade para o homem, como o cavar para a toupeira. A immobilidade produzida pela satisfação de um goso permanente seria insupportavel. Vencer obstaculos é a plenitude do goso na existencia humana, sejam estes obstaculos de uma natureza material como na acção e no exercicio, ou de uma naturesa espiritual, como no estudo e nas investigações : são a lucta e a victoria que tornam o homem feliz. Si falta-lhe a occasião, elle a inventa como póde : conforme permitte sua individualidade, caça ou brinca com o emboca-bola, ou levado pelo pendor inconsciente de sua natureza, suscita querelas, urde intrigas, machina velhacarias ou outra qualquer vil-

lania, tudo para pôr termo ao estado de immobilidade que elle não póde supportar. »

2. *A influencia dos meios.* A naturesa inteira, com todos os seus admiraveis phenomenos de attracção molecular, de cohesão e affinidade dos corpos, de calor, de luz, de electricidade e de magnetismo, conserva o homem sob a mais estreita dependencia ; e, por conseguinte, nenhum acto de sua vontade, nenhum producto de sua intelligencia, nenhum impulso de seu coração, póde ser subtrahido á influencia do meio em que vive.

Em virtude da intima solidariedade que reina entre o mundo sideral, o mineral, o animal e o psichico, póde dizer-se que as instituições sociaes são productos do ar, da luz, do clima e das demais circumstancias, sob cuja influencia ellas se formam.

D'ahi uma civilisação occidental differente da oriental, reflectindo esta o idéalismo maravilhoso d'aquelles povos, que vivem no seio de uma natureza cheia de fórmas encantadoras, de apparições misteriosas, de sonhos deslumbrantes, que sentem-se sem forças para luctar, pensando que « vale mais estar deitado do que em pé, deitado mais do que sentado, morto mais do que deitado » ; e esta, reflectindo as condições de uma região que solicita o trabalho por uma temperatura regular, por uma fertilidade mediana, e que leva o homem a luctar incessantemente, procurando subjugar as forças da naturesa pelo seu poder mental.

Comprehende-se bem que n'um pais onde tudo enfraquece e enerva o homem, o direito não póde ter a mesma phisionomia que n'um outro em que elle é obrigado a uma lucta incessante. O direito europeu reproduz a existencia positiva e real do Occidente, o direito asiatico a vida ociosa e imaginativa do Oriente.

3. *O apparecimento e desapparecimento de certos motivos.* Todo o progresso que distingue a humanidade da animalidade, diz o notavel Minzloff, é reduzivel a motivos.

A observação do escriptor russo é mais importante e profunda do que á primeira vista parece (1), e por ella é que póde avaliar-se a pouca rasão que têm Broca e seus

---

(1) O progresso humano não é somente uma cadeia de *causas e effeitos*, que se succedem ; mas antes de *motivos* e de *actos*, que influem uns sobre os outros. Ha differença entre *causa e motivo, effeito e acto :* o acto é *motivado*, o effeito *causado ;* a causa *mechanica* e o motivo *finalistico*.

discipulos, para no estudo da evolução humana subordinarem as aptidões artisticas, litterarias, poeticas, industriaes, scientificas e religiosas das raças a caracteres organicos e especialmente ao esqueleto da cabeça. Apezar da sinceridade e dedicação do seus partidarios, este methodo não produsio os resultados que tinham-se em vista ; e nem era de esperar outra cousa, porque o progresso social, a *civilisação* não póde dizer-se uma simples resultante da *dolichocephalia* e *brachicephalia* das raças ; é antes um producto das variações diversas, das profundas modificações por que passam as sociedades, com as invenções e descobertas dos genios (1).

Sendo o direito um producto da cultura, um resultando da civilisação, não será difficil mostral-o desenvolvendo-se sob as influencias das conquistas artisticas, litterarias, scientificas, commerciaes e industriaes.

A bussola, desenvolvendo a navegação, creou o commercio internacional, e este o direito maritimo.

A descoberta do Novo Mundo fez reviver a escravidão, que hoje já não é senão um anachronismo em face dos aperfeiçoamentos da industria agricola.

A biologia está a reclamar uma immediata reforma nos codigos civis na parte relativa ao casamento, não permittindo-se que a familia seja atacada em sua integridade pelo egoismo do amor ou, o que é peior, pelo attractivo do dinheiro.

A phisiologia protesta contra as uniões entre pessoas que soffrem de molestias ou de vicios de organisação, phisicos ou moraes, que se transmittem hereditariamente, e condemna a pratica destes crimes monstruosos, que solemnisam-se com flôres e harmonias, como que para esquece-

---

(1) D'ahi a difficuldade, senão a impossibilidade da constituição de uma *Poliologia*. Além de que o genio tem permanecido até hoje como um ponto enigmatico no meio da brilhante cadeia das causas e dos effeitos, e além de que a determinação das condições necessarias ao seu apparecimento nas sociedades passa os limites do saber humano, accresce que os genios nas socidades as transformam tão profundamente com as suas descobertas e invenções e com as novas disposições que dão ás forças sociaes, que o homem, não podendo conhecer a relação étiologica entre o genio e o meio social, e não podendo tambem prevêr todas os resultados que produsirão as suas descobertas, vê-se na absoluta impossibilidade de faser *Poliologia*. Toda a sciencia suppõe previsão e é absolutamente impossivel prevêr os acontecimentos sociaes.

rem-se na embriaguez da festa as dôres e soffrimentos, que deste modo vão infligir-se á especie humana.

Nota com rasão um escriptor francez que a introducção de poços artesianos entre os povos nomades, trasendo agua á superficie da terra e permittindo a cultura das plantas, modificaria profundamente a constituição social d'aquelles povos ; e tambem o seu direito, accrescentamos nós.

O vapor e a electricidade, estas tão poderosas forças phisicas, com todas as suas applicações industriaes, transformando profundamente a vida social moderna, modificaram a economia do direito ; e amanhã, quando a par das quedas d'agua souber-se utilisar os raios do sol, surgirá uma nova ordem social e com ella um direito novo (1).

4. *A acção do tempo.* Rigorosamente, o tempo não faz nem desfaz cousa alguma. Assim como elle não póde diser-se bom nem máu, bello nem feio, longo nem curto, rapido nem lento, qualidades estas sómente das cousas que passam, tambem não póde affirmar-se que elle crie ou destrua alguma cousa.

O tempo já não é mais aquella divindade, que a imaginação dos poetas revestiu das mais sublimes qualidades como das mais terriveis attribuições; hoje, é simplesmente uma condição de qualquer phenomeno, como o seu irmão gemeo — o espaço.

« O tempo diz Mainlœnder, é a medida subjectiva do movimento. »

O tempo que não gera phenomeno de nenhuma especie, tambem não póde produzir o direito, e falando na acção do tempo com relação ao desenvolvimento do direito, não queremos dizer com isto senão que as leis devem ser applicadas no *momento historico-juridico*, para que não resulte solução de continuidade no progresso social.

Trata-se de applicar uma lei em substituição a outra, e quer-se saber sobre que factos a lei nova deve recahir, sem

---

(1) Nas cataractas do Niagara perde-se actualmente sem proveito para a industria um poder mechanico equivalente a 18,000 cavallos, força vertiginosa, de que a Europa já trata de utilisar-se por meio de correntes electricas, que poderão levar-lhe cerca de 9,000 cavallos.

Na Exposição Universal de Paris, em 1878, vio-se pela primeira vez transformado o calor solar em trabalho mechanico. Calculou-se então que o calor solar, que perde-se inutilmente sobre um kilometro quadrado, equivale ao esforço mechanico de 600,000 homens trabalhando sobre um mesmo espaço de terreno.

que d'ahi resulte solução de continuidade historica, de maneira que não venha a sociedade a apresentar duas faces, uma velha e doentia e a outra sã e nova.

Ordinariamente pensa-se que, para determinar o *momento historico das leis* basta dizer que ellas não devem agir sobre o passado, o que enuncia-se sob a formula — *as leis não devem ter effeito retroactivo.*

Antes de tudo, uma observação : o tempo não é uma substancialidade sobre que a lei possa actuar ; mas uma abstracção, uma idealidade, sobre que é impossivel qualquer acção.

Além disto, o passado não existindo senão nas cousas que passaram em relação a outras, é claro que, quando mesmo a lei pudesse submetter ao seu poder o passado, este seria como não passado (1).

O certo é que objectivamente não ha passado nem futuro. Não é o tempo que passa, e sim as cousas, que succedem-se em nós ou fóra de nós.

O ignorante julga vêr o tempo correr atravez do mostrador do relogio que possue ; a verdade, porém. é que apenas passam os movimentos da machina que traz no bolso.

« Tudo, diz Rivarol, passa deante do tempo, e, entretanto, cremos que é elle quem passa. E' a vida que escôa-se e com ella todos os movimentos de que compõe-se. A idéa de que o tempo corre, foge e vôa, veio nos de que a nossa vida passa e os nossos pensamentos succedem-se emquanto discorremos sobre elles e os computamos. »

Mas não existindo objectivamente passado nem futuro, é evidente que a categoria do tempo, sob uma ou sob outra fórma, não póde servir de criterio para determinar o *momento historico das leis.*

Não são senão os acontecimentos que passam, e sobre estes a lei não póde agir sob pena de tornar o homem o mais desgraçado dos animaes (2), pois viveria sempre atormentado

---

(1) Savigny comprehendeu bem a futilidade da formula — *as leis não devem ter effeito retroactivo* — quando disse que a retroactividade não deve tomar-se no sentido litteral, porque d'ahi resultaria que o passado seria como não passado. O effeito retroactivo, continua Savigny, deve entender-se moralmente, e então significa que uma lei retroactiva attrahe para o seu imperio as consequencias dos factos anteriores, e influe sobre estas consequencias.

(2) Todavia na legislação portugueza são innumeros os exemplos de leis, que regulam factos consummados, sobretudo no governo atormentado

pela incerteza, voltasse-se para o futuro ou para o passado.

Com receio de praticar um acto qualquer, que mais tarde veria aniquilado e até punido, entregar-se-ia a uma completa inacção, que tornaria a vida insupportavel. Na vida social, a lei seria a realisação odiosa da fabula do lobo e do cordeiro. A's dores do passado viriam juntar-se perennes incertezas sem ao menos restar ao homem a esperança, a doce companheira do futuro.

Ora, pela propria força das cousas, não podendo a lei recahir senão sobre as consequencias dos factos passados, resta, entretanto, saber que consequencias póde ella abraçar. Para a solução desta questão, temos necessidade de proceder a uma classificação das especies juridicas, tão verdadeiramente objectiva quanto nos fôr possivel, sem que, por isto, tenhamos a pretenção de apresentar uma classificação inteiramente scientifica.

A sociedade é um conjuncto de actividades, e estas actividades considerem-se milagres perpetuos, inexplicaveis, no seio dos phenomenos phisico-chimicos, ou simplesmente resultantes das forças ordinarias da natureza de accordo com a concepção monistica do universo, o certo é que ellas tendiam a uma especie de equilibrio, a uma sorte de *cosmos*, e d'ahi o direito como disciplina das forças sociaes.

---

do Marquez do Pombal. Este celebre estadista publicou tantas leis regulando factos consummados, que não comprehendemos como os positivistas orthodoxos, com todo o seu respeito para o passado, ainda não o riscaram do *Calendario*. Por prestarem-se a um bello estudo de *psichiatria historico-juridica*, citaremos algumas destas leis, que seriam hoje inconstitucionaes, si o art. 179 § 3. da nossa Constituição Politica não fosse simplesmente uma phrase : Lei de 15 de Março d 1751. Alvará de Lei de 3 de Novembro de 1757, Carta de Lei de 4 de Julho de 1768, Alvará de 21 de Janeiro de 1766, Alvará de 23 de Julho de 1766, Carta de Lei de 13 de Março de 1772. Alvará de Lei de 1 de Agosto de 1774, Carta de Lei de 4 de Julho de 1776, leis em que o celebre ministro de D. José, concentrando nas suas mãos todo o governo do seu pais, levou o despotismo ao ponto de submetter ao seu poder absoluto acontecimentos passados, violentando assim o progresso da civilisação portugueza, atacando em sua integridade a filiação historico-lusitana, Não comprehendemos, pois, como Comte, que considerava a *submissão aos factos consummados a base de todo o aperfeiçoamento historico* poude propôr o Marquez de Pombal como objecto de culto.

Sómente para economisar espaço, deixo de transcrever aqui a integra da Lei de 15 de Março de 1751, transcripção que, por occasião do concurso, deu logar a escandalo, provocado por um lente. O *puro* e *candido* doutor affirmou, gritando, que eu era um immoral, que o meu estudo continha taes

No *cosmos* juridico cumpre distinguir duas especies de actividades bem distinctas e caracteristicas : umas inteiramente subordinadas a um grande centro director, do qual podem ser consideradas satellites — são os *funccionairos* ; outras dotadas de autonomia, por assim dizer, independentes — são os *cidadãos*.

Todos os phenomenos do *cosmos* juridico são produzidos por uma ou outra destas duas especies de actividades que, embora prestem-se mutuo auxilio, todavia vivem em antagonismo.

Prestam-se mutuo auxilio, porque uma assegura á outra os meios de existencia, vivem em antagonismo, porque a força de uma está na rasão inversa do poder da outra.

A vida juridica suppondo duas ordens de actos a regular, d'ahi duas especies de normas : — umas regulando os actos subordinados ao centro de direcção — leis *imperativas ;* outras regulando os actos independentes desse centro — leis *prohibitivas.*

As leis *ordenam* ou *prohibem :* ordenam aos funccionarios todos os actos, que são absolutamente indispensaveis ao *cosmos* social ; prohibem aos cidadãos todos os que lhe são hostis, prejudiciaes.

Sendo, porém, o caracter dos primeiros a *necessidade* e o dos segundos a *espontaneidade*, segue-se que tudo o que a lei imperativa não ordenar expressamente será prohibido,

---

indecencias que elle teve necessidade de trancal-o dentro de uma gaveta para que ninguem de sua familia o lesse. Fiquei profundamente maguado com uma tão acabrunhadora malsinação, da qual era impossivel defender-me sem atirar á cara do tartufo os livros que eu tinha ás mãos. Mas digam mesmo aquelles que não podem ouvir falar em cornos sem sentirem a pulga na orelha, quem é mais immoral, aquelle que por necessidade cita e transcreve uma lei, em que impõem-se penas ao facto de pôrem-se cornos ás portas das casas das pessoas casadas, ou aquelle que, pelo simples desejo de produzir escandalo, não têm pejo de asseverar que *ordalia* significava primitivamente *purgação, gonorrhea ?* O desejo de molestar-me allucinou aquelle espirito que, tendo descoberto no Diccionario de Aulete que *ordalia* significava tambem purgação, julgou que purgação não tinha outro sentido senão o de *gonorrhea*. Eu podia liquidar com grande vantagem para mim esta questão de moralidade, mas quero ser generoso e limito-me a dizer que purgação tambem exprime a *acção pela qual um accusado se justificava perante o juiz ecclesiastico, segundo a forma prescripta pelos canones, differençando-se da purgação vulgar que se fazia pelas provas do combate, da agua, do fogo*, etc. Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza, por Caldas Aulete, pag. 1435, verbo — *purgação*.

e tudo o que a lei prohibitiva expressamente não prohibir, será permittido.

Entretanto os actos que as normas juridicas ordenam ou prohibem, não são dotados das mesmas propriedades : uns têm effeitos *directos*, *immediatos*, como o roubo, o homicidio, o estupro, a injuria, emfim todos aquelles actos que se denominam *delictos* e *quasi-delictos ;* outros, porém, não têm senão effeitos indirectos, cuja realisação depende da intervenção das auctoridades publicas, taes como os testamentos, as doações, os emprestimos e outros conhecidos sob os nome de *contractos* e *quasi-contractos*.

Segundo regulam-se actos de uma ou de outra destas propriedades varia a *coacção*, que é a segunda necessidade conceitual da lei.

Para os actos de effeitos directos, immediatos, tem o poder publico o recurso da *pena — leis penaes ;* para os actos de effeitos indirectos e mediatos, basta que o poder publico por intermedio de seus funccionarios recuse-lhe os meios de realisação, negue-lhe *execução — leis civis*.

Esta classificação, que nos foi fornecida por Gustavo Rousset (1), parece-nos acceitavel, ou, pelo menos, preferivel ás vistas subjectivas de Duvergier, de Weber, von Struve, de Meyer, de Savigny, de Ymbert, de Lassale, de Gabba.

Não affirmamos que seja verdadeira, pois todos sabem as grandes difficuldades com que se lucta para fazer uma classificação scientifica, baseada sobre a realidade objectiva dos caracteres especificos ; julgamol-a apenas acceitavel até onde vão os achados da *juristica* moderna.

Conhecido que ha especies juridicas como ha especies vegetaes ou animaes, e que as especies juridicas, apezar das multiplas e continuas transformações que operam-se sob a influencia de causas naturaes, estão sujeitas a uma classificação mais ou menos scientifica, baseada sobre caracteres objectivos, já podemos tentar com uma certa probabilidade de exito a solução da questão de que nos occupamos.

Basta que colloquemo-nos em face de cada uma das especies juridicas que foram classificadas para vêrmos como deve ser determinado o *momento historico juridico*, sem que resulte solução de continuidade na progresso social, sem que a filiação historica seja atacada em sua integridade.

---

(1) *Science Nouvelle des Lois*, pag. 38, tomo II.

Tomemos, por exemplo, a especie das leis *imperativas*, comprehendendo as variedades das leis de organisação e de competencia judiciaria e administrativa, e todas as demais leis de processo, que regulam a *vida funccional* da hierarchia publica.

Como o caracter proprio destas leis é a subordinação, a dependencia, devem ser applicadas sem distincção alguma entre situações juridicas formadas no passado e as que nasceram depois da sua publicação. « São leis, diz Rousset, cuja soberania e imperio não admittem nenhuma restricção nem de tempo, nem de espaço, nem de pessoas. »

Comprehende-se bem que tratando-se de actividades que não tem a sua origem senão no poder publico, as leis, que regulam as suas funcções artificiaes e quasi mechanicas, não devem soffrer restricção alguma de pessoa, de tempo ou de logar. Aqui o processo de adaptação legal deve ser prompto para eliminar immediatamente as irregularidades do passado.

Como principio de selecção juridica em seu mais elevado gráo de actividade, a applicação destas leis deve ser immediatemente efficaz.

Já não se dá, porém, o mesmo com as leis *prohibitivas*, subdivididas nas duas grandes variedades, leis *penaes* e leis *civis*.

Para nós, que não vemos na pena senão um processo de selecção, creado para corrigir as irregularidades produsidas no meio social pelos actos de effeitos immediatos, directos, é claro que, quando uma lei penal deixa de incriminar actos precedentemente puniveis, deve receber uma immediata applicação para o fim de não serem punidos os que já tenham sido praticados pois que a lei deixou de consideral-os irregularidades no corpo social.

No caso, porém, de limitar-se a lei penal a modificar a pena, deixando subsistir o crime, deve receber prompta execução no sentido de ser applicada a nova pena, quer seja maior, quer menor do que a pena antiga.

Sómente a delicadeza dos sentimentos modernos, que já vae além das necessidades da conservação e progresso da humanidade, é que tem quebrado o rigor do principio, e feito que hoje seja ordinariamente applicada a lei antiga aos factos já praticados, quando a nova eleva a penalidade (1).

---

(1) Uma igual delicadesa tende a fazer desapparecer dos Codi-

O caso da lei nova, que incrimina actos até então permittidos, está comprehendido no principio de que nenhuma lei, mesmo a interpretativa, póde applicar-se a factos passados, consummados, e já hoje nenhum soberano, tivesse elle a estatura gigantesca de um Pedro o Grande, se atreveria a violar o passado, como fez D. José sob o governo do Marquez de Pombal, que, levado pelo ardor apaixonado de uma civilisação apressada para a sua patria, foi muitas vezes arrastado até á iniquidade.

Quanto ás leis prohibitivas civis, si por um lado o legislador deve respeitar os factos consummados, por outro lado o juiz não tem que attender senão aos effeitos destes factos para negar-lhe execução sempre que esta fôr violar a lei nova.

Por um exemplo tirado da nossa prehistoria constitucional se esclarecerá todo o lado theorico da questão. Ainda não ha mais de seculo e meio, eram prohibidos os casamentos entre portuguezes e indias, sob pena de infamia, que recahia sobre toda a familia, até que foi publicado o Alvará de 4 de Abril de 1755, declarando que os portuguezes que se casassem com indias da America não ficariam com infamia alguma, antes se fariam dignos da real attenção ; mas conjecturemos que a lei que publicou D. José, não expressava, como fez o citado Alvará, que a sua disposição se estendia mesmo ás allianças que já se achavam feitas antes da sua publicação ; neste caso como deveriam os juizes determinar o seu momento historico-juridico ?

Necessariamente applicando a lei de maneira a não tornar *effectivas* aquellas consequencias, cuja *execução* fosse violar a lei nova. Assim, a *infamia*, que era um dos effeitos dos casamentos entre portuguezes e indias, desappareceria necessariamente, embora o poder politico não tivesse expressamente declarado, porque negando-lhe a *execução*, que é *principio vital* do direito civil, como a *pena* o é do direito criminal, a lei estaria morta, sem que para tal houvesse necessidade de certificado de obito por parte do poder politico.

Por uma hipothese, que já tornou-se uma realidade na França, figuremos que o Brazil acceita o divorcio e que, logo depois da publicação da nova lei, um voluvel, sacrifi-

---

gos Penaes a *pena de morte*, este rapido e economico processo de eliminação para as almas de tigre.

cando a sua bella metade a uma outra ainda mais bella, requer perante o juiz competente a dissolução de seu casamento. A lei dispõe simplesmente que, da data de sua publicação em deante, ninguem poderá mais contrahir casamento indissoluvel. A' vista da lei, a gentil victima articulará que ao ajustar o seu casamento, cuja indissolubilidade era então garantida por lei, não lhe passou pelo pensamento que mais tarde, quinze annos depois, por exemplo, quando já havia perdido tudo com que entrára para o *menage*, mocidade, bellesa, puresa e até fortuna, pudesse ser abandonada, apesar de sentir inalteravel o seu sentimento de ternura para com aquelle que não tem sabido cumprir os deveres de esposo. Portanto, concluirá allegando que a indissolubilidade do seu casamento não póde ser tão brutalmente despedaçada por uma lei, que deve respeitar a intenção das partes e garantir a liberdade contractual. Nesta emergente situação, que decidirá a juiz ? Julgará com a alma dilacerada, estamos convencidos, que na applicação das leis civis, não tendo que attender senão aos effeitos dos actos, não póde dar força executoria a uma consequencia, cuja effectividade iria violar a lei nova, que, filha do progresso, não deve respeitar uma espectativa *palingenetica*, resto de um estado de cousas que passou.

Convençamo-nos de que a melhor lei é aquella que, herdeira de todos os progressos realisados, fôr ao mesmo tempo mais progressiva, e persuadamo-nos de que si, em virtude deste principio, o *legislador* deve respeitar os factos consumados, os acontecimentos passados, o *juiz*, si quizer dar á lei toda a sua força dinamica, si quizer concorrer para o progresso do *cosmos* juridico, não póde tornar *effectivas* consequencias de factos passados, que estejam em opposição com o espirito da lei nova.

São estas as soluções que damos ao problema da determinação do *momento historico das leis ;* podem não ser verdadeiras, porém ao menos têm um merito : — não estão contaminadas do virus das idéas velhas, que não podem mais subsistir deante do sopro rude, mas ao mesmo tempo salutar, do espirito moderno.

CADEIRA PORTO ALEGRE

— Manoel de Araújo Porto Alegre, Barão de S. Angelo (1806-1879) com Domingos G. de Magalhães, Visconde de Araguaia, foram entre nós, os iniciadores da escola romantica. Escreveu as *Brasilianas* e o poema *Colombo*. E' o patrono da cadeira.

CONDE C. DE LAET

Carlos M. Pimenta de Laet, bacharel em letras e enjenheiro naceu no Rio em 1847. Foi deputado geral, na ultima lejislatura do parlamento monarquico, mas não chegou a tomar assento.

Consagrou-se ao jornalismo, sendo sua feição principal a de escriptor ultramontano. E' hoje Conde por graça da Santa Sé (1913).

Em tempos juvenis escreveu um volume de versos.

O FRADE ESTRANGEIRO (1)

Lembra-me haver lido que perante o Areopago era prohibido fazer exordios, pelo muito que de taes insinuantes proemios receavam os precavidos juizes desse tribunal; mas de minha parte não ha que temer semelhante perigo, não só porque não sei manejar a palavra de modo que a torne formidavel, mas ainda porquanto eu não pretendo conquistar a vossa benevolencia, pois de antemão conto com ella, fallando perante amigos e correligionarios.

Ha cerca de um anno, senhores, não tenho subido a esta tribuna, e disto não preciso excursar-me. Este Circulo é principalmente uma casa da mocidade, este logar devia ser dos moços. Em todas as milicias bem organisadas ha a pri-

---

(1) Conferencia feita em 22 de Maio de 1903 no Circulo Catholico.

meira linha, que é a dos combatentes válidos e robustos, e as reservas só entram em fogo quando assim o exigem inelutaveis difficuldades e carencias de pessoal. Ora claro está que, assim pela minha edade como pelas idéas politicas que professo, eu me acho reduzido á condição de reservista. Onde estão os que com mais forças e habilitações devem fazer estas conferencias ? Porque não transformam esta tribuna já não direi todos os dias, mas todas as semanas, em uma cadeira de verdades, mais modesta do que o pulpito, porém egualmente encaminhada á propaganda do bem, do justo, da caridade, em uma terra, em uma época em que, a todo momento, em cada esquina, se préga o odio, o injusto e o mal ? (*Approvações.*)

Com sincero praser, senhores, ouço annunciar, de vez em quando, um orador novo, e mais ainda quando este se enaltece por dotes de espirito e de coração. Grandemente jubiloso foi, pois, o meu alvoroço ao saber que uma conferencia ia ser feita pelo sr. dr. Mello Mattos, hoje deputado federal e nosso prezado irmão de crenças. Fiz logo votos de não mais fallar até ouvir a s. ex. para lhe seguir as pisadas... Mas o nosso illustre amigo não pôde, por enfermo, realizar a sua prelecção... Bem, disse eu, aguardemos, o restabelecimento de s. ex, ; e não cessei de orar pela completa restauração da sua saúde. Agora s. ex. sahiu eleito deputado, o que suppõe herculea robustez para o desempenho dos encargos que lhe incumbem ; pois bem ! agora a s. ex. podemos confiados pedir que nos não desampare, e que com a sua palavra, convencidamente catholica, venha dar o nobre exemplo da propugnação das nossas idéas.

Terminado este exordio, que, meus senhores, procurei tornar o mais insinuativo possivel, passo a expor-vos que, o que vou dizer, não será tanto a defesa de uma these como a historia de uma singular fluctuação em que o meu espirito foi lançado pelos ultimos successos de que tem sido theatro a nossa capital.

Conhecer bem toda a doutrina christã, em suas particularidades historicas, dogmáticas, disciplinares, liturgicas, não é realmente cousa facil. Volumosos são os tratados, os diccionarios, as dissertações de assumpto religioso, e não bastaria a vida de um centenario para percorrer, quanto mais estudar, tantos e tão extensos livros... Mas saber o necessario para a salvação é facillimo. Toda a materia es-

sencial para isso cabe em um desses livrinhos que denominamos catecismos. Eu a aprendi primeiro com meus paes, e mais tarde no Collegio de Pedro II com o professor de religião, monsenhor Felix, de saudosa memoria, em um voluminho que tem por titulo: — *Catecismo da doutrina christã para o uso da Associação Catholica no Rio de Janeiro, da qual é protector o exmo e revmo. sr. Bispo Conde Capellão mór.*

Senhores, é singular: este livrinho conta apenas 105 paginas, ou antes umas 80, deduzidas 25 que são occupadas por varias orações ; e, comtudo, não se me têm deparado difficuldades na vida, ou como christão ou como cidadão, não tenho encontrado problema cuja solução não se me offereça nestas paginas !

Todos os deveres para com os meus superiores, desde Nosso Pae e Supremo Senhor até ao meu semelhante, de direito ou de facto constituido em autoridade na escala social ; todos os deveres para com os meus inferiores; todas as regras de conducta ; todos os preceitos e ensinamentos ahi se acham claros, enunciados em linguagem que uma criança facilmente comprehende. Não estranheis, portanto, que deste precioso livrinho eu desentranhe umas idéas, que são as minhas, como devem ser as vossas. E' aqui, á pagina 46, onde se explica o 9º artigo do Simbolo dos Apostolos, e se trata dos — *caracteres da Egreja.* Estes são quatro, diz o catecismo : uma, santa, *catholica* e apostolica. — Porque dizeis que a Egreja é catholica ? pergunta o catecismo; e logo acode com a resposta: «Digo que a Egreja é catholica, isto é, universal, porque se estende a todos os tempos e a todos os logares.» Nada mais, senhores : porém está dito tudo. (*Approvações.*)

Sim, a todos os tempos, porque ella vem do primeiro homem, até nós, e de nós se estenderá aos que têm de ouvir o clangoroso pregão do juizo final. Sim, a todos os logares, porque, pela vastidão do orbe, innumeros povos conhecem a Jesus Christo e aprenderam a adoral-o na Hostia consagrada.

Catholica, isto, é *universal*, diz o catecismo, e disse bem, porque na sua transparente etimologia o vocabulo, de origem grega, proclama a generalidade, a totalidade, a universalidade das nossas crenças. Não ha um catholicismo francez, belga, allemão ou brazileiro : mas todo catholico, no

que se refere á religião, sente-se irmão do outro homem que com elle communga no mesmo credo.

Taes eram, senhores, as minhas idéas, quando subito irrompeu o clamor de que tendes noticia, e que á porta de um velho mosteiro ia buscar *monges estrangeiros* para deportal-os, ou talvez, para justiçal-os como malfeitores; e então entrei a perguntar commigo mesmo : — Porque e para que tamanho alarido ? São catholicos os que isso fazem ? Se não são, porque se ingerem nas questões do catholicismo ? Que se lhes dá do governo de uma abbadia, a elles, que não pertencem á nossa Egreja? (*Approvações*). E, por outro lado, se são catholicos, como é que tão feiamente desconhecem a sua doutrina ? Como é que fazem questão de nacionalidade no que é essencialmente universal ?

Em um dos *meetings* a parte do qual assisti — porque o espectaculo de uma multidão conturbada, comquanto doloroso, é sempre interessante para um espirito observador — certo orador vozeava que era preciso fundar o *catholicismo brasileiro*. Uma *universalidade parcial* — teria dito melhor. No dia em que a tivesse creado, apenas houvera engendrado um scisma. Senhores, ou o catecismo está errado, ou esse orador não aprendeu o catecismo ! (*Riso*.)

Longamente meditei sobre todas estas contradições, e procurei explical-as. Em frente de um erro ou de um crime, apraz-me indagar da genese do delicto ou do absurdo. Isto ensina a ser tolerante. Tratei, pois de applicar o meu methodo ao caso de pathologia social que se me antolhava, e então cheguei a concluir que, catholicos muito embora, esses homens eram victimas de uma obsessão patriotica. Fanaticos pelo nosso pais — imaginei para desculpal-os, e tambem era a sua unica desculpa — elles revolveram os annaes da nossa terra e lá, talvez, encontraram a historia de *frades estrangeiros* oppressores, inimigos do Brazil e sobre cuja memoria pesa o anathema dos seculos... Perfeitamente ! — disse commigo mesmo: vamos á historia! Precisamos de um banho lustral de historia ! E ahi está, senhores, porque, emquanto as turbas se agitavam nas ruas, eu, no fundo da minha modesta bibliotheca, desgostoso, assombrado, enojado do presente, consultava os nossos velhos historiadores, pedindo-lhes lições que, accusando o *frade estrangeiro*, excusassem o desvairo dos seus inimigos.

E os livros, senhores, responderam-me cabalmente.

O primeiro *frade estrangeiro* que se me apresentou foi frei Henrique de Coimbra. Vós bem o conheceis e, quando quereis vel-o, basta-vos ir á praça da Gloria, onde está o monumento do Pedro Alvares Cabral. Lá se acha tambem o illustre franciscano que disse a primeira missa no Brazil. Na *Historia Seraphica*, de Fernando da Soledade (Lisboa, 1705, tomo 3º pagina 489), li que foi homem de merecimento : « Frei Henrique de Coimbra, homem de não vulgar talento e espirito. Tinha largado a toga de desembargador da Casa da Supplicação em Lisboa pelas asperezas do nosso instituto, que abraçou no convento de Alemquer, onde foi noviço com tanto fervor que logo deu indicios claros de suas virtudes eminentes. »

Que este frade não merece os desdens nem os odios da actualidade, bem se demonstra pelo facto de o haver a republica fundido em bronze. (*Riso*). Dir-me-eis que não era propriamente um estrangeiro, porque então tudo era portuguez : e eu vos respondo que não. Muitos dos assistentes da primeira missa eram brasileiros natos, e posso dizer que mesmo jacobinos, porque não hesitavam em proceder ás mais summarias e rapidas execuções. (*Riso.*)

Neste ponto occorre-me, senhores, tirar ensinamento de duas circumstancias, para as quaes chamo a vossa illustrada attenção. Porque, de tantos frades que depois se illustraram na catechese e no desbravamento moral do Brasil, só este, comquanto estrangeiro, tem merecido as honras do bronze estatuario ? Quer parecer-me, senhores, que foi por se ter apenas contentado com dizer a sua missa, pregar o seu sermão e voltar para a sua casa (*Riso.*) Já naquelle tempo optimamente se dava o mundo com esse genero manso de frades. Os máos são os catechistas, os missionarios, ou de bugres ou de homems que se suppõem civilisados. O frade ou padre que se limita ás funcções puramente cultuaes, não tem inimigos : sabem que elle é inoffensivo... Mas se nas suas pregações elle ataca, qual João Baptista, os vicios e torpesas de um Herodes : se, como S. Paulo, proclama, perante a Roma dos Cesares, a « sublime loucura da Cruz » ; se o frade lança mão da imprensa, como, segundo já disse alguem, certamente faria o Apostolo das Gentes, dado que vivêra em nossos dias — oh ! então o frade, longe de ser perpetuado em effigie, corre o perigo de ser lapidado vivo. (*Applausos.*)

A outra observação que vos queria fazer, senhores, é sobre aquelles nossos patricios, brasileiros natos, que, com gestos adequados, acompanhavam a ceremonia da primeira missa, dando muitos signaes de compuncção. Todos os chronistas que narram o facto se mostram abalados inclinando-se a nisto ver patentes mostras de predisposição para as cousas celestiaes... Mas não nos enganemos, senhores. Annos depois os filhos desses selvagens, ou talvez mesmo alguns delles, matavam e devoravam o primeiro Bispo do Brasil. E parece que entre nós têm descendentes e imitadores. Ainda os ha, caboclos dessa feição, que vão á egreja, que para os jornaes fazem artigos, dizendo-se catholicos — e que, todavia, não trepidam, como os soldados no drama da Crucifixão, em rasgar a tunica da Egreja e repartil-a consoante ás suas cobiças. Felizmente, senhores, ella é inconsutil, — inconsutil e indilaceravel ! (*Applausos*).

Deixemos, porém, absolvido da pécha de inimigo de nossa patria o illustre *frade estrangeiro* que celebrou a primeira missa no Brasil, e, nesta rapida excursão, pois não pequeno é o caminho que temos de percorrer, já lobrigamos o vulto de um jesuita — e que jesuita, senhores ! Chamava-se José de Anchieta !

Este, sim, é bem *estrangeiro ;* estrangeiro para nós, porque nasceu fóra do Brasil; estrangeiro para nossos antepassados, os portuguezes, porque era hespanhol. José de Anchieta veiu ao mundo, como não ignoraes, na cidade de Laguna, antiga capital do archipelago das Canarias, -situada na ilha de Tenerifie, onde se eleva o famoso pico de Teyde.

Nascido no dia de S. José, aos 19 de março de 1534, exactamente o anno em que D. João III completava os lineamentos do seu projecto de povoamento do Brasil, segundo o plano das capitanias hereditarias, Anchieta foi recebido pelos jesuitas, na sua casa de Coimbra, no dia 1 de maio de 1551. Cousa extraordinaria para os nossos tempos! Os portuguezes de então não fasiam, em religião, a menor differença entre religiosos nacionaes e estrangeiros ! O novo filho de S. Ignacio foi tão bem recebido como se tivera visto a primeira luz em terras de Portugal ; e o provincial Simão Rodrigues não oppoz o menor embaraço a que, de mistura com outros religiosos, viesse o joven Anchieta trabalhar no Brasil, quando para cá foi despachado Duarte da Costa, segundo governador.

Senhores, sei que fallo a pessoas assás lidas na historia patria para que julgue necessario, já não direi uma narração desenvolvida, porque esta demandaria longas horas, mas um esboço siquer dos trabalhos de Anchieta em nosso paiz. Elle foi visto onde quer que o exigiam os interesses da religião e do nascente Brasil. Catechisou o selvagem e, pela palavra e com o exemplo, saneou a moralidade dos primeiros habitadores. Foi o élo de paz, foi o iris da alliança entre o colono avido, lascivo, deshumano, e o selvicola suspeitoso, traiçoeiro e feroz.

Este *frade estrangeiro*, tendo começado o seu serviço de catechese na Bahia, passou-se á capitania de S. Vicente, onde, a 25 de Janeiro de 1554 se dizia, em uma *pauperrima e ertreitissima casinha*, a missa commemorativa da conversão de S. Paulo. Foi este o berço do collegio, da cidade e da capitania de S. Paulo, depois provincia, hoje estado do mesmo nome, e, certamente, uma das regiões mais prosperas do nosso Brazil.

De como ahi viviam Anchieta e outros *frades estrangeiros* dão testemunho as memorias coetaneas. Um casebre feito de páos e barro, coberto de sapê servia ao mesmo tempo de escola, de enfermaria, de refeitorio, de cozinha e de dispensa. Em poucas e singelas palavras, não dirigidas á posteridade, á qual, de certo, jámais imaginou que lograssem chegar, Anchieta nos dá uma idéa de tamanhas penurias. « Em taes estreitezas nos achamos em verdade collocados (escreveu elle) que é muitas vezes necessario aos irmãos explicarem a lição de grammatica no campo ; e como ordinariamente o frio nos incommoda da parte de fóra, e dentro de casa o fumo, preferimos soffrer o incommodo do frio de fora do que o do fumo de dentro. » Gue opulencia, senhores, a desses religiosos *estrangeiros !*

E como a toleravam ? Longe de com tal pauperie anojar-se, della dizia Anchieta : « Não invejamos os espaçosos aposentos de que em outras partes gozam os nossos irmãos, pois Nosso Senhor Jesus Christo se collocou em mais estreito logar, e dignou-se nascer em pobre mangedoura, entre dois brutos animaes, e morrer em altissima cruz por nós. » Carta inserta nos « Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro », (vol. 1).

Accrescia á pobresa o excesso de trabalho : « Muitas vezes, conta o missionario, — para acudir a baptisar ou

confessar um escravo de um portuguez, se andam seis ou sete leguas a pé, e ás vezes sem comer... » (Informações e fragmentos historicos do padre José de Anchieta, Rio, 1886, pag. 20).

Não ha quem não tenha ouvido fallar na confederação dos Tamoyos, facto importantissimo da nossa quadra colonial, e do qual fez uma epopéa o genio de Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaya. Aos francezes, que tentavam estabelecer-se nesta nossa bahia de Guanabara, colligaram-se os Tamoyos. Conciliados pela habilidade do recente invasor, os indigenas constituiam um perigo formidavel para os portuguezes. De uma e de outra parte fasiam-se temerosos aprestos. O sangue humano ia correr a jorros. Ora, foi nestas conjuncturas que o *frade estrangeiro* José de Anchieta se offereceu para desarmar com a palavra o indio offendido e vingativo. Southey, o historiador insuspeito, porque era protestante, opina que « de mais perigosa embaixada nunca ninguem se encarregára. »

Anchieta parte em um navio do genovez Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba, que naquelle tempo se dizia Iperoig. Quando o barco se approximava da costa, estava ella coalhada de gente feroz embravecida... Parecia um *meeting!* (*Riso*) Tomam os indios saltam em canoas e dispõemse a aggre-dir o navio de Anchiieta. O *frade estrangeiro* aparta-se dos seus e apresenta-se sósinho. Como arma unica, eleva bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrificio resignado, ensinando aos homens todas as resignações no sacrificio. Diante desse homem, tão sereno em sua fraquesa corpórea, hesitam as coleras mais impetuosas. Consente-se em ouvil-o, o que já era meia victoria para a causa da boa razão. Ouvem-n'o. Celebra-se o armistico. Confiado na lealdade daquelles filhos da naturesa, o padre deixa-se levar por elles, e entre elles permanece como refém. Tamanha coragem subjuga, conquista a admiração dos bravos; tamanha doçura angaria a effeição dos mais desconfiados. Celebra-se, finalmente, o pacto... Estava frustada a machinação dos novos invasores, estava salva a incipiente America Portugueza. Para tal fim, em nossos dias, ter-se-ia mandado um diplomata, ou, peior ainda, um general com seus soldados — e o sangue houvera corrido. Então mandou-se um religioso e tudo se pacificou. Confessae, senhores, que este *frade estrangeiro* não pouco fez pela causa de Portugal e do Brasil! (*Applausos.*)

Não foi tudo. Quem hoje passa pela praia de Santa Luzia vê um edificio notavel, o Hospital da Santa Casa da Misericordia. Quaes os primordios da instituição que hoje alli tem o seu principal estabelecimento, nos refere, no seu *Sanctuario Mariano*, Frei Agostinho de Santa Maria. São poucas linhas, permitti que vol-as cite : « Pelos annos de 1582 (diz o chronista) se entende teve principio a Santa Ca sa da Misericordia do Rio de Janeiro, ou poucos annos antes; porque neste anno chegou áquelle porto uma armada de Castella, de que era general Diogo Flores Baldez. Com os temporaes padeceu esta armada muito, porque lhe adoeceu muita gente. Achava-se naquella cidade o veneravel padre José de Anchieta, visitando o collegio que alli teve a companhia, fundado no anno de 1567. E como o veneravel padre José de Anchieta era varão santo, levado da caridade tomou muito por sua conta a cura e o remedio de todos aquelles enfermos, dando traça como se lhes assignasse uma casa, em que pudessem ser curados todos e assistidos — entendendo muitos que então tivera principio a Casa da Santa Misericordia, que hoje é nobilissima. »

(Op. cit., vol. X.)

Em Iriritiba, que depois foi Benevente, e hoje tem o nome de Anchieta, falleceu este religioso estrangeiro a 9 de Junho de 1597. Ha sete annos, em 1896, fizeram-se em S. Paulo preparativos para uma brilhante festa de tricentenario. Celebraram-se bellissimas conferencias, em que luziram estremados engenhos... Mas a festa não teve, valha a verdade o esplendor que fôra de esperar. Sobre o tumulo do santo catechista esparziram-se aquellas flores litterarias, e foi tudo. As grandes procissões civicas, as apotheoses enthusiasticas e estrondosas, minha patria hoje as reserva, não para os que consolam, mas para os que encarceram, não para os que doutrinam, mas para os que fuzilam e degollam... (*Sensação.*) Mas não importa, passemos a outro frade.

Este é ainda do mesmo seculo, e tambem estrangeiro. Nasceu em Medina del Rio Secco, localidade proxima de Salamanca, na Hespanha, em principio de 1498. Chamou-se frei Pedro de Palacios.

Tendo entrado para o convento de S. José dos Reformados, em Castella, passou depois para o recolhimento da Arrabida, em Portugal. Neste velho reino — e naquella época — não prodominavam certos proconceitos muito

em voga neste seculo das luses. Ninguem lançou em rosto a Pedro de Palacios o não ter nascido em terras de Portugal. Esteve em Lisboa, ao serviço da enfermaria, e lá operou verdadeiros prodigios de caridade ; porém mais difficeis misteres lhe tinha reservado AQUELLE que tudo conhece e sabe medir as nossas aptidões.

Em 1558 os habitantes da villa do Espirito Santo, no Brasil, viam desembarcar um religioso capucho. Era Frei Palacios. Sabeis como se compunham os grupos de emigrantes para a colonisação do Brasil. Aventureiros da peior especie, ineptos ou viciosos, que absolutamente não podiam fazer carreira na patria, soldados brutaes, mulheres de vida airada, galés, a cupidez e a lascivia, a boçalidade e o crime pejavam as náos que do velho reino se endereçavam á nascente colonia. Foi com esta escoria da população que se teve de haver o frade recem-chegado. Elle vinha, pescador de almas, procural-as no pégo do gentilismo, e achou-as logo, no littoral, naquelle triste nucleo de christãos deschristianisados. — « Não! teria elle dito ; vamos a estes primeiro. Os outros, ao menos, poderão um dia allegar perante o SUPREMO JULGADOR a ignorancia invencivel na sua misera condição : mas esses a quem foi prégado o Evangelho e que escandalosamente o postergam! esses que foram baptisados e que vivem afundados no tremedal de todas as torpezas! Vamos a estes primeiro... » E foi, senhores, e de tal escoria, refundida no crisol da religão, soube fazer almas novas ; reformou os costumes, debellou os vicios, ensinou áquelles desgradados o caminho da outra patria, mais alta e mais bella, a patria celestial. Eis a missão deste *frade estrangeiro*, e não podeis dizer que foi pequena.

Deram-n'o como fundador do convento que alteroso se ergue sobre o monte da Penha, á margem meridional da bahia do Espirito Santo. Na gruta que demora junto ao sopé do monte, mão piedosa modernamente gravou uma inscripção, indicando que alli foi a primeira habitação de frei Palacios ; e accrescenta haver elle sido quem construiu o convento no alto do morro : « Mirum coenobium construxit vertice rupis. » Mas averiguações posteriores nos ensinam que a outros cabe a honra de ter erigido o bello edificio. Frei Palacios, porém se não ergueu tamanha fabrica, edificou outros templos, e talvez mais bem acceitos do SENHOR, corrigindo e moralisando os primeiros habitadores do Espirito Santo.

Em 2 de maio de 1575 (ou de 1570), como querem alguns, os colonos do Espirito Santo, dando pela falta do homem de Deus, que de quasi todos fizera um amigo e um filho espiritual, subiram á Penha, onde elle tinha construido, não o convento actual, mas uma simples ermida, e déram com o frade de joelhos, encostado ao altar, braços, estendidos, mãos postas, olhos erguidos ao céo. Aguardaram muito tempo que findasse aquella extatica prece, — mas em vão. Estava morto... Estrangeiro em Portugal e no Brasil, tinha finalmente achado a sua patria verdadeira.

O processo para a canonisação deste operario de Deus foi, segundo creio, encetado. Então, como sabeis, o Papa manda inquirir minuciosissimamente de todas as circumstancias que possam alterar, pró ou contra, o conceito geral sobre os meritos do canonisando. « Advogados do diabo » chamam-se os que impugnam a canonisação, apontando falhas ou defeitos que invalidem a opinião da santidade... Pois bem ! se no processo de frei Palacios lograssem ser ouvidos certos « advogados do diabo », como tantos entre nós existem (*Riso*), o defeito assacado seria este, infallivelmente: — não ter sido brasileiro nato... (*Riso.*) Mas eu espero, senhores, que a sabedoria inerravel do Summo Pontifice nunca faça do logar do nascimento uma condição de santidade.

Terceiro... terceiro, não, quarto « frade estrangeiro » se póde considerar um jesuita que teve por nome Antonio Vieira.

Nasceu em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608. Francamente, eu preferira que o local do seu nascimento houvesse sido, por exemplo, Guaratinguetá ; mas não se póde discutir o que consta de irrefragavel documento : elle nasceu em Lisboa. Era, portanto, para os nativistas do seu tempo, um « estrangeiro », ou, peior ainda, um « jesuita. » Dois monstros *in carne una !*

E que fez elle ?

Catechista entrou pelos sertões a dentro, conquistando para a christandade muitissimas tribus do gentio brasilico; homem politico, foi o braço direito do seu soberano, e propoz medidas e engariou recursos para a expulsão do Hollandez, que tinha empolgado o norte do Brasil: prégador, eclipsou os mais distinctos e, na finura dos conceitos, bem como nas audacias do estilo, subiu tão alto que ainda nenhum se lhe approximou ; prosador emerito, delle se póde

com justeza dizer que fixou a syntaxe vernacula, assim como fixara Camões o lexico portuguez.

Pelo que diz respeito ao nosso Brasil, senhores, é impossivel fazer a historia do seculo decimo setimo sem repetidamente encontrar Vieira. Direi mais: o vulto deste *padre estrangeiro* enche todo esse periodo no Brasil; e, por isto, optima prova de criterio deu o nosso Instituto Historico e Geographico, quando na secção consagrada, em sua *Revista Trimensal*, para registrar as biographias dos — *Brasileiros* distinctos por lettras, armas, virtudes, etc. — em o numero de taes compatricios incluiu Antonio Vieira. publicando um resumo da sua vida á pagina 229 do 6º volume.

O que mais particularmente nos interessa na vida de Vieira, é, senhores, o santo amor que sempre dedicou á catechese e á liberdade dos indios. Os brancos effectuavam pelo amago de pais correrias em que aprisionavam e redusiam a captiveiro os profugos selvagens. Arrancavam-lhes as mulheres e as filhas, matavam as crianças, e dos homens validos faziam, á força de pancadas, servos para os trabalhos ruraes. Era a escravidão debaixo da fórma mais odiosa. A nossa historia colonial está cheia desses horriveis attentados, eterna vergonha do homem civilisado, macula indelevel na conquista do continente pela intrepida iniciativa dos nossos avós. Pois bem, senhores, foi contra esta ordem de cousas que se ergueram os jesuitas e á frente delles o famoso Vieira.

Sabeis qual a magnitude da sua obra? Que nol-o diga um dos seus mais conceituados biographos. Depois de citar os missionarios que Vieira distribuiu pelas diversas estancias ou aldeias, explica elle:

« Estes são os filhos de Santo Ignacio, que de dois em dois como os discipulos de CHRISTO, se apostaram a levar, por aquella inculta região e barbaridade cega, os resplendores da doutrina e da fé. Depois, pelas occurrencias do tempo, teve, em parte, alguma mudança este sistema. O espaço desta campanha de norte a sul (aqui chamo, senhores, vossa attenção) é de mais de quatrocentas leguas por costa; as christandades e aldeias que nellas se contavam, eram cincoenta e quatro; as almas, mais de duzentas mil. Não se contém nesta resenha com estancia determinada, porque queria estar em todas, o capitão e cabo de todos, o padre

Antonio Vieira; porque, disposto primeiro o seu exercito para a parte do norte, isto é, do Maranhão até ao rio dos Amazonas, reserva-se para passar ao sul até á Fortaleza do Ceará, que são os dois termos, do Estado, e ainda revolvia no animo mais comprida jornada. » (ANDRÉ DE BARROS, *Vida do padre Antonio Vieira*, pagina 117 da edição lisbonense de 1858.)

Eu vos pergunto, senhores, onde actualmente os planos de civilisação dos indigenas, os quaes com este se possam comparar ? O nativismo, que tão vesgos olhos lança aos estrangeiros, nossos auxiliares em religião, deveria olhar para isto e chamar a si a magna tarefa da catechese. Não é logico que, sendo para elle essencial requisito o haver nascido no Brasil, á sua triste sorte abandone tamanho numero de brasileiros natos, de que, pelo menos, se poderiam fazer magnificos eleitores, soberbos oradores de *meetings* e até ministros do Supremo Tribunal. (*Hilaridade.*)

E os srs. positivistas, tambem, porque são se entregam a essa nobre missão ? S. Francisco Xavier e S. Ignacio de Loiola figuram no calendario de Augusto Comte, a 22 de S. Paulo, que é o sexto mez do anno... O que vemos, porém, é que os missionarios dessa grei, em vez de se atirarem ás privações, ás intemperies, aos perigos como prégadores catholicos, fazem questão de dinheiro para se estabelecerem em uma basilica, e com pingue dotação garantida. Eu bem quizera contemplar o bispo positivista do Rio, sósinho, ou com dois ou tres companheiros, a trabalhar pela catechese nas florestas de Goyaz ou Matto Grosso (*Riso.*) Eu sentiria que de suas palavras não pudesse brotar a luz do Evangelho, mas em todo o caso lhe respeitaria a sinceridade... Tal, porém, não succederá, senhores ; os propangadistas do comtismo preferem ir para a capital da França, Paris, centro de todas as mundanidades e praseres. (*Approvações.*)

E já que tocamos neste assumpto da catechese, preciso é reconhecermos que o não muito que existe, absolutamente não tem cunho nativista, porque é fructo dos esforços e da corajosa dedicação de frades estrangeiros.

São Dominicanos estrangeiros os que ora catechisam nas margens do Araguaya, em territorios do Pará e de Goyaz. Fundaram alli a colonia da Conceição do Araguaya, nucleo de mais de quatro mil pessoas ; mantém dois col-

legios, um internato de cincoenta meninos, e um externato para numero indeterminado de meninas, dirigido este pelas Irmãs Dominicanas, que alli são mestras e exemplares de recato feminil.

Estrangeiros tambem são os Salesianos que trabalham em Matto Grosso. Ainda hoje, neste mesmo salão do Circulo, mostraram-me uma photographia de catechumenos matto-grossenses. No meio delles estava o catechista, não um positivista de fraque, mas um homem de batina, de physionomia calma, placida com a serenidade que dá a consciencia do dever, e tendo ao peito a sua, a nossa Cruz — a Cruz, seu e nosso emblema, seu e nosso estandarte, seu e nosso programma.

Estrangeiros ainda, os Franciscanos dos sertões de S. Paulo e do Maranhão, nas celebres missões onde o lucro que colheram foi o saque, foi a tortura, foi o martirio, na espantosa matança de que tanto fallaram os jornaes... Por toda a parte encontrareis o rasto de sangue dos catechistas... E que, ingratidão, senhores, o pisal-o com odio, porque seja o do estrangeiro ! (*Sensação.*) Elle foi derramado pelo nosso CHRISTO e pela nossa patria ! (*Applausos.*)

Prosigamos, porém... A *mais comprida jornada*, de que fallava André de Barros nas palavras que vos li, não chegou infelizmente a realizar-se. Prohibidas que foram as *entradas livres*, enfureceram-se os colonos e arderam em furias contra os jesuitas.

Entradas livres ! Notae bem, com que artificios de linguagem sabe o demonio colorir as suas negras idéas. O que o colono do Maranhão pretendia, era isto : fazer *entradas livres.* O jesuita empecia-lhes esta *liberdade...* Logo era o jesuita o inimigo da liberdade, o elemento anti-liberal e abominando. Considerae, porém, que a *entrada livre* era a incursão em procura de miserrimos escravisandos ; era a lascivia a pascer-se nas mulheres,era a ferocidade a cevar-se nos homens. O que elles queriam, esses colonos do Maranhão, era a liberdade de entrar abusivamente pela propriedade e pela segurança dos outros. Nem tal vos admire, senhores. Em nossos dias, agora mesmo, ha quem pugne pela «liberdade de reunião », tal como lá a entendem elles. E como é que a entendem ? Como a liberdade de reunir desvairados, açular-lhe as paixões, apupar os jornalistas que não propugnam os seus erros, escalar mosteiros e, cem contra um, per-

seguir homens inermes! Os « meeting » de hoje são primos co-irmãos das « entradas livres » de hontem. (*Applausos.*)

Não podendo, portanto, os do Maranhão, tolerar as represas que lhes punha Antonio Vieira á cobiça e á incontinencia, cercaram os padres no seu collegio ; tiraram n'os de lá no meio de apodos e injurias ; arrastaram-n'os pelas ruas e obrigaram-n'os a embarcar sem o comforto que exigiam a dignidade sacerdotal, os muitos serviços que taes homens tinham prestado ao Brasil. Senhores, tudo isto nos parece cruel, selvagem, absurdamente bestial; mas outra não é, atravéz dos seculos, a longa historia do apostolado catholico. E,se dispostos vos achardes a um movimento de orgulho, acreditando viver em época de maior tolerancia, lembrae-vos do que entre nós succedeu, ha dias, quando monges veneraveis pelo seu saber e pelas suas virtudes foram coagidos, de noite, e sob a imminencia da morte, a deixar o seu cenobio, asilando-se á sombra protectora do palacio archiepiscopal. Hoje, como sempre, a liberdade é o motte, é o pretexto, é a fallaciosa divisa, — mas a realidade é a perseguição contra os que, desbravando os caminhos de Deus, encontram e têm que desalojar a serpe do interesse.

Não acompanharei, senhores, o padre Vieira em todos os incidentes da sua longa existencia. Para isto fôra mister não uma, porém muitas conferencias. O que fica dito, é o essential, e aqui não posso senão esflorar os assumptos, receioso de fatigar-vos. (« *Não, não !* »)

Urge apressar-nos, — e, observando que até agora só tenho fallado de franciscanos e jesuitas, passarei a lembrar alguns benedictinos. Nisto, aliás, vou seguindo a ordem dos factos. Como bem adverte frei Jaboatão, em seu *Novo Orbe Seraphico Brasileiro*, os primeiros trabalhadores da obra celestial, em terras do Brasil, aquelles que Deus nos enviou á hora de prima, *primo mane*, ao romper do dia, foram os franciscanos ; vieram depois os jesuitas, e só mais tarde os benedictinos, ordem mais repousada e sapientissima, e assim destinada para a colheita dos fructos, de que os outros já tinham lançado as sementes. Ora, senhores, bem é que o saibaes, nesta meritissima Ordem Benedictina antigamente não se fazia questão de nativismo.

Uma das glorias — e tantas são ellas ! — da Ordem Benedictina no Brasil é d. frei. Antonio do Desterro, que nasceu em Portugal, em Vianna de Lima, no dia de S. An-

tonio, 13 de junho de 1694. Já era Bispo de Loanda quando veiu para a Diocese do Rio de Janeiro, onde na lista dos prelados occupa o sexto logar...

Foi homem de tão distinctas qualidades que dos contemporaneos mereceu o titulo de *mestre dos bispos*. Governou vinte e sete annos esta afanosa diocese, cingindo a mitra cujos pungentes espinhos v. ex. revma. tão fundamente está sentindo ; e á maior severidade no tocante á correcção dos costumes soube alliar maxima caridade para com os infelizes.

Regularisou o assentamento de baptismos, casamentos e obitos, e obrigou os parochos ao ensino da doutrina christã por espaço de meia hora, pelos menos, antes da missa dominical. Mitigou o soffrimento dos escravos, interpondo-se entre elles e os seus senhores, e inspirando a uns o sentimento da obediencia e aos outros o da commiseração. Prohibiu o enterramento dos negros em logares não sagrados, como até então se costumava fazer — e assim praticamente deu aquella sabia lição da perfeita egualdade humana ante as formidaveis barreiras da morte. Foi elle quem legou á mitra a Quinta do Rio Comprido, onde hoje se acha o Seminario de S. José. Finalmente, quando morreu, aos setenta e nove annos de edade, em 1773, immensa foi a tristeza dos fluminenses.

Era portuguez da gemma, senhores, pelo nascimento, e, todavia, o dr. Joaquim Manuel de Macedo, meu finado mestre, filiado á escola politica liberal e que com muitas cousas certas me ensinou tambem algumas erradas (*riso*,) sobre historia do Brasil — o dr. Macedo não hesitou em incluir d. frei Antonio do Desterro entre os nossos compatriotas illustres no seu « Anno Biographico Brasileiro. » Esta publicação, como não ignoraes, foi escripta para figurar na Exposição de Philadelphia, em 1876, e alli dar idéa do adiantamento moral e intellectual da nossa patria, tão opulenta de homens illustres que podia apontar um em cada dia do anno. Perfeitamente : e Macedo, nessa galeria nacional, abriu espaço para o « frade estrangeiro », que ao Brasil consagrara tantos annos de actividade no bem faser. Elle lá se acha no artigo correspondente á data de 13 de junho, dia do seu nascimento. Era assim que ha alguns annos se comprehendia o patriotismo. *(Muito bem !)*

Outro exemplo — e na mesma Ordem — é aquelle benemerito francez, que no seculo se chamou Camillo Cléau e

no claustro frei Camillo de Montserrate. Este é dos nossos dias. Muitas das pessoas que neste salão se acham, pódem tel-o conhecido pessoalmente.

Nasceu na cidade de Paris, em 1818. Era (diz-se) filho natural do inditoso duque de Berry, e tomara o nome da familia em cujo seio achou abrigo. Não me proponho aqui fazer-vos a sua circumstanciada biographia, que foi objecto de aturadissimo estudo do illustrado sr. barão de Ramiz. Basta assegurar-vos que foi homem erudito e de vida pura e laboriosa. Em França, não se resignando á carreira de advogado, ou de tabellião, a que o destinavam, applicou-se a estudos de alta litteratura e principalmente de archeologia. Trabalhou como secretario de Letronne, um dos mais famosos archeologos do seu tempo. Conhecendo, afinal, o triste segredo do seu nascimento e desavindo-se com a sua familia de adopção veiu para o Brasil em 1844, quando contava 26 annos de edade; a 2 de outubro de 1847 era promulgado o decreto da sua naturalisação, e a 12 de novembro do mesmo anno entrou como noviço, fazendo profissão de votos no 1º de Janeiro de 1849.

Ninguem lhe estranhou que tivesse nascido em França; ninguem lhe atirou em rosto o labéo de *frade estrangeiro*. Entrou para a Ordem Benedictina e logo lhe aproveitaram as especiaes aptidões, encarregando-o de reorganisar a bibliotheca do mosteiro.

Mais ainda, senhores: o governo imperial, julgando que ao recondito do cenobio não se deveriam limitar os serviços do illustre monge, em 1850 o nomeou professor da 2ª cadeira de geographia e de historia do collegio de D. Pedro II. E com que termos, senhores, naquelle tempo se acolhia e honrava o *monge estrangeiro !* Era inspector geral da instrucção publica o sr. Joaquim Caetano da Silva, valente restaurador do nosso direito na secular questão de limites com a Guiana Franceza, autor da obra monumental *L'Oyapoc el l'Amazone*, trabalho de tão elevado merito que, quando o sr. barão do Rio Branco propugnava a nossa causa, acertado julgou incluir, por extenso, o livro de Joaquim Caetano na memoria comprobatoria do bom direito brasileiro... Pois, senhores, o dr. Joaquim Caetano, communicando a Frei Camillo a nomeação que este solicitara, usou das seguintes palavras ! » Felicito-me com este collegio pela

preciosissima acquisição que faz na pessoa de Vossa Senhoria Reverendissima. »

Pouco depois, e indo, sempre solicito, ao encontro do saber e da virtude, o finado Imperador, o sr. D. Pedro II, de gloriosa memoria, nomeou Frei Camillo bibliothecario da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, cargo de que elle tomou posse em 1853, que exerceu dezesete annos, até a sua morte, em 1870, e no qual teve longo ensejo de patentear todos os bellos dotes da sua poderosa intelligencia.

Com estes factos, que ligeiramente rememoro, uma cousa se prova, meus senhores : que o odio ao estrangeiro não é uma tradição, mas antes modernissima anomalia na Ordem de S. Bento, e cá fóra entre seculares. Foi preciso que se escancarassem as portas da nossa nacionalidade pela naturalisação tacita e quasi obrigatoria, para que se venha agora agitar nas ruas, como um facho demagogico e incendiario, essa distincção de brasileiros natos e naturalisados, fazendo-se do local do nascimento um motivo de suspeição e de odio ! (*Applausos.*)

Descendo pela série dos tempos eu vos peço, senhores, que em pensamento nos transportemos aos campos de batalha do Paraguay. Alli, na confusão dessa tremenda luta, nas linhas de fogo varridas pela fuzilaria, nas ambulancias mal seguras das granadas homicidas, não raro, no mais acceso dos combates, entre o relampear do ferro e a caligem da fumaça, alguns homens verieis occupados em levar conforto aos feridos e o perdão de um Deus misericordioso ao soldado arquejante e moribundo. No enthusiasmo do seu piedoso dever, esses homens, sublimes na sua temeridade, nem cuidavam dos perigos que de todas as partes os ameaçavam ; e diante delles, por onde quer que passavam, abatiam-se as espadas, desviavam-se as baionetas, como que pezarosas da sua missão de morticinio. (*Muito bem !*) Occore-me o nome de um desses homens : chamava se Frei Caetano de Messina ; era o outro Frei Fidelis d'Avola. O governo imperial, não podendo pregar-lhes ao peito o distinctivo dos bravos, deu-lhes honras de coronel. Sob o regimen da Republica, Floriano Peixoto, que, apezar dos seus desvairos e crimes, tambem foi soldado valoroso, elevou-lhes as honras do posto ao generalato. Mas esses homens, senhores, não eram brasileiros natos ; tinham nascido ambos na Italia : eram *frades estrangeiros* (*Applausos.*)

Vamos adiante. Estamos quasi chegados aos nossas dias. Quando um finado Bispo desta diocesse, o sr. conde de Santo Agostinho, deliberou concentrar na casa do Rio Comprido os dois seminarios, o maior e o menor, foram dispensados do exercicio do magisterio os padres lasaristas, que no largo da Mãe do Bispo tinham até então servido.

A um delles conheci muito, era o padre Hehn. Nascêra em 1848, na Allemanha, naquella antigo cidade de Koeln, ou Colonia, patria de S. Bruno, creador das austeridades da Cartucha. Veiu para o Brasil em 1873. Regeu cadeiras de philosophia, theologia e outras materias no seminario de Diamantina e aqui no do Rio. De suas illibadas virtudes dá prova o facto de o ter escolhido para seu confessor D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo desta diocese, em cuja timida consciencia parece que com a santidade recresciam os temores do demerito. Em poucas palavras : era o padre Hehn um homem de saber e de bem, na mais completa accepção da palavra.

Dispensados os seus serviços pedagogicos, para onde pensaes que foi elle ? Para a Europa onde tinha familia ? Não — que outra e mais chegada familia lhe deparava a Providencia. Foi trabalhar como capellão no Hospital da Misericordia.

Manejava este padre, com rarissima pericia, muitissimos idiomas. Ao hospital affluem, como sabeis, individuos de todas as nacionalidades, naufragos que batidos pelo tufão da desgraça alli chegam de todas as partes do mundo. Que tristeza, naquellas extensas enfermarias, onde tantos de vós haveis estado, ou levados pela caridade ou pelo dever profisional, — que tristeza para o enfermo arredado de seu pais, em não encontrando, longe delle, quem lhe entenda a lingua e lhe facülte a troca de pensamentos! Ser comprehendido é meia consolação. Por isto junto á cabeceira dos enfermos se multiplicava o padre poliglotta. Um dia succumbiu-lhe o organismo ao insulto de uma dessas violentas pirexias que a sciencia baptisa com mil nomes, mas que para aquelle batalhador foi o termo e a corôa dos combates... Morreu em 1893. Ao seu leito de morte aproximou-se um amigo obscuro, curvou a sua fronte de peccador, implorando uma benção ; e daquelles labios prestes a cerrarem-se ouviu uma phrase como esta : « Morro feliz porque trabalhei pela nossa religião e pela nossa patria. » Nossa patria ! Era o

Brasil, patria nossa e tambem delle, do « padre estrangeiro. » (*Muito bem !*)

Eu receio, senhores, offender respeitaveis susceptibilidades, quando não eu vos monstraria, sem sahirmos da benemerita Congregação da Missão, esse veneravel padre Julio Clavelin, francez de nascimento, mas honra de nosso magisteiro, gloria e modelo do nosso clero (*Muito bem !*) — o padre Clavelin, que de serviços á educação da mocidade conta cerca de meio seculo — e tão venerando, sob a sua aureola de cabellos brancos, que eu sempre lhe beijaria as mãos, si acaso m'o permittisse a sua modestia, para lhe agradecer o muito que tem feito pelo nosso Brasil. (*Applausos.*)

Mas por não tratar sinão dos mortos, senhores, consenti que vos conduza á beira de dois tumulos recentemente fechados... Um delles é o daquelle optimo padre Lourenço Rossi, da Sociedade de Jesus, — um *estrangeiro* tambem — mas que no Brasil fundou o collegio Anchieta e, poucos dias antes que a morte o salteasse no meio de nós, ainda nos prestava o auxilio de sua abençoada intelligencia para o generoso tentamen de uma Academia de Commercio. (*Muito bem !*)

O outro tumulo, senhores, cerrou-se, ha poucos dias, sobre os despojos mortaes do irmão Jules Andronic. A instancias do nosso amado Arcebispo vieram elle e outros irmãos maristas dirigir o collegio diocesano de S. Josè. O irmão Andronic trabalhou muito, mais do que comportava a sua compleição, robusta na apparencia, mas grandemente combatida pela acção do clima. Em menos de tres dias adoeceu e morreu. Os thesouros que entre nós roubou, couberam todos no humilde esquife que do hospital da Gambôa o levou ao cemiterio... (*Sensação.*)

Estou cansado, senhores, de citar-vos padres, frades, congregados estrangeiros, que têm sido amigos e bemfeitores do Brasil ! — e, em contraposição eu desafio quem quer que seja a me apontar qual o « frade estrangeiro » que ao Brasil tenha vindo locupletar-se com dinheiros da Egreja, e nova harpia dos altares, arrebatar as riquezas do culto para opulentar a si ou á sua familia ! (*Muito bem!*) Nomes, datas, factos — tenho o direito de exigil-os, e desdenho essa vã declamação que apenas pode embair os papalvos desoccupados ! (*Applausos.*)

Demais, senhores, os que têm propensão e gosto para exclusivismos nativistas, pelo menos devem ser logicos, e dos seus principios derivar todos os consectarios.

Aos que me dizem que todo frade, padre ou congregado, é um perigo, uma abominação, um monstro, eu comprehendo : elle são francamente do partido de Satan contra a Cruz... Mas se me dizem que o inimigo não é o frade, em geral, mas só o « frade estrangeiro », bem vêdes que a questão muda de face, e que deixa de ser anti religiosa para ser propriamente nativista, « jingoista » ou « boxer ». Neste caso, porém, eu não sei porque só contra os frades se deva irritar essa disforme hipertrophia do patriotismo.

Em verdade eu vos pergunto : admittida, de facto, a separação da Egreja do Estado (de facto, porque eu nunca a admittiria em principio, como fazem mal-avisados catholicos) admittida tal separação, — que é que mais póde influir na mentalidade nacional o frade, o do homem da Egreja, ou aquelles que mais directamente collaboram na opinião e na vida politica e social do pais ?

Seria, pois, preciso, senhores, que a propaganda que eu combato arvorasse como bandeira a eliminação dos principios constitucionaes que, para todas os effeitos, menos para a eleição aos cargos de presidente e vice-presidente da republica, não estabelece distincção entre brasileiros natos e naturalisados.

Seria preciso arrancar da nossa historia algumas de suas paginas mas fulgorosas, e privar-nos agora de valiosa companheiros. Deveriamos entrar pelas confrarias e ordens terceiras e dellas expellir, pela arruaça, os honrados portuguezes, que tanto contribuem para o esplendor do culto e da caridade hospitalar. Entrariamos, outrosim, pela Academia das Lettras, e a Filinto de Almeida, brasileiro naturalisado, teriamos de bradar que, portuguez, não lhe cabe a honra de sentar-se ao lado de Lucio de Mendonça, o nativista (*Muito bem !*) Nos annaes da nossa administração delir-se-ia, por exemplo, o nome de um Calogeras, que era grego, nos do magisterio, a memoria de Tautphoeus, um allemão : nos do parlamento, os feitos de um Abaeté, portuguez, e até mesmo os do segundo José Bonifacio, que viu a luz do dia em Bordéos...

Que digo senhores ? Teriamos de apagar, por tal processo, luminosos trechos da nossa historia militar. Sem amesqui-

nhar os meritos pessoaes do sr. marechal Mallet, ex-ministro da guerra e a quem tive a honra de ter por mestre, posso dizer que boa parte da sua notoriedade vem do glorioso guerreiro que foi seu pae. Ouve-se ainda em torno do nome de Mallet o temeroso estrondar da artilheria-revólver que espedaçava as hostes inimigas em Tuyuty... Mas, senhores, o pae do nobre ex-ministro da guerra nasceu em França, era um « militar estrangeiro ».

E em nossa gloriosa marinha ? Greenfell era inglez ; Joaquim José Ignacio, visconde de Inhauma, nasceu em Portugal... Que brilhante gloria, meus senhores, a da estupenda batalha do Riachuelo, da qual se derivaram todos os mais triumphos da campanha do Paraguay ! Mas quem lá vemos no passadiço do « Amazonas » realizando aquelle temerario feito, só muito mais tarde copiado pelo admirante Teghetoff na batalha de Lissa? Franscisco Manuel Barroso, depois barão do Amazonas — um portuguez de nascimento, senhores, e cuja glorificação, a predominarem estreitas idéas nativistas, deve agora cessar porque foi um « marujo estrangeiro » ! (*Muito bem !*)

Accresce que, no sentir geral dos homens deste seculo, não ha poder moral mais efficaz do que a imprensa diaria, o jornalismo. O frade no templo aos que lá o queiram ouvir; mas o jornalista insinua-se na opinião de toda a gente, cria um ambiente moral que vos impregna sem que o sintaes, e ao qual mui difficilmente se resiste. Os meus amigos jornalistas, em quem posso dar de vez em quando uns piparotes, que elles não levam a mal, porque somos da mesma familia (*Riso*), os meus confrades sabem disto e todos os dias o apregoam. As locuções — « sacerdocio da imprensa, templos da opinião publica » — e outras quejandas já passaram á categoria de vulgaridades, de chapas, como se costuma dizer. Ora, eu não sei porque a taes sacerdotes não se deva applicar a regra nativista que ora se invoca contra os habitantes dos cenobios. (*Applausos prolongados.*)

No « Jornal do Commercio », onde trabalhei dez annos, a autoridade suprema cabia ao dr. Luiz de Castro, não o nosso excentrico collega wagnerista, mas seu illustre e pranteado pae. Era um brasileiro naturalisado, e todavia eu vos declaro que sabia dar á folha a direcção mais honestamente patriotica que ella tenha tido (*Approvações.*)

Não leio assiduamente o « O Paiz » mas posso dar noticia

de que durante a revolta, e mesmo depois, os artigos mais vehementes, mais inflamados, mais tetanicos em prol do florianismo, eram de outro portuguez, o sr. Salamonde.

Na » Tribuna » floreia agora o sr. Alcindo Guanabara. A este confrade conheço desde os seus mais tenros annos ; e asseguro-vos que elle é feitura espiritual do velho F. Guilherme dos Santos, pae de um dos actuaes directores da « Noticia » e portuguez dos quatro costados, sob cuja inspiração fez o sr. Alcindo as suas primeiras armas no jornalismo, escrevendo convencidas paginas contra a abolição do captiveiro... Já vêdes que bem conheço o meu pessoal. (*Hilaridade.*)

Finalmente, senhores, nesta negregada questão, os mais fortes inimigos do « frade estrangeiro » homisiam-se nas devesas e fraldas da « Gazeta de Noticias. » Optimamente ! Mas a « Gazeta » é uma creação de Manuel Carneiro e Elisio Mendes, ambos portuguezes ; e, o que mais é, o actual director da mesma « Gazeta », o sr. Henrique Chaves (a quem quero muito bem) é um brasileiro naturalisado, isto é, um « estrangeiro », na linguagem dos propagandistas, a quem abre suas columnas de honra! (*Muito bem!*) Por isto, — quando todas as tardes havia *meeting*, eu tambem tive meus impetos de convocar um, bem nativista, bem jacobino, mas para depôr o Henrique Chaves. (*Hilaridade.*)

Diante desta falta de logica, senhores, não ha receiar o perigo de semelhante propaganda, porque ella se esborôa ao menor embate da logica.

Por minha parte, eu, que desejo, que solicito, que de braços abertos recebo toda coadjuvação do estrangeiro para a prosperidade material e moral da minha patria, não posso repellir a do religioso, cuja serena esphera de acção está muito acima dos tiros do nativismo.

O direito internacional, senhores, procurando definir a zona das mares territoriaes, diz que aguas desta ou daquella nação devem reputar-se as que demoram em uma faixa cuja largura seja o alcance de um tiro de artilheria. Além é o oceano, immenso, patrimonio commum de todas as nações... Pois bem ! senhores, permitti que ao mundo moral, eu applique esta regra do direito. A alma humana, nas suas cogitações terrenas, é como o navio que costeia o littoral de um pais : navega em aguas territoriaes. Quando, porém, á semelhança da nave que desfralda as brancas velas, ella

toma os seus grandes vôos, os surtos da prece, demandando o infinito — oh ! então não mais existem direitos territoriaes : estamos em meio do oceano, no oceano religioso, e postos entre o abismo que nos reclama e o céo que nos protege ! (*Applausos*).

Em religião, senhores, não distingo patrias ou nacionalidades. O meu DEUS, o meu soberano e bemdito JESUS, não é um brasileiro : é um judeu. Todas as noites, neste mez de maio, eu e minha familia nos ajoelhamos diante de um altar enflorado e cantamos os louvores de uma hebréa. — MARIA SANTISSIMA. O cabeça visivel da minha egreja não é brasileiro, é agora italiano, Sua Santidade Leão XIII... E o que profundamente deploro, meus senhores, é que em me pegando esta molestia de nativismo, e quando eu queira tomar um patrono celestial consoante a taes idéas, muito embaraçado me verei, por que não ha no calendario um santo brasileiro ! (*Riso...*) Reconheço os louvaveis esforços de certo confrade no jornalismo para canonisar um presidente da republica, mas sem a decisão final de Roma, não posso prestar culto a nenhum *santo varão*. (*Hilaridade.*)

Basta, senhores, e já me peza ter, por tanto tempo, abusado de vossa attenção (*Não apoiados ; continúe !*) Comprehendo a vossa bondade ; está chovendo muito lá fóra... (*Hilaridade.*) Mas vae adiantada a hora, e não tenho o direito de reter os que podem melhor empregar o seu tempo. Demais, tenho dito o sufficiente para deixar demonstrado o meu theorema, tão evidente, aliás, que é quasi um axioma da religião do amor e da fraternidade universal.

— Sim, da fraternisação universal. Senhores, o christianismo tem sido o verdadeiro creador de todas essas liberdades modernas que a revolução pedantescamente préconisa como suas. Mais de um millenio antes de se proclamar a famosa « libertade, egualdade e fraternidade » em terras de França, JESUS CHRISTO havia ensinado que os homens são todos irmãos, e se somos irmãos, claro está que somos eguaes e que não nos podemos escravisar uns aos outros. A suppressão das fronteiras internacionaes é uma utopia na actualidade. Victor Hugo disse que anciava por que um dia não houvesse mais França, nem Allemanha, nem Inglaterra, mas os Estados Unidos da Europa. Era ainda mesquinho. Devêra ter dito — os Estados Unidos do Universo... Mas, senhores, este sonho ja está realisado pela nossa

Egreja. O que cá fora é simples miragem, uma nuvem rosicler, uma visão inattingivel, lá dentro reina e esplende como um principio vencedor.

Não foi á tôa, senhores, que o nosso Deus, tendo nascido em uma baixura, em um estreito presepe, quiz ser crucificado em um monte. Foi para que lá de cima num amplexo amoroso, abrangesse a maxima parte da redondeza visivel. E nossa crença, senhores, ergue ainda mais alto a Cruz do Salvador, tão alto quando o póde fazer o nosso debil entendimento, para que dentro dos seus braços sacrosantos caibam todas as nações, congraçadas na mesma Fé !

TRISTE PHILOSOPHIA

Ia Rosa vestir-se, e do vestido
Um voz se desprende e assim murmura :
« Muitas morremos de uma morte escura,
Por que te envolva serico tecido ! »

Ia toucar-se, e escuta-se um gemido
Do marfim que as madeixas lhe segura :
« Por dar-te o affeite desta minha alvura,
Jaz na selva meu corpo succumbido ! »

Põe um collar, e a perola mais fina :
« Para pescar-me quantos párias, quantos !
Padeceram no mar lugubres sortes ! »

E Rosa chora : « Oh ! desditosa sina !
Todo sorriso é feito de mil prantos,
Toda vida se tece de mil mortes ! »

CADEIRA FRANKLIN TAVORA

Franklin TAVORA (1842-1888) cearense, foi no romance o fundador de uma escola efemera, a da literatura do Norte. Escreveu varios romances, o *Matuto*, o *Cabcleira*, a *Casa de palha* etc., algumas obras de teatro e a de critica *Cartas a Cincinato* (por *Sempronio*).

CLOVIS BEVILAQUA

Clovis Bevilaqua literato e jurisconsulto, naceu no Ceará em 1859, ex-professor da Faculdade de Direito do Recife.

E' grande já o numero das suas obras juridicas, criticas e filosoficas: *Direito das Obrigações*, *Direito da familia*, *Legislacão comparada*, *Juristas e filosofos*, *Esboços e fragmentos*, *Dircito das sucessões* etc. Foi o redactor principal do nosso *Codigo Civil* (1913).

A SCIENCIA GERAL DO DIREITO SEGUNDO HERMANN POST

O direito, sendo uma face da vida cosmica, desabrocha á tona da existencia sob um aspectó duplo ; porque, conjunctamente, esponta na consciencia das agremiações humanas e na consciencia de cada individuo, que a reflecte como um lago reflecte as tintas do firmamento. E não é banal comparação rhetorica essa de que uso agóra, mas imagem que reproduz, com certa fidelidade, o facto que pretendo exprimir. Assim como o firmamento, que cobre uma determinada região, se reflecte nos lagos, nos tanques, nos charcos onde se agglomeram as aguas dessa região, similhantemente as consciencias individuaes de um meio social reflectem a consciencia juridica geral desse meio, ora extensamente ora em uma simples nesga minuscula; umas vezes limpidamente, outras vezes num espelho turvo de aguas limosas.

Mas si o direito se manifesta sob essa feição dupla, forçoso é estudal-o seguindo os veios parallelos que elle vae creando na vida juridica da humanidade ; um que se traduz nas idéas, nos sentimentos, nos varios modos de externação da consciencia individual, outro que se traduz pelos costumes juridicos, pelas leis, pelos codigos que se organisam entre os varios povos da terra ; um que é intricado problema de psichologia, outro que é temeroso problema sociologico.

Uma sciencia geral do direito deve abranger, necessariamente, essas duas faces da externação da vida do direito humano, sendo, portanto, ao mesmo tempo, psichologica e sociologica (1), pois que tem, por objectivo, fixar todas as formas da manifestação da vida juridica humana, e a investigação das causas efficientes dessas manifestações.

Mas não ambiciona ella, de modo algum, seja empolgar a figura fugidia de um direito ideal, seja fornecer os elementos com que a philosophia juridica alcance esse resultado. Ao contrario, o espirito que lançar a vista sobre todas as formas juridicas que teem abrolhado e que ainda se alastram, em basta vegetação, pela face da terra, sentir-se-á para sempre curado desses tresvarios da imaginação, que não são outra cousa as concepções ousadas de um direito capaz de ser applicado a todos os povos. O que a sciencia poderá determinar, diz Hermann Post, é um direito natural para cada momento historico, deduzido da concepção dos homens de elevada educação juridica, que florescerem no seio de um certo povo, dentro dos limites de uma certa epocha ; « mas esse direito natural significa somente um degrau no tempo, prompto a ceder amanhã seu lugar a outro (2) ».

A sciencia geral do direito vê desdobrar-se, deante de si, uma triplice ordem de investigações a realisar : Em primeiro logar, destaca-se o campo da consciencia individual; em segundo o direito como um facto da vida social, isto é, em suas manifestações concretas de usanças e leis ; em terceiro, o estudo da correlação entre a consciencia individual e o direito como regimen da vida social (3).

(1) *Ueber die Aufgabe einer allgemeinen Rechtswissenschaft*, Einl. p. 1.
(2) *Op. cit.* p. 3.
(3) *Op. cit.* p. 4.

Vê-se claramente que, si sobre todas essas categorias diversas de investigações tem de apoiar-se a philosophia do direito, é com a primeira e a terceira que os seus contactos são mais intimos, havendo, muitas vezes, inevitaveis invasões reciprocas, da sciencia no dominio da philosophia e desta no dominio d'aquella. Entretanto a ordem menos explorada é a que necessariamente derrama jactos de luz mais intensa sobre as outras, é a do estudo das manifestações concretas do direito sob a forma de normas vigentes entre os varios povos da terra. Foi a ella que mais directamente se entregou o laborioso e potente espirito de Hermann Post, accumulando documentos e preparando, pela analise causal do direito — norma social, a elucidação dos outros aspectos pelos quaes a sciencia deve considerar esse phenomeno.

Estudando as normas juridicas pelo methodo historico e comparativo, foi destacando as affinidades ethnicas e juridicas, e chegou á concepção dessa modalidade especial da legislação comparada que denominou — *jurisprudencia ethnologica*, a qual consiste no estudo do dominio social do direito, mas que se não deve confundir com a historia do direito, porque esta, ainda que obedeça aos preceitos do methodo comparativo, se tem de limitar a um grupo de povos, diz Hermann Post. Mas comprehende-se que esse grupo pode ser formado por todas aquellas nações que entraram com algum elemento para o patrimonio juridico da actualidade, por mais differentes, ethnica e culturalmente, que sejam. Uma historia geral do direito, partindo do homem prehistorico, deve atravessar as grandes civilisações antigas, desde o Egipto, Babilonia, India, Grecia e outras nações, antes de penetrar no mundo romano e germanico, para surgir nos tempos modernos. Assim o que distingue principalmente a jurisprudencia ethnologica da historia do direito, não é tanto a limitação do dominio desta, quanto o espirito de ambas. A jurisprudencia ethnologica, segundo a comprehendeu o inclito jurista allemão, tem por objecto particular « aquellas normas e institutos juridicos que se repetem entre todos os povos da terra; as variações dessas normas e institutos juridicos universaes com o seu desenvolvimento geral, segundo é produzido pela natureza peculiar de cada povo e pelas condições de sua existencia, não teem valor essencial, são somente os limites da variabilidade dos tipos universaes. »

Essas normas e institutos geraes se movem dentro de circulos de organisação dos quaes dependem e com os quaes se acham em relação intima, porque o direito é — *uma funcção dos aggregados sociaes*, e sempre a humanidade viveu aninhada em aggregados sociaes.

. . . .

Através desses circulos de organisação, cada vez mais vastos e menos geraes, se manifestam e se agrupam as revelações da vida juridica, e estudar aquellas que se veem reflectindo e modificando por todos elles é a tarefa grandiosa e estupefaciente que é assignada á jurisprudencia ethnologica. Si é preciso ter coragem para encaral-a desassombrado, é necessario ser dotado de uma extraordinaria energia mental para leval-a a fim. E foi essa vastissima construcção que levantou Hermann Post.

Mas, ainda assim, é o primeiro plano do magestoso edificio que constitue a sciencia geral do direito, segundo elle a concebeu e para cujo assentamento trabalhou emquanto vivo.

. . . .

NA HELLENIA

Nessa noite, Crobilo teve um sonho extranho que lhe pareceu uma revelação.

Estava sentado sob um frondoso platano, em uma eminencia de onde se avistava, a um lado, o Pireu com as suas cabanas de pescadores, seus vastos armazens, suas extensas muralhas e os tres portos. Mais além a ilha Egina, que Pericles chamara a belide do Pireu, e o mar, vasto e azul, cortado por varios navios garbosos, cujos remos fendiam as aguas, unidos na distancia, num compasso egual, similhando grandes aves marinhas a agitar as asas em demorado vôo á flor das aguas.

Sem que percebesse de onde viera, chega-se a elle Epicuro, com a mesma physionomia soffredora e nobre, o mesmo olhar doce e suavemente melancholico, e os labios encurvados pela mesma ironia fina que mais parecia effluvio de uma alma que soffre do que desillusão de um espirito que tudo sondou para tudo saber. Estavam sós. Epicuro pousou-lhe a mão no hombro e falou, numa voz persuasiva e acariciante,

— Buscas o repouso e a felicidade. E onde julgas que esteja a felicidade, e onde pensas que se esconda a paz do espirito, que é doce como um fructo sazonado ? No prazer ? Na volupia ? No gozo fugitivo e vão dos sentidos ? Aristippo e a eschola cirenaica foram todos uns desvairados. Não afastes o prazer que te fôr deparado pelo mundo ; mas colhe-o como quem colhe uma flor. Elle vem da natureza e foi ella que assim nos moldou a vida. Erigir porém a satisfacção dos desejos materiaes em principio fundamental de conducta, em base da moral, é um pensamento sujo que tresanda a vinho. O prazer phisico, se é descommedido, exhaure e deixa um resaibo de fel ; a volupia continua apaga o fogo da intelligencia, scentelha divina que nos destaca e eleva acima dos brutos e dos barbaros.

— Mas a religião ? balbuciou Brobilo dominado mais pelo tom das palavras do que mesmo pelo que ellas significavam.

— A religião ?... O philosopho teve um olhar mais condoido e uma ironia mais forte, porém uma doce ironia que não maguava. A religião ?... Não atormentes os deuses com as tuas preces insensatas. Ephebos eternamente bellos, eternamente jovens, afogados na ebriedade de um gozo ideal, não podemos sequer imaginar que elles se rebaixem a se immiscuir com a nossa vida mesquinha que dilaceram as paixões e a duvida. Serenos e despreoccupados, elles vagam pelos intermumdios, emquanto o lento curso das coisas se desdobra immutavel, impellido pela queda dos atomos em turbilhão.

— Mas a patria ?

— Bella e nobre coisa é, por certo, servir aos seus, ser util á patria. Mas teriam sido felizes, Aristides banido, Themistocles, refugiado entre os Persas, Phocion, bebendo a cicuta preparada por aquelles mesmos a quem procurara servir, Demosthenes, suicidando-se no templo de Poseidon, na Calauria ?... Não te descoroçoem estes exemplos, e serve a tua patria nobremente como estiver em tuas forças ; mas não supponhas que encontrarás ahi a felicidade. O favor popular é uma fonte inexgotavel de maguas e dissabores. O povo é inconstante e cruel ; sacrifica, em uivos de colera, o idolo que adorara de joelhos no dia anterior. Que mortal foi mais endeusado pelos athenienses, do que Demetrio ? E, no emtando, que destino triste o seu !... Não procures o

favor das turbas ; segue impavido o teu caminho e deixa que a onda popular se espoje além, sem te arrastar no seu refluxo.

— E o que fazer ? Onde beber, então, o goso que as almas procuram sedentas ? Onde a felicidade ? Onde a paz do espirito. ?

— Ha um vinho mais doce e mais delicado do que o que se extráe dos cachos da uva de Chio e que se bebe em taças lavradas. E' a practica do bem, é a virtude, a qual nos dá goso no momento actual, que passa rapido, e no passado, que subsiste pela revisão do que fizemos. Ninguem pode ser feliz sem ser justo ! Existe um favor mais cubiçavel do que o da populaça de Athenas ou de qualquer outra cidade : é o da propria consciencia e o da consciencia dos que nos podem comprehender !

Colloquemos-nos acima do vulgo, sem despresal-o vaidosamente. . . . . . .

Libertemo-nos de suas inquietações crudelissimas e de seus temores infantis, creados pela ignorancia ; mas não procuremos arrancar-lhe as illusões que lhe amenisam a existencia, uma vez que não é possivel inicial-o na religião da sciencia, que tem as suas provações como as outras os seus misterios.

Envolvidos no sendal sereno da ataraxia que nos dá a contemplação das leis universaes da naturesa grandiosa e vasta, da bellesa ideal e da virtude, cortemos o cordão umbilical que nos prende ao mundo reduzido de uma pequena cidade hellenica, e elevemos a vista mais ao largo, mais ao longe.

A suprema serenidade que só as almas superiores conhecem — eis a felicidade tangivel. O caminho que a ella nos conduz é essa necessidade faminta de conhecer o mechanismo da vida universal, alliada a essa outra necessidade de ser bom, de ser justo. Isto é a philosophia, é « a energia pela qual a rasão conduz o homem á felicidade ». A philosophia é um rio de aguas claras e profundas, mas está longe, muito além, por traz de montes altissimos, de florestas rebarbativas.

O philosopho calou-se. E nesse momento assomou Telesippa, como se tivesse emergido do solo.

Tinha um sorriso vistorioso aberto em flor na flor dos labios, e, arrepanhando um pouco a tunica que o vento do mar agitava, derramou a luz do seu olhar sobre as duvidas tormen-

tosas de Crobilo. Fallou, radiosa : — Não rebusques mais nem desesperes. A felicidade sou eu ! E' bem simples, podes crer : a felicidade sou eu. E, envolta em uma nuvem diaphana, trescalando mirrha, sorriu ainda, victoriosamente.

O philosopho, envolvendo os dois jovens no mesmo olhar compassivo, acenou com a sua bella cabeça de pensador, approvando :

— Amae-vos, disse, emquanto sois moços e a lira de vossa alma tem vibrações para essa incomparavel ternura que transvasa dos seres quando se infloram para o amor ! Amae, dissolvei o vosso ser em ondas de affecto ! Sim, é isso. E' bem simples e é perfeitamente humano. Mas não esqueçaes a linha recta e, sempre com os olhos fitos no alto, procurando comprehender a natureza e a vida, o real e o justo, segui o vosso caminho, unidos e felizes, desassombrados e inhesitentes.

. . . .

Dans cinquante ans, le livre aura tué le drame.

EDMOND DE GONCOURT.

I

Quem se revestir de coragem para abordar a analise do theatro brazileiro, deve estar prevenido de que vae emprehender um escabroso e difficilimo estudo de thanatologia.

Não ha duvidal-o ; abra-se um manual qualquer desses que se abalançaram a historiar a desenvolução das lettras patrias, o *Brésil littéraire* de Wolf, o *Curso elementar de litteratura nacional* do Conego Pinheiro, o velhissimo *Curso* do velho Sotero dos Reis, a vultuosa e opulenta *Historia da Litteratura Brazileira* por Sylvio Romero, e a primeira observação, que ha de borbulhar á tona do pensamento de quem quizer ver, será necessariamente a seguinte : — a dramaturgia no Brasil é indigente, é quasi nulla.

Já em seu tempo Alvares de Azevedo lastimava essa penuria e depois d'elle foram glosadas sobre esse thema umas quantas arengas criticas.

Os estudos de psichologia social, as tentativas de caracterisação das idiosincrasias nacionaes apresentam, não raro, obscuridades impenetraveis ao olhar do analista

actual, bem o sei: não se me afigura, porém, ser dos mais apavorantes o caso em questão e d'esses que escorjam a curiosidade dos criticos.

Antes de nossa independencia politica só deve ser contado, como aptidão para o theatro, o comediographo *Antonio José da Silva* (1739-1904) (1). Seu engenho mais que muito estimavel, o valor social de suas *Operas*, sua capacidade lirica, até onde vae sua originalidade artistica, são pontos desde muito liquidados e sobre os quaes não adianta insistir. Si fosse posto em duvida seu merecimento, bastaria lembrar como elle trasia enfeitiçada a sociedade lisbonense que ia ouvil-o no Bairro Alto. Pelo menos é irrecusavel que estava na altura da epocha, quero dizer, d'aquelle momento historico da nacionalidade portugueza.

Porém mesmo este unico ficará á margem si quizermos expungir de toda jaça o que podermos chamar theatro nacional.

Si Gregorio de Mattos, si os liricos mineiros, si Bazilio da Gama, Durão, etc., são genuinos brazileiros pelo indole artistica, pela maneira de poetar, não é facil asseverar o mesmo do *Antonio José*, apezar de ser fluminense por seu nascimento.

No emtanto é impossivel não contar como nosso, quem foi uma das melhores aptidões que tivemos para o theatro.

Antonio José tem sido estudado por Varnhagem, Pereira da Silva, Wolf, Th. Braga, Machado de Assis, Sylvio. Cada qual quiz descortinar uma face nova, ainda não estudada por seus antecessores. Que melhor prova de valor do pobre judeu ?

Com o estudo desses criticos ficaram demonstrados os pontos seguintes : a importancia linguistica das *Operas* do Judeu, o elemento popular que ellas introduziram no theatro como uma novidade acre, mas capitosa, a imitação de Molière, Metastasio e Rotrou, e finalmente seu lirismo. Nada tenho que accrescentar. O estudo está feito e magistralmente feito.

As comedias facêtas de Antonio José entremeiadas de bons versos liricos, não excedem a doze, e, d'entre todas,

---

(1) Alexandre de Gusmão, o estadista, escreveu o *Marido confundido*, imitação de Molière. Pura diversão de occupações mais graves, não póde infirmar o meu asserto. Anchieta havia tambem composto uns *autos tupys*, mas sem pretenções a dramatista.

ha merecido preferencia a que se intitula — *Guerra do alecrim e da mangerona.*

« Superior ás outras composições como estilo e originalidade, escreve a respeito della o Sr. Machado de Assis (1), não menos o é como viveza, graça e movimento ; e, si a farça domina, não é tanto que não appareça a comedia. »

Essa pequena collecção de comedias avulta sobre modo, desde que considerarmos o seu valor relativo como peças theatraes e nos lembrarmos de que o poeta, além de morrer aos 34 annos de edade, consumiu alguns d'elles nas masmorras da inquisição e outros sob a ameaça da fogueira detersiva do judaismo que lhe promettia o Sancto Officio, cujas sinistras labaredas afinal se accenderam para devorar esse infortunado e talentoso moço.

Teve curso e acceitação por entre os litteratos da geração passada que ao *Visconde de Araguaya* (Gonçalves de Magalhães) cabia, com todo o direito, a gloria de ser o fundador do nosso theatro. E' bem verdade que seu nome ficou, para sempre, ligado á historia dos primeiros arremêssos para a introducção do romantismo n'este pais, E certo egualmente que um dia sentiu-se arrastado por essa utopia — o theatro brazileiro, — mas os alicerces que elle cavou não foram bem lançados, ou eram nimiamente debeis para supportar o peso da construcção que se desejava levantar sobre elles.

De todas as suas tragedias, a que conseguiu, de alguma fórma, impressionar o publico brazileiro mais duradouramente foi o *Poeta e a inquisição*, que o auctor se orgulhara de ser a *primeira tragedia escripta por um brazileiro e unica de assumpto nacional.* Porém esta mesma já é uma reliquia litteraria que, ha muito, debandou da memoria do publico.

A tragedia é falsa debaixo do poncto de vista historico, e a vida real do malaventurado *Judeu*, tão salpicada de transes tristissimos, núa de todo effeito scenico, chãmente narrada tem muito mais interesse do que qualquer tragedia ou romance. Para conhecer o auctor do *Principio de Phaetonte*, melhor que a tragedia de Magalhães é a detalhada biographia escripta por Varnhagem no seu *Florilegio da poesia brazileira.* A verdade commove mais do que a ficção.

Póde-se ainda accrescentar que o protogonista escolhido

(1) *Revista Brazileira*, Rio Janeiro, 1879, primeiro anno, tom.1, pag. 237.

não é um desses nobres vultos em cujo peito rodopiem estrugindo os anhelos, as paixões, as dôres, as alegrias de uma raça : que para attestar sua qualidade de americano levantam-se apenas o facto cru de seu nascimento e seu lirismo verdadeiramente tropical.

Assim será facilmente explicado porque foi tão ephemero o ruido feito em torno do *Poeta e a inquisição*. Mas com ser ephemero não foi menos enthusiata esse ruido. O proprio auctor lisongeado pelo acolhimento de sua melhor producção theatral, exprimiu-se nos termos seguintes :

« Si devesse julgar do merito desta tragedia pelos applausos que lhe prodigalisou o publico nas repetidas vezes que subiu á scena, eu me acreditaria auctor feliz, isento de censuras, attendendo ao enthusiasmo com que foi recebida e aos elogios que mereceu, particularmente o quinto acto. »

Esse alvoroço chispante de jubilos patrioticos era despertado, principalmente porque Domingos de Magalhães vinha abrir uma era nova em nossas lettras, suscitando esperanças de um futuro esplendente.

Mas não teria forças para accordar essas esperanças uma peça chilra e mediocre : é bem claro. O *Poeta e a inquisição* é uma peça de leitura facil e attrahente pela amenidade conjuncta a uma certa elevação no dizer e pela vivacidade da acção. Infelizente ficou desacompanhada.

As demais composições tragicas deixadas por Magalhães são : *Olgiato*, assumpto da historia milaneza ; *Othelo*, traducção da macaqueação de Ducis ; e algumas outras excluidas da collecção publicada e que se foram atufando no olvido que hoje as soterra, fossilisando-as.

Apezar de reconhecer a valor occasional e intrinseco das producções do illustre auctor, entendo que não tiveram vulto bastante para encher uma lacuna que se cava profunda na historia intellectual do Brasil. Mas, mesmo assim, iniciou elle a epocha de mais larga eclosão e mais brilhantismo de nosso theatro.

Dado o primeiro impulso, accoreram todos presurosos, como arrastados por uma seducção irresistivel.

As fortes commoções do auctor dramatico, as alternativas de victoria e quéda, adivinhadas em milhares de pupillas que rutilam na platéa, a tempestade pairando por sobre todas as cabeças, prestes a desencadeiar-se no estrepito ras-

gado de uma pateada medonha ou n'um estalar phrenetico de palmas, são para excitar as almas impressionaveis dos artistas, principalmente a dos artistas romanticos apaixonados pelas visualidades e phantasmagorias.

Assim os nossos engenhos castiços e as nossas mediocridades mais chatas precipitaram-se todas pelo mesmo pendor.

Porto Alegre, companheiro de lides de Magalhães, escreveu algumas comedias, taes como o *Espirito de Bonaparte*, o *Sapateiro politicão*, de quenos falam as chronicas da epocha e que foram representadas no *Constitucional Fluminense* que nome para um theatro !) *Angelica*, impressa na *Minerva braziliense* e a *Estatua amazonica*. Desta ultima diz o conego Fernandes Pinheiro :

« É uma chistosa satira á leviandade com que alguns viajantes falam de nosso paiz e, especialmente, á noticia que o Conde de Castelneau dera de haver encontrado no Rio Negro uma pedra lavrada com inscripções hieroglificas, as quaes só na sua escaldada imaginação haviam existido (1). »

Alvares de Azevedo, não podendo escrever um drama, escreveu um tresvario litterario dialogado que traz, de mistura, uns laivos das nebulosidades phantasticas do *Fausto* e do satanismo bironianno, envoltos na melancholia morbida de uma cabeça incomprehendida. É o *Maçario*.

Tambem vieram experimentar suas forças Joaquim Norberto, Teixeira e Souza, P. Guimarães, F. Tavora, Machado de Assis, Cruz Cordeiro, Rangel de S. Paio, Filgueiras, Oliveira Sobrinho João de Brito, Pinto Pacca, O. Olindense, Maciel Pinheiro (2).

Gonçalves Dias deixou-nos quatro dramas: *Patkul* (1843), *Beatriz Cenci* (1844-1854), *Leonor de Mendonça* (1846) e *Boabdil*. Formam hoje o quarto e quinto volumes de suas obras posthumas.

---

(1) Fernandes Pinheiro — *Resumo de historia litteraria*, tomo II, pag. 465.

(2) Não tenho pretensão de ser completo nestas citações, nem de tal havia mister. Poderia, para engrossar a lista, citar Varella que, affirmam, deixou tres dramas em verso: *Fundação de Piratininga*, *Ponta negra* e o *Demonio do jogo* ; Domingos Olympio que tem uma bem pronunciada *vis comica*, mas que, depois dos *Maçons e o bispo* e de *Julia* se tem recolhido ao silencio ; e os mais modernos : A. Azevedo, França Junior, Annibal Falcão e alguns mais. Annibal Falcão além do drama *Dr. Alberto*, publicou a *Plastica* ; mas esta apezar do sub-titulo — *intermezzo da tragedia de Jacobus*, — é um poema do genero do *Ahasaverus* de Quinet, escripto com muito gosto e elevado engenho.

Os dois primeiros, escriptos aos vinte e dois annos não podiam ser obras de originalidade, de grande energia de acção nem de rigor na observação. No emtanto, apezar de se reconhecer nellas ainda a licção apprendida nos mestres, revelam, em germem, as bôas qualidades que vemos reflorir em *Leonor de Mendonça.*

Sobre tudo, uma dellas se mostra já bem avigorada e tersa : é o estilo apurado e doce, embora não tão vigoroso quanto um pouco mais tarde.

Leonor de Mendonça, aliás nunca representada, é uma das melhores peças dramaticas d'entre as que possuimos. Póde-se-lhe notar uma tal ou qual precipitação no explodir e desdobrar das paixões, mas além de que não é esse um defeito particular do auctor e sim da escola romantica, é-lhe tambem escusa o tel-o compartido em certo gráu, o creador do genero, o grande Shakespeare. Porém estudo de costumes e caracteres, bom arranjo de scena, suspensões da acção sobre-vindas a tempo, intensidade no movimento dramatico nas occasiões em que os sentimentos se chocam e referverm anciados, são qualidades que distinguem um bom drama e que se encontram reunidas em *Leonor de Mendonça.*

Deante d'esta peça todas as mais do poeta maranhense empallidecem, mesmo porque o jogo das paixões é quasi o mesmo, como que variações diversas sobre um só thema fundamental.

No prologo de *Leonor*, diz Gonçalves Dias que pretendia entresachar em seu drama o verso, sempre que as paixões se alteassem exigindo uma linguagem pomposa. Circumstancias de occasião arredaram-no d'esse intento.

Bemdigo hoje taes circumstancias que então contrariaram o poeta. A meu ver a prosa vae incomparavelmente melhor com o drama do que o verso ; mas, si nos querem dar um drama em verso, que o seja todo elle. As alternativas de prosa e verso, á moda antiga, não se toleram hoje, embora o poeta se exaltando nos apresentasse a impaciencia e a colera *travejando em versos robustos*, como diz o citado prologo, e o amor, os idillios, em trovas aveludadas e ternas.

Macedo produziu um bom numero de comedias e dramas. *Luxo e vaidade*, o *Primo da California*, *Amor e Patria*, a *Torre em concurso*, *o Cego*, *Cobé*, o *Sacrificio de Isaac*,

Lusbella, *Phantasma branco*, *Novo Othelo*, *Cincinnato quebra louças*, são conhecimentos antigos do publico brazileiro.

Não são por certo peças em que preponderem os intuitos litterarios, como as de Gonçalves Dias, por exemplo ; seu alvo immediato é a reprensentação no proscenio e a elle subiram uma e muitas vezes, com agrado geral. Ha mesmo certas creações nellas que se celebrisaram por entre o povo. Por exemplo : o Capitão Tiberio do *Phantasma branco*, a Sinh'Anninha da *Torre em concurso.*

Bem que *Lusbella* e *Cobé* sejam dramas bem traçados, de acção forte e agitada, embora o *Cégo* vencendo a ancianidade do assumpto, possa interessar o leitor, é certo que as melhores tintas de Macedo são as comicas.

E não só nas comedias propriamente dictas, mas nos dramas e romances, encontra-se, a cada passo, uma certa nota galhofeira, umas vezes causticante, outras simplesmente brincalhona, a cascalhar, de quando em vez, pelas paginas que se voltam. Na *Torre em concurso* essa tendencia se exagera de alguma fórma. E' uma satira pungitiva, mas, por vezes, quasi sempre, a troça se perde por excessivamente burlesca. Prefiro o sal comico do *Novo Othelo.*

Em nenhuma das producções dramaticas do distincto medico fluminense experimentamos esse anceio que nos estrangula quasi n'um transe difficil, n'uma situação dolorosa. Macêdo nunca se exalta, e, portanto, não escapa á condemnação do preceito horaciano: —*si vis me flere*... No emtanto, vistos do palco, por entre a decoração do scenario, ao clarão rubro e quente do gaz carbonico, seus dramas e comedias realçam, tomam calor e animação maior do que apresentariam lidas no remanso do gabinete de estudo.

José de Alencar foi um dos politipicos mais accentuados de nossas lettras. Sua bem entendida ambição arrojára-o sobre todos os bateis. Um prurido de renome, de gloria açodava-lhe a actividade.

Não era possivel que resistisse ás attracções do theatro. O dramaturgo, porém, não hombreou com o romancista.

Sua pischologia de convenção, desnudada das galas de seu primoroso estilo, não seduz, nem se escapa insensivelmente. Antes fere nossa attenção brusca e sacodidamente.

Sua melhor creação é, no meu entender, o *Demonio fa-*

miliar. Si o desenho não é perfeito, é inconstetavel que encerra muita verdade e muitissimos traços lançados magistralmente... *Mãe*, as *Azas de um anjo*, *Verso e reverso* e os demais dramas e comedias, não se elevaram ao nivel de suas outras producções como romancista. Não obstante, pelo torneio da phrase, por certos coloridos de sua predilecção, e sobre tudo por sua psichologia arbitraria, mais do auctor que dos personagens, se reconhece o mesmo homem de *Diva* e de *Luciola*. Sobre tudo a psiché da mulher, tem, n'este auctor, um sainete especial, que tornaria o estudo do feminino em suas obras uma interessante occupação para algumas horas de critica.

O lado externo e social de seus dramas e comedias revela uma observação mais attenta e baseada em fundamentos incomparavelmente mais solidos.

Agrario de Sousa Menezes é considerado geralmente como uma organisação dramatica das mais poderosas que temos possuido. E não é sem razão que essa opinião se mantém.

Escreveu elle — *Mathilde*, *D. Forte*, *Retrato do Rei*, *Os contribuintes*, *Voto livre*, *Primeiro amor*, *o Principe do Brazil*, *Uma festa no Bomfim*, *os Miseraveis*, *Bartholomeu de Gusmão*, *o Calabar* e algumas peças não concluidas.

Sua productividade foi das mais avultadas. Além de peças para o theatro, abordou a poesia em diversos generos e o jornalismo. No prologo ao *Calabar* nos dá a seguinte informação autobiographica ; « Mas, por tudo isso, e pelo mais que me esquece, é que acostumei-me insensivelmente á vida de escriptor e fui escrevendo, escrevendo, escrevendo !...

Escrevi para o *Jornal da Bahia*, escrevi para o *Diario*, escrevi para o *Correio Mercantil*, escrevi para o *Paiz*, escrevi para o *Protesto*, escrevi para o *Noticiador Catholico*. escrevi para o *Correio da Tarde*, escrevi para o *Guaycurá*, escrevi para o *Estudante*, escrevi para a *Marmota*, escrevi para o *Caixeiro nacional*, escrevi para a *Estréa*, escrevi para o *Prisma*, e... Jesus (1) ! »

Foi uma febre, como se vê. Mas não foi como jornalista que elle grangeou a reputação de que justamente gosa. Seus melhores louros foram colhidos no theatro.

---

(1) ***Calabar***, drama em verso em 5 actos por Agrario de Souza Menezes, Bahia em 1888, p. XI.

O *Bartholomeu de Gusmão*, os *Miseraveis* e o *Calabar*, por si sós, valeriam sua nomeada.

O primeiro destes dramas escripto em vinte dias, segundo nos informa o dr. Alvares da Silva, no elogio historico de seu amigo e conterraneo, é traçado com vigor e elevação, mas não poude ser corregido com vagar (1), e sente-se do açodamento com que foi composto. Estou inclinado a crer que o auctor, revendo o seu trabalho, havia de expurgal-o de certos defeitos, entre os quaes, avultam para mim os tons phantasticos. Tambem um personagem ha, mestre Domingos, que é, sem duvida, uma reminiscencia importuna do frei Roy, o béguino taralhão, o chocalheiro intrigante das *Arrhas por foro de Hespanha*.

Não obstante o primeiro acto me parece de grande effeito, principalmente quando, ao findar, somos surprehendidos com a subita apparição de D. João V.

A figura de Bartholomeu tambem é desenhada com traços largos e seguros, avultando mais por se mostrar á meia sombra.

Os Miseraveis, drama escripto em mais lazer, revelam estudo mais accurado dos caracteres, a par de um cabal conhecimento dos effeitos scenicos. Não têm o vôo largo do antecedente, mas sua urdidura é melhor acabada, os tipos são mais definidos, é mais natural a acção.

Sua obra prima, é, no emtanto, o *Calabar* (2). Com ella disputou um premio do *Conservatorio Dramatico*, e, si não o conseguiu, foi porque as costumadas protelações o obrigaram a retirar-se da justa.

Não discutirei a verdade historica desrespeitada pelo drama. Nunca foi habito dos romanticos se adstringirem aos dados da historia. A prisão de Calabar, que deve ser considerada como uma vileza do capitão hollandez que assignou a capitulação de *Porto Calvo*, não se deu como nol-a pinta Agrario, e nem desmereceria o vigor e movimentação da

---

(1) Sabe-se que a 22 de Agosto de 1863, estando Agrario de Menezes, em companhia de seu pae e sua espôsa, n'um camarote do theatro S. João, assistindo o espectaculo, foi acommettido por uma apoplexia fulminante que logo o prostou sem vida.

(2) Os que puderam ler os manuscriptos do festejado dramatista bahiano falam com muito elogio, do drama inedito — S. *Thomé*, mas, além de não ter sido publicado, diz-nos o Dr. Correia Garcia, que esse trabalho não foi concluido.

peça a revelação da verdade, que o poeta adornaria de peripecias espectaculosas e commoventes, ahi onde a voz da chronica se calasse. Como este poderia apontar outros desvios escusados da historia, tal como nol-a referem documentos authenticos.

Mas não devo fazer grande cabedal de um defeito que foi de todos neste periodo da litteratura.

O *Calabar* é de um valor inestimavel pelo estylo, sempre correcto e cheio, umas vezes delicioso de lirismo, outras vezes vehemente e nobre ; tambem o é pelo desdobramento da acção, pelas situações de effeito destribuidas com mestria.

Todo o primeiro acto, a scena quarta do terceiro, e as quinta e sexta do quarto, são, a meu ver, os trechos mais bellos. O quinto acto já se mostra menos vivido, embora sempre reflorido em galas de estilo. Como que o espirito do leitor prefere a conclusão da antecedente.

Para dar uma amostra do estilo de Agrario, rompo desta vez com o systema de fugir ás transcripções e apresento este pequeno topico :

> E natural, bem sei... quasi forçoso !
> Quem póde ver-te, Amor, que amor não sinta !
> Quem, vivendo comtigo, as mesmas auras
> Podendo respirar que tu respiras,
> Pisando a mesma tera, os mesmos ares
> Bebendo, ao pôr do sol, em fresca tarde,
> Colhendo as mesmas flores, na alvorada
> Dos passaros ouvindo o mesmo canto,
> Quem invejando o amor da natureza,
> Não sentirá por ti bater-lhe o peito ?

E este outro. Fala Calabar :

> Amor !... Amor no peito do soldado !...
> Meteóro fatal que os olhos cega,
> Como o clarão ignifero do raio !...
> Amor !... Extingue-o, si no peito o sentes !
> Ama, como eu, o lampejar dos ferros,
> O fumo asphixiante das bombardas,
> O estrondo do canhão, o pó cinzento
> Que o exercito levanta, o horror e o pranto,
> O sangue e a morte ! E a gloria, e a gloria. Faio !
> Ama, como eu, a gloria e a liberdade !
> E a patria !

(Ironicamente)
A patria e a liberdade !...
(Com amargura)
Engano !
Mentira tudo (1) !...

Assim continúa toda esta scena, uma das mais bellas e das melhor escriptas do drama.

Castro Alves deu-nos o *Gonzaga*, uma ousadia de estilo gongorico e de imaginação ; um poema, talvez, antes que um drama.

Tem sido levado á scena o *Gonzaga* e mais de uma vez. Creio, no emtanto, que suas bellezas são mais apreciaveis com a leitura. Ninguem o lerá, por certo, sem prazer.

O bello poema da *Cachoeira de Paulo Affonso* e o *Gonzaga*, apezar da prodiga largueza das imagens e das declamações, são o marmore em que se insculpiu a memoria do illustre moço bahiano.

Um nome ainda encontro que exige alguns momentos de attenção de todos os que se occupam com o theatro no Brazil. É o de Luiz Carlos Martins Penna, que foi cognominado o Molière brazileiro.

Em regra nada valem esses epithetos encomiasticos que não são encontrados pela critica, mas por um motivo qualquer de amizade ou mal entendido patriotismo. Mas, outro fosse o meio em que vivesse, outras as condições existenciaes e certamente Penna se poderia alar, em vôo rapido, a grande altura.

Suas comedias são ligeiras, alegres e folgasãs, sem asedume, sem mordacidade. Provoca sempre o riso, nunca o odio. É por si uma bôa qualidade essa, mas não é unica. Uma outra é ter-se elle occupado sempre de assumptos nossos, de costumes nossos, de ridiculos do nosso paiz.

Andam dispersas as comedias de Martins Penna em pequeno volumes. Seria de vantagem collecional-as todas para que melhor se avaliasse do merito do auctor.

Os irmãos das almas, o *Juiz de paz da raça*, o *Judas em sabbado dc alleluia. Quem casa quer casa*, *a Familia e a festa na roça*, os *Dois ou o inglez machinista*, o *Dilettante*, o *Caixeiro da Taverna* e pouco mais, formam o seu repertorio.

Não me proporei a analisar essas comedias uma por uma.

---

(1) *Calabar*, citado pags 19 e 25.

O que affirmei, em começo, creio que é sufficiente para sinthetisar o espirito que as domina.

Como tipo escolherei o *Juiz de paz da roça.*

São quadros pittorescos que reproduzem ao vivo, embora com certo exagero comico, as scenas da vida aldeiã, quando não olhada pelo prisma illusorio dos idillios romanticos e do bucolismo piégas.

Não eram somente as côres geraes do painel que Martins Penna encontrava sempre em sua riquissima palheta. Eram tambem os tiques, as variações dialecticas, o *modus vivendi*, os pensamentos, as idéas communs ao mundo que elle queria retratar. E não lhe esqueciam o trajar caracteristico, os instrumentos e utensilios proprios do officio de cada um, para accentuar melhor a frescura da aquarella.

Eis o theatro brazileiro na quadra romantica. É pobre, muito pobre, mesmo para nós. Algumas bôas peças, alguns homens de talento dão-lhe, por vezes, um vago lampejar que vem esclarecer-lhe a fachada obscura e mal segura. Falta-lhe muito para poder equiparar-se ao romance e á poesia lirica.

Creio que o quadro está completo.

Mas... mais uma pincelada.

Passei em revista os auctores, será bom, me parece, descançar os olhos um momento sobre os actores.

De toda a historia da scena brazileira, nos bellos tempos do romantismo, não podemos, por mais chauvinistas que sejamos, arrancar sinão dois ou tres nomes de actores talhados por moldes distantes da craveira commun. São elles João Caetano dos Santos, Joaquim Augusto Ribeiro e Stella Sezefreda.

O primeiro, impulsionado por Magalhães e Porto-Alegre, inaugurou, no palco fluminense, a escola romantica vicejante ainda de juvenilidade. É tradição que foi elle uma vocação miraculosa, irrompendo lucifera, deslumbradora, atravez das trevosidades de uma ignorancia raiando pelo analphabetismo. Diz delle o Conego Pinheiro :

« Havia, em nosso patricio, uma combinação de Garrik e de Talma, esplendido talento, alma sensivel e apaixonada, sympathica e movel physionomia, gestos naturaes, voz agradavel, n'uma palavra, tudo o que sabe electrisar uma platéa (1).

(1) *Op. cit.*, p. 465.

Macedo usa de uma linguagem egualmente encomiastica. E assim todos. Joaquim Augusto foi interprete de outra camada de escriptores, e dizem que interprete consciencioso.

Depois delles, outras figuras assomaram no palco nacional não destituidas de talento e bôa vontade. Mas não se podem considerar estes outros como substitutos dos primeiros.

O vacuo aberto com a morte delle ficou hiante até hoje.

II

Haverá, para determinar o debilitamento d'este ramo de nossas lettras, uma razão de psichologia social ou um motivo transitorio, de occasião ou, ainda, será elle a resultante das condições intellectuaes e sensitivas preponderantes na actualidade ?

O theatro está em decadencia, diz-se de toda parte.

Em verdade, ninguem olhará para os grandes centros, onde a arte e a sciencia scintillam na refulgencia de uma victoria ganha para sempre, sem, do primeiro lance, lobrigar a fermentação de uma crise a deluir toda a engrenagem do theatro.

É uma velharia já mofada affirmar que o romance contemporaneo preoccupa-se denodadamente com a pschiologia ou, melhor, com a phisiologia do espirito ; que a acção deve subordinar-se ao caracter dos personagens e o auctor annullar-se deante a poeira levantada pelo choque dos interesse desencontrados, pela energia das paixões que se abalroam.

Hoje um romance fabricado segundo os genuinos processos do romantismo nevropathico é intoleravel, mesmo para quem não morre de amores pelo *zolaismo* que, note-se de passagem, tem os extremos naturaes a toda reacção.

No tablado dos theatros, porém, o naturalismo só tem encontrado derrotas. E um *inpace* invencivel, fatal, apresentando-lhe a tragica lenda do poeta florentino.

A sociedade, em geral, pensa com Theodore de Banville quando se expressa pela fórma seguinte : « Conheço Hamlet, conheço Romeu, conheço Ruy Blas, porque são exaltados pelo amor, mordidos pelo ciume, transfigurados pela paixão, perseguidos pela fatalidade, esmagados pelo desti-

no. São homens como eu. Como eu, viram lagos, florestas, grandes estradas, céos constellados, clareiras prateadas pelo luar. Como eu adoravam, fizeram preces, soffreram mil agonias, a dor cravou-lhes no seio as pontas de mil gladios. *Mais comment connaîtrais-je ces bourgeois nés dans une boîte? Ils ont, me direz-vous, les mêmes tracas que moi, de l'argent à gagner et à placer, des termes à payer, des remèdes à acheter chez le pharmacien. Mais justement c'est pour oublier tous ces ennuis que je suis venu dans un théâtre.* (1).

Mas não se vá suppor que somente os adversarios do naturalismo e os extranhos ás questões esthetica pensam por essa fórma. Edmundo de Goncourt, que experimentou por muitas vezes o theatro, reconheceu tambem a incompatibilidade do naturalismo com as condições especiaes do palco. « *Le romantisme*, diz elle, *doit son théâtre à son côté faible, à son humanité tant soit peu sublunaire, fabriquée de faux et de sublime, à cette humanité de convention qui s'accorde merveilleusement avec la convention du théâtre. Mais les qualités d'une humanité véritablement vraie, le théâtre les repousse par sa nature, par son factice, par son mensonge* (2).

Zola somente, com seu fortissimo temperamento de batalhador que se não rende, com a tenacidade que lhe dá a confiança nos processos naturalisticos, ainda lucta por ver realisada essa conquista da escola no ultimo reducto do romantismo. Os aconteciâmentos porém, não lhe têm corrido de um modo a favorecer-lhe as esperanças, e a *débâcle*, em que desabam o theatro classico e o romantico, vae arrastando as pretenções naturalistas e as ousadias de todas as escolas.

É indiscutivel, creio, que o drama e a comedia, presentemente, devem ser, como o romance — um estudo de temperamentos, a exposição de algum caso de teratologia individual ou social ; um pedaço de vida d'essas mil colmeias, varias na fórma e nas categorias, em que se retalha a sociedade ; a observação de um elemento morbido desdobrando se em nuanças sem fim, etc.

Sem isso atrazam-se de sua epocha ; mais ainda, ficam para além de Molière e Shakespeare.

A eliminação do auctor no romance contemporaneo, em

---

(1) *Poésies complètes*, vol. III, p. 9.
(2) *Apud* Zola, *Nos auteurs dramatiques*, Paris, 1881, pág. 393.

vez de favoravel, como deve parecer, julgo-a nociva ao desenvolvimento do drama. Para isso descubro a seguinte razão : O romance naturalista interessa, mesmo aos bolonios de espirito mais impenetravel aos philtros da esthetica, sinão pelo apurado lapidamento do estilo, ao menos por um certo desnudamento de cousas que a conveniencia cuidadosamente velava, o que lhes da o sainete picante de novidade *grivoise.* A's pessôas de cultura agrada principalmente a segurança dos traços, a exacção e consciencia da analise, as scintillações attractivas da verdade coada atravez do prisma das individualidades.

O drama não póde fazer estilo e não possue a flexibilidade (repiso uma antigualha) precisa, para bem tradusir a complexidade da vida moderna, de banir o artificial, o arbitrario, o falso. As fatalidades do meio kosmico e social, as condições ethnicas, a pathogenia de uma desordem organica e outros muitos factos, sobre que se apoia a ficção do romance naturalista, escapam aos meios communs da exposição dramatica, ou, pelo menos, não podem tomar a força e desenvolvimento desejaveis.

Pelo que se póde observar em um circulo atrazado e pequenino, um circulo provinciano, e pelo que attestam escriptores que vivem em centros mais populosos e opulentos, parece que a musica tende a occupar o logar que o drama vae abandonando.

Victor Hugo disse, no celebre prefacio do *Crommwel :* « *La poésie a trois âges, dont chacun correspond à une époque de la société : l'ode, l'épopée et le drame.* » Sem querer, n'este momento, discutir o que ha deinverdade historica no asserto do grande lirico francez, entendo que, n'um ponto, a razão está em seu favor, e é quando affirma que a epocha do drama é a do romantismo, porque foi tambem a épocha do illusionismo litterario, e o drama é o que ha de mais convencional em litteratura.

Mas o romantismo, com todas as suas manifestações, já se acha envolto nas paginas da historia.

A meu ver, si alguma das fórmas que apresenta o theatro actual houver de subsistir, será a comedia, porque faz rir. O homem moderno tem uma grande necessidade dessas desopilações da hilaridade. O drama commove, provoca expansões de lagrimas, e o homem de hoje não sabe mais chorar ou talvez não tenha tempo para isso. Quando houver neces-

sidade de sentimentos brandos, melhor lhe servirá um trecho de bôa musica, um livro de versos, um romance como *Le Rêve*.

Todo o arrazoado que ahi fica, em fórma de parenthesis, bem o sei, apenas provará para o presente e futuro do theatro brazileiro ; mas como explicar sua esterilidade durante a estação que em toda parte foi muito fecunda n'este genero litterario ?

E' força, pois, reconhecer que existe uma causa mais intima, ou seja um defeito immanente no caracter de nosso povo, ou seja uma rasão oriunda do actual momento historico do pais.

Não me inclino pela primeira hipothese por uma consideração simplissima : nós somos um prolongamento dos portuguezes na America, prolongamento modificado pela mestiçagem e acção do meio phisico. Si o theatro reinol não pompeia n'uma sumptuosidade asiatica, seu cultivo não é inferior ao dos outros departamentos litterarios ; e não tive ainda noticia de quem houvesse demonstrado, com ou sem fundamente, a influição deleteria do crusamento das raças, da pujança da naturesa ou do calor equatorial sobre o theatro, com uma preferencia tão injusta quanto pasmosa, quando é certo que todas essas condições favorecem a poesia em cujo sagrado ambito demora o drama.

Abraço, pois, declaradamente a segunda hypothese.

Sabe-se, depois de Buckle, que a um povo só é permittido o luxo de cultivar a arte, quando suas riquezas lhe podem ministrar uma certa dóse de ociosidade, da mesma fórma que nós só podemos decorar nossa casa com mobilia de palissandra e quadros do pintor da moda, depois que não nos sentimos mais urgidos pelas imperiosas e inilludiveis necessidades da nutrição.

E' profundamente exacto e profundamente luminoso o pensar do sociologista inglez. Já não é a primeira vez que procuro tirar-lhe a prova e que á elle me arrimo.

Até o momento presente, em que o problema economico não cessa ainda de ameaçar-nos, á espera da organisação do trabalho, para descer n'um declive mais suave, só a poesia propriamente dicta desprendeu-se de suas fachas infantis avigorentada pela vitalidade surprehendente de nosso *lirismo*. Depois della é o *romance* que tem procurado

preoccupar, com insistencia mais apreciavel, os nossos homens de lettras.

A vez do *drama* virá mais tarde, si até lá não tiver sido alijado da moderna bagagem litteraria.

Inclino-me a suppôr que esta segunda ponta da futuridade se realisará, restando somente do theatro a comedia, como já deixei affirmado. E si considerarmos que a renovação litteraria porque ha passado, nestes ultimos vinte annos, a mentalidade brazileira não trouxe um successo dramatico digno de menção, quando os outros departamentos do mundo litterario têm tido triumphos ensuberbecedores, não nos parecerá infundado o prognostico de que desapparecerá em breve o drama, a fórma romantica do theatro, como já desappareceu a tragedia, sua fórma classica.

CADEIRA ALVARES DE AZEVEDO

Manuel Antonio Alvares de Azevedo, verdadeiro genio (1831-1852) apenas viveu vinte anos e poucos mezes. As suas *Obras* (editadas por Garnier, em 3 vols) revelam o vigor de seu talento e a extensão da sua cultura realmente assombrosa em tão verdes annos.

COELHO NETTO

Henrique Coelho Netto naceu no Maranhão em 1864.

A sua capacidade de trabalho parece não ter limites, e assim a bibliografia d'este autor ainda moço é já consideravel.

São obras suas, entre outras : *O rei fantasma*, *Capital federal*, *Inverno em flor*, *Rajah de Pendjab*, *Mirajem*, *Turbilhão*, *Seara de Rut*, *Romanceiro*, *Baladilhas*, *Fabulario*; *Agua de Juventa*, *Sertão*, *Alma*; *Banzo*, *Palestras da tarde*, *Misterio do Natal*; *Album de Calibon*, *Scenas e Perfis*, *Vida Mundana*, *Saldunes*, *Praga*, *Rapsodias*, *J. das Oliveiras*; romances e novelas ou contos. De teatro *Saldunes*; *Pastoral*, a *Muralha* e varias outras comedias formam tres ou quatro volumes. Ao todo, as suas obras atinjem uma centena, se a não excedem.

FIRMO, O VAQUEIRO

Sentados na soleira da palhoça, em face do verde campo, á hora vesperal em que os rebanhos recolhem, o velho Firmo e eu fumavamos, relembrando passagens alegres da vida de outr'ora.

Firmo era o meu companheiro quando eu ia passar as férias na roça: O que elle sabia de historias ! e como as contava fazendo a voz enternecida e meiga para imitar as princesas que imploravam ou arremettendo com um vozeirão terrivel para que eu tivesse a impressão exacta do horrivel bradar dos gigantes anthropophagos. E não só historias dos livros, outras sabia que jámais em letras vira : a que descrevia a iara branca sedusindo o remador do Itapicurú e o conto do curupira, com que no bom tempo faziam cessar a minha impertinencia. Algumas eram inventa-

das por elle, diziam; outras o velho Firmo, vaqueano e andejo, aprendera por esses sertões de Deus por onde caminhara.

Andava pelos oitenta annos, mas quem o visse a cavallo, campo afora, não lhe daria de certo tanta idade. O diabo era o rheumatismo que lhe não deixava as pernas. No seu tempo ninguem levava a melhor ao Firmo do *Curral novo*. Raparigas que uma vez o viam montado no garboso *fabrica*, o laço em volta da cinta, a aguilhada firme sobre a coxa coberta de couro crú, perdiam-se de amor por elle.

Era um caboclo atirado, musculoso e rijo: grandes olhos negros brilhavam no seu rosto queimado pelos verões e os cachos do seu cabello rolavam-lhe pelos hombros largos.

Velho, embora, « ninguem lhe chegava ao pé sem muito geito » como elle mesmo dizia sorrindo com os seus dentes limados, agudos como pontas de flechas. Apesar de alquebrado e enfermo andava com certa arrogancia e notava-se lhe na voz, aspera e forte, o habito de commando.

Nos tempos de festa, quando vinham para a mesma eira moças do logar e moças de mais longe, Firmo saltava na roda, sapateando, rasgando na viola a *tiranna* dos campeiros, e quem ousava pegar no verso do caboclo?! As tabarôas morenas sorriam com os olhos fascinados e unidas desfaziam-se das flores para que o cantador pisasse sobre ellas... por isso o Firmo andava sempre de ponta com os companheiros e, mais de uma vez, o descante acabou varrido á faca; mas quem ficasse do lado do caboclo podia estar descansado — nunca fugiu de arrelia, fosse com um, fosse com mais.

Mãisinha, a velha mucama de casa, quando o via passar no caminho, curvado, pitando seu cachimbo de taquara, dizia maliciosa:

— *Isso*, anh! *isso* foi o diabo!

Firmo « vivia encostado no tempo de d'antes », a saudade era o seu conforto. « Hoje em dia qu'é qu'a gente vê? má lingua e mollesa só » dizia e citava os valentes d'antanho e mostrava as velhas gabando-lhes a belleza que a idade fanara: « Serapião, homem que nem o diabo!... Anna Rosa, essa curumba... foi mulata de dengue, era um motim aqui em cima por causa della. Philomena com essa cara de peixe moqueado, teve o seu luxo e foi gente... Eu tambem pisei duro, ora! » Firmo vivia das recordações. Passava os dias caminhando de um lado para outro, visitando as palho-

ças, ou á beira do rio para ver e ouvir as lavadeiras, quando se não mettia em casa a fazer bodoques para as crianças.

A' tarde sentava-se em um pilão quebrado á porta da casa, e deixava-se estar inerte, os olhos ao longe : « Estava vivendo... » dizia quando eu lhe perguntava o que fazia alli sósinho. Estavamos, ás vezes, sentados juntos, elle a contar-me historias, quando nos chegava nitido e agudo o grito do campeiro. Firmo calava-se, um estremecimento agitava-o, os olhos dilatados recobravam o brilho antigo e punha-se de pé, devassando a paisagem triste, á luz do crepusculo.

De repente apparecia a nuvem de poeira annunciando o gado que chegava... uma mancha vermelha, uma mancha negra, outra e logo o magote, os bois juntos, emmaranhando os chifres ; um mugia e outros mugiam levantando os focinhos, ou ferravam-se ás marradas, sendo ás vezes necessaria a intervenção do vaqueiro, que apartava os dois á ponta de vara. E a marcha aproximava-se morosa. Firmo ficava extasiado, acompanhando todos os movimentos da manada, inclinando se para um lado, para outro, aspirando sofrego ; de repente batia as palmas e juntava logo em seguida as mãos na bocca á guiza de portavoz, bradando :

— Eh ! eh ! eh cou ! arruma ! arruma ! Eh ! lou...

E ficava longo tempo excitado, a olhar. Não perdia uma só das peripecias, e, se um touro espirrava, correndo aos galões pela campina, o velho entrava a bramar do outeiro, tão alto, tão alto que as raparigas, que andavam na eira recolhendo a roupa ou seccando o arroz, paravam assustadas erguendo os olhos para o lado da palhoça do vaqueiro velho — mas ninguem o acommodava antes de ser laçado o boi fujão e quando o vaqueiro apparecia arrastando o animal laçado, Firmo, suspirava baixinho :

— Ah ! Nossa Senhora ! meu tempo !

Foi pelo Natal que o vi pela ultima vez. Começavam os preparativos da festa, quando cheguei ao sitio. Nas casas dos escravos as velhas, á noite, ensaiavam as crianças. Na eira os rapazolas preparavam giráos ; colhia-se o arroz novo para os presepes e de todos os lados, mal o sol fugia, começavam as toadas das cantigas ao *Deus Menino* e as falas dos infantes que figuravam no *Misterio*.

Firmo estava doente, mal se podia mover ; passava os dias na rêde. Subi, a vel-o, uma noite, justamente na ves-

pera do grande dia; encontrei-o deitado, fumando, os olhos semi-cerrados.

— Eh! vaqueiro velho... Então, que é isso?!

— Estou derrubado, patrãozinho.

— Mas que diabo tem você?

— Molestia má, patrãozinho; e penso que desta feita me vou mesmo.

— Ora qual...

— Eu é que sei como me sinto, patrãozinho.. Se até o *pito* me faz nojo...

— Pois eu preparei uma surpresa, que te vai fazer mais do que todas as *mezinhas* de mãi Tude. Quem está ahi fóra? adivinha!...

— Ah! patrãozinho, alguma alma boa... quem ha de ser?

— Raymundinho...

O velho sacudiu-se nervosamente na rêde, e voltando-se para o lado da porta, com um sorriso, perguntou:

— E onde está esse negro que não entra?

— Boa noite á gente de casa! disse da porta o cafuso.

— Entra, negro!

O cafuso, um codoense de fama, atravessou o limiar da porta!

— Então, tio Firmo, a febre póde mais, heim?

— Sim, porque eu não vi quando ella entrou... quando não! Então, negro, que é que vamos fazendo?...

— Vim fazer a minha festa. Dizem que vão queimar fogaréos no *Curral novo*...

— Como vai Noca?

— Boa.

— E Anna? está na cidade, mais o pai?

— Hen, hen, affiirmou o cafuso.

— Negro, você não vai d'aqui hoje. Ah! patrãozinho, vosmecê vai ver o que é um diabo. Negro, ajunta a madeira alli atráz da arca...

— Está encordoada?

— O' damnado! Onde você viu viola de homem sem corda? e afinada. Ajunta.

O codoense agachou-se e apanhou a viola do vaqueiro e logo correu os dedos ageis pelas cordas.

— Passa p'ra luz, cafuso.

— Lá vou...

Sentou-se no centro da sala, cruzou as pernas, e tombando a cabeça gemeu a toada sertaneja.

— Anda com Deus.

— Lá vai ; pigarreou e desferiu :

> No coração de quem ama
> Nasce uma flor que envenena.

— Eh! gritou o Firmo enthusiasmado, concluindo a quadra :

> Morena, essa flor que mata
> Chama-se paixão, morena...

— Pega, negro... não deixa o verso no chão !

De fóra, continuo e doce, vinha o côro longinquo das crianças em louvor de Jesus e, de vez em vez, reboava o mugido de um touro.

Quando o cafuso descansou a viola, Firmo disse da rêde com esforço, arrastando a voz fraca :

— Canta, canta mais, cafuso... Quem não tem Nosso Pai ouve a cantiga. Canta.

Era tarde quando desci o outeiro. Raymundinho lá ficou cantando.

No dia seguinte, á hora em que sahia o gado, estava eu debruçado á varanda quando vi o cafuso que preparava o animal viajeiro :

— Raymundinho, como vai elle ?...

De longe apontou para a palhoça :

— Sim.

O braço caiu-lhe, olhou-me algum tempo commovido ; depois, saltando para o animal, levou o pollegar á bocca fazendo estalar a unha nos dentes : — A's quatro da manhã... Atirei um verso e disse, para bulir com elle : — Pega, velho! Não respondeu. Tio Firmo, mesmo velho e doente, não era homem para deixar um verso no chão... Fui ver, coitado... ! estava morto. E deu de esporas para que eu não lhe visse as lagrimas.

Subi ao outeiro... Pobre Firmo ! Lá estava no fundo da rêde, cercado de gente. Guardára o sorriso, morrera feliz, ouvindo os cantos do seu tempo e bem perto da casa o mugido dos rebanhos. E bem que choraram nessa noite os grandes

bois, e diziam, entretanto, que elles estavam louvando o Senhor Menino, chorando o companheiro é que elles estavam, os grandes bois que presentem todas as desgraças e que vêm a Morte passar, á noite, com a foice de rastro, atravez das campinas. Bem que choraram nessa noite os bois, de certo viram a Morte entrar na cabana de Firmo...

CEGA

I

A cabana, de reboco, colmada de sapê, ficava isolada n'um alto, entre viçosos cafeeiros de basta folhagem roçagante, aberta em saia. N'um cercado de céva o bacorinho coinchava, atolado na lama, focinhando regaladamente. O paiol, sob um alpendre de zinco, por onde trepava a ramada opulenta de um pé de maracujá, estava atulhado de espigas de milho e, na moenda tosca, d'entre os cilindros de madeira, pendiam bagaços esfarpados e resequidos de canna. Para um canto, o forno de barro erguia-se, alto como um cupim, sob a galhada protectora de uma velha mangueira.

Por entre os milhos, já seccos, gallinhas cacarejavam e um gato nédio dormia sobre a palha de café amontoada, como estrume, na raiz dos cafeeiros. Carreirinhos serpeavam por entre a plantação, levando ao mandiocal, á horta, á fonte, n'uma gruta recondita sombreada pelas samanbaias e pelos inhames ; outros subiam para o capoeirão frondoso, na lombada do outeiro, d'onde, á noite, desciam para a devastação da roça, pacas ariscas e tatús cavadores, onde ao amanhecer e á tarde nambús piavam tristonhamente e saracuras, aos bandos, levantavam a grita annunciadora das horas. Outra trilha, aberta no meio da tiririca, descia para o tenro arrosal, n'um banhado, onde floriam aromalissimas e candidas açucenas ; e mais largo, direito e limpo, o caminho que levava á estrada, em descida suave, toda marginada de laranjeiras e de limoeiros, até á cerca de espinhos que demarcava o sitio.

Para o fundo, num vallo angusto, o rio rolava por um leito pedregoso, salteado de rochas, em cujos dorsos, verdes de limo, fetos mimosos cresciam borrifados sempre pela ga-

rôa desprendida dos cachões espumantes da agua que se precipitava, aos gorgolões, de pedra em pedra, rumorosa.

Ao longe a larga e deslumbrante paisagem accidentada, de collinas e valles, d'um verde fino, macio como velludo, em nuances diversas, ora mais brando, ora mais intenso, até a linha cerulea das serras, sempre diaphanamente brumadas, com os seus dentes agudos e irregulares cravados no céo curvo. O gado, miudo e immovel, disseminado nos pastos, parecia de pedra; uma ou outra cabana, a casa branca e baixa de uma fazenda; e rutilo, quieto como uma placa de metal polida e nitida, um açude espraiva as aguas adormecidas na solidão monotona das varzeas.

Anna Rosa e Felicia, mãi e filha, habitavam esse tugurio desamparado.

Anna Rosa, a mulata esbelta e forte no tempo dos dezoito annos, com a sua côr ardente de canella, com as suas tranças negras e luzidias, os seus grandes olhos cheios de quebranto, o seu collo farto e empinado nos corpinhos de cassa que pareciam arroxar a carne rija, os seus quadris robustos que tremiam ao bater faceiro do pé pequeno e trefego, a mais de um caboclo deixára o coração doido, apezar da molestia má que, por vezes, dava com ella nos caminhos, como morta, a bocca cheia de espuma, os olhos revirados e retorcida toda como n'um estupor.

Embora! quem lhe visse a bocca pequena, carnuda e fresca, tão bem ornada que era um feitiço, quer sorrindo, quer atirando os muchochos despreziveis, quer mostrando, a rir, os dentes todos, pequeninos e brancos, brancos como a flor de laranjeira... Ah! quem visse ficava captivo da mulata.

Anna Rosa! Quanta trova rustica nascia d'esse nome doce, nos ranchos, nas bibocas dos montes, nos outeiros, onde quer que houvesse alguem que uma vez tivesse olhado a rapariga, arisca como as juritis da matta.

Mas quem pôde gozar todo o seu dengoso amor foi Simão Cabiúna. Quando se soube que viviam juntos foi um espanto geral. « Que gosto! Mulher não vai com o carrapato porque não sabe qual é o macho. Com tanto rapaz apessoado, com tanto moço de posse, escolher um bruto, mal encarado, como esse caboclo goyano. Que gosto! Foi mandinga, por certo, que o bicho fez. O diabo tem oração p'ra tudo... se até brinca com cascavel, o diabo! murmuravam. »

Anna Rosa, porém. preferira o atarracado sertanejo a

tuantos lhe offereciam prendas nos leilões da festa do Rosario. « Tambem; com aquella baba peçonhenta quem queria a peste. Não era tão bonita assim... » os repellidos vingavam-se com esses e outros commentarios ; alguns gabavam-se de Anna Rosa.

Simão chamado o Cabiúna pela côr abaçanada do seu rosto, era goyano. Viera de lá; com uma boiada, para Minas e nunca mais tornou á terra « porque tinha uma morte », diziam á bocca pequena os sertanejos. Era um caboclo robusto e desempenado. Tão expedito n'um roçado como seguro no lombo liso d'um potro bravo e ninguem como elle para atirar o laço — ia buscar um garrote pelos chifres n'uma manada, por maior que fosse e quem na viola lhe fazia frente? Cabra teso! com um foguinho trovava um dia e uma noite de enfiada.

Quem pegava com o caboclo quando elle caia sobre o instrumento, encardido, de andar de mão em mão e soltava a voz :

> Quem muito se agacha, dona,
> Nunca chega ao coração.
> A mulher quer soberbia
> Não quer ver humilhação;
> Ninguem derruba o novilho
> Se não com o laço na mão,
> Quem muito se agacha, dona,
> Nunca chega ao coração.
> Eêêh !

Com o cobre que tinha comprou as terras da banda do rio : seis alqueires com um bom pedaço de matta, e elle mesmo fincou os esteios da cabana; atirou o adobe ás ripas; cortou o sapê para a coberta e semeou o campo, levantando diante da casa, no dia em que Anna Rosa subiu para a sua companhia, um mastro de festa.

Atirado ao trabalho, ninguem o viu mais em pagodes. De raro em raro descia á villa, n'um macho, a fazer compras. Nem nas festas apparecia, Anna Rosa tão pouco : viviam lá em cima entocados e; se não fosse a belleza da roça, que se impunha como um testemunho de vida, ninguem diria que alli habitavam creaturas.

Cabras berravam; dois bois, uma vacca; appareciam

nedios, pastando na vertente da collina ; por vezes bacorinhos desciam até a cerca grunhindo, e o macho ; eram os animaes do sitio.

Um dia, porém, Simão Cabiúna entrou na villa com uma carrocinha que o macho tirava aos trancos, n'um galope frenetico, e parou á porta de Nhá Bemvida, voltando com ella, na mesma tirada, aos solavancos, estrada fóra. « E' Anna Rosa com o mal, disseram logo os que o viram partir com a curandeira. E' a peçonha... » Mas, no dia seguinte, com a chegada da velha, a verdade espalhou-se : « Anna Rosa tivera uma menina. » E a curandeira, que tudo espionára, gabou a casa do caboclo — farta, tinha de tudo : carne e toucinho na corda, salmouras ; e que limpeza ! Os lençóes da cama eram alvos como algodão virgem, a camisa da mulata tinha um cabeção de crivo de mais de um palmo de largura. Até berço para a criança o caboclo fizera, de junco trançado. Uns grandes ! »

A cabana, de construcção provisoria, compunha-se de uma sala e dois quartos. A sala espaçosa e clara, com duas grandes janellas, era ao mesmo tempo cozinha e dispensa. Em uma das faces o fogão : tres pedras em triangulo, sobre as quaes pousava a panella de barro, tres outras, mais adiante para a chaleira, sempre ao fogo. Em cordas de tucum a manta de carne, o toucinho, as linguiças, o lombo, o bacalháo, as resteas d'alho e de cebollas ; o mais, para o consummo, era colhido na roça todas as manhãs.

O tecto, enfumarado, parecia tinto a piche, e reluzia. Uma mesa de pinho ennegrecida, duas cadeiras de assento de embira trançada, uma velha caixa, um tamborete eram a mobilia; e na parede a viola, o facão na bainha de couro e uma espingarda de dois canos. Em um dos quartos, illuminado por uma janella que abria para a matta, dormia o casal, protegido por uma « *Conceição* » no seu oratorio envernizado ; no outro quarto guardavam as grandes arcas de roupa, a sella, os ferros da lavoura, as sementes.

Simão Cabiúna, nos primeiros dias do parto de Anna Rosa, apenas sahia de manhã para soltar os animaes e á tardinha para recolhel-os. Tomou uma velha negra para o serviço de casa e feliz agarrava nos braços robustos a criancinha gabando-a, enlevado, orgulhoso ; o mesmo choro da filha era para o caboclo motivo de festa, achava que pare-

cia de uma creança taluda e annunciava : que haviam de ver a mulheraça que alli estava.

Ainda Anna Rosa guardava o leito quando uma tempestade violenta caiu, com aguaceiro o ventos. Os relampagos alumiavam sinistramente o interior da cabana e de dentro ouvia-se o jorrar encachoeirado das aguas que desciam da matta pela collina cavando a terra a ponto de arrastar as raizes de mandioca na enxurrada.

O rio grosso, barrento, roncava no vallo e as arvores curvadas pela ventania enchiam a escuridão d'um pavoroso barulho. E os trovões fortes, repetidos e prolongados em echos reboantes, succediam-se a mais e mais, tremendos.

Pelas taliscas da cabana, pelas frinchas do sapê o vento entrava zunindo; por vezes era tão violenta a lufada que os muros tremiam abalados como n'um terremoto. Diante do oratorio crepitava dia e noite a lamparina e Anna Rosa, apavorada, resava exclamando : « Misericordia ! » e persignando-se sempre que a luz livida de um relampago clareava o quarto, offuscante e rapida. Queria a todos perto do leito, aconchegava a criança como para protegel-a do raio junto do coração ; e o vento fóra uivava.

Dois grandes dias d'agua passaram e frios como se fossem de inverno. Cuidados não faltaram : os buracos calafetados com palhas de milho, um panno corrido para proteger o leito, uma fogueira accesa na sala proxima para aquecer o aposento onde a criancinha vagia no berço, ora junto á mãi ou nos braços de Cabiúna, que a apertava de encontro ao peito, cantando as trovas antigas para adormecel-a ; e n'uma corda, tirada d'um angulo a outro da sala, as fraldas arejavam, á falta de sol, até que a negra as enxugasse a ferro. De quando em quando Cabiúna entreabria a porta, lançava um olhar desconsolado ao sitio devastado pela tormenta, mas dava de hombros, resignado, recolhendo-se.

— Ora ! uns pés de milho de menos, mas a terra ganha força. E corria ao berço e de cocoras com a sua voz forte de campeiro, ameigada para caricias, chamava a filha, ria-se vendo-lhe os olhinhos innocentes que erravam como duas mariposas buscando luz.

— Eh ! caboclinha bonita de seu pai ! Eh ! gente. A's vezes Anna Rosa intervinha para que elle deixase a criança

dormir e, mesmo do leito, ciciava ninando a filha que se debatia encolhendo e esticando as pernas e os bracinhos.

Uma manhã Anna Rosa despertou gemendo : dores fortes nas fontes, nos olhos, uma afflicção na cabeça. E com o dia as dores augmentaram a ponto de não lhe ser possivel amamentar a criança; enchia a casa de gritos agoniados agarrando a cabeça com ambas as mãos, apertando-a.

Parecia que ia arrebentar, dizia. Chamassem nhá Bemvinda, pelo amor de Deus. Não podia mais ; morria.

E de novo o macho partiu a trote, estrada fóra, a caminho da villa, levando a carrocinha aos solavancos.

A curandeira, mal chegou junto á cama, onde Anna Rosa estorcia-se implorando allivio, disse a Simão Cabiúma que era cousa grave : o parto que subira á cabeça ; algum descuido, quebra de resguardo. E atirando o chaile para uma cadeira, em mangas de camisa, saiu para o campo, á cata de hervas para um chá forte recommendando logo que dessem leite de vacca á craincinha porque os peitos da mãi iam seccar.

A negra, estonteada, atiçava o fogo para ferver a agua, acudia ao quarto, abria as arcas procurando baetas, resmungando rezas e esconjuros. Cabiúna, com as lagrimas nos olhos, pensando nas duas creaturas da sua affeição, saiu para ordenhar a vacca. Os gritos de Anna Rosa, agudos, desesperados, chegavam aos ouvidos do caboclo e elle, agachado, mugindo o animal que continuava a pastar tranquillamente, erguia os olhos ao céo com fervor, pedindo a Deus pela pobresinha.

Os pés escaldados em agua quente, Anna Rosa tomou a malga de herva cidreira adoçada a mel de abelhas e atabafou-se suando copiosamente : as roupas ficaram de torcer-se, a cama foi refeita, tão humida ficou ; entanto, a dor continuava ainda que mais branda, em latejos como martelladas. Todavia, ao amanhecer, o somno deu lhe um pouco de allivio, mas o choro da criança despertou-a commovida :

— Coitadinha de minha filha ! Ah ! nhá Bemvinda, deixa eu dar um pouco de mama agora, uma vez só... ella é tão pequenina ainda. Mas a curandeira oppoz-se.

— Que não ; até podia fazer mal á criança. Cuidasse de ficar boa ; a pequena já dera conta de uma chicara de leite fervido. Havia de criar-se. Deixasse-a por sua conta.

Cabiúna, pisando na ponta do pés descalços, fumando

sempre compridos cigarros de palha grossa, espiava á porta do quarto indagando da enferma e da filha e tornava á sala acocorando-se junto ao brazido a picar fumo ou alisando sobre a coxa, com o seu canivete de mola, as palhas para os cigarros. No terreiro os dois cães de caça *Batuque* e *Bocca negra* ladravam, de quando em quando, aos rumores da matta proxima.

Na manhã seguinte Anna Rosa despertando d'olhos abertos, com uma « zoada nos ouvidos », queixou-se de escuridão ; — Nem sequer via o berço da criança ; aquillo alli dentro estava como breu. Ao menos accendessem a lamparina da Senhora.

A negra, que passeiava um defumador com alfazema e capim cheiroso, acudiu:

— Que a lamparina estava accesa, até com azeite novo. Anna Rosa, amuada, insistia, teimava e exaltou-se com a negra a ponto de accordar a curandeira, prostrada de fadiga sobre uma esteira :

— Que é isso ? Não se arrelie. Você não póde falar assim, menina. E Anna Rosa queixou-se da escuridão : — que a negra mentira dizendo que a lamparina estava accesa.

— Mas está accesa mesmo, creatura. Você está mas é com somno ; dorme. Pois uma luz d'aquella você não vê, filha de Deus ?

— Que luz, nhá Bemvinda ?

— O' mulher !

— Não vejo luz nenhuma.

A curandeira ajudando-se com as mãos, ergueu-se pesadamente com um ai ! suspirado e logo caminhou para o leito :

— Então você não esta vendo a luz ?

— Não vejo, não, nhá Bemvinda. Vejo tudo negro, tudo negro, por Nossa Senhora !

— Espera ahi. E a velha, paciente, tomou a tijella onde a marca fluctuava sobre o azeite de mamona espichando uma chamma tremula n'um morrão em fórma de cravo, e, caminhando para Anna Rosa, perguntou, entre reprehensiva e carinhosa :

— Ainda não vê, cabeçuda ?

— Não vejo não, nhá Bemvinda.

A curandeira ficou boquiaberta, esgazeada diante do leito onde a parturiente resmungava, de mao humor : —

« Que não via, não via nada. Tambem tanto não. » A negra, parada, contemplava n'um silencio de espanto. A pouco e pouco, porêm, como lhe voltasse a calma, a velha entrou a ruminar, mascando o fumo e, rebolando o seu pesado corpo obeso, repoz a lamparina no oratorio, dando de hombros, resmungando : — Então não vê ?

— Já disse, nhá Bemvinda. Eu preciso mentir ? Nem que eu fosse criança. Que cousa ! E, com um muchocho, repuxando as cobertas, voltou-se para a parede, frenetica.

A velha saiu para a sala e, como a negra a interrogasse com os olhos attonitos, disse apenas baixinho, meneando com a cabeça.

— Isso não é bom signal. Anna Rosa não está boa, não ; não está nada boa. Você vai vêr. Deus queira que não venha por ahi alguma desgaça ! E com o indicador na fronte. — Muitas perdem isso... ha tantos casos ! Tomando da corda as roupas da criança agachou-se diante do fogo, atirando para as brazas punhados de alfazema e, ao fumo oloroso, que subia, perfumou as fraldas e a camisinha passando-as e repassando-as na columa de fumaça morna e cheirosa.

Cabiúna voltava da roça, seguido dos cães, com uma enfiada de rolas no cano da espingarda quando a curandeira lhe commuicou as suas apprehensões. O caboclo perplexo, o coração aos pulos, ouvia de olhos altos, hirto, n'um assombro.

— Doida ! Anna Rosa doida ?! repetiu sem baixar a vista. E precipitando-se para a sala encostou a arma a um canto e entrou no quarto afflicto ; ia falar á amasia quando a negra cochichou :

— Ella está passando pelo somno. Mas a mulata, que ouvia, acudiu irritada :

— Não estou dormindo nada. E' você, Cabiúna ?

— Eu mesmo, flor. Ella voltou-se lesta e atirando os braços procurou-o. O caboclo inclinou-se para a caricia.

— Cabiúna, eu quero vêr minha filha. Nem isso essa gente deixa.

Cabiúna tomou a criança carinhosamente em ambas as mãos e apresentou-a : — Olha aqui, flor ; olha aqui. Está com os olhinhos abertos.

— Dá cá ella... Mas está tão escuro ! Sentou-se no leito recostando-se aos travesseiros e estendeu os braços recebendo a criança. Está tão escuro ! Que horas são ?

— Vai caminhando para o meio dia.

— Está tão escuro. Abre um pouco a janella. O caboclo, indeciso, acenou à negra para que chamasse a curandeira e, quando a velha appareceu, rezingando contra os cães que enchiam a casa de pulgas, disse-lhe :

— Ella quer que eu abra a janella.

— Póde abrir, está um dia de sol. E elle, contente por satisfazer á amasia e por ter, emfim, occasião de ver a filha á claridade, voltou a taramella e um raio do sol esguichou no quarto sombrio, fino, a principio, como uma fita, e alargando, alargando até que pela janella, francamente aberta, entrou a grande luz radiosa, deixando vêr o céo, muito azul, as arvores viçosas, as collinas remotas. A chamma da lamparina amortecia como um vagalume em noite de luar e a brisa dos campos, acariciante e morna, cheirando a silvados, arejou o quarto purificando-o. A criança, franzindo a fronte, offuscada pela violencia da claridade que as suas retinas reflectiam na primeira visão, piscava os olhos chuchando a chupeta, e Anna Rosa, inclinada, d'olhos abertos, pediu de novo.

— Abre a janella, Cabiúna. Abre toda.

— Está aberta, flôr. Você não vê ?

— Não veja nada...

— Está aberta.

— Abre mais.

— Está toda. Ella então levantou a cabeça, apertada n'um lenço de ramagens d'onde lhe desciam para as costas as duas tranças negras e, d'olhos limpidos, enormemente abertos, fitou a janella longamente, sem pestanejar, n'uma esquecida fixidez de arroubo. O caboclo, oppresso, olhava ; a curandeira e a negra pareciam atordoadas.

— Cabiúna, olha aqui. O caboclo inclinou-se para a enferma e ella, meiga implorou : — Abre a janella...

— Está toda aberta, flôr. Olha o sol na cama ; você não sente o sol ? não vê ?

— Não vejo nada. Cabiúna lançou um olhar angustiado á curandeira que meneava com a cabeça ; a negra, de braços cruzados, olhava, compadecida.

— Então você não está vendo a pequena ?

— Está no meu collo, eu sinto mas não vejo, não, Cabiúna ; por Nossa Senhora ! Esfregou os olhos e de novo fitou a janella passando vagarosamente a mão pela face. — Eu es-

tou sentindo o sol... De repente, n'um grito : — Cabiúna ! ah! meu caboclo! Cabiúna... o sol está aqui, eu estou sentindo, mas não vejo.. E atirando os braços n'um grande desespero bradou : — Ah ! minha Mãi do céo ! minha Mãi do céo !... eu estou céga ! Gente ! eu perdi a minha vista ! eu estou céga. Ah! minha filha! Cabiúna! nhá Bemvida! gente! eu não vejo mais, eu não vejo mais. Nem para vêr minha filha ! Ah ! minha Mãi do céo ! Ah ! minha Mãi do céo ! E, com uma voz surda, agarrando a cabeça derreada sobre a criança que olhava tranquillamente, poz-se a dizer : — Anna Rosa não vê mais ! Anna Rosa não vê mais... não vê mais ! não vê mais ! N'um impeto, porém, sem lembrar-se da filha, quiz descer da cama. A curandeira acudiu amparando a criança e Cabiúna susteve a mulata :

— Que é isso, flôr ? Que é isso ?

— Ah ! meu caboclo... eu estou céga ; e sacudia anciadamente a cabeça. Eu estou céga... sua Anna Rosa não vê mais, meu, caboclo.

Cabiúna chorava em silencio, as lagrimas desciam-lhe dos olhos, grossas, caindo gota a gota no leito.

— Ah! meucaboclo... aquella dor de cabeça, quando eu dizia a você que estava sentindo *a modo* de alguma cousa que me arrebentava por dentro. Eram meus olhos que estavam se apagando... eram meus olhos, coitada de mim ! E que ha de ser de mim agora ? Juntou as mãos como n'uma prece : — Que ha de ser mim ?

Os que a ouviam não achavam palavras de consolo, Cabiúna forcejava com ella para que se deitasse, animando-a :

— Deus é grande, flôr ! Mas a criança abriu n'um choro forte nos braços da curandeira.

— Chora, chora, minha filha. Sua mãi não póde mais vêr você. E estendendo os braços : — Dá cá ella, gente. Dá cá ella. E recebendo a criança, beijando-a soffregamente : — Ah ! meu anjinho !... meu anjinho !

Mas o frenesi retomou-a : — Minha Nossa Senhora ! que foi que eu fiz, meu Pai do céo ? Cabiúna, meu caboclo, isso foi cousa feita, foi cousa feita, por inveja. E n'uma furia, os dentes cerrados : — E foi essa negra! Eu não quero mais esse diabo aqui. Foi ella, Cabiúna, a mandado.

A negra avançou chorando : — Ah ! nhá Rosa... eu ? eu ! fazer mal a vomcé ? Eu ! Não diz isso não, nhá Rosa...

— Foi você ! Cabiúna, manda ella embora.

A negra atirou-se de joelhos, erguendo as mãos, os olhos em pranto : — Nhá Rosa, por essa luz que me alumia, por essa imagem de Nossa senhora... eu não quero mais me levantar d'aqui...

A curandeira interveiu : — Está bom : chega ; deixa d'isso, gente.

— Mas dóe, nhá Bemvinda. Dizer que eu fiz mal... por que ? Isso dóe, nhá Bemvida. Eu nunca andei com porcaria. Cabiúna fez-lhe um gesto para que saisse e Anna Rosa, inquieta, apalpando-se, esfregando os olhos, murmurava. Teve um momento de silencio, de immobilidade.

Cabiúna retirou vagarosamente a criança do collo da enferma e entregou-a á curandeira. Anna Rosa parecia insensivel ; o sol dava-lhe em cheio no rosto e o seu collo moreno, que a camisa desabotoada deixava em meia nudez, apparecia em dois globos rijos, cheios, em plena apojadura creadora.

O caboclo, com geito feminino, abotoou-lhe a camisa, cobriu-a, affagando-a sem falar para não dar a perceber que chorava. Ella sorria dolorosamente, franzia a fronte, rolava os olhos com angustia e lentas duas lagrimas despenharam-se-lhe das palpebras. Veiu-lhe então um accesso de choro e, por entre o pranto, ouvia-se-lhe o lamento surdo e desesperado :

— Misericordia divina ! que ha de ser de mim ? Céga ! Para que fazerem mal aos outros assim, meu Senhor Jesus ? Para que ? Nem para criar minha filha ! Ah ! minha Nossa Senhora ! antes eu tivesse morrido. E, desesperada, atirou-se ao leito soluçando. Mas começou a ranger os dentes, repuxando as cobertas com os dedos crispados, esticando as pernas e subito, voltando-se na cama hirta, retesada, levantou-se em arco firmada nos calcanhares e os cotovellos fincados no colchão e rugia, com um offêgo forte. Estrebuchos sacudiram-n'a, soltou um grito opprimido, abateu pesadamente, arquejando e atirando as pernas e os braços começou em escabujamentos indomitos, resistindo aos pulsos do caboclo que procurava contel-a chamando-a, lembrando-lhe a filha, luctando com ella sem conseguir subjugal-a ; e, quando a crise serenou, abrandando os movimentos, voltando-lhe a pouco e pouco a calma, n'um deliquio, n'uma especie de modorra, o caboclo, banhado em suor dirigiu-se á curandeira :

— Nhá Bemvida, pelo amor de Deus, diga a verdade! E' cegueira mesmo ou é mal do parto?

— Ah! meu filho, e olhando-o com desconsolação: para dizer a verdade eu acho, para mim, que ella está céga. Está como a Therezinha. Alli só Deus.

— E essa negra? indagou o caboclo com voz surda.

— Coitada da pobre de Christo! Não pensa n'isso. Para que havia ella de fazer mal á Anna Rosa? com que fim? Coitada da pobre de Christo! Essa molestia dá assim mesmo, ás vezes é um ar... Therezinha não cegou brincando? Quem ia fazer mal á Therezinha, uma criança que nem era ainda moça. Molestia de Deus, meu filho! Molestia de Deus. Que se ha de fazer?

E o caboclo, acabrunhado, saiu a passos lentos para o terreiro e, cruzando os braços, trincando os labios, os olhos perdidos, começou a chorar silenciosamente diante dos cães que o festejavam, alheios á grande dor que prostava a alma forte do sertanejo ousado. E a tarde, pelo céo violaceo, começava a enevoar-se.

A LINGUA PORTUGUEZA

Tu que andas a explorar a selva veneravel dos rimances, mais batida que muita estrada de caravanas, onde não ha florinha — e já não fallo d'arvores — por mais occulta, que nasça, que não tenha um nome rebarbativo, composto em latim erudito ou em grego classico por algum Linneo d'oculos e gorro, e uma doce e mimosa alcunha com a qual o povo, sempre poetico, singelamente a appellida, has de achar encanto nesta aventura que eu comparo, pela sua originalidade, a uma delicada bonina de silvedo, pequenina e ephemera, d'essas que desabrocham com o nascer da lua e morrem ao primeiro lusir do sol.

Ouve-me e terás, a um tempo, assumpto para um dos teus contos — se ainda os escreves — e a explicação que, ha dias, me pediste, no Laemmert, quando lá me achaste a procurar grammaticas e selectas portuguezas.

Perguntaste se eu queria enriquecer o meu cabedal linguistico e eu respondi, com misterio, que tratava de cousa mais séria e mais util — effectivamente, tratava. Para o meu gasto basta-me o que aprendi nesse tempo, menos sabio e mais fecundo, das pequenas grammaticas de nomes faceis e de regras simples ; leio e entendo o meu Bernardim e o meu Garção, ando com vagar e segurança pelas agruras floridas dos principes da chronica, redijo um bilhete intelligivel para saber das minhas lavouras, ao sul, do meu gado nas terras contraes onde tenho pastores como um patriarcha biblico e ainda sirvo ao meu amor que só me pede, com sobriedade rara, flôres de rhetorica, em vernaculo.

Dirás que estou abundante e diffuso — é o calor, meu amigo ; o calor dilata os corpos e o espirito : o meu espirito poreja facundia e este champagne gelado torna-me chrisologo. Confesso-te que estou languido, languido e fallador como um gaulez ; disse mollemente, espreguiçando-se.

Que horas são ? tres ; tenho tempo. A's cinco devo estar ajoelhado aos pés de Milady, explicando-lhe o participio. Mas, vamos ao caso — pelo brilho de teus olhos vejo que ardes em curiosidade. Se achares a aventura banal não me deixes chegar ao fim... eu acho-a divina ! Mas é bem possivel que neste velho mundo, onde é tão velho o amor, outra mulher tenha precedido a minha irlandeza, entregando-se, toda languida, a algum homem só com ouvir-lhe a musica da voz ; é possivel. Aos ouvidos delicados das divinas athenienses devia causar estranhesa a rude e aspera linguagem d'um scitha ou o rouco bramir d'um thracio e, como a mulher foi sempre o espelho da incoherencia, não duvido que, antes de Betsei, alguma branca e formosa filha de Athené se houvesse despido e, toda núa e toda tremula, se desse á bruta sensualidade d'um d'aquelles gigantes pedindo, já embriagada de amor, que atroasse os ares com o seu dialecto rispido e mais trovejante que a colera de Zeus. Esta é a verdade, meu amigo : a mulher é capaz de tudo e eu não creio que haja um capricho inedito.. Emfim — ouve e fala.

Refrescou os labios na taça, enrolou uma cigarrilha e continuou, com molle preguiça, encolhendo-se no *chambre* de seda sobre o divan de couro pardo.

Conhecemos-nos a bordo, na tolda do *Clyde*, logo ao deixarmos Lisboa, em outubro : ella e *Nimph*, a cadellinha, eu e

Djinn, o meu *pointer*. Em inglez trocamos as nossas impressões sobre a cidade de Ulisses, a florida Lisboa e sobre a bellesa do Tejo e eu entrei, com o meu vago saber, a falar de historia, dizendo-lhe cousas memoraveis dos briosos tempos da grandesa e do heroismo d'aquella terra e d'aquella gente : as guerras, as navegações ousadas em barineis ligeiros, grandes como chalupas, que iam descobrir terras ; os avanços no mar virgem, os transmontos de cabos procellosos, a gloria divina da poesia e o triumpho terreal do descobrimento das praias verdes e largas do nosso Brazil.

Ella ouvia-me sorrindo, as duas mãos no collo, toda embebida nas minhas palavras como se tivesse apenas cinco annos e eu lhe estivesse a contar fabulas.

Desciamos com uma aragem fresca e tocada de aromas, perdiamos a vista da terra — lá ficavam os moinhos e as torres, lá se afundava em bruma a veneranda cidade e ella a insistir em pormenores, curiosa, ávida de saber, interessada na historia e com os olhos tão asues e tão grandes que eu, ás vezes, ficava-me a olhar para elles com a certeza de que contemplava o céu por duas vigias. E assim permanecemos duas ou tres horas e só nos apartamos quando ella sentio que era tempo de ir fazer a sua *toilette* para o jantar.

Do pouco que me disse fiquei sabendo que era da Irlanda, terra da harpa e dos santos, casada ; que ia para o Rosario, na Argentina, onde o marido cria carneiros e cavallos e outras coisas mais. Ah ! meu amigo, que encanto de voz ! A harpa gemente da patria de santa Brigida perpetúa os seus sons na bocca das irlandezas. Queria que a ouvisses, não a falar ligeiramente e sem interesse, mas murmurando, na intimidade do amor, pondo o vocabulo no halito, deixando-o ir lento e subtil como um fumo que se sopra e que, ao de leve, sóbe e some-se desfeito. Assim é que é ouvil-a !

Depois do jantar, junto á amurada, falava eu a um gordo minhoto, que vinha ao Brazil collocar o seu azeite e o seu vinho quando dei por ella e tão viva, tão irrequieta, tão nervosa, olhando-me tão fixamente e com uma tal ancia a soerguer-lhe o collo, que receei pela sua vida — adiantei-me e ella, firme, rigida, a encarar-me com um brilho mais quente nos olhos, perguntou-me : « Que lingua é essa que o senhor falla ? »

— Portugueza, milady ; a mesma em que, ha pouco, ouvimos tão lindos cantos entoados por estivadores ; e ella,

pallida de emoção; erguendo as mãos brancas como uma santa em supplica; suspirou :

— O' a bella lingua !

— Em portuguez ?

— Não, homem de Deus — em inglez. Eu vou tradusindo para não dar á nossa palestra o caracter d'uma dissertação enxertada de textos. E logo; toda agitada, pedio-me que lhe falasse portuguez, muito e sempre, que lhe dissesse tudo em portuguez, tudo! Buscamos as nossas cadeiras e, á luz das estrellas, eu tudo lhe disse em portuguez e ella, (ó sagacidade da mulher!) tudo comprehendia com uma tão lucida intelligencia que os mais subtis idiotismos da nossa, lingua tão rica em idiotismos e em idiotices grammaticaes, principalmente agora que tão mal a escrevem os que põem tanto empenho em reformal-a, enchendo-a de complicadas raises como um bocal de boticario, eram logo divinamente adivinhados; interpretados, tradusidos com tanta graça que eu, maravilhado, relanceando em torno um olhar ligeiro e vendo que estavamos sós, ajoelhei-me e, beijando-lhe as mãos, offereci-me para inicial-a nos segredos da lingua encantadora... N'essa mesma noite, alli mesmo, ao som do mar, enveredamos pelo substantivo. E até ao Rio só falei portuguez com ella para delicial-a.

Ao entrarmos a barra, com o coração partido, reunia coragem para dizer-lhe a ultima e uma das mais tristes palavras da nossa lingua, que é « Adeus ! » certo de que ella seguia, com virtuosa pressa, para o aprisco conjugal, no Rosario, quando a vi apparecer linda e mais airosa que nunca, num esguio traje de flanella, com a cadellinha, reclamando as malas e um gárrulo kakotoe que comprara em Dakar, a um negro. E disse-me, muito séria, abrindo a sua carteirinha de notas : « Fico uns dias aqui, uma semana, talvez, para vêr a terra,; que parece bella, e concluirmos o substantivo ».

Foi tão grande a minha sorpresa, que, em vez de atirar-me, alli mesmo, de joelhos agradecido e alegre, beijando-lhe as mãos, fiquei immovel e mudo, como fincado nas táboas do navio, com um tremor nos labios, os olhos humidos e o coração numa furia, aos esbarros ao peito.

Desembarcamos juntos e subimos para a Tijuca e, num hotel dos mais agasalhados no bosque, com aguas vivas brincando em torno, quedamos todo um mez estudando a

grammatica a as selectas. Todavia, sem esquecer os nobres deveres de esposa, escrevia por todos os paquetes; minuciosas cartas ao marido falando, com sincero enthusiasmo, da naturezá do Brazil — a nossa incomparavel naturesa ! — e louvando a rica; sonóra e doce lingua portuguéza; mais doce ainda em bocca brazileira. E, lendo-me as suas cartas graves, sem as explosões dengosas que transbordam da nossa flacida correspondencia de latinos bastardos, empallidecia e corava e toda tremia se os nossos olhos se fitavam num encontro fugitivo e languido. Por fim, ao cabo de um mez, reclamada pelo marido, que telegraphava diariamente, partio. Levei-a ao *Nile*, e, a bordo, na cabine, com lagrimas e beijos, recapitulamos algumas regras com a pressa assustada de um crime.

Em uma lancha acompanhei o paquete até a barra que nos devia separar e, ainda algum tempo vi o lencinho de Betsei palpitando entre a cordoalha negra do transatlantico como uma borboleta captiva que se debatesse numa teia.

Voltei triste e recolhi a esta casa, que me pareceu mais funebre do que um jasigo, buscando esquecer esse sonho, delicioso e curto, certo de que nunca mais, oh ! nunca mais ! volveria á ventura e á utilidade d'aquellas horas de bem applicado amor. No sabbado, porém, com todo aquelle frio, chegou-me pelo correio este bilhetinho :

Voltou-se e, d'uma concha de madreperola, pousada sobre uma tripode de bronze, tirou um pequenino cartão e leu :

« Senhor, aqui estou no mesmo hotel, na Tijuca; espero-o. Não posso comprehender o participio. — *Betsei.* »

Poz-se de pé num salto agil : Diabo! e eu que apenas desci para escolher champagne e Rheno na minha adéga e aqui estou a tagarelar... E' que me sinto fatigado, meu velho, fatigadissimo... ! E ajuntou, com malicioso sorriso : é ardua, em verdade, a vida de professor. E lá foi para o quarto, lento e derreado, com o *robe de chambre* aberto e escorrido como as asas bambas d'um escaravelho enorme.

— E o marido ? homem...

— Ignoras que estamos no tempo da tosquia ? está a apurar lã.

— E tu aqui...

— Eu... Reappareceu em mangas de camisa e, abrindo os braços nos umbraes da porta, perguntou : Mas, dise :

conheces fantasia mais original? uma mulher que se impressiona por um idioma ?

— Fazes bem em dizer idioma...

— Por que ? Ah ! não, refutou logo depois, sisudo : estás enganado — é séria. E, a vestir-se, poz-se a cantar, com musica improvisada, desenvolvendo a sua bella voz de baritono, os versos do grande e purissimo Ferreira :

> Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
> A portugueza lingua e já onde fôr
> Contente vá de si soberba e altiva...

CADEIRA RAUL POMPEIA

RAUL POMPEIA o malogrado escritor (1863-1895) natural do Rio de Janeiro. Grande talento, não chegou a amadurecer, e deixou apenas obras imperfeitas ; o *Ateneu*, romance, e as *Canções sem metro* revelam os dotes excepcionaes do seu genio.

DOMICIO DA GAMA

DOMICIO DA GAMA, diplomata, ministro no estranjeiro, naceu em Maricá, Estado do Rio, em 1863. Prosador, autor dos livros *Historias curtas* e *Contos a Meia Tinta*.

Actualmente, Embaixador do Brazil em Washington.

NOTA PARA O MEU MELHOR LEITOR

. . . .

Escolhi-o para representante d'essa especie, particularmente cara ao escriptor, de leitor affectuoso e simpathico, que ainda nas páginas falhas descobre o que quizemos exprimir, de leitor attento sobre todos, que no livro cheirando a tinta nova busca a frescura de emoção e a sinceridade e a puresa immaculada do coração que não envelhece. Em casa e por fóra a gente sempre carece d'essa attenção benevola, para acreditar na efficacia do proprio esforço. É ella que suppre a falta de encommenda do sermão inconclusivo e sem moralidade, embora cheio de intenções e de apologias vagas, que é o livro de imaginação.

Ha quem sempre sinta o dever de escrever para o publico, para um grande numero de pessoas, que lhe são desconhecidas, mas que imagina esperando respeitosamente, anciosamente, a emoção ou a doutrina nova trasida pela sua obra. E não é preciso ser Châteaubriand ou o Papa para ter

d'essas orgulhosas certesas, que dão tanta segurança ao estilo. Nas publicações a pedido dos jornaes, no tempo do Imperio, quanta gente vinha espontaneamente expôr « a S. M. o Imperador e ao publico » a origem, a historia e a discussão das suas difficuldades domesticas, dos seus conflictos e pendencias com visinhos, casos sem duvida muito interessantes, porém absolutamente particulares e pessoaes. Nem sempre o leitor do jornal tomava nota do que se estava passando de tão palpitante actualidade nos arredores do articulista, e acontecia mesmo que S. M. o Imperador lhe não dava a sua paternal consideração. Mas o homem lá tinha o seu contentamento, que era o desabafo virtual ao ouvido benigno do Chefe do Estado e da Opinião, a exposição do seu aggravo, a reclamação do seu direito, a expressão da sua indignação, do seu enthusiasmo ou do seu desejo.

O individuo que facilmente « sahe pelos jornaes » é como o escriptor que tem certeza de ser lido; como o orador ou o saltimbanco que fala ou que joga, sem olhar para a sala, sem mesmo verificar se tem ouvintes ou assistentes : cada um d'elles crea ou diz que crea o seu auditorio abstracto.

Commigo não se dá o mesmo. Eu tenho a abstracção difficil, em se tratando de pessoas. Não sei escrever senão para as que conheço, e só para ellas escrevo. Fico naturalmente muito pago da attenção que os extranhos me prestarem, mas emquanto a elles não chego, a minha simpathia está com os que vivem no meu pensamento em vulto bem nitido, povoando-me a memoria, enchendo-a de figuras, de gestos familiares, de voses caras, que me discutem os conceitos e as suas formas, que me insufflam coragem e infundem a confiança que me falta, que me sacodem e despertam para a lida, que são a rasão de ser do meu trabalho e que nunca me abandonam ao desconsolo da solidão affectiva. A forma, a côr, a expressão dos olhos que me lerão, eu careço de conhecer, de ter presentes ao espirito quando escrevo de coisas sentidas. São assim as melhores cartas aquellas em que mandamos ás pessoas amigas impressões, sentimentos e idéas de cujo acolhimento affectuoso estamos seguros. Um livro de emoção não obedece a outro estimulo. De sorte que se póde dizer que a obra de um escriptor depende grandemente dos seus leitores, isto é, d'aquelles para quem elle usa escrever.

Generalisando o meu caso para os escriptores de meia

força creio que acerto. Para os genios ha outra medida e outro criterio. O arranco d'esses dá para transpôr até a barreira das linguas. Quem olha a multidão de muito alto não distingue mais as figuras; percebe apenas o formigar da gente. Mas em compensação póde assim acompanhar os grandes movimentos das massas, seguir a direcção das irreprimiveis correntes humanas. E' natural, portanto, que a expressão d'essa contemplação panoramica do mundo seja differente da do estudo de scenas e visagens curiosas. Falam os genios a nações e a raças, em allocuções soberbas; nós falamos modestamente ás pessoas que nos querem ouvir. Eu então falo a muito poucos. Dizem que ha um passarinho que sabe contar até sete. Aquelle pobre escravo negro, que uma noite vimos morrer, cansado de comer terra, não contava mais do que tres. Qual será a contagem da sabedoria? Tres ou mesmo sete nos parece muito pouco; mas na vida do sentimento já não é a solidão, já é ter quem nos responda...

Disia eu, pois, que o escolhi para lhe explicar as faltas e os excessos d'este livro, que é como um album, sem mais laços que os dos cadernos que compõem o volume, e que apenas encerra algumas scenas e visagens curiosas, paisagens e retratos phisicos e moraes, sem tenção de doutrina nem presumpção de clareiar cantos obscuros da alma humana.

São historias curtas, são páginas destacadas do grande romance da vida, em que todos nós collaboramos, e que alguns mais ambiciosos pretendem escrever sósinhos.

De serem curtas não tenho que me desculpar, se n'ellas parecer bem indicado o desenho das figuras, discriminada, simplificada a acção moral, livre das imposturas do sentimento humilde. Num d'esses magasines americanos com que Você contenta a sua moderada curiosidade do mundo exterior li uma theoria justificativa da historia curta. Dizia o homem que as dimensões redusidas do conto põem-no todo sob a apreciação do leitor e facilitam a sua intelligencia immediata: no romance longo as demoras e vadiações da acção se comprasendo em incidentes e episodios lateraes fatigam a attenção de quem lê, se não fatigaram antes a idealisação do escriptor. Redusida de area, cresce de intensidade a cultura psichologica, afina-se pela escolha comparativa, pelo estudo minucioso dos elementes da emoção, e se condensa na scena ou nas scenas capitaes e definitivas.

No conto não póde haver enchimento ; falta o espaço para ás linhas superfluas, quanto mais para as paginas de ligação. O conto é, pois, para o autor uma disciplina e para o leitor moderno, falto de tempo e de attenção fugitiva, um resumo de emoção e breve.

Ora de tudo isto eu conclúo, muito contra o meu desejo de concordar com o critico americano, que quem tem talento de romantista escreve romances e que as grandes pinturas muraes não valem menos nem são menos actuaes do que os bellos quadros de cavallete. Sómente, eu sinto a responsabilidade de escrever um romance, de compôr um livro com uma acção seguida e de o fazer de maneira insufficiente. Para a execução do romance um grande e prolongado esforço é necessario. Quantos são, porém, os que possuem a reserva de enthusiasmo ou de orgulho que dure annos sobre o mesmo objecto ? Vivemos todos tão abertos á discussão dissolvente, tanto nos abeiramos do turbilhão do mundo, que elle nos atordôa e fascina e tira a segurança da nossa integridade. Em plena agitação podemos tomar notas, registrar gestos, delinear planos, esboçar figuras, dramatisar uma scena. Para mais seria preciso recolhimento, o orgulhoso recolhimento que não conhecem os que só na vida consciente acham a razão da vida.

Não podendo escrever grandes composições, numerosas de personagens e de movimentos, contentei-me com a pagina de album, mais facil e accessivel, com a scena ou mesmo o simples gesto indicativo do sentimento que anima e dá vida á creatura da ficção. Penso que assim sou mais respeitoso da intelligencia dos que me lêem e lhes deixo campo á imaginação creadora. Se eu não sómente esboçasse, mas ainda fixasse estas vagas figuras na sua attitude definitiva, tipica, é provavel que a minha obra perdesse em transmissibilidade (deixe passar o que ahi ha de pretencioso), e se immobilisasse e endurecesse e se isolasse. Emquanto se não precisa a indicação de uma maquette sobre o banco de um estatuario, o praser do contemplador intelligente e afinado é completal-a ao sabor da sua invenção pessoal.

O meu desejo seria que estes contos tivessem a amabilidade maxima de fazer trabalhar imaginações, suggerindo-lhes idéas, evocando memorias, recordando e creando. Forma, lingua, composição litteraria, são coisas incertas e transitorias, e já se póde prevêr o tempo em que as pa-

ginas mais simples d'este livro parecerão ridiculamente *preciosas*, fóra da moda, até que a distancia no passado lhes confira a veneração attribuida aos classicos.

Até lá porém, elle poderia ser divertido, no sentido da variedade dos seus casos sentimentaes, não no da jovialidade, que lhe falta. E os motivos d'essa falta são fundamentaes.

Eu quiz escrever um livro que, senão forte e saudavel, fosse ao menos impessoal, sem sombra pessimista nem desencanto nascido da contemplação prolongada da vida e dos seus vãos cuidados.

E, relendo as paginas aqui colligidas, verifico que em tantos « ensaios de estilo » apenas falam em conclusão implicita a philosophia pessoal e a consequente amargura. Porque é que, sendo tão vário de assumptos, nunca parece luminoso e alegre este trabalho feito aliás em camara clara ? Sem duvida porque a claridade e a alegria não existem litterariamente, diria o pensador cheio de soberba e presumpção que fui aos vinte annos. Demonstrava eu então a inferioridade litteraria da alegria e da claridade por improvaveis applicações psichologicas da theoria das vibrações sonoras e luminosas. Essa explicação se reduzia a apresentar as notas agudas da escala musical e as raias claras do espectro solar como menos numerosas, e d'ahi, ao cabo de uma argumentação de simples materialista, como menos emocionaes e menos estheticas, portanto. O engano era puramente da observação individual, perdoavel sem duvida em quem ainda acreditava, que a verdade existe por si mesma e que theorias valem fóra dos theoristas. Praticando o mundo, aprendi depois essa coisa tão simples para quem não fosse psichologo e « abstracteur de quintessence » e que vem a ser : ha diversidade nas capacidades perceptivas, isto é, ha o surdo para quem o som não existe e ha o genio musical vivendo sob a obsessão do numero e rithmo e harmonia ; ha o cego insensivel ás ondas luminosas e ha o colorista que desespera de exprimir os cambiantes da luz. Se V. ainda admitte uma phrase da minha linguagem de outrora : eu tinha subjectivado os agentes da sensação e dado mais valor á minha sombra que á luz exterior.

Nos Conselhos de Monella vem escripto : « Si tu regardes en toi, que tout soit blanc. » E' um voto de quem sente que a sombra maior é a interior. Essa é no entanto a minha

escuridão familiar, em que me movo sem tropeços, numa segurança relativa, pois nella vivo e lido e canto e falo a mim mesmo e me faço campanhia e guarda contra os phantasma da Pena, desde que a ella me acolhi, no dia da Intelligencia. Sem duvida não é sómente a minha vida que a povoa, sem duvida forças e influencias de origens longinquas, inaccessiveis ao meu conhecimento, compõem o que imagino ser a minha actividade consciente. Mas, extranhas ou ingenitas, as idéas que surgem á claridade indecisa da minha consciencia têm a sympathia maior de parecerem geradas do meu entendimento. O apagamento e a incerteza são caracteristicos da sua phisionomia original ou marcas da passagem atravez de meu negrume interior. Creio mesmo que porque ahi se tisnaram é que tomam vulto e se destacam no turbilhão indistincto das formas incessantemente creadas e desfeitas na vibração cerebral. De sorte que por se encorparem e perderem a transparencia e a levesa immaterial, por serem escuras, é que ellas são perceptiveis. Nem se deduz inferioridade d'esse incidente de coloração. E' tão alada a mariposa parda quanto a mais brilhante e vistosa das borboletas diurnas. O que importa dizer que a gravidade, o abaixamento do tom reflexivo, não é forçosamente significativa de amortecimento e depressão. Significará quando muito attenção maior, demora na contemplação, e será attitude respeitosa do espirito. A verdade — que neste caso é o sentimento ou a opinião do maior numero — a verdade é que o grosso da gente simples e assisada extende o campo da claridade e da alegria muito além das raias de sombra e tristesa estabelecidas pelos contemplativos e melancolicos. E' assim que o « jeune homme toujours triste » da canção do Chat Noir, de tão falso e desajudado do senso normal da vida, faz rir mesmo os que se acham frequentemente no seu estado doentio de exacerbação da sensibilidade moralista.

Supponho que escrevendo este ultimo qualificativo toquei o amago da questão, que é funda e vasta como todas as que se referem á alma e ao sentimento das gerações de uma epocha. Não receie que me atreva a estudal-a nesta breve nota. Peço-lhe apenas que considere um pouco a arte e a litteratura barbaras (chamo assim ás producções em que a tenção doutrinaria ainda não predomina e que se destinam sobretudo a despertar emoções), os ciclos poeticos e as can-

ções que para nós representam a força imaginativa de um povo. E compare-as com as obras das mesmas raças em periodos de maior afinação, senão de maior civilisação — que é outra palavra com que não devemos bulir imprudentemente — obras em que já entra um excesso de alma e de preoccupações moraes. Ponha a Odisséa, os Himnos Orphicos, o Romanceiro do Cid defronte do Childe Harold, do Intermezzo e da Legenda dos Seculos, e verá logo que a alma e as suas agonias, a duvida, a preoccupação dos destinos, a discussão dos problemas moraes nellas implicitos pesam sobre as obras de Byron, de Heine e de Victor Hugo e as escurecem e melancolisam. Ou ha menos sensibilidade na alma antiga ou ha mais intelligencia da expressão nos modernos : a verdade é que a queixa sem resignação d'estes toma sempre ares de quem sabe o que é o melhor, e o ensina, sem esperança de que a Divindade o aprenda. Dahi a impressão geral de desconsolo e de fadiga, a fadiga prévia do vão esforço, que resulta das obras de emoção em que se conta do homem e das suas illusões. Só a visão rapida, só o exame superficial e inattento deixa á comédia dos enganos o seu aspecto comico.

Ora, pois, se estes contos não sahiram brilhantes de forma e joviaes de humor, é que na minha humilde sinceridade não soube escrevel-os de fóra de mim, é que o meu respeito pela creatura humana não me consentiu vêr a comédia no soffrimento. As grandes maguas e as pequenas penas valem o mesmo para a piedade. Se um sentimento anima estas páginas escriptas em annos differentes e sobre themas diversos, esse é o da compaixão pela miseria do desejo não contente, sentimento caridoso, que exclue a duresa rigorosa do julgamento. Que exclue tambem o pessimismo. O espectaculo incessantemente repetido das fallencias da ambição pessoal serviria apenas para provar que o fim da vida não é a felicidade definitiva e consciente do individuo, porém que da esperança, do sonho do melhor, do incontentamento de cada um de nós se gera o movimento que aproveita á especie. São deducções largas e solemnes, fóra da afinação com os casos do Barão de Itapuca e do João da Matta. Mas a gente bem póde sobre um pedaço de giz refaser os sistemas cosmogonicos. O ponto está em acharse nisso graça e divertimento. Divertiu-se V. com os meus pequenos dramas ? Chorou, sorriu ou scismou sobre elles ?

Qualquer d'esses reflexos dos estados de espirito em que os escrevi bastaria para a sua conservação em livro. E, sendo de leitura recreativa, esse attestaria ao mesmo tempo o profundo interesse que tomei pela vida sentimental do meu semelhante, mostraria, sob a fingida insenção da ironia e a segurança artificial das phrases, toda a anciosa preoccupação do bem, e a incertesa dos fins e a agonia de não haver remedio para as penas cujo consolo não póde vir de fóra. Sendo impessoal, seria um livro humano.

Seria...

OS VENTOS

> Eu sei o que me contaram os ventos, que andam cá e lá, abaixo e acima, de um tempo a outro tempo, e sabem muito porque são testemunhas de tudo. A dispersão não lhes tira a unidade, nem a inquietação a constancia.
>
> MACHADO DE ASSIS — *A lagrima de Xerxes.*

Da minha mesa, a um canto da grande sala vasia, ouço lá fóra o estrugir do vento. Voz amiga! Já, de fóra de mim, fala-me alguem no silencio. Este tufão de pavoroso estrondo é um *tutti* na orchestra descommunal das brisas, compondo sobre o fundo de sombra a harmonia que, unico, eu sei.

Unico! — e esta certesa dilata-me o coração numa ancia de gritar como se grita cantando de alegria até á nota que chora. Unico! — sei que não ha nem haverá dois; sei que nunca mais a materia descobrirá entre as suas combinações infinitas a formula que me creou, miseravel producto de espanto e de angustia, que é a dor de sentir a vida. Unico! — quando no dia final das vidas todas, joeirar-se a poeira dos mundos lá estará o meu Atomo Central, irreductivel, de cantos impuiveis, com a sua phisionomia de misterio indecifravel, dissidente, inconciliavel, differente, pensando, querendo, vivendo, creando, clamando pela sua existencia tormentosa contra a serenidade suprema do aniquilamento eterno, como um novo demonio oppondo a sua eterna queixa á beatitude eterna. Unico, eu sei e posso sentir e diser o que dizem os ventos, menos o intradusivel da sua lingua, menos o inaudivel, o inimaginavel e o impensavel do que elles cantam, rhapsodias incomparaveis.

E ainda no que não entendo goso, ainda na turvação da sombra infinita que elles rolam comsigo todo eu palpito a um vislumbre de chama fugitiva, ainda mais me deleito

na incertesa de entender, com o praser requintado de quem ouve bellos versos em lingua mal sabida. Assim não me desencanta a excessiva claresa, a rasura dos lagos de poesia, cujo fundo transparece. Tenho sombra, profunda, infinita... Abriga-me, sombra ! consola-me sombra ! e pela orchestra atroadora dos ventos dá que eu sinta o choroso acalentamento da magua antiga que me punge.

São estes os velhos amigos da antiga casa. Bemvindos, ventos ! Fasei fallar esta velha taciturna. Desentranhae-lhe as historias hoje tristes das alegrias que aqui foram. Recordae-lhe, recordae-me, enchei-a de voses, que a minha imaginação a povôa de visões. Crueis visões, saudosas visões, são as figuras da minha historia familiar vivendo nas scenas inolvidaveis o que hoje evoca esta ventania desabrida como um pranto de desespero. A grande vos do espaço conta-me o passado e o explica. Entendo-o todo agora. Ai ! tarde !... Não me vale saber o irrevogavel, valha-me o choral-o e vivel-o de novo na saudade.

Recúo de vinte annos. Vinte annos no infinito do tempo não se contam ; contam-se no cemiterio onde mais tumulos alvejam ; contam-se nos écos funebres da casa despovoada. Foi um tempo em que a rude seccura austera d'este ninho de pedra nada tinha para mim que não sorrisse, na alegria dos dias luminosos. Todos luminosos os de que me lembro, para obumbrar-me as alegrias de hoje dez ou dose bastam. E assim o passado se compõe de quadros soltos na memoria, com as lacunas que a imaginação preenche, nunca fiel. Os mais passaram, obliterados ao attrito dos factos novos. A morte começa desde a memoria. Jámais será sensação a memoria d'ella. Oh ! voluptuosidade das sensações primeiras ! Poesia que exprimisse o desabrochar de uma alma cantaria o himno da Esperança e da Alegria. Tudo no contentamento de viver. Reviver... Quem diz que é reviver chorar ?

Quando cheguei, ha algumas horas, a casa me recebeu mal, com a phisionomia hostil de ruina desamparada, o desconforto, a tristesa sombria que as tapéras têm para os estranhos. Cheguei de tarde, com o sol baixinho. Emquanto o pagem lá para as cosinhas preparava o café, andei a abrir portas e janellas, para que désse ar e luz na casa mofenta e escura. Occupado nesse trabalho, endurecia-me contra a diluencia da saudade, que a melancolia da hora favorecia.

Pensava nas paginas chorosas dos poetas romanticos, as visitas á casa paterna, com ditos musicaes e de bella alma... tinha um receio ridiculo das lagrimas lamartineanas. Entretanto, quando o sol morrente pelas portas abertas em galeria alongou num derradeiro raio o clarão vermelho dos occasos de outr'ora, senti o estremeção do passado, que dóe.

Daquelle lado, sobre a marqueza que ainda lá está a um canto da grande sala, minha cabeça, emmagrecida, exsangue, consumida de febre, torcia-se nesta hora, ha longos annos, para seguir com o olhar persistente, doloroso, quasi anciado, a marcha da tira de purpura collando-se á parede em frente, subindo tremelusente, já falhada de sombra, escurecendo aos pequenos arrancos, como soluços, até á borda dourada de uma moldura, onde um derradeiro reflexo chammejava. O ensombramento da noite má entrava-me na alma antes das cigarras entoarem o lamentoso unisono de vesperas. No esmagamento dos pesadelos febris a agonia daquelle raio de sol vermelho manchava-me de sangue as visões terriveis. A facha de purpura abafava-me, havia um presentimento de gritos vindo de muito fundo, muito longe, de soluços sem consolo, de sobresaltos convulsos precedendo o espasmo atroz das catastrophes nervosas. Depois o descoramento, o apagamento do ultimo clarão vinha-me tambem no exgottamento nervoso, no collapso donde emergia alta noite transido, com a boca resequida mastigando o vasio, com o gosto sem sabor do nada. E chorava. Desconsoladamente, miseravelmente chorava, até afundar-me de novo na lethargia das madrugadas de insomnia.

Era sem duvida soffrimento de mais para uma creança. Vieram os Ventos arrastando nuvens que esponjassem as sanguinolencias dos occasos, que chorassem sobre as minhas penas, acalmando-as. O tempo passou. Cresci e medrei. E os Ventos ficaram meus amigos. Ensinaram-me a sua lingua e a simbolica obscura dos seus movimentos. O que os livros e as pessoas me diziam era muito menos do que o que elles me insufflavam nas noites tragicas de temporal, nas tardes luminosas que a nordestia ainda fas mais claras.

De noite a escuridão familiar do terreiro era visitada pela sombra do espaço, que os ventos do descampado acompanhavam num cortejo estrepitoso e triumphal. Das grimpas da serra, emmaranhadas num frenesi de terror ao coquei-

ral guardando a casa em renques solemnes, a voz da treva infinita passava, ora magestosa e lenta, uma nota profunda e prolongada, ora aos arrancos e saltos, caprichosa e louca, vocalisando do grito ao suspiro, virtuose incomparavel. E como se pelo ar confrangido fluctuassem véus levissimos, que a ventania arregaçasse, por momentos a escuridão parecia rarear, para adensar-se logo, temerosa e torva.

Encolhido a um canto da escadaria de pedra, eu acompanhava com os olhos e os ouvidos meio allucinados o desfilar vertiginoso das rajadas. Eram várias de corpo e de caracter. Emquanto uma desgrenhava irosamente a copa de um coqueiro, as palmas do coqueiro ao lado moviam-se apenas, com um preguiçoso abrir e fechar de leque. Zuniame uma nos ouvidos e fustigava-me o rosto, aspera e fria, com uma vaga salsugem de refegão marinho. Cahia bruscamente e succedia-lhe a caricia de uma lufada leve e morna, embedida de aromas da terra e exalação de flores. O movimento da sombra era feito de grandes golpes de asa e de adejos rapidos. As vozes eram o alarido da multidão immensa de todos os sons reaes e imaginarios, que o temporal trasia desde os confins da terra, por cima dos turbilhões da vida, de silencio a silencio. O que ellas me disiam era vago e obscuro, interpretativo como as falas de uma sibilla. N'ellas havia drama, e a chave do drama ainda me era desconhecida.

A voz dos ventos diurnos era, porém, clara e serena, larga e monotona como o canto de um poema lirico. Quando elles se levantavam de tarde, o movimento das ondas, da folhagem fasia o ar mais vivo, enchendo-o de reflexos e adoçando a duresa da claridade fixa do sol. Saudade de outros climas, nostalgia de terras não vistas mas sonhadas, imaginadas por noções ajuntadas uma a uma, de campinas verdejantes entre montanhas alterosas, com cidades soberbas cheias de bella gente passeiando entre jardins magnificos e palacios de marmore, e uma vida de festa e riso sob um céu benigno, — era a canção maravilhosa dos ventos que de dia passavam.

Sómente elles passavam sempre, e me ensinavam a resignação á partida, à fatalidade da passagem irrevogavel. Um dia transpoz aquella porteira, partindo em jornada misteriosa, um cavalleiro de cabellos brancos, cuja mão beijei de coração partido, sem esperança de o tornar a ver.

Quizeram socegar-me, zombaram da ternura que não soffresse um apartamento de horas. Mas um vento presago do Norte soprava ás lufadas banseiras, morno e grave... Dias depois a sombra nos entrava em casa, atrás do mensageiro da má nova, e vestiamos luto.

Um por um foram partindo todos, e levaram aos bocados a alegria da casa antiga. A cavallo uns para a jornada do mundo, alvoroçado o coração com os ardores da conquista, cheia a cabeça de planos ambiciosos ; deitados outros e immoveis nos seus caixões, as mãos crusadas na renunciação suprema... A derradeira que acompanhei na ultima viagem fôra-me a fonte da vida e a luz da minha alma. Quando subi a encosta, de volta á casa, onde só eu ficava, a Nordestia me veiu ao encontro e aconselhou-me :

« Não vale a solidão voluntaria a quem ignora o mundo. Vai tu tambem e experimenta a vida. Voltando, aqui nos acharás para te consolar da solidão, para te acompanhar e te falar no silencio. »

Pelo caminho que seguiram todos, tambem eu desci o outeiro da illusão, Sómente, me faltava o desapego com que os outros deixaram o seu ninho para não voltar. Eu tinha de voltar, que assim me instruiram os Ventos. A vida estranha me seria apenas a lição dos homens e das cousas, que em casa resumiriamos.

Parti e voltei agora, ao cabo de longos annos, para acharme pouco mudado no immudado theatro da minha infancia. E aqui chegam os amigos Ventos. Ventos ! a vida não me foi boa nem má, foi o que tinha de ser — escassa em contentamentos, banal em desenganos. Não vos trago o coração sangrando de feridas tragicas, nem etherisado de enthusiasmos sublimes, que me causasse e estrondo da batalha secular. Uma só lição aprendi. E foi que me enganava quando cria que o mundo fosse mais interessante do que eu mesmo e digno de attenção. Agora sei o contrario.

Uma pausa entre duas rajadas da procella, e, no meio silencio ainda estrondoso, ouço o velho Nordeste que me fala :

« Conquistaste o direito á solidão. Vive agora comnosco e para sempre. Estuda-te, que nós te explicaremos a ti mesmo. E quando te purgares de desejos vãos e de illusões mortaes, nós te arrebataremos um dia nas nossas asas, e voarás comnosco pelo espaço, na viagem eterna, sem rumo e sem destino. »

CADEIRA VISCONDE DO RIO BRANCO

— O VISCONDE DO RIO BRANCO foi notavel orador e grande politico de tempo do Imperio. Diplomata, senador e presidente de conselho do segundo reinado, foi um dos proceres da abolição.

EDUARDO PRADO

EDUARDO DA SILVA PRADO (1860-1901), naceu em São Paulo. Publicou *Viajens*, *Fastos da dictadura militar*, *Ilusão americana*, alem de numerosas pajinas avulsas nos jornais e revistas. Escritor de grande merito. Succedeu-lhe na Academia Afonso Arinos.

A ILUSAO AMERICANA

Voltado para o sol que nasce, tendo, pela facilidade da viagem, os seus centros populosos mais perto da Europa que da maioria dos outros paises americanos ; separado d'elles pela diversidade da origem e da lingua ; nem o Brazil phisico, nem o Brazil moral formam um sistema com aquellas nações. Disem os geologos que o Prata e que o Amazonas foram em tempo dois longos mares interiores que se communicavam. O Brazil, ilha immensa, era por si só um continente. As alluviões, os levantamentos do fundo d'aquelle antigo Mediterraneo soldaram o Brazil ás vertentes orientaes dos Andes. Esta juncção é, porém, superficial ; são propriamente suas e independentes as raises profundas e as bases eternas do massiço brazileiro. Por isso não vêm até as praias brazileiras as convulsões volcanicas do outro sistema. Quando muito, chegam as vibrações longinquas, tenues e subtis que os instrumentos registram, mas que os sentidos não percebem. Conta o missionario jesuita, Samuel Fritz, que em 1698 uma terrivel erupção andina transmudou o Solimões, o rio brazileiro, n'um « rio de lama », e que, apavorados, os indios viam n'a-

quillo a colera dos deuses. Parece que, na ordem politica, taes têm sido as erupções hespanholas e revolucionarias que, afinal, conturbaram as aguas brazileiras. A torrente, porém, não é só de lama, porque é de lama e é de sangue.

Estudem-se, um por um, todos os paises ibericos americanos. O traço caracteristico de todos elles, alem da continua tragi-comedia das dictaturas, das constituintes e das sedições que é a vida d'esses paises, é a ruina das finanças.

E na ruina das finanças o ponto principal é o calote sistematico, o roubo descarado feito á boa fé dos seus credores europeus. Os ministros de fazenda das republicas hespanholas, por meio de emprestimos que não são pagos, têm extorquido mais dinheiro das algibeiras européas do que jamais a Europa tirou das minas de ouro e prata da America. Tomemos os phantasticos orçamentos d'estes paizes; e, no meio dos deficits pavorosos e das mais indecentes falsificações, na irregular contabilidade publica que conservam estes paizes, onde os dinheiros do estado são gastos e apropriados pelos presidentes com uma semcerimonia de que é incapaz o Czar da Russia, o que é que vemos ? Lá está o celeberrimo orçamento da guerra a tudo devorar. Lá estão as dezenas des generaes, as centenas de coroneis e os milhares de officiaes.

E' a prova de que não existe a fraternidade americana.

Se as nações americanas vivessem ou podessem sequer viver como irmãs, não precisariam esmagar de impostos o contribuinte nem arrebentar os respectivos thesouros, defraudando os credores com a compra d'esses armamentos e apparatos bellicos tão destruidores da prosperidade nacional.

Fallemos agora da grande republica norte-americana, e vejamos quaes os sentimentos de fraternidade que ella tem demonstrado pela America latina, e qual a influencia moral que ella tem tido na civilisação de todo o continente.

No ultimo quartel no seculo passado, homens extraordinarios, da velha estirpe saxonia, revigorada pelo puritanismo, e alguns d'elles bafejados pelo philosophismo, surgiram nas treze colonias inglezas da America do Norte. Resolveram constituir em nação independente a sua patria, e não lhes entrou nunca pela mente fazer proselitismo de independencia ou de fórma republicana na America. Nem isso era proprio de sua raça.

O fim, que tiveram em vista, foi um fim immediato, restricto e pratico. Fazendo a independencia dá sua patria, tinham como alliados os reis de França e de Hespanha. Como poderiam elles querer que este ultimo, a quem eram gratos pela sua intervenção em favor da independencia, perdesse as suas ricas colonias americanas? Se alguma simpathia houve entre elles pela emancipação de outros paises da America, essa simpathia apparecru trinta ou quarenta annos depois quando já toda a America latina, á custa de sacrificios, ultimava a sua independencia sem auxilios norte-americanos.

E' altamente comica a ignorante pretensão com que escriptores francezes superficiaes procuram ligar a revolução americana á revolução franceza, querendo por força que as idéas revolucionarias francezas tenham influido na America, quando a ter havido alguma influencia, foi antes da America sobre a França. A pessoa de Franklin, com os seus calções pretos, sem espada ao lado, nem bordados, nem plumas, com os seus grossos sapatos de enfiar, com o seu prestigio de sabio e de libertador, passeando através das galerias de Versailles ; a fama de ter elle sido um simples operario na sua mocidade, isso sim foi uma influencia real em França. Quando elle, no seu scepticismo cheio de bonhomia, ria-se da pomposa divisa que lhe arranjou Turgot o celebre : *Eripuit cœlo fulmen sceptrumque tirannis*, — dava uma prova de que ao seu terrivel bom senso não escapava a insensatez suicida da aristocraria franceza. Quando rebentou a revolução, quando ella começou a matar e incendiar, houve em toda a America uma grande simpathia por Luiz XVI e Maria Antonieta, os antigos alliados, os generosos protectores da independencia americana. Pouco tempo depois o governo de Washington rompeu relações diplomaticas com a republica franceza. Onde a solidariedade republicana, onde a fraternidade ?

Vejamos na historia : Que auxilio prestou o governo americano á independencia das colonias ibericas da America —Qual tem sido a attitude dos Estados Unidos quando estes paises têm sido atacados pelos governos europeus — Como os tem tratado o governo de Washington — Qual tem sido o papel dos Estados nas luctas internacionaes e civis da America latina — Qual a sua influencia politica, moral e economica sobre estes paises.

Tudo o que se vae ler n'este trabalho é referente a esses pontos, que serão todos discutidos, embora nem sempre na ordem da sua enumeração.

. . . .

II

AFONSO ARINOS

AFONSO ARINOS de Mello Franco naceu em Paracatú, Minas Gerais, em 1868 e formou-se em direito pela Faculdade de S. Paulo. Jornalista e escritor. *Pelo sertão* é um dos livros mais caracteristicos do seu temperamento literario. Muitos dos seus melhores escriptos ainda se acham esparsos em revistas e gasetas.

JOAQUIM MIRONGA

O sol estava querendo sumir, quando eu encostei a porteira. Pulei da sella e amarrei no moirão o ruço pedrez — bicho malcriado, reparador, mas de espirito. No lombo desse pagão eu comia dose leguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, pus a mira no alpendre e não vi ninguem. — Uai, Joaquim, ahi tem cousa! Entrei bem subtil, reparando, d'uma banda e outra.

« Patrão velho, na hora em que eu estava arreiando o pedrez, tinha chegado perto de mim, dizendo : — Olha lá, Mironga, não me vás sahir um perrengue !

— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê ha de vêr, com o favor de Deus. »

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa — disse um caboclo meão, de chapéo de couro e sugigóla. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o liquido.

Navaranda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de marruaz, uma passagem bem feita com algum garrote bravo. A varanda era

cumprida, defendendo-a do máu tempo a grande cimalha, apoiada em columnas de madeira lavrada. Presas a estas, duas ou tres rêdes, tecidas de sêda de burity, embalavam o somno da camaradagem, que ruminava o jantar depois de um dia fadigoso, em que o gado na verdade déra que faser.

Demais, esse gado de beira rio Preto não era caçoada. E nesse dia, no cerrado do Periquito, os vaqueiros toparam uma rez alevantada, que fez o diabo.

Mas o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era preciso animar a rapasiada na vespera de qualquer trabalho mais difficil.

Para o dia seguinte, o patrão tinha marcado uma campeação no cerrado do Garapa, onde havia um cambaúbal de metter medo. E as reses velhacas sovertiam-se lá-dentro, que só mesmo o capêta podia com ellas.

Quando ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro chegava para a banda de fóra, atiçava o fogo e pegava a contar casos, a passar em revista os successos da vida de cada um.

Mironga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por sua justa fama e pelo conceito de que gosava junto do patrão.

— « Como ia dizendo, encostei a porteira ao batente e entrei subtil.

« O pateo estava soturno. Nem viva alma. Isso no tempo das guerras bravas da éra de quarenta e dois. Patrão velho andava amoitado. Amoitado é um modo de dizer, porque elle dormia, lá de vez em quando, num rancho de palmito no meio do mato, mas zanzava de uma banda para outra o dia inteiro, sem perder de vista a casa do retiro onde estava a familia. Eu não lhe deixava a costella : vivia rente com elle para o que désse e viesse, porque, Deus louvado, nunca me despresou, e nós da familla servimos até á morte a gente do patrão, isso desde meus velhos.

« Quando entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Elle era homem de opinão e não fugia assim com dois arrancos. E demais d'isso, a patrôa estava chegadinha a ter menino, esse pedação de moço que vocês vêem aqui hoje — Sô Néco.

« Um dia, nós já tinhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que

vem da Barra da Egua, olhando pela caminho afóra, eu enxerguei uns cavalleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o logar e desconfiava de alguma cousa. Subi arriba e mostrei os cavalleiros ao patrão.

— Aquillo não é senão escolta e é para prender vossemecê.

« Para que falei, meu Deus ! foi uma trabusana levada em casa. A patrôa tomou um susto muito grande e desandou a chorar ; as mucamas trançavam pelos quartos, correndo.

« Com pouca duvida, accenderam o cirio bento junto da imagem do menino Jesus e a patrôa tirou resa, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não sahiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

— « Hoje é dia ! — disse eu cá commigo.

« Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte sahiu para fóra. Qual, gente ! nem eu gosto de lembrar desse tempo !

« Sô moço, Sô Juca, filho mais velho do patrão, ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espigadinho e animado. Eu sei quanto me custava ter mão nesse menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote que elle não quizesse esperar na ponta da vara, nem cavallo chucro de que elle não quizesse tirar a nica. Ia já beirando pelos deseseis annos, mas não mostrava.

« Oh ! meu S. Sebastião, advogado dos afflictos ! quando me acóde á lembrança essa éra amaldiçoada, sinto a modo de um travo na boca. »

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita do chapéo, bateu fogo, puxando fumaça.

A camaradagem, mudando de posição e concertando-se nos logares, murmurava :

— Esse Joaquim é da pelle, é da pelle do diabo ! Elle já tem visto cousas !

« Vocês sabem, continuou o Joaquim, que a frente da fazenda, além dos muros de pedra, tinha o cercado feito com toradas de madeira de lei. Aquella segurança toda era por não deixar o gado romper, quando investisse, na arrancada. Valeu-nos Deus que era assim. Estivemos engambellando a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo de fogo. A soldadesca era toda de cavallaria, mas não era gente curraleira e, por isso, não conhecia nossas

batidas. Não foi custoso mitrar áquelles diabos. E esse rio Preto — bem eu gósto delle ! — foi a nossa salvação. Elle passa nos fundos da fazenda, fechando uma manga de pôtros separados das eguas.

« Anoitecemos e não amanhecemos na fazenda. Com o escuro, ganhamos uma trilha pela manga abaixo — eu, patrão, patrôa, meninos, mucamas, toda a gente de dentro; os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesca, rebentando as pipocas toda a hora.

« Você lembra, Pio, daquella canôa em que o patrãosinho caçou anta rio abaixo ?

— Ora ! pois então ! ?

— « Foi nella mesmo que estivemos passando o povo para a outra banda, eu no varejão e Basilio no remo. Quando chegámos do outro lado, adeus escolta ! Não havia ponte, nem váu. Se elles quizessem nos perseguir haviam de atravessar o rio a nado, ou, quando não, rodear as cabeceiras, porque as nossas canôas ficaram muito bem escondidas do outro lado.

« Ganhámos, sem maior novidade, a barranca fronteira e pousámos num retiro da outra banda, a duas leguas do rio.

— « Até elles passarem tambem, temos tempo — disia commigo.

« Sô moço sô Juca, desde a hora da sahida, ficou meio esturdio, sempre de cara fechada. Elle tinha teimado muito com o patrão velho, querendo ficar. Disia que aquelles demonios de caramurús não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dois tiros e meio. Mas o patrão ficou brabo com elle e não the tirou mais os olhos de cima até passarmos o rio. O patrão sabia que o mocinho não era brinquedo e que, se não lhe tivesse mão, era bem capaz de voltar para a fasenda a puxar briga com os caramurús da escolta.

« Arranchamos no retiro, e a familia toda acommodouse como Deus foi servido. O patrão estava acostumado a lidar sempre e aproveitou o tempo para cuidar da criação empastada naquella redondesa.

« Nisto, as cousas principiaram a apertar.

« A gente que tinha ficado do outro lado do rio tomou conta da fazenda, depois de uma resistencia grande. Quem poude fugir, fugiu ; o restante que não morreu na briga ficou agarrado pela escolta. Os ladrões do inferno

já tinham carneado muito rez boa da fazenda e acabado com a capadaria do chiqueiro. Essas cousas chegaram ao conhecimento do patrão e o fiseram ficar irado. A patrõa ia tendo mão nelle todo o dia, porque elle virava, mexia, d'aqui p'r'alli, e falava sempre em acabar com aquillo de uma vez, morrendo ou dando uma licção áquelles excommungados.

« Ha muita gente traiçoeira neste mundo, como vocês sabem. Um desalmado desses, que Nosso Senhor já chamou a si — Deus te perdôe! — deu denuncia do retiro onde estava o patrão. Com pouca duvida, nós soubemos que na Tapéra, a umas quatro leguas do retiro, estava se ajuntando um magote de caramurús para virem prender o patrão. Esses diabos tinham uma sêde na gente do patrão, porque disiam que elle fôra o rebelde mais destemido destas beiradas.

« Patrão ficou dasatinado de raiva. Quiz por toda lei dar caça aos caramurús, mas a patrôa ficou de tal modo, que nós estavamos vendo a hora em que ella cahia para traz, morta. Por isso, o patrão não teve outro remedio senão ir tenteando, como Deus ajudava. Vendo que nós eramos cercados de uma hora para outra e que uma desgraça ia acontecer, elle me chamou a um canto e disse :

— « Joaquim, eu fiz tenção de não cahir nas unhas daquelles diabos e não ir parar na cadeia. Mas as cousas estão muito feias. Se não fosse a dona... Olha ! disfarça de qualquer geito e entra na Tapéra, assim como quem vai de passagem. Assumpta bem e apanha as tenções delles. Vê quantos são, se estão bem armados... Tu não és tolo e sabes bem o que eu quero. Precisamos saber o que elles pretendem, para nós podermos desmanchar a esparrella...

— « Vossemecé me conhece meu amo. Fique socegado. Eu arranjo as cousas.

« A conversa ficou ahi.

« Commigo não se precisa de muita explicação.

« Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha. Puz dentro della polvora, chumbo grosso e uma bucha de paulista. Num bolsinho de dentro, guardei um pedaço de fumo e palhas . — « Estou prompto » — ia diser, quando dei com os olhos no Moisés, meu clavinote, que dormia enferrujado no canto. Pareceu-me que o páu de fogo falava — « tambem quero ir, Joaquim. » — Eu lhe fiz a vontade.

« Areiei a arma bem areiadinha, limpei-lhe os ouvidos, puz um pedra nova em baixo do cão e carreguei-a. Alli por perto havia um jambeiro com fructas ; apanhei uma e, depois de escorvar bem a arma, joguei o jambo para o ar, lá em cima, metti a arma á cara e fiz fogo : a fructa espatifou-se toda.

— « Está bom, sô Joaquim, disse commigo, você está meio turuna na pontaria ! Isto é que verve. »

« Amarrei o clavinote nos coldres da sella, apertei bem o pedrez, corri os olhos no peitoral e na retranca, passei por cima da sella um pellego bom e apertei de novo o pedrez com a sobre cinxa.

« De arma de fogo eu não gosto muito, mas minha vara de vaqueiro, minha vara de derribar, peior do que uma asagaia, essa eu não deixo ! Desembainhei o ferrão da ponta e dei uma chuçada num portal. O ferro estava firme e amollado.

« Esse aranjo todo pouco durou.

« Apalpei, por ultimo, meu rosario do pescoço e pulei no lombo do pedrez.

— « Êta, mundo ! Chegou a hora !

— « Sô moço, sô Juca andava farejando esse negocio e me atormentou muito para eu contar a conversa que tive com o patrão. Rondou sempre por perto de nós, para ver se apanhava qualquer cousa. O menino mordia os beiços, arrancava as cabellos, esbravejava, fazia tudo para saber, porque elle queria ter uma embarruada com os caramurús Eu nunca vi mocinho assim.

« Uma cousa me dizia que esse menino ia faser alguma. « Hei de ir ! hei de ir ! » — falava elle, com os dentes cerrados, batendo com a mão direita fcchada na palma da mão esquerda.

— Hei de ir ! »

— « Vossemecê não vai, nhonhô, porque meu amo não quer. »

« Elle desconversou e sumiu.

« Quando eu já estava longe, ouvi um tropel de cavallo atrás de mim. Era sô moço que vinha num cavallinho castanho carêta, corredor que nem um veado. O mocinho vinha debruçado p'ra frente, de redea bamba e o cavallo parecia que roçava a barriga no chão na corrida.

« No eu sahir, sô moço já tinha o cavallo prompto, escon-

dido. Ganhou o rasto e bambeou as rédeas. Não foi preciso mais nada.

— « Ora já se viu ! Virgem Nossa Senhora, como é que está para ser ? »

— « Não tem nada, Joaquim, vamos embora. Eu te mostro que já sou duro. »

« Cá dentro, o coração me pulou de alegria, de ver a disposição do menino. Carreguei-o nestes braços e era a minha menina dos olhos. « Ora ! lá se avenha ! o que ha de ser tem muita força, pensei eu ; não tive culpa da vinda delle. Se elle veiu, é porque gosta devéras deste mulato velho. »

— Está, bom, nhonhô, vossemecê agora me ha de ouvir. Quando chegarmos á Tapéra, quem entra primeiro sou eu. Vossemecê fica amoitado alli por perto. Se os homens me prenderem ou me matarem, vossemecê percebe logo, porque isso não demora. Então, vossemecê dá de rédeas p'ra trás e toca a bom tocar até chegar á casa, para avisar a meu amo.

— » Has de ver que eu já sou duro, Joaquim. Vamos embora. »

« Com pouca duvida entramos em terra da Tapéra.

— « Póde ter algum espia por ahi, meu patrãosinho. Vamos cortar pelo cerrado afóra e ganhar a estrada que vem da Boa-Vista ; enganamos os diabos, porque elles ficam pensando que somos viandantes sahidos do Vão. »

« Assim fisemos.

« Antes de confrontarmos com a fazenda da Tapéra eu fiz sô moço entrar num capãosinho de matto e ficar ahi amoitado. De lá elle via a casa e o curral da frente.

« Entrei, como já contei, sem vêr ninguem. Subi a escada e gritei : — O' de casa ! — Uma porta abriu-se e um caboclo de beiço rachado appareceu, respondendo : — O' de fóra ! Entra e vem tomar congonha, que está no cuité —.

« Entrei e vi na sala de fóra passante de vinte pessoas ; uns agachados, outros de pé ; os homens estavam resmungando baixo. Pelas paredes havia muita arma dependurada nos tórnos. Os homens me repararam de baixo p'ra cima, de cima p'ra baixo, me estudando.

« Ainda que mal pergunte, quem é você, rapaz ? disse com máu modo um sujeitinho bexigoso, com os cabellos já pintando. »

— « Eu sou Manoel João, para o servir. Assisto no Vão,

perto do arraial de Marinhos e vou buscar um sal á cidade Venho vindo escoteiro, mas o carro vem atrás e deve chegar nestes dois dias. »

— « Você não sabe que estamos em guerra e que aqui não passa gente sem minha licença ? »

— « Mas, meu patrão, manda quem póde. Não estou fóra disso. »

— « E se eu te segurar aqui ? »

— « Póde que fique seguro ; mas hei de porfiar por sahir e — quem porfia mata caça. »

« Eu fiquei activo, correndo os olhos nos homens e chegando devagarinho para a porta. Já tinha na mente o jogo que havia de fazer com aquelles diabos.

« O homem esteve, esteve, esteve... Depois, encrusou as pernas em riba do banco onde estava sentado e disse :

— « Tu sabes alguma cousa desses chimangos por ahi ? »

— « Meu patrão, eu sou de longe ; estou muito fóra disso. Tenho ouvido rosnar uma cousa e outra, mas não ponho sentido em falas e ditos do povo. »

« Mal tinha acabado de dizer isso, quando appareceu de repente na porta um fula magricella, por nome Anselmo. Esse desavergonhado tinha trabalhado junto commigo uns dias, numa arribada de gado, quando eu fui levar uma boiada do patrão á Pratinha. O diabo me encarou um bocado, depois disse :

— « Aqui, Joaquim ? Você já largou o sargento-mór (era meu patrâo ?) Que diabo de cousa traz você cá ? »

« Não foi preciso mais nada. Sô Chico Duarte, capitão daquelles jagunços, gritou logo :

— « Então, maroto, tu querias me lograr, eim ? Péga esse cabra ahi, minha gente !

« A cousa ferveu logo.

« Anselmo fez menção de me agarrar num pulo.

« Eu tinha deixado meu clavinote amarrado nos coldres e a vara de ferrão encostada lá fóra. Voei logo á porta. Quando Anselmo me quiz abotoar, juntei-o pelos peitos e num empurrão mandei-o á parede. Isso tudo foi assim — zás ! Pulei pela escada abaixo e ganhei a sella do pedrez. O matungo extremeceu debaixo dos arreios e bufando forte, largou na carreira. Curvei-me sobre o pescoço do animal e gritei-lhe ao ouvido — « upa, meu pedrez ! salva teu

dono! » Bichinho fiel! A porteira não era alta e elle voou por cima della, cahindo do outro lado.

« Nisto, as pipocas rebentaram da frente da casa. A noite ia fechando, e os homens, atirando das janellas e do alpendre a meu vulto que fugia, erraram fogo. Eu virei a cara para traz e acenando-lhes com a mão, gritei : — Até logo, meu povo!

« Ahi, uma buzina tocou forte da banda da casa, dando alérta. Os caramurús tinham gente na tocaia, pela redondeza, vigiando ; acudiram logo.

« A lua, na barra do céo, alumiou um vulto de cavalleiro que crescia para mim, na carreira. E mais outro e outro.

« Um cavalleiro, crusando na minha frente, gritou :

— « Pára, ladrão, que eu te faço comer terra já! »

« Eu torci o cavallo, colhi a vara de ferrão e peguei o homem pela volta da pá. Elle deu um urro e escangotou. Seu cavallo, desgovernado, correu p'r'uma banda. Não vi se o homem cahiu, mas gostou pouco da chuçada. Cheguei as esporas no vasio do pedrez e joguei-o para a frente, á disparada. — Que é de sô moço? que será delle? onde estará agora? — Topei um redomoinho de cavalleiros deante de mim. Chegando mais perto, vi que eram só dois que pelejavam e ouvi a voz de sô moço sô Juca, dizendo : — « Cheguem, caramúrus do inferno!» Meu cavallo passou rente do delle e eu piquei com o ferrão a anca do castanho carêta, que extendeu por alli fóra com sô moço, na horinha mesma em que echoava um tiro de bacamarte.

« No meio do tropel da corrida, me pareceu ouvir perto de mim um gemidosinho. Olhei para os lados e vi sô moço emparelhado commigo. — « Não é nada » — pensei. E corremos e corremos obra de meia legua.

« Adeante, num escampado — ninguem nos perseguia mais — eu olhava sô moço e reparava que sô moço estava calado. Não extranhei muito...

— « A lua subia, e pela beira dos capões, os peixe fritos cantavam...

« Mais adeante, na descida de um corrego, eu voltei para sô moço e disse em tom de brinquedo :

— « Esteve feia a cousa, eim? Mas nós não somos caçoada de ninguem. »

— « E' » — disse elle co' a vosinha sumida.

« No subir um tópe, me pareceu que elle esbarrou o cavallo.

— « Que é que vossemecê tem ? »

— « Nada ».

— « Então, toque o animal. »

« E fomos indo...

« D'ahi a pouco, elle andava penso p'r'um lado, meio envergado, como quem estava curtindo uma dôr muito grande.

« Eu, achegando-me para elle, disse :

— « Conta, meu sinhôsinho, conta a seu mulato velho o que vossemecê está sentindo. »

« Elle endireitou o corpo logo, respondendo :

— « Nada, Joaquim. Eu não te disse que era duro ? »

« Fomos embora.

« Com pouco, alcançou-nos um pé de vento bravo. As folhas e os gravetos do chão subiam em revoada ; nossos cavallos, abicando as orelhas p'ra frente, levantaram as cabeças e rincharam forte.

« Tinhamos de dobrar um serrote por uma ladeira esperta ; no meio, um murundú fazia a trilha acotovellar para dar passagem aos cavalleiros. Quando o animal de sõ moço torceu de repente, para voltear o murundú, eu vi sô moço cambalear. Dei um arranco e amparei-lhe o corpinho fransino, puxando-o fóra dos arreios e sentando-o no cabeção de minha sella. O castanho, solto, correu na frente.

« Quando sô moço debruçou sobre mim, falou-me com uma voz que nunca mais me sahiu dos ouvidos e me corta até hoje o coração — « Está doendo, Joaquim !... » Eu me apeguei com Senhora da Abbadia do Muquem e bradei alto :

— « Santo do céo ! tem dó de nós ! »

« Sô moço deu mais um gemidosinho, muito fraco. Parecia um carneirinho novo, sem mãi, que vai querendo morrer por falta de leite e de calor... »

Neste ponto, a voz do velho campeiro tornou-se profunda como a das enxurradas que tombam, guéla abaixo, nos socavões da serra.

Nenhum campeiro mais recostado.

Todos, de pê, apertavam-se ao redor do Mironga, estendi-

dos os pescoços, os semblantes mal assombrados pintando-lhes os sentimentos da alma.

— « Quando eu segurei sô moço por baixo dos braços para tiral-o da sella, senti as mãos molhadas. Apalpei e reconheci que não podia ser suor. Tirei fogo e vi minha mão direita vermelha de sangue !... »

Erecto no meio dos companheiros, o capataz daquelles homens bravios tinha o semblante demudado e a voz entrecortada pelos offegos do largo peito hirsuto.

O fogareiro acceso avermelhava aquelles rostos, que formavam circulo ao redor do Mironga ; todos mudos, attentos, como os guerreiros das tribus barbaras ouvindo ao chefe valente as peripecias dolorosas da peleja recemferida.

— « Excommungados, malditos caramurús ! Ficaram satisfeitos os demonios e não buliram mais com o patrão... »

Fóra, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, do meio da sombra.

O velho campeiro não falava mais.

A's interrogações de tantos olhares, de tantas boccas semi-abertas, Joaquim Mironga respondeu com estas ultimas palavras, apontando para o céo recamado de estrellas :

— Lá, naquelle campo asul, junto com os anjos, pastorando o gado miudo...

PEDRO BARQUEIRO

Eu lhe conto — dizia-me o Flor, quasi ao chegarmos á Cruz de Pedra. « Naquelle tempo eu era fransinosinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas. Meu patrão era avalentoado, temido e tinha sempre em casa uns vinte capangas, rapasiada de ponta de dedo. Eu tinha uma *meia legua*, trochada de aço, que era meu osso da correia. » E, concertando o corpo no lombilho, soltou as redeas á mula ruana, que era boa estradeira. Inclinou-se para um lado, debruçando-se sobre a côxa, e apertou na unha do pollegar o fogo do cigarro, puxando uma baforada de fumo.

« Estavamos, um dia, divertindo-nos com os ponteados do Adão, á viola. Eu estava recostado sobre os pellegos do lombilho, estendidos no chão. A rapasiada toda em roda. Pouco tinhamos que faser e passava-se o tempo assim.

« Eis se não quando entra o patrão, com aquellas modos decididos, e, voltando-se para um moço que o acompanhava,

disse; « Para o Pedro Barqueiro bastam estes meninos ! » apontando-me e ao Paschoal com o indicador; « não preciso bulir nos meus *peitos largos*. O Flor e o Paschoal dão-me conta do crioulo aqui, amarrado a sedenho. »

« Para que mentir, patrãosinho ? o coração me pulou cá dentro e eu disse commigo — estou na unha ! O Paschoal me olhou com o rabo dos olhos. Parece que o patrão nos queria experimentar. Eramos os mais novos dos camaradas, e nunca tinhamos servido senão no campo, juntando a tropa espalhada, pegando algum burro sumido. Eu tinha ouvido falar sempre no Pedro Barqueiro, que um dia apparecêra na cidade sem se saber quem era, nem donde vinha. Cheguei uma vez a conhecel-o e falámo-nos. Que bôa peça, patrãosinho ! Crioulo retinto, alto, troncudo, pouco falante e desempenado. Cada tronco de braço que nem um pedaço de aroeira.

« Estou com elle deante dos olhos, com aquella roupa asuleja, tingida no Barro Preto ; atravessado á cinta um ferro cumprido, afiado, alumiando sempre, maior que um facão e menorsinho do que uma espada.

« Esse negro mettia medo de se ver, mas era bonito. Olhava a gente assim com ar de soberbo, de cima para baixo. Parecia ter certesa de que, em chegando a encostar a mão num cabra, o cabra era defunto. Ninguem bulia com elle, mas elle não mexia com os outros. Vivia seu quieto, em seu canto. Um dia, pegaram a diser que elle era negro fugido, escravo de um homem lá das bandas do Carinhanha. Chegou aos ouvidos do patrão esse boato. Para que chegou, meu Deus ! O patrão não gostava de ver negro, nem mulato de prôa. Queria que lhe tirassem o chapéo e lhe tomassem a bençam.

« D'ahi, ainda contavam muita valentia do Barqueiro, nome que lhe puzeram por ter vindo dos lados do rio S. Francisco. Essas historias esquentavam mais o patrão que eu estava vendo de uma hora para outra estripado no meio da rua, porque era homem de chegar quando lhe fisessem alguma.

« Tanto eu como Paschoal tinhamos medo de que o patrão topasse Pedro Barqueiro nas ruas da cidade.

« Subiram de ponto esse nosso receio e a ira do patrão, quando se soube de uma passagem do Pedro, num batuque, em casa de Maria Nova, na rua da Abbadia.

« Chegára uma precatoria da Pedra dos Angicos e o juiz mandou prender a Pedro. Deram cêrco á casa onde elle estava na noite do batuque. Ah ! meu patrãosinho ! o crioulo mostrou ahi que canella de onça não é assobio. Não é dizer que estivesse muito armado, nem por isso : só tinha o tal ferro, alumiando sempre ; e com esse ferro deu pancas.

« Quando cercaram a casinha e lhe deram voz de prisão, o negro fechou a cara e ficou feito um jacaré de papo amarello. Deu frente á porta da rua e encostou-se a uma parede. Maria Nova estava perto e me disse que elle cochichou uma oração, apertando nos dedos um *bentinho*, que branquejava na pella negra de sua peitaria lustrosa.

« Chegaram a entrar a casa tres homens da escolta, e todos tres ficaram estendidos. Pedro tinha oração, e muito boa oração contra arma de fogo, porque José Pequeno, caboclinho atarracado, ao entrar, escancarou no negro o pinguélo de um clavinote e fez fogo. Pedro Barqueiro caminhou sobre elle na fumaça da polvora e, quando clareou a sala, José Pequeno estava escornado no chão como um boi sangrado.

« Dois rapazinhos quizeram chegar ainda assim, mas Pedro Barqueiro descadeirou um e pôz as tripas de fóra a outro, que escaparam, é verdade, mas ficaram lá no chão gemendo por muito tempo.

« D'ahi para cá, Pedro evitava andar pela cidade, onde só apparecia de longe em longe, e á noite. Mas todo o mundo tinha medo delle e vivia adulando-o.

« Um dia, como já lhe contei, appareceu lá em casa um moço pedindo auxilio a meu patrão para agarrar o negro. Era mesmo escravo, o Barqueiro ; mas ha muitos annos vivia fugido. Já lhe disse que o patrão queria tirar o topete ao valentão, e, para isso, escolheu pobre de mim e Paschoal.

— Que dizes, Flor ? fallou o patrão rindo-se.

— Uai, meu branco, vossemecê mandando, o negro vem mesmo, e no sedenho.

— Quero ver isso.

— Vamos embora, Paschoal !

« Quando iamos a sahir, o patrão bateu-me no hombro e, voltando-se para o moço, disse muito firme : « Póde prevenir a escolta para vir buscar o Barqueiro aqui, de tarde. Hão de dar dusentos mil réis a estes meninos. »

« Desci ao quarto dos arreios, passei a mão na *meia legua* e no facão e apertei a correia á cinta.

« Paschaol já estava na porta da rua, assobiando. Tinha por costume, nos momentos de aperto, assobiar sempre uma trova que diz assim :

« Na matta de Josué
Ouvi o mutum *gemê ;*
Elle geme assim :
Ai-rê-uê, hum ! airê ! »

Quando Paschoal me viu, soltou uma risada.

— Estás doido, rapaz ! gritou-me !

— Porque ?

— Queres mesmo enfrentar com o Pedro Barqueiro ?... Elle faz de nós passóca. A cousa se ha de fazer de outro modo.

« Paschoal tinha tento e eu sempre tive fé nelle. Era um cabritosinho mitrado. Sahia-lhe cada idéa... Mandou-me guardar a *meia legua* e o facão. Depois, foi á venda, escolheu anzóes de pesca e veiu para casa encastoal-os. Eu, nem bico ! Ajudei a acabar o serviço, certo de que Paschoal tinha alguma na mente.

— Deixa a cousa commigo, ajuntava elle.

« Isso ainda era cedo ; o sol estava umas tres braças de fóra, no tempo dos dias grandes. Lá por casa madrugavamos, sempre, para ir ao pasto e traser os animaes de trato.

— « Vamos fazer uma pescaria, » disse-me o Paschoal. « Alli para os lados do Baptista, perto de um baruseiro grande, ha um poço, onde as curumatans e os piáus são como formigas. O rancho do Pedro Barqueiro fica perto. Elle mora só e eu conheço bem o logar. Pela astucia havemos de prendel-o. Quando eu gritar — segura, Flor ! — tu agarras o negro, mas, segura rente ! »

« E fomos. Nessa hora me veiu bastante vontade de fugir ao perigo, de ir passear, porque tinha como certo succeder-nos alguma. « Que é lá Flor ! » — disse de mim para mim : « Um homem é para outro. » E, depois, o Paschoal não me deixava nas embiras. Quando descemos o Gorgulho e fomos virando para o lado do corrego, fiquei meio sorumbatico. Nesse tempo, eu andava arrastando a asa á Emilia, filha do José Carapina. Era uma rôxa bonita devéras, e não estava muito longe de me querer. Posso

diser mesmo que na vespera olhou muito para mim, ao passar com a saia de chita sarapintada de vermelho, umas chinellas novas de cordovão amarello. Ah ! que peitinho de jaó, patrãosinho ! empinado, redondo, macio como um couro de lontra. Com o devido respeito, patrãosinho, eu estava na peia, enrabichado, e foi nesse mesmo dia que ella me deu esta cinta de lã, tecida por suas mãos, que guardo até hoje. « Ai ! rôxa da minha paixão » — pensava eu — « como hei de morrer assim, fazendo cruz na bocca ? » O diabo da idéa me atarantou pelo caminho e cheguei a dar tremenda topada numa pedra, no meio da estrada. Curveime sobe a perna, agarrei o pé com as mãos e estive assim dançando sem querer, um pedacinho de tempo. Depois, levantei a cabeça. Paschoal sentára num barranco e encarava para mim, rindo. Levantei a cabeça e olhei para cima assumptando. No céo galopavam umas nuvens escuras, a modo de um bando de queixadas rodando pelo campo.

« Um vento aspero passava, arrancando do genipapeiro as fructas maduras, que esborrachavam no chão assim — pof ! — espantando as juritis que andavam esgaravatando a terra e comendo grãosinhos. Duas seriemas guinchavam, esguelavam. Depois, vi que estavam brigando — me lembra como se fosse hoje — e uma avançava para outra dando pulinhos, sacudindo as asas, com o cocuruto arripiado e os olhos em fogo. O coração pareceu diser-me outra vez — « olha, Flor, o que vais fazer. » Nesse entretanto, o Paschoal, que me encarava sempre do ponto onde estava sentado, gritou-me :

— « Esqueceste a cabeça nalgum logar ? Vamos embora, que vai tardando já. »

« Fiquei descochado ; cahi em mim e fui marchando, disposto. D'ahi em deante, fui brincando com o Paschoal, que era muito divertido e tinha sempre um caso a contar. Chegando em baixo, arregaçamos as calças e descemos o corrego, cada um com seu ansol na vara, ao hombro.

« Era preciso que ninguem desconfiasse do nosso conluio para prendermos o Pedro Barqueiro.

« Ahi, quasi que tinhamos esquecido o perigoso mandado, tão differente andava a conversa co'mas caçoadas do Paschoal.

« Para encurtar a historia, patraosinho, achámos Pedro Barqueiro no rancho, que só tinha tres divisões : a sala, o quarto delle e a cosinha.

Quando chegámos, Pedro estava no terceiro debulhando milho, que havia colhido em sua rocinha, alli perto.

— Vocês por aqui, meninos ? Olhem ! vão alli áquelle poço, para baixo da cachoeira. Têm lá uma lage grande e de cima della vocês podem fazer bichas com os piáus.

— « Louvado seja Christo, meu tio ! » havia dito o Paschoal, e nisto o imitei.

— « Se quiserem comer uma carne assada ao espeto, tirem um naco ; está na fumaça, por cima do fogão, uma boa manta. Olhem a faca ahi na sala, se vocês não têm algum caxerenguengue. »

Paschoal entrou e viu recostado a um canto da parede o ferro alumiando. Pegou nelle, sahiu pela porta da cosinha e escondeu-o numa restinga, ao fundo. Depois, me assobiou, eu acudi e fui procurar a *lazarina* de Pedro — boa arma, de um só cano, é verdade, mas comedeira.

— Ha alguma jaó por aqui, tio Pedro ? perguntou Paschoal.

— Nem uma, nem duas, um lote dellas. Se você quer experimentar minha arma, vá lá dentro e tire-a. Não errando a pontaria, você traz agora mesmo uma jaó.

— Quero matar um passarinho para fazer isca, meu tio.

— Pois vá, menino.

« E Paschoal descarregou a arma.

« Pedro tinha-se levantado e falava com Paschoal do vão da porta de entrada.

« Era hora.

« Paschoal me fez um signalisinho, eu dei volta e entrei pela porta do fundo para agarrar o Barqueiro pelas costas. A combinação era essa. Emquando Paschoal o foi entretendo, eu fui chegando soturno, e quando elle gritou — « segura ! » eu pulei como uma onça sobre o negro desprevenido.

« Conheci o que era homem, patrãosinho ! Saltandolhe nas costas, dei-lhe um abraço de tamandaá no pescoço. Mas o negro não pateteou, e, mergulhando commigo para dentro da sala, gritou :

— Nem dez de vocês, meninos ! Ah ! se eu soubesse... »

« Patrãosinho, eu sei dizer que o negro me sacudiu para cima como um touro bravo sacode uma garrocha. Mas eu via que, se o largasse, estava morto, e arrochei os braços.

— « Chega, Paschoal ! » gritei.

— « Eu quero manobrar de fóra. Animo! Segura bem que nós amarramos o negro. »

« Que tirada de tempo ! O negro, ás veses, abaixava a cabeça, dando de pôpa, e minhas pernas dançavam no ar, tocando quasi o tecto do rancho. Lutámos, lutámos, até que Paschoal poude metter un tolete de páu entre as canellas do Pedro, de modo que elle cambaleou e cahiu de bruços. Nós dois pulámos em riba delle. Eu, triumphante, gritava : « Conheceu, crioulo ? Negro é homem ? » Elle era teimoso, porque dizia ainda : « Nem dez de vocês, meninos ! Ah ! se eu soubesse... »

« Paschoal trasia á bandoleira um embornal para carregar peixe e veiu dentro delle escondida uma corda de sedenho, cumprida e forte.

« O Barqueiro estava no chão ; e foi preciso ainda fasermos bonito para amarral-o.

« Agora, puxe na frente, seu negro ! » — gritou-lhe o Paschoal.

« Haviamos juntado os braços delle nas costas e apertámos com vontade. Ficou completamente tolhido.

« Eu ia segurando a ponta do sedenho e levava o negro na frente. Mesmo assim, houve uma hora em que elle me deu um tombo, arrancando de repente a correr. Por seguro, a corda estava-me enrolada na mão e eu não a larguei. Nesse instante, Paschoal tinha corrido atraz delle e lhe descarregado na nuca um tremendo murro, que o fez bambear um pouco e me deu tempo de endurecer o corpo e segurar firme a corda.

« O Barqueiro, depois que sahiu do rancho, não piou.

« Chegámos á casa de tarde e o negro ia no sedenho.

— « Eu não disse », gritava o patrão muito contente, « que só bastavam esses dois meninos para o Barqueiro ? Está ahi o negro. »

« E o povo corria para ver, e a frente da casa do patrão estava estivada de gente.

« Recebemos os duzentos mil réis.

« Tinha-me esquecido de contar-lhe que eu fisera uma promessa á Senhora da Abbadia, de levar-lhe ao altar uma vela, se voltasse são e salvo. Cumpri a promessa no dia seguinte e arranjei uma festinha para a noite. Queria um pé para estar com a Emilia.

« Comprei um trancelim de ouro para aquella rôxa de meus peccados e um chale asul. Ella era esquiva. Fez muito momo nessa noite, e não me quiz dar nem uma boquinha, com o devido respeito ao patrãosinho.

« Sahi da casa de José Mendes, onde dei a festa, quando os gallos estavam amiudando.

« A estrella d'Alva, no céo escuro, parecia uma garça lavando-se na lagôa. O orvalho das vassouras me molhou as pernas e eu estremeci um bocadinho. Entrei num becco que ia sahir na rua de Traz, onde eu então morava.

« Ia meio avexado e peguei a bansar. Emilia ! Emilia do coração ! porque me amofinas com esse pouco caso ? E desandei a cantar, bem chorada, esta cantiga :

Tá trepado no páu,
De cabeça p'ra baixo,
Com as azas cahidas
Gavião de pennacho !
Todo o mundo tem seu bem,
Só pobre de mim não tem !
Ai ! gavião de pennacho !

« De repente, pulou um vulto deante de mim. Quem havia de ser, patrãosinho ? Era o Pedro Barqueiro em carne e osso. Tinha, não sei como, desamarrado as cordas e escapado da escolta, em cujas mãos o patrão o havia entregado.

« O ladrão do negro tinha oração até contra sedenho !

« Sem me dar tempo de nada, o Barqueiro me agarrou pela golla e me sugigou. Levantou-me no ar tres vezes, de braço teso, e gritou-me :

« Pede perdão, cabrito, desvergonhado, do que fizeste hontem, que te vou mandar para o inferno ! Pede perdão já ! »

« A gente precisa de ter um bocado de sangue nas veias, patrãosinho, e um homem é um homem ! Eu não lhe disse páu nem pedra. Vi que morria, criei animo e disse commigo que o negro não me havia de pôr o pé no pescoço.

« Exigiu-me elle, ainda muitas veses, que lhe pedisse perdão, mas eu não respondi. Então, elle foi me levando nos braços até uma pontesinha que atravessava uma perambeira medonha. A bocca do buraco estava escura como breu e parecia uma bocca de sucuryú querendo me engulir.

Suspendeu-me arriba do guarda-mão da ponte e balançou meu corpo no ar. Nessa hora, subiu-me um frio pelos pés e um como formigueiro me passeou pela regueira das costas até á nuca ; mas minha bocca ficou fechada. Então, o Barqueiro, levantando-me de novo, me pousou no chão, onde eu bati firme.

« O dia estava querendo clarear. O negro olhou para mim muito tempo, depois disse :

— Vai-te embora, cabritinho, tu és o unico homem que tenho encontrado nesta vida !

« Eu olhei para elle, pasmado.

« Aquelle pedaço de crioulo cresceu-me deante dos olhos, e vi — não sei se era o dia que vinha raiando — mas eu vi uma luz esturdia na cabeça de Pedro.

« Desempenado, robusto, grande, de braço estendido, me pareceu, mal comparando, o Archango São Miguel sugigando o Maligno. Até claro elle ficou nessa hora !

« Tirei o chapéo e fui andando de costas, olhando sempre para elle.

« Veiu-me uma cousa na garganta e penso que me ia faltando o ar.

« Insensivelmente, estendi a mão. As lagrimas me saltaram dos olhos, e foi chorando que eu disse :

— Louvado seja Christo, tio Pedro !

« Quando cahi em mim, elle tinha desapparecido. »

CADEIRA ARTUR DE OLIVEIRA

—ARTUR DE OLIVEIRA (1851-1882). E' autor das *Flexas* (1873 1874) da *Rua do Ouvidor*, monografia. O melhor da sua produção literaria anda esparsa pelas folhas e periodicos do tempo.

FILINTO DE ALMEIDA

FILINTO DE ALMEIDA naceu no Porto (Portugal) em 1857.
No Brazil, onde vive desde muitos anos e cuja nacionalidade adotou, escreveu o seu livro de versos — *Lirica*. E' autor de varios trabalhos em prosa, dispersos por jornaes e revistas, e de algumas omedias.

A RAIVA DE NISE

Quando te eu falo de carinho e enleio
Respondes irritada e desdenhosa ? !
Emfim, o espinho é natural na rosa
E ama a serpe esconder-se em morno seio.

No meio de um mirtal em flor, no meio
De uma seára provida e viçosa,
A's vezes surge a planta venenosa
E sapos coaxam no mais claro veio.

Venus, a doce e branda, contam poetas,
De onde em onde tambem se encolerisa ;
Nas flores mesmo ha coleras secretas.

Raiva, pois, meu amor pisa e repisa,
Não me arreceio do furor que affectas :
Que é o vendaval ? a colera da brisa.

BALADA

A RODOLFO AMOEDO

Por noite velha, no castello,
Vasto solar de meus avós,
Foi que eu ouvi, num ritornello,
Do pagem loiro a doce voz.
Corri á ogiva para vel-o,
Vitraes de par em par abri,
E ao ver brilhar o meu cabello
Elle sorriu-me, e eu lhe sorri.

Venceu-me logo um vivo anhelo,
Queimou-me logo um fogo atroz ;
E toda a longa noite vélo,
Pensando em vel-o e ouvil-o a sós.
Triste, sentada no escabello,
Só com a aurora adormeci...
Sonho... e no sonho, haveis de crel-o ?
Inda o meu pagem me sorri !

Seguindo a amal-o, com disvelo,
Por noite velha, um anno apoz,
Termina emfim o meu flagello,
Felises fomos ambos nós...
Como isto foi, nem sei dizel-o !
No collo seu desfalleci...
E alta manhã, no seu mursello,
O pagem foge... e inda sorri.

Dias depois, do pagem bello,
Junto ao solar onde eu o ouvi,
Ao golpe horrivel do cutello,
Rola a cabeça — e inda sorri !...

SAHIMENTO

Quando tu sahiste a ultima vez de casa,
Do pó libertado o espirito gentil,
Punha o sol no poente uma irritante brasa
E eram já seis dias que morrera Abril.

Na dilacerante, horrivel despedida,
Todos te diziam consternado adeus.
Ella soluçava, triste e dolorida,
E sem ar anciavam peitos que eram teus.

Na capella ardente crepitavam cirios,
Numa cruz morria o Christo de marfim.
Coberto de flores, de crueis martirios
O teu pobre corpo repousava emfim.

Como consolaras corações maguados,
Como havias feito, compassivo, o bem,
Entre os teus amigos, de olhos marejados,
Muita pobre gente estava alli tambem.

E uma pobre velha, humilima e demente,
Quando tu passaste, hirto no teu caixão,
Disse-te um adeus com tibia voz tremente,
Acenando um lenço que tinha na mão.

Tu depois partiste no coche funereo,
A descer ladeiras da banda do mar...
E já ias longe para o cemiterio
E inda o pobre lenço se agitava no ar.

Ao passar o enterro por uma outra rua,
De porta que vieste muita vez abrir
Uma creancinha que era filha tua
Apontava o coche, coitadinha, a rir !

Oh, mas da tragedia que então vi passada,
Da luctuosa dôr, das lagrimas dos teus,
Só na minha mente ficará gravada
A velhinha doida que te disse adeus...

TRECHO DE CRONICA

Escrevo sentado á minha banca de trabalho, depois de ter gosado a tarde mirifica no alto de um *plateau* sobre a Lapa, que domina a bahia e a barra, a ver sahir para a Europa um paquete do Pacifico e a ver entrar outro das Messageries, tendo acima de mim o crescente argenteo da lua e atraz de mim o sol de ouro a mergulhar no poente es-

braseado. Uma fresquissima brisa marinha afaga-me voluptuosamente o rosto e traz-me um brando cheiro de mar alto. No monte relvado rolam creanças a rir.

Sei que a noite começa lá em baixo na cidade porque os lampeões de gaz principiam a mostrar na meia pallidez do crepusculo as suas lusinhas minusculas. Cá em cima é dia claro. Sento-me sobre a alfombra verde e contemplo longamente, absorvido e extactico, esse espectaculo marinho sempre novo, que basta desviar d'elle os olhos por um instante para já estar mudado — só porque um barco que viamos de escorço, avançando para nós, virou de rumo e vemol-o agora na horisontal, de perfil, com o sol a dar-lhe de chapa no costado, doirando-o todo como uma joia ; ou porque uma lanchinha, trefega e rapida, que estava atraz de Villegaignon, surgiu de repente, cortando as aguas mansas assobiando alegre, como uma garota, e esfogueteando por entre os vasos de guerra ou os grandes e negros transatlanticos...

Deixo-me estar, olhando, dando um longo banho á vista, a fumar, esquecido do mundo e das coisas, esquecido principalmente de que estou dentro de uma fornalha que a agua bemdicta refrescou e que amanhã, se a bondade celeste a deixar seccar de todo, me hade torrar a mim e aos outros e encher-nos o corpo de microbios e a alma de tédio, fornalha que em logar de cinsas tem lixo, detrictos de cosinha, cães mortos, carnes em decomposição, fétidas, e miasmas, intendencia, prefeitura, eleições, o diabo ! mas o diabo classico, nauseabundo, cornudo e capripede, transformista, que ora é a peste, ora é o roubo, ora é a discordia, ora é a vexação, ora é a miseria e por fim é ainda a tortura e a morte.

Bemdicto sejas-tu, ó Mar puro, intemeratas, immaculaveis aguas asues ! Bemdicto, monstro benefico, Hercules alimpador de terrenos e estirpador de maleficios, que nos libertas o pensamento e nos tiras da imaginação a ignominia da terra com o só mostrar do teu grandoso vulto ondulado. De ti deriva perenne e rutila, a grande Poesia balsamica, purificadora das almas, a Poesia sem versos, que todos sentem, todos amam, ainda os mais rudes entendimentos, os mais duros corações, as almas mais contorcidas de egoismo. Olhos que te não saibam ver, bom Amigo, não merecem o supremo beneficio da luz, e deveriam ter

palpebras de bronse, como as estatuas, mas cerradas, indestructivelmente ligadas na contextura rija do metal.

O PRESIDENTE EM MORRO VELHO

(Excerpto de uma descripção da viagem do Snr Campos Salles, presidente da Republica, a Minas Geraes, em Março de 1899.)

A's 9 horas chegamos á estação de Honorio Bicalho, em frente da qual nos esperam setenta animaes arreiados para nos conduzirem a Morro Velho. O dr. Pederneiras, do *Jornal do Commercio*, que é homem pesado e edoso, pede a Alcides Medrado, redactor da *Revista Industrial*, de Ouro Preto, que lhe escolha um animal forte e manso. Eu peço um que não seja mais bravo que eu, e sobretudo, que seja cavallo. Tenho levado a vida a luctar com burros e tomei birra a esse quadrupede.

Mas ha um assalto aos que parecem melhores ; o Alcides ataranta-se ; eu, que me entregara á sua experiencia, espero ser servido. Mas reparo em que os animaes devolutos vão rareando. Alcides evaporou-se. Cavallo já não ha nenhum.

Diviso um muar que me parece bôa pessoa e atiro-me a elle. Monto, e parto no coice da comitiva. O animal é ligeiro, mas teimoso como um homem.

Debalde pretendo afastal-o da linha da cavalgata que atira sobre mim um *simoun* de pó finissimo, sequissimo e amarellissimo.

Verifico que o burro tem opiniões firmes e resolvo-me a não contrarial-o ; não tenho chicote nem esporas, mas, como sou critico de profissão, valho-me do meu officio e metto-lhe as botas.

Reconheço, com prazer, que é um animal de dignidade, estuga o passo, sempre na recta, e vae furando, vae furando por entre os companheiros, e em pouco tempo colloca-se, com certo orgulho que se lhe vê nas orelhas, á frente da comitiva.

Dou com o meu amigo Alcides, que me olha, sorrindo atravez das lunetas, e me diz, desculpando-se :

— Ora, não pude arranjar o que você queria...

— Não faz mal. Este é burro e tem os defeitos da especie ; mas encontrei-lhe qualidades excepcionaes, que o tornam digno de ser cavallo. Se fosse meu haveria de promovel-o.

— Mas é trotão como um demonio !

— E eu esqueci-me de deixar o figado na mala: levo-o em sôpas. Em chegando ao Rio hei de arranjar um figado novo.

De repente attingimos o alto da collina que subiamos e avistamos o *buraco* em que está situada a antiga Congonhas do Sabará, actualmente Villa Nova de Lima. Milhares de foguestes rechinam, sobem, estoiram no ar. Bombas de dinamite rebentam com fragor. Vamos descendo a encosta, mas lentamente. A' entrada da povoação ha um portico embandeirado, sobre o qual está escripta esta delicada palavra — *Welcome*. O caminho está ornado por filas lateraes de bandeirolas, como a nossa rua do Ouvidor em dias de festa. E ao estralejar dos foguetes e ás saudações enthusiasticas do povo entramos na villa. Seguimos uma curva, chegamos a uma pequena praça que tem ao fundo uma larga vivenda assobradada, com uma grande varanda de lado a lado, abrigada por um alpendre corrido, sustentado por columnas de madeira, e litteralmente coberta por trepadeiras. E' o *cottage* de M. George Chalmers, o engenheiro chefe, o director supremo dos grandiosos trabalhos da mina do Morro Velho, pertencente á St-John d'El Rei Mining Company Limited.

Apeamo-nos, e pelo angulo esquerdo da frente, entramos na varanda. Ha vermouth, aguas mineraes, refrescos. O sr. Presidente entra em um vasto quarto atapetado e refaz a sua toilette. Pelas paredes, grandes gravuras inglezas, uma representa a coroação da rainha Victoria, outra o seu casamento com o principe Alberto. Nós vamos lavar as mãos e o rosto em um lavabo improvisado no quintal do fundo, onde ha umas dez bacias e outras tantas toalhas. Na frente, logo á entrada, um pequeno museu mineralogico; sobre uma mesa alguns exemplares de esqueletos e caveiras de pequenos quadrupedes, de quadrumanos e de algumas aves. Na parede, um grande desenho representa comparativamente a profundidade dos dois poços da mina; vê-se á direita o perfil do Corcovado com a base no mar; os poços, partindo de trinta metros acima do apice da montanha, cortam-na em toda a altura e descem pelo mar dentro! E' colossal, porque os dois furos foram na sua maior extenão brocados na rocha viva.

Fóra da sala, á esquerda, pequeno jardim, com lagos rectangulares e ao meio um repuxo em que a agua cae sobre blocos de cristal de rocha.

Mais atraz uma bella piscina, de uns quinze metros de comprimento por uns tres de largura, com agua corrente. E' alli que mr. Chalmers se banha e nada todas as manhãs e sempre que sae do interior da mina.

Annuncia-se o almoço, que é servido numa sala que se extende á esquerda no fundo do jardim. A ornamentação é toda industrial.

Ao fundo, sobre um socco de vinte toneladas de minerio, vê-se um grande cubo dourado que representa em volume o ouro extrahido da mina velha, de 1836 a 1886, data em que um incendio e uma innundação a destruiram ; em uma das faces do cubo está escripta a importancia d'esse ouro — Lb. 5.178.657. Em volta das paredes da sala, em desenhos geometricos, está representado em barras douradas o ouro extrahido até agora da mina nova, cujos poços foram começados em 1889. Almoçamos com excellentissimos vinhos.

. . . .

Guiados por mr. Chalmers, que é levipede e anda como um galgo, chegamos rapidamente ao edificio principal, onde o minerio é redusido a pó e o ouro separado em grandes peneiras rectangulares, que substituem as antigas bateias manuaes. O que nessas peneiras se vê é um lodo escuro, muito fino, coberto de agua...

O vil metal sae da lama. Os machinismos são indescriptiveis para um leigo ; e eu, que antes de os ver li a descripção minuciosa e o menos technica possivel, de um profissional, confesso que não entendi nada. Mr. Chalmers andava sobre os machinismos como se atravessasse com pressa Trafalgar Square ou Picadilly.

Com elle á frente nós subiamos, entre machinas, a varios andares, sobre prateleiras, para tornar a descer ; galgavamos espaços, passavamos pontes, pulavamos corrêas de transmissão, evitavamos polias que zuniam furiosas, paravamos a espaços para apreciar um machinismo, e tornavamos a correr, a saltar, a subir, a descer, — isto no meio de um fragor tempestuoso, formidavel, ensurdecedor e apavorante de bater de ferros, de britar de pedras, de choques de madeiras, que nem nas batalhas homericas, nem no derrocamento de Carthago, nem no inferno do Florentino poderiamos imaginar.

Mr. Chalmers explica ao Presidente os machinismos,

berrando ; mas o Presidente nada ouve, percebe-lhe apenas, como eu, o mover dos labios — e segue-o.

A força que acciona todos estes machinismos é transmittida do poderoso motor hidraulico por um só cabo transmissor, de aço, de 3/4 de pollegada de diametro ; a sua velocidade é aproximadamente de 1.650 metros por minuto.

Visto o engenho formidando, tonitroante, dos 100 pilões, percorremos outras officinas e paramos na de fundição. Lá estão, sobre uma mesa, algumas barras de ouro, de 11 libras de peso, ainda quentes. Ceus, quantas futuras libras esterlinas ! O chefe d'essa officina chama, porém, a attenção do Sr. Campos Salles para um quadrado de papel branco, de 2 metros por face, que está extendido no chão, com as extremidades grudadas a um caixilho. A um signal do chefe, dois operarios inclinam uma caldeira suspensa num eixo central e d'ella jorra para um buraco aberto no solo — fogo liquido. E' ferro fundido. Escorre num largo jacto, lançando faiscas a distancia, estrellejante, como um sol desfeito em escorias, maravilhosamente bello ! E logo o quadrado de papel se incendia, se consome ao fogo liquido, e do logar que elle occupava apparece em grandes lettras rubras uma saudação ao Brazil e ao seu presidente.

O effeito que esta scena produziu é indescriptivel. Um grande *Viva*, unisono, rompeu de todas as boccas, e uma salva de palmas, vigorosa e enthusiastica, estrepitou no recinto.

. . . .

A um lado das officinas ergue-se a montanha em cujo vertice estão abertos os dois poços. Na base d'esta montanha ha como que uma entrada de tunel pequeno, de 3, 30 m. de altura por 4, 30 m. de largura. E' a galeria que leva a uma vasta camara subterranea, por onde passam os poços.

Esta galeria tem duas linhas ferreas de 2 pés e 2 pollegadas de bitola, sobre a qual rodam os carros que conduzem o pessoal e o material.

A' entrada da galeria espera-nos um carro estreito e cumprido, de um só banco duplo em que se assentam umas vinte pessoas, costas com costas. Operarios a pé, aos lados, impellem o carro para dentro da galeria, e em menos de cinco minutos percorremos os 312 metros, até á camara, fartamente illuminada por lampadas de Edison. E' com respeito e em silencio que fasemos esta pequena viagem.

Na camara dão-nos lanternas e conduzem-nos ao primeiro poço, que se não vê, porque a *gaiola*, um carro ascensor de dois bancos por lado, onde se sentam quatro pessoas, tapa-o inteiramente com o soalho ao nivel do solo. Tenho a fortuna de ser dos primeiros a entrar. Positivamente, não tenho medo : costumado a navegar com inglezes, conheço-lhes a prudencia e a segurança com que fazem tudo. Todavia, o coração palpita-me com um pouco mais de violencia, pela commoção.

Mr. Chalmers recommenda-nos cuidado com as mãos e os braços, que não fiquem fóra do carro. — E attenção.

Dá-se o signal, e a gaiola desce rapidamente. Ninguem falla ; o descenso faz-se sem ruido ; ouve-se a respiração das quatro pessoas. E' solemne.

Em dois minutos a gaiola pára em uma vasta galeria ; abrem-nos a porta e sahimos.

E' a mina !

Estamos no veeiro principal, dentro da rocha, na entranha dura do minerio que dá o metal resplandecente. A galeria é alté e larga. Caminhamos.

Aos lados homens atacam a rocha. Um segura a broca entranhada na pedra, para cima ; outro, com um pesado martello, tange na extremidade do ferro grandes pancadas ciclopicas, compassadamente. O ruido é secco. Mais adeante outros homens applicam ás paredes brocadores mechanicos, accionados por ar comprimido. São apparelhos longos e complicados, que furam o minerio a pequenas pancadas crebras, para a applicação da dinamite que, detonada pela electricidade, ha de estilhaçar a rocha. Vamos até o fundo da galeria, illuminada a luz electrica.

Lá o espectaculo é mais grandioso. Homens trepados pelas pedras atacam violentamente o limite da rocha, brocando á mão, ás martelladas rapidas. Ha o ruido grande e solemnissimo do trabalho. O ar é um tanto denso ; a atmosphera pesa ; os pulmões respiram com difficuldade o ar artificial levado á mina pelas machinas pneumaticas. Ao contrario do que eu suppunha, a rocha é branca, d'uma brancura fosca, como que velada. O sr. Presidente da Republica tem pressa, mal vê a mina, volta. De novo entramos na gaiola, e pouco acima paramos para ver outra galeria. Vemol-a a correr. Volvemos ; subimos. Estamos na camara central um pouco atordoados pelo espectaculo, nunca antes

visto, e agora apenas entrevisto, e tão fugasmente, devido á pressa presidencial, que d'elle só trasemos uma idéa geral, perfunctoria, imperfeitissima. O tempo foi insufficiente para fixar na memoria mais que os contornos do quadro grandioso, as linhas salientes, os motivos do primeiro plano. E' pena.

Não vimos as minucias do colossal trabalho, não ouvimos o estalar da rocha ao fragor da dinamite percutida, não observámos os trabalhadores, não examinámos os machinismos, não assistimos ao transporte do minerio nos carros especiaes. Estamos roubados. A nossa curiosidade volta cheia de interrogações ; e o nosso doentio instincto d'arte volve desapontado e insatisfeito.

Não outhorgámos a esta obra estupenda do engenho humano, da audacia intelligente, da sciencia triumphante, a importancia que ella merece. Vimos tudo mal e incompletamente, como *mirones* despreoccupados, sem intelligencia nem vontade de saber. Mas, porque havemos de ser nós incontentaveis, se o chefe da nação, que não é menos intelligente que nós, se contentou ? Vamos embora.

De novo tomamos logar no carro longo e estreito, que os trabalhadores impellem no tunel de entrada, e sahimos para o ar, o ar limpido e leve de um dia temperado, que os nossos pulmões aspiram a largos haustos, como uma novidade deleitosa.

CADEIRA JULIO RIBEIRO

— Julio Ribeiro, natural de Sabará, Minas (1845-1890) jornalista, filologo e romancista. Autor de uma *Gramatica portugueza* (1881) das *Cartas sertanejas e dos* romances *Belchior de Pontes e Carne* e de outros escritos menores.

GARCIA REDONDO

Manuel F. Garcia Redondo naceu no Rio em 1854 ; estudou na Universidade de Coimbra e na Escola Politecnica do Ric de Janeiro, lente da Escola Politecnica de S. Paulo.
Novelista e escritor. São obras suas :

O Desfecho de um desafio, Arminhos (Contos). *Caricias* (Paginas intimas) *Manias* e *Cacoetes, A inteligencia dos animaes. A Choupana das Rosas (*Contos.) *Molestias e Bichos* (Comedia) Nomes e sobrenomes (Conferencia.) *Salada de Frutas* (Contos e cronicas) *Atravez da Europa* (Impressões de viajem) e inumeros escritos de ciencia e de literatura em monografias ou esparsos no jornalismo.

O TESTAMENTO DO TIO PEDRO

A' beira da estrada, batida do sol e da chuva, exposta ao graniso, sem arvores em torno, sem uma horta, sem um jardim, isolada na planicie limpa quasi árida, ficava a choupana do tio Pedro.

Ladino, indolente e supersticioso, o velho possuia apenas essa palhoça, uma vacca, que a mulher ordenhava nos felizes tempos de cria, e um cão leproso, que latia muito á lua mas que não mordia. Nada mais.

De que vivia o casal ? De uma chaga que o tio Pedro tinha na perna e que alimentava, mantendo-a sempre aberta, roxa e pustulosa, com o succo irritante de hervas causticas. Quatro farrapos em torno, a perna exposta á porta, mostrando aos transeuntes a nojenta ulcera coberta de pús e de moscas, e eis a fonte de renda que dava a pitança ao

casal. De resto uma velha carabina auxiliava a caridade publica fornecendo para os dias de festa pratos saborosos de caça do campo. O podengo mantinha-se á custa do proprio esforço, perseguindo o tatú na planicie e mendigando ossos, aqui e ali, pelas herdades da visinhança. Quanto á vacca, tinha sempre na frente do seu estomago a vasta extensão da campina onde retouçava o broto tenro da *barba de bóde.*

A chaga do tio Pedro começara pequenina e insignificante. Um dia, ao saltar uma cerca, um espinho entrara-lhe na perna esquerda, um pouco acima do tornoselo. Tio Pedro sentiu a dôr mas não fez caso. No dia seguinte, a perna estava vermelha, bastante quente e inflammada e todavia no logar onde entrara o espinho só havia um ponto escuro, um pequenino ponto azulado, que lembrava a picada de um alfinete.

Depois, esse ponto começou a purgar e a engrandecer, mas o calor passara. Volvido um mez, o ponto escuro já tinha o diametro de uma moeda de nickel de 100 réis, mas apresentava indicios de querer cicatrisar. Foi quando a mulher do tio Pedro — uma velhinha encarquilhada, mais ladina ainda do que o marido — attentando no tamanho da chaga, que lembrava o do nickel teve a ideia luminosa e pratica de extrahir nickeis da ferida. E expôz a sua ideia ao marido, que a achou explendida. Começaram então os dois na faina ardorosa de impedir a cicatrisação da chaga. Ao principio, lembraram-se da ortiga, cujos pellos excretam um liquido urente, que irrita e queima; e applicada a planta á chaga, esta effectivamente augmentou. Mas a ortiga produsia dôres, cousa de que o tio Pedro não gostava. Procuraram então outras hervas que, alimentando a chaga, não produsissem dôres. Com labôr e paciencia acharam. Estava garantida a subsistencia do casal.

Vagarosamente, maciamente, com a lentidão da lesma, começou essa chaga a lastrar pela perna acima como um lichen ; ao fim de alguns meses, tinha rodeado o tornozelo, e, passado um anno, já invadia a região da tibia e do peroneo até meio. Mas não doia e chamava o nickel. Todavia, á medida que a chaga augmentava, tio Pedro diminuia em peso e descorava ; mas, como na choupana não havia balança nem espelho e o appetite era bom, tio Pedro não se apercebia da fuga das côres nem do desfalque em kilogrammas. Pelo seu lado, a ardilosa mulher do tio Pedro, que tinha

o defeito organico de ser miope, tambem não via... senão a ferida, essa amada ulcera, que não fechava nunca e que lhe proporcionava meios de ter o estomago farto e de dormir noites tranquillas.

Demais, a magresa e a pallidez macilenta do velho augmentavam o effeito da chaga, armando á compaixão do transeunte, forçando-a dar com maior liberalidade a esmola.

Nessa exploração feliz, o casal atravessou trez annos sem soffrer privações: A ferida chegava então ao joelho, começava a dobrar a rotula e ameaçava invadir a coxa mal fornida de carnes. Quasi redusido á pelle e ao osso, tio Pedro já sentia uma fraquesa que o intimidava. Foi quando elle percebeu que o peso lhe mingoava e que, com a fuga do peso, o alento desapparecia.

Teve então a ideia de impedir a marcha ascendente da ulcera, redusil-a mesmo, fazendo-a retroceder até ao meio da perna. Assim como assim, tanto vinha o nickel com uma chaga de dois palmos, como uma de quatro pollegadas. Mas, ou porque a ferida já se habituasse a subir, ou porque a mulher do tio Pedro não descobrisse a herva que devia fazel-a descer, o certo é que a chaga lastrou sempre e, depois de galgar o joelho, invadiu francamente a coxa. E o peior é que, quanto mais mesinhas lhe applicavam para fase-a seccar e retrahir-se, mais ella purgava, avançando sempre.

No começo do inverno, quando a primeira geada cobriu a planicie, crestando as hervas tenras e devorando assim a provisão da vacca, tio Pedro percebeu que já lhe era difficil sahir da cama e arrastar-se até á porta da choupana para expôr a ulcera. Teve então a primeira suspeita do seu proximo fim e chamando a mulher pediu-lhe que procurasse um tabellião e o levasse á choupana.

Um tabellião !... para quê ?

Teria o tio Pedro uma fortuna occulta, conservada pela sua avaresa no fundo de algum buraco, sem que a mulher o soubesse jamais ?

O velho nada explicou e a mulher, sempre ladina, alentada pela esperança de uma riquesa inesperada, que depois da morte do marido viesse supprir a falta da chaga pingue, prestes a desapparecer para sempre, nada inquiriu. Foi ao povoado e de lá trouxe o tabellião.

O que se passou entre o notario e o moribundo, a mulher do tio Pedro só o soube depois que o velho fechou os olhos para sempre.

O finado tinha feito testamento e este testamento era assim redigido :

« Deixo uma vacca, uma espingarda e um cão ; á minha mulher deixo o cão, e do producto da venda da vacca e da espingarda mandará ella resar missas pelo descanço da minh'alma. »

Era só isto. Nada de mais conciso, nada de mais previdente, nada de mais liberal.

Sorridente e ironico, o tabellião perguntou á viuva se ella, como legataria e testamenteira, estava resolvida a satisfaser as disposições um tanto extravagantes e mesmo illegaes do testamento do seu defuncto marido. E a velha encarquilhada, sem mostrar pesar ne espanto, respondeu serenamente « que sim. »

Oito dias depois, realizava-se a feira mensal no povoado e a mulher do tio Pedro, de espingarda ao hombro, como uma vivandeira, tangendo na sua frente a vacca e acompanhada pela cão, seguiu para a feira e ali procurou logar asado para realizar a venda das cousas que levava.

Um comprador apresentou-se e indagou do preço da vacca.

— Dose vintens, respondeu, muito séria, a mulher do tio Pedro.

— Dose vintens ! !... repetiu o camponez, olhando admirado para a velha.

— Sim, senhor, dose vintens, nem mais nem menos, mas tem uma condição, respendeu a velhita, sem se perturbar com o olhar desconfiado do camponio.

— E qual é a condição ?

— E' esta : quem comprar a vacca ha de comprar tambem a espingarda e o cão.

— Hom'essa !...

— E' como lhe disse ; a vacca só será vendida juntamente com o cão e com a espingarda.

— E qual o preço, bôa mulher, da espingarda e do cão ?

— A espingarda — trese vintens, o cão — tresentos mil réis.

Cada vez mais espantado, sem comprehender o estratagema da legataria finoria, o camponio pôz as mãos nas

ilhargas e desatou a rir, a rir, de tal sorte, que attrahiu a attenção de toda a feira.

E dahi a pouco, toda a gente que alli estava, sabia este caso original e extranho ; que a viuva do tio Pedro exigia dose vintens pela vacca, trese pela espingarda, e tresentos mil reis pelo cão, *sub conditione, sine qua non*, de vender tudo ao mesmo comprador.

Como a vacca era nova, com fama de bôa leiteira e valia bem os tresentos mil e quinhentos réis (que era o preço de tudo), o camponez, depois de muito indagar inutilmente pela rasão da original exigencia da velha, fechou o negocio, pagando a quantia pedida, e da feira partiu levando a vacca, o cão e a espingarda.

Então, a viuva do tio Pedro, visivelmente satisfeita e com a consciencia tranquilla, foi em demanda da casa do vigario da freguesia e perguntou ao bom padre ;

— Senhor vigario, seria V. Revma capaz de diser, por quinhentos réis, uma missa por alma do meu Pedro, que Deus haja na sua santa guarda ?

O vigario, que ignorava o que se passara e que sabia das circumstancias precarias da velha, respondeu logo :

— Com todo o praser, bôa mulher ; onde não ha el rei o perde.

— Pois então, aqui tem os quinhentos réis, senhor vigario, e queira dizer a missa por alma do defuncto Pedro.

D'ahi, partiu logo para a casa do tabellião, com o fim de provar perante testemunhas que havia satisfeito as disposições testamentarias do seu finado marido.

E foi assim que a espertalhona viuva do tio Pedro demonstrou que o cão leproso, que o marido lhe deixara, valia quasi tanto como a chaga que ella alimentara durante trez annos, chaga essa que o velho, egoista e avaro sempre, levara para debaixo da terra, talvez com o intuito de explorar com ella, no outro mundo, a caridade das almas imbecis ou demasiado compassivas.

QUANDO ELLAS QUEREM...

Minha boa amiga.

Tenho um amigo velho que ama uma rapariga moça. E' uma linda mulher, que ainda não tem trinta annos, de

olhos e cabellos negros, como os seus, intelligente, perspicaz e elegante, como a minha boa amiga. O meu amigo velho é o que se póde chamar um *rapaz antigo*, mas vigoroso e desempenado, da alma ardente e phisico passavel. A sua paixão nasceu ha cerca de tres annos, desde que viu a linda mulher que o fascinou com os seus encantos. Quer elle saber de mim si deve um dia diser abertamente ao seu idolo que o ama, ou si deve conservar esse amor criminoso fechado, como até agora, no fundo da sua alma. Como pouco entendo do coração feminino, venho recorrer ao seu conselho. O que deve fazer o meu amigo ? Calar ou declarar-se ?

Fico á espera da sua resposta, certo de que a não recusará a quem tanto a admira e a estima tanto.

Rui.

Meu bom amigo.

E' original esta sua carta e, sem me surprehender, intrigou-me, não pelo que revela, mas por partir de si, *que é a prudencia personalisada.*

Tem um amigo velho, que ama uma rapariga moça, e quer que eu lhe diga si elle deve declarar o seu amor, ou guardal-o secreto no fundo da sua alma. Nada de mais difficil do que resolver o *seu* caso, ou antes, o caso do seu amigo. Para dar-lhe um conselho verdadeiramente sensato e util, seria preciso que eu conhecesse os dois — *elle* e *ella.*

Já sei que elle é um *rapaz antigo*, segundo a sua formula expressiva, vigoroso e desempenado, de alma ardente e phisico passavel, e sei tambem que ella é linda, elegante, intelligente e perspicaz.

Mas não sei si ella é facil ou difficil, exigente ou tolerante, ardente ou calma. Nada sei, emfim, do temperamento dessa mulher e, para resolver um caso como este, o temperamento é tudo, é quem dicta a resolução. Tambem ignoro tudo sobre o estado dos dois, si são casados, solteiros, ou viuvos.

Como vê, a carta está cheia de lacunas. Todavia, em principio, entendo que todo o homem, que ama, deve declarar o seu amor ao objecto amado. Que é que elle perde com isso ? Nada, e póde ganhar tudo.

Geralmente, as mulheres, por mais virtuosas que sejam (refiro-me às casadas), gostam que lhes façam a côrte, adoram o *flirt* e amam infinitamente as confissões. Isso afaga-

lhes o amor proprio e dá-lhes a certeza de que são bellas, de que têm encantos.

A meu vêr, o seu amigo nada arrisca, fazendo a declaração, salvo si a mulher amada, além de elegante, intelligente e bella, fôr excessivamente fria e apathica. Sel-o-á ? Queira dizel-o á sua boa amiga.

Marcella.

Minha querida amiga :

Tem razão ; a minha carta está cheia de lacunas, mas eu contava com a sua perspicacia para preenchel-as. De mais, dizendo-lhe que era *um amor criminoso*, pensei que isso bastasse para lhe dar a perceber que se trata de uma mulher casada. De facto, a mulher, que o meu amigo adora, além de bella, elegante, intelligente e perspicaz, é ainda, como a minha cara amiga, casada.

Quanto ao temperamento, creio que não errarei dizendolhe que é como o seu.

Facil ou difficil ? Eis o *busilis*. Julgo que o meu amigo é o primeiro que tenta essa conquista... depois do marido.

Precisará ainda de outras informações para dar-me um conselho sensato e seguro ?

Beijo-lhe as lindas mãos.

Rui.

Meu querido amigo.

Não, não preciso de outros esclarecimentos ; bastam os que já me deu para que possa dizer-lhe agora que o seu amigo « deve fazer, quanto antes, a sua declaração ». Já lh'o havia dito na minha anterior, não porém com tanta segurança, como agora, que já sei o que então ignorava ainda. Diga, pois, ao seu amigo que se declare, sem perda de tempo e « prophetize-lhe um successo, sob a minha responsabilidade. »

Mas que não fique isso em segredo, entre os dois. Já que me poz na confidencia, ou si quiser, na conspiração (porque ha no caso uma conspiração contra o indefeso marido), apraz-me saber agora si fui ou não um bom augure. Creiame sempre sua dedicada.

Marcella.

Minha adoravel amiga.

Levei o seu conselho ao meu amigo e o medroso relucta ainda. Porque ? Um escrupulo. O marido da mulher amada

prestou-lhe, um dia, um pequeno serviço. Este « nada » atemorisa, entibia o pobre *rapaz antigo*, fazendo-o parar e retroceder á porta da declaração. Depois, hesita tambem entre a declaração falada e a escripta e, neste sentido, pediu-me que a consultasse ainda. Evidentemente, elle quer ganhar tempo para vencer o escrupulo que o retem. E trata-se de um homem experimentado, de uma alma ardente !.. Veja como este sexo, que se diz forte, se acovarda, quando tenta abordar uma mulher superior e fascinadora !...

Mas, imagine que está vencido o escrupulo. Opina pela declaração falada ou pela escripta ? Queira responder sem demora ao seu constante admirador.

Rui.

Meu caro amigo.

Que tempo, que precioso tempo perdido em consultas inuteis !... O escrupulo de que me fala é evidentemente o pretexto para o seu amigo ganhar, não tempo, porque o está perdendo, mas coragem. Estou percebendo que esse rapaz *maduro* (permitta-me que tambem lhe dê a minha formula) é excessivamente timido. Diga-lhe que não perca um minuto e faça já a declaração. Falada ou escripta, pouco importa. A questão é fasel-a, o mais cedo possivel, *antes que venha outro e occupe o logar*. Eis o grande risco que o seu protegido está correndo. O meu bom amigo, por experiencia propria, não deve ignorar que, nestas coisas de amor, saber aproveitar a occasião, antecipar-se, é tudo...

Eis o que lhe posso dizer hoje e muito ás pressas, porque tenho na sala uma visita, que já me espera ha cinco minutos.

Com muito estima e alguma piedade.

Marcella.

Minha querida amiga.

Andei a illudil-a até hoje, mas agora que este complicado caso de amor já está tão adeantado e tão no seu dominio, sinto a imperiosa necessidade de dizer-lhe que a mulher, a encantadora mundana, que o meu amigo adora, é... Marcella, a minha boa amiga a quem estou escrevendo estas linhas.

Adivinhou quando presumiu que se tratava de um homem excessivamente timidó.

Como acaba, de vêr, o meu pobre amigo não teve a cora-

gem precisa para dizer-lhe em face que a ama doidamente e encarregou-me de transmittir-lhe essa confissão.

Surprehende-se, ou já contava com a declaração ?

Diga-m'o, para que eu saiba o que devo dizer a esse bisonho rapaz antigo, *que é o melhor amigo* do seu affeiçoado.

Rui.

Meu bom e querido amigo.

Eis ahi o que os francezes chamam « midi a quatorze heures ».

Esta sua ultima carta, na qual, por uma inexplicavel inadvertencia, não vem citado o nome do seu amigo, disse-me claramente, quasi ás escancaras, o que eu havia já percebido veladamente na primeira, o que eu havia já comprehendido, mesmo antes da primeira, pelos seus olhares, pelos seus apertos de mão, pela sua *gaucherie* junto a mim.

A minha primeira resposta, com phrases sublinhadas, tel-o-ia feito comprehender que eu havia percebido o *truc*, si o *rapaz antigo* não tivesse ficado muito perturbado com ella. A sua excessiva timidez nem parece de um *rapaz antigo*, ou antes, parece de um rapaz *antigo de mais*, o que, felizmente, o meu querido amigo não é. Não fôra ella e, decerto, teria voado a mim para me diser logo o que lhe levou tantos dias a expôr, aos pedacinhos, como quem dicta trechos de um thema complicado a meninos de escola.

Mas, confesso-lhe, isso não deixou de ter seu encanto para mim, que gosto immensamente de assistir ao desabrochar das flores, e portanto, dos sentimentos, acompanhando a sua evolução até á fórma definitiva. O seu foi lento, e, por isso mesmo, correu algum perigo. Felismente para si, ainda achou vago o logar em que quiz fixar-se. Do que não precisava era de passar tantos dias sem vir vêr-me. Contentava-se com as minhas cartas ?

Pois bem, uma vez que está vencido o escrupulo e que já sabe o que queria saber (não lhe havia eu prophetisado um successo ?) venha vêr-me, venha repetir-me, com a sua voz sonora e bem mascula, tudo o que me mandou diser na sua primeira carta... mas, pondo os verbos na primeira pessoa.

Entre as tres e as quatro horas, ha de achar-me no meu jardim, onde, como sabe, ha logares sombrios e frescos, co-

lhendo a rosa, que desejo collocar na sua *boutonnière*, para que a conserve ahi até que murche, como uma lembrança bem terna da sua amada.

Marcella.

A rosa durou algumas horas na *boutonnière* de Rui. O amor de Marcella esse durou pouco mais do que a rosa, porque atrás de Ruy veiu um outro que, menos « rapaz antigo » e positivamente mais audaz e expedito do que elle, assediou a praça e conquistou o logar...

Nestas coisas de amor, não perder tempo é tudo, segundo a valiosa opinião de Marcella e de outras não menos avisadas do que ella.

Já, antes de Marcella, havia dito isto um homem profundamente sensato — o dr. Pangloss — quando iniciava o seu discipulo Candido nos misterios do coração feminino, no louvavel intuito de o tornar feliz junto ás mulheres e no melhor dos mundos.

Junho, 1907.

QUANDO ELLAS NÃO QUEREM...

Vinhamos do Cercle. Pela vigesima vez, Octavio repetiame a phrase :

— E' estupido, positivamente, é estupido perder ao jogo...

— E ganhar ?

— Ainda mais estupido.

— Então, para que jogas ?

— Para matar o tempo, para esquecer...

—Degostos ?

— Sim, uma mulher...

— Já sei, a Silvia.

— Quem t'o disse ?

— Não ha em Paris quem o não saiba.

— Não ha quem o não saiba e todavia...

— Nunca o disseste a ninguem, bem sei ; mas disse-o ella, provavelmente, ou aquelles que notaram de ha muito a tua assiduidade junto a ella... Essas coisas difficilmente se occultam, meu caro.

Octavio parara e, depois de morder nervosamente a ponta de um charuto, que tinha entre os dedos, respondeu :

— Não é provavel que tenha sido ella ; conheço-a, não é vaidosa...

E, após nova pausa, accrescentou :

— Daria tudo por esquecel-a e não posso...

— Esquecel-a !... Perdeste, então, de todo a esperança ?

— Completamente.

— E, no emtanto, passas por ser o amante !

— E' possivel, mas não o sou, e, provavelmente, não o serei jámais...

Cahia a neve. A um signal de Octavio, o automovel, que o esperava no *boulevard*, approximou-se, e o *chauffeur* desceu para abrir-lhe a porta.

— Si não tens somno, nem trabalho urgente para faser esta noite, vem commigo. Quero mostrar-te umas coisas. Levar-te-hei depois a casa. Ainda é cedo.

Entrei e sentei-me ao lado de Octavio.

O automovel partiu, e, minutos após, estavamos num pequeno gabinete da *garçonnière* do meu amigo, na Avenida dos Campos Elyseos.

— Vê isto :

E passou-me um bello retrato de mulher, com esta dedicatoria em baixo : « Ao querido Octavio, pelo bem que me tem feito, pelo bem que me quer — Silvia. »

— Mas esta dedicatoria...

— E' carinhosa, sei-o ; lê, porém, esta carta, que recebi depois, e verás como as illusões desabam todas.

A carta, da qual posteriormente tirei cópia, era esta :

Meu querido amigo.

Não ha nada mais desagradavel nem mais atormentador do que desenganar alguem e eu preciso desenganal-o. Começo por confessar que lhe devo muito, que lhe devo tudo o que sou, tudo o que possúo. Foi o meu querido Octavio quem me fez artista, quem me lançou, quem chamou para mim a attenção dos criticos, quem lhes pediu, primeiro, indulgencia e animação, depois, applausos. Eu não passaria nunca de uma mediocre professora de desenho, si, um dia, o meu devotado amigo não me tivesse apparecido e, com todo o seu faro artistico e a sua perfeita intuição, não tivesse descoberto em mim o arcabouço de uma aquarellista. Nada seria ainda, si o meu bom amigo não me tivesse

dado mestres, montado um *atelier* e fornecido todos os meios para estudar e progredir. Foi com o seu valioso empenho que tive entrada no *Salon* e que ahi obtive, no primeiro anno, uma menção honrosa, e, logo no seguinte, a minha primeira medalha.

Foi ainda com o seu ardil generoso (que casualmente um dia descobri) de comprar as minhas primeiras *gouaches* em nome de outros, pagando-as como um nabado, que consegui recursos e criei coragem para trabalhar, na doce illusão de conquistar um nome e de ter cotação entre os artistas de valor real. Durante annos, tive-o sempre a meu lado, vendo-me trabalhar, dando-me conselhos bons, corrigindo-me, ás vezes melhor do que os meus mestres, soccorrendo-me com alvitres felises. Sob a sua inspiração, produsi os melhores dos meus *pasteis*, as mais lindas e perfeitas das minhas *miniaturas*, *aquarellas* e *gouaches*, que hoje me dão uma reputação que já quer emparelhar com a de Louise Abbema, a impeccavel. Sinto que o futuro me abriu as suas portas e que eu posso enveredar por elle sem receio. Os meus trabalhos já são procurados, disputados mesmo e bem pagos. Vejo-os com ufania reproduzidos no *Figaro Illustré*, no *Black and White*, no *Studio*, no *Femina*, em todas as revistas de arte, nacionaes e extrangeiras.

Todos os meses, todas as semanas, recebo encommendas de amadores londrinos, yankees, flamengos e da fina flor da sociedades franceza. Todos querem possuir trabalhos meus. A fortuna e a gloria sorriem-me. Tudo isto lhe devo, a si, exclusivamente a si, meu caro Octavio, e quero confessal-o para que me não supponha uma ingrata. Não, pelo amor de Deus, não me julgue ingrata, agora que sou forçada a desenganal-o, a diser-lhe o que tanto me custa.

Durante annos, repito e sinto prazer em repetil-o, viveu junto a mim, dando-me o seu conselho e a sua inspiração, animando-me, distinguindo-me com a sua amisade paternal, e não exigindo de mim mais do que a retribuição desse bom e terno affecto. Como fui feliz, sentindo-me tranquilla junto de si, protegida por si, certa de que não abusaria jamais da minha inexperiencia, da minha fraquesa, da minha illimitada confiança na fidalguia do seu caracter. Mas, ai ! um dia veiu em que quiz aquillo que eu lhe não posso dar, porque, meu Deus, não o amo, embora reconheça, que me ama muito, embora sinta que deveria amal-o.

Desde então, a confiança que em si depositava abandonou-me, perdi a tranquillidade, comecei a ter medo de estar junto de si. Já não posso hoje, como outr'ora, tomar o cavallete e os pinceis e seguir comsigo, nas manhãs radiosas da primavera e do estio, para os campos de Saint-Cloud ou para os bosques de Versailles e de Fontainebleau e alli passar horas, dias inteiros, trabalhando a seu lado, serenamente, despreccupada e confiante, pondo na minha tela, com amor e delicia, a agua, o céo, as arvores, as flores e a relva esmeraldina dos prados. Tambem, como outr'ora, já não posso hoje voltar comsigo dessas encantadoras e deliciosas excursões, e, pelo seu braço, entrar num restaurante para jantar em gabinete particular e abraçal-o e beijal-o depois no momento da despedida.

Tudo isso que, então, eu fasia, sem receio e sem offensa ao meu pudor, já o não posso fazer hoje, que sei que me ama e que almeja a minha posse.

E porque não hei de amal-o tambem, eu, que tanto lhe devo, que tanto lhe quero ? Embalde me tenho esforçado por vencer esta incomprehensivel idiosincrasia, que gela os meus sentidos, que apaga em mim a sensualidade, que me torna fria, insensivel ás caricias amorosas, incapaz de amal-o, como o meu querido Octavio ha de desejar que o ame ; porque me parece que não ha de querer ter em mim sómente, a esposa, mas tambem a amante. Si me tornasse sua esposa, creia, meu bom amigo, não conseguiria, como Pigmalion, animar a estatua e certamente não encontraria a Venus protectora, que fizesse circular o sangue ardente nas veias marmoreas da Galathéa amada. Habituei-me a querer-lhe demasiadamente como filha, não posso, pois, querer-lhe como amante. Seria preciso, talvez, pôr o meu coração ás avéssas o que não consigo faser. E' uma tortura, acredite. E, todavia, sou livre, não amo outro homem, juro-lho ; só amo a minha arte, que me absorve toda, que me empólga, que me fascina. Eis ahi o seu rival — a arte — o rival que o meu querido amigo mesmo creou, que me atirou nos braços, que me forçou a amar apaixonadamente.

E' este que o vence, talvez. Si não posso desviar delle o meu ardente affecto para dal-o a si, como tanto deseja, meu bom Octavio, não me culpe por isso ; queixe-se antes de si proprio e não me supponha ingrata, que o não sou, nem o serei jámais. Quero-lhe muito, repito, mas quero-lhe

como filha, como irmã, como amiga sincera e é de certo por isso que não posso transformar este sentimento, ha tantos annos arraigado no meu coração, no outro que de mim exige agora, por ventura mais doido e mais inebriante, mas, sem duvida, tambem menos pertinaz e menos leal.

Quanto me foi doloroso fazer-lhe esta confissão ! Comprehenda, porém que a fiz com a alma a sangrar. Beijo-lhe as mãos, eternamente reconhecida.

Silvia.

— Mas esta carta é carinhosissima, meu caro. E' um documento de alta valia para ti e que dá a medida do caracter elevado, da alma peregrina dessa mulher. Começo a veneral-a desde hoje. E' um ser superior.

— Sim, não o négo. E' um ser superior e é por isso mesmo qae a amo ; e, amando-a doidamente, não me posso conformar com a situação que ella me quér impôr de amal-a sem esperança, desistindo de possuil-a, renunciando a darlhe o meu nome. Ella é uma obra minha, comprehendes, e portanto minha deve ser para todo o sempre. Não me sujeito a este deprimente papel de namorado sem ventura, nem me resigno a vêl-a um dia possuida por outro.

— E por isso jogas ?

— E por isso jogo, como beberia, si não tivesse horror ao alcool.

Os labios de Octavio tremiam. Após uma pequena pausa, indaguei :

— E ficou nessa carta ? Foi ella o ponto final ?

— Não ; insisti, roguei, implorei-lhe, com as lagrimas nos olhos, que me fisesse a esmola do seu amor, que fingisse, ao menos, amar-me um poucochinho.

— E ella ?

— Recusou sempre, pertinaz, obstinadamente, allegando que seria uma indignidade illudir-me e illudir-se. Ella não me ama e sente que não póde amar-me, porque tem por mim um exaggerado affecto filial. Esse affecto é a terrivel muralha que se interpõe entre os seus sentidos e a sua alma. Perdi de todo a esperança de chamal-a aos meus braços e, todavia, passo aos olhos de toda a gente por ser o amante dessa mulher ! Vê tu que ironia da sorte !

Passava das duas horas da madrugada quando deixei

a *garçonnière* de Octavio, pensando melancolicamente, no triste destino desse bondoso millionario, e nessa mulher superior e excepcional que, para ser sincera e fiel á sua dignidade e ao seu pudor, sacrificava o amor do homem que a arrancára do nada e lançava ás ortigas a fortuna colossal que elle lhe offerecia de envolta com um nome puro e honrado, preferindo o trabalho honesto e a ascenção para a gloria a todos os gosos da abastança, sem labor e sem fadiga !

Isto em Paris onde, dizem os mal intencionados, não ha mulheres honestas e onde todas são excessivamente ambiciosas e frivolas !...

CADEIRA TOBIAS BARRETO

— TOBIAS BARRETO (1839-1889) natural de Serjipe ; poeta, critico, filosofo, jurista, orador e professor ; um dos homens de mais vasta erudição do pais. Escreveu *Ensaios e estudos*, *Questões vijentes*. *Estudos alemães*, *Dias e noites* (versos) *Menores e loucos*, etc. obras quasi todas postumas, editadas e dirijidas por seu grande e intimo amigo Silvio Romero. Foi entre nós um iniciador, na poesia (escola *condoreira*) na filosofia (*monismo*) na critica e na jurisprudencia (ideas alemãs de Ihering, H. Post, etc.)

GRAÇA ARANHA

GRAÇA ARANHA naceu no Maranhão em 1869. Professor de direito, majistrado e diplomata. Hoje, ministro plénipotenciario em Haya (1913).

O seu livro de estrea foi o romance *Chanaan* (ed. Garnier) obra principalmente de filosofia e de ideas geraes (1902). E' auctor do *Malazarte*, drama symbolico (1911).

AS RAÇAS E O PROGRESSO

MILKAU. — Um dos erros dos interpretes da historia está no preconceito aristocratico com que concebem a idéa de raça. Ninguem, porém, até hoje soube definir a raça e ainda menos como se distinguem umas das outras ; fasem-se sobre isto jogos de palavras, mas que são como esses desenhos de nuvens que ali vemos no alto, aparições fantasticas do nada... E, depois, qual é a raça privilejiada para que só ella seja o teatro e o ajente da civilisação ? Houve um tempo na historia em que o semita brilhava em Babilonia e no Egipto, o hindú nas marjens sagradas do Ganges, e elles eram a civilisação toda, o resto do mundo era a nebulose de que se não cojitava. E, no emtanto, é junto ao Sena e ao Tamisa que a cultura se exgota hoje n'uma volupia farta e alquebrada. O que eu vejo n'este vasto panorama da historia, para que me volto ancioso e interrogante, é a civilisação deslocando-se sem interrupção, indo de grupo a grupo atravez de todas as raças, n'u-

ma fatal apresentação gradual de grandes trechos da terra, á sua luz e calor... Uns se vão iluminando, emquanto outros decem ás trevas...

LENTZ. — Até agora não vejo probabilidade da raça negra atinjir a civilisação dos brancos. Jamais a Africa...

MILKAU. — O tempo da Africa chegará. As raças civilisam-se pela fusão ; é no encontro das raças adeantadas com as raças virjens, selvajens, que está o repouso conservador, o milagre do rejuvenescimento da civilisação . O papel dos povos superiores é o instintivo impulso do desdobramento da cultura, transfundindo de corpo a corpo o produto d'essa fusão que, passada a treva da gestação, leva mais lonje o capital acumulado nas infinitas gerações. Foi assim que a Gallia se tornou França e a Germania, Allemanha.

LENTZ. — Não acredito que da fusão com especies radicalmente incapases resulte uma raça sobre que se possa desenvolver a civilisação. Será sempre uma cultura inferior, civilisação de mulatos, eternos escravos em revoltas e quédas. Emquanto não se eliminar a raça que é o produto de tal fusão, a civilisação será sempre um misterioso artificio, todos os minutos rotos pelo sensualismo, pela bestialidade e pelo servilismo inato do negro. O problema social para o progresso de uma rejião como o Brazil, está na substituição de uma raça hibrida, como a dos mulatos, por europeus. A imigração não é simplesmente para o futuro da rejião do pais um caso de simples estetica, é antes de tudo uma questão complexa, que interessa o futuro humano.

MILKAU. — A substituição de uma raça não é remedio ao mal de qualquer civilisação. Eu tenho para mim que o progresso se fará n'uma evolução constante e indefinida. N'esta grande massa da humanidade ha nações que chegam ao maior adeantamento, depois definham e morrem, outras que apenas esboçam um principio de cultura para desaparecerem imediatamente ; mas o conjunto humano, formado, dos povos, das raças, das nações, não pára em sua marcha, caminha progredindo sempre, e os seus eclipses, os seus desmaios não são mais que periodos de transformações para epocas fecundas e melhores. É a fatalidade do Universo que se cumpre n'esse todo que é uma parte d'elle... Quando não ha um trabalho á flôr das causas, luminoso e doce, ha uma elaboração subterranea, tenebrosa e forte.

Ás veses, é n'um ponto isolado da superficie que se dá a opacidade das trévas, e pela fusão um povo ai se fórma recapitulando a civilisação desde o seu ponto inicial e preparando-se para levar o progresso mais lonje que os povos geradores...

LENTZ. — Como ? Então o contacto dos povos da arte com os selvajens determina um precipitado que excede áquelles na capacidade estetica ?

MILKAU. — A arte, Lentz, póde diminuir ou aumentar em alguma das suas expressões, segundo varias solicitações do meio e da epoca, mas pelo facto de não florecer certa fórma de Arte, o progresso artistico não deixa de ser maior. Si a verdade estivesse na conclusão contraria, então a humanidade teria retrocedido depois do periodo do grego, e da renacença, porque até agora a historia não conta epocas tão felises para a Escultura e para a Pintura.

LENTZ. — Mas toda a questão está na compreensão do progresso moral.

MILKAU. — Quando a humanidade partiu do silencio das florestas para o tumulto das cidades, veiu descrevendo uma longa parabola da maior escravidão á maior liberdade. Todo o alvo humano é o aumento da solidariedade, é a ligação do homem ao homem, diminuidas as causas de separação. No principio era a força, no fim será o amor.

LENTZ. — Não, Milkau, a força é eterna e não desaparecerá ; cada dia ella subjugará o escravo. Essa civilisação, que é o sonho da democracia, da fraternidade, é uma triste negação de toda a arte, de toda a liberdade e da propria vida. O homem deve ser forte e querer viver, e aquelle que um dia atinje a conciencia de sua personalidade, que se entrega a uma livre expansão dos seus desejos, aquelle que na opulencia de uma poesia majica crêa para si um mundo e o gosa, aquelle que fas tremer o solo, e que é elle proprio uma floração da força e da belesa, esse é homem e senhor. O fim de toda a sua vida não é a ligação vulgar e mesquinha entre os homens ; o que elle busca no mundo é realisar as expressões, as inspirações da Arte, as nobres, indomaveis enerjias, os sonhos e as visões do poeta, para condusir como chefe, como pastor, o rebanho. Que importa a solidariedade e o amor ? Viver a vida na egualdade é apodrecer n'um charco...

MILKAU. — Toda a marcha humana é uma aspiração da

liberdade ; esta é o verdadeiro apoio, o estimulo, a rasão de ser de uma sociedade. A ordem não é um principio moral ; é apenas um factor preexistente e indispensavel ao conceito social ; não póde haver sociedade sem ordem, como calculo sem numeros ; a harmonia existirá por momentos, mesmo n'um rejimen da escravos e de senhores, mas será instavel, e sem a liberdade não ha ordem possivel ; a busca e a realisação da liberdade como fundamento da solidariedade são o fim de toda a existencia... Mas para ai chegar, que caminho não percorreu o homem !... A liberdade é como a propria vida, nasce e crece na dôr...

LENTZ. — Oh ! mas essa dôr deita gotas de amargura sobre a vitoria. Não, o verdadeiro homem é o que se libertou de todo o sofrimento, aquelle cujos nervos não se contráem na agonia, o que é soberano, o que é omnipotente, o que tem sua integridade completa e fulgurante ; o que não ama, porque o amor é um desdobramento doloroso da personalidade.

MILKAU. — O que nos une solidariamente na humanidade é o sofrimento. Elle é a fonte do amor, da relijião e da arte, e não se póde substituir a sua conciencia fecunda pelo imperio de uma sensibilidade feroz.

LENTZ. — Quanto a mim, penso que devemos voltar atraz, apagar até aos ultimos traços as manchas d'esta civilisação de humildes, de sofredores, de doentes, purificar-nos do seu veneno, que nos mata depois de nos entristecer.

MILKAU. — Eu vejo na exaltação das tuas palavras que ha em nós uma tristesa diversa deante do quadro da vida dos homens... mas sempre tristesa e dezespero. O mal é universal, ninguem está satisfeito por estes tempos ; todos se lamentam, e nem senhores, nem escravos, nem ricos, nem pobres, nem cultivados, nem simples têm o seu quinhão de alegria, de satisfação, como queriam. E quando n'uma sociedade o individuo sofre, essa gota de agonia é bastante para condemnar todo o fundamento da communhão. Ha uma crise em tudo, o proprio solo é vacilante e tremulo, o mundo está abalado, a atmosfera é irrespiravel. No meio de confusas aspirações, n'este contacto extranho de sentimentos tão varios, póde-se acaso fundar a harmonia socegada e doce da vida ? A relijião foi-se ; ella é do tempo e, como o proprio tempo, uma vez perdida, não volta mais... Uma civilisação de guerreiros persiste no meio do surto da alma paci-

fica do homem. Tudo se confunde, se mistura e se repele n'um torvelinho de desespero... A sombra do passado penetra demasiado na morada do homem moderno e enche-lhe a casa de espectros e visões, que o detêm e o perturbam. E o futuro, mensajeiro do gesto consolador, vem avançando a medo como um ladrão noturno... Mas eu não esperei o seu passo vacilante e tardo : despi a minha roupajem pesada, e lepido então fui buscar o perfume e os alimentos que, vagaroso e divino, elle vem trazendo aos homens. E como dentro em mim é doce a salvação!

LENTZ. — E para ai chegares ?... Deixaste patria, familia, sociedade, uma civilisação superior ?

MILKAU. — Deixei o que era vão.

LENTZ. — E á Europa, e á Allemanha nada mais te prende ?

MILKAU. — Sómente o que ellas têm de grande no Passado. Mas isto é o incorporeo, é o invisivel, e eu não preciso de me sentar sobre as ruinas para amal-o. E' a obra da imajinação e da memoria. O meu culto ao que é humano e ativo, reside na dupla conciencia da continuidade e da indefinidade do progresso. O que a Europa nos mostra, como fórma da vida, é apenas um prolongamento desharmonico das forças de hontem e das solicitações do presente.

O PRESENTE

E Milkau disse ao brazileiro :

— Essa Europa, para onde d'aqui se voltam os vossos longos olhos de sonhadores e moribundos, as vossas cançadas almas, cobiçosas de felicidade, de cultura, de arte, de vida, essa Europa tambem sofre do mal que desagrega e mata. Não vos deixeis deslumbrar pela exhausta pompa de sua civilisação, pela força inutil dos seus exercitos, pelo lustre perigoso doseu genio. Não a temaes nem a invejeis Como vós, ella está no desespero, consumida de odio, devorada de separações. Ainda ali se combate a velha e tremenda batalha entresenhores e escravos... Não ha calma para a conciencia, não ha tranquilidade no goso, quando ao vosso lado sempre alguem morre de fome... E' uma sociedade que acaba, não é o sonhado mundo que se renova todos os dias, sempre joven, sempre belo. E ainda para manter taes ruinas, os governantes armam homens contra homens e entre-

têm-lhes os ancestraes apetites de lobos com a pilhajem de outras nações. Tudo o que se apresenta á flor da. Vida não corresponde mais aos fundamentos da Vida... As leis, nascidas de fontes impuras para matar a liberdade fecunda não exprimem o novo direito ; são o escudo perturbador do governo e da riquesa, e quem diz autoridade diz posse, diz servidão e destruição. Por taes leis os povos chegaram a esse excesso de grandesa que é o primeiro toque da decadencia. Por ellas tudo se baralha, toda a humanidade parece sem raises na terra, passando como si estivesse para morrer, sem cuidar dos que vêm surjindo apoz. Está vacilante, inquieta, n'esse momento indeciso em que não teme mais a justiça vingadora e postuma, que amedrontava no passado os espiritos, e nem pratica a maravilhosa justiça que vae chegar amanhã para dar a todos o que é de todos.

« Nada corresponde ao Tempo. O espirito que morreu, ainda anima debilmente o mundo... As raças deixaram de ser guerreiras e ainda se armam !... Os povos abandonaram a relijião e conservam os templos e o sacerdocio... A arte não exprime a vida, nem a alma do momento ; a poesia volta-se para o passado e a sua lingua subtil, fina e mesquinha sem seiva nem vigor, não é a lamina poderosa e refuljente onde se reflete a imajem dos novos homens. E por tudo isto que enlanguece e definha, passa o veneno sensual, morbido e perfido, tirando a força ao homem e a bondade ao leite da mulher... Não a temaes, que vos não póde escravisar ; antes que se erga contra vôs, ella se despedaçará. Não lonje, os seus exercitos não se poderão mover, pois como a essas figuras carbonisadas desentranhadas da terra da passado, um sopro de vento os redusirá a pó, o sopro bemfasejo que tudo invade, tude vence, como o bafo sagrado das divindades do futuro, e que são as forças redentoras da ciencia, da industria, da arte, da intelijencia, do odio e do amor e de mil outras potencias ainda incognitas, misteriosas e santas...

O FUTURO

— Não te cances em vão... Não corras... E' inutil... A terra da Promissão, que eu te ia mostrar e que tambem ancioso buscava, não a vejo mais... Ainda não despontou a Vida. Paremos aqui e esperemos que ella venha vindo no

sangue das gerações redimidas. Não desesperes. Sejamos fieis á doce ilusão da Mirajem. Aquelle que vive o Ideal contráe um emprestimo com a Eternidade... Cada um de nós, a soma de todos nós, exprime a força creadora da utopia ; é em nós mesmos, como n'um indefinido ponto de transição, que se fará a passajem dolorosa do sofrimento. Purifiquemos os nossos corpos, nós que viemos do mal orijinario, que é a Violencia... O que seduz na vida, é o sentimento da perpetuidade. Nós nos prolongaremos, desdobraremos infinitamente a nossa personalidade, iremos viver lonje, muito lonje, na alma dos decendentes... Façamos d'ella o vaso sagrado da nossa ternura, onde depositaremos tudo o que é puro, e santo, e divino. Aproximemo-nos uns dos outros, suavemente. Todo o mal está na Força e só o Amor póde condusir os homens...

« Tudo o que vês, todos os sacrificios, todas as agonias, toda as revoltas, todos os martirios são fórmas errantes da Liberdade. E essas expressões desesperadas, angustiosas, passam no curso dos tempos, morrem passajeiramente, esperando a hora da resurreição... Eu não sei si tudo o que é vida, tem um ritmo eterno, indestructivel, ou si é informe e transitorio... Os meus olhos não atinjem os limites inabordaveis do Infinito, a minha visão se confina em volta de ti... Mas, eu te digo, si isto tem de acabar para se repetir em outra parte o ciclo da existencia, ou si um dia nos extinguirmos com a ultima onda de calor, que venha do seio maternal da Terra ; ou si tivermos de nos despedaçar com ella no Universo, desagregar-nos, dissolver-nos na estrada dos céos, não nos separemos para sempre um do outro nesta atitude de rancor... Eu te suplico, a ti e á tua ainda inumeravel geração, abandonemos os nossos odios destruidores, reconciliemo-nos antes de chegar ao instante da Morte...

ELEGIA

« Não, eu não te fujo, doce Tristesa ! Tu és a reveladora do meu ser, a rasão da minha enerjia, a força do meu pensamento. Sobre ti me reclino, como si fôras um insondavel e voluptuoso abismo ; tu me atráes, e estendo-te os braços n'esse doloroso e invencivel amor, com que o sonho ama

o passado, a morte ama a vida. Antes de te conhecer, perfida ilusão me entorpecia os sentidos, e a minha frivola existencia foi a lugubre marcha do inconciente risonho por um caminho de dôres. N'esse momento eu ainda te não buscava, sol moribundo ! No meu rosto se estampava o riso continuo e fatigante, e elle afastava de mim os homens, para quem a eterna alegria é morte... Mas tu, Tristesa, não estavas lonje. Tu te sentaste á minha porta, n'uma postura de resignação e silencio. E como esperaste ! Um dia a alegria, de cansada, se extinguiu, e então sôou para mim a hora da paz e da calma. Entraste. E como desde logo amei a nobresa do teu gesto ! Oh ! Melancolia ! minha alma é a morada tranquila onde reinas docemente. »

Milkau caminhou ainda iluminado pelos ulimos clarões da luz. No céo não passavam mais os bandos das aves. O sol resvalára de todo no fundo do orisonte. A arajem se calára... O debil vajido da cachoeira ia-se perdendo para sempre. E Milkau cismava :

« A dôr é boa, porque faz despertar em nós uma conciencia perdida ; a dôr é bela, porque une os homens. E' a liga intensa da solidariedade universal. A dôr é fecunda, porque é a fonte do nosso desenvolvimento, a perene creadora da poesia, a força da arte. A dôr é relijiosa, porque nos aperfeiçôa, e nos explica a nossa fraqueza nativa.

« Tristesa: tu me fases ir até ao fundo das remotas raises do meu espirito. Por ti compreendo a agonia da vida ; por ti, que és o guia do sofrimento humano, por ti, faço da dôr universal a minha propria dôr... Que o meu rosto não mais se desfigure pelas visajens do riso cansado e matador, dá-me a tua serenidade, a tua séria e nobre figura... Tristesa, não me desampares.., Não deixes que ó meu espirito seja a presa da vã alegria.., Curva-te sobre mim ; envolve-me com o teu véo protetor.., Conduse-me, oh ! bem-faseja ! aos outros homens... Tristeza salutar ! Melancolia... »

PANTEISMO

LENTZ. — Não, não ! A vida é a luta, é o crime. Todo o goso humano tem o sabor do sangue, tudo representa a vitoria e a expansão do guerreiro. Tu eras grande quando a tua sombra sinistra de solitario passeava nos Alpes e

amedrontava os ursos. Mas quando o amor penetrou em ti, começaste a minguar ; a tua figura de homem vae-se apagando, e eu verei o teu semblante um dia sem luz, sem vida, sem força, mirrado pasto da tristesa.

MILKAU. — O principio do amor me sustenta e proteje. Eu sou d'aquelles que foram por elle consolados... Ia terminar o drama intimo do meu espirito e concluir-se a passajem dolorosa de um estado de moral hereditaria para uma consciencia pessoal. Reflectindo sobre a condição humana, o meu pensamento se esclareceu, quando vi a marcha da humanidade partindo da escravidão inicial... No principio era o cáos ; massas informes apresentavam-se como manchas de nebuloses cobrindo a terra : pouco a pouco d'esta confusão cosmica os homens se destacaram, e as personalidades surjiram, emquanto os outros ainda jasem informes na materia geradora. Mas um dia chegará tambem para estes a hora da creação ; o amor os reclamará á vida, pois crear homens é a sua obra. Um dia será a subordinação de tudo a todos para maior liberdade de cada um. É a parabola que descreve a vida, da grande escravidão para a maior individualidade.

LENTZ, *olhando a floresta.* — Vê como tudo te desmente. Esta mata que atravessamos é o fruto da luta, a vitoria do forte. Cem combates travou cada arvore d'estas para chegar á sua esplendida florecencia ; a sua historia é a derrota de muitas especies, a belesa de cada uma é o preço da morte de muitas cousas que desde o primeiro contacto da semente poderosa foram destruidas... Como é magnifica aquelle arvore amarela !

MILKAU. — O ipê, o sagrado páo d'arco dos gentios d'esta terra...

LENTZ. — O ipê é uma gloria de luz ; é como uma umbela dourada no meio da nave verde da floresta ; o sol queima-lhe as folhas e elle é o espelho do sol. Para chegar áquelle esplendor de côr, de luz, de expansão carnal, quanto não matou o belo ipê... A belesa é assassina e por isso os homens a adoram mais... O processo é o mesmo por toda a parte ; e o caminho da civilisação é tambem pelo sangue e pelo crime. Para viver a vida é preciso ir até ao ultimo gráo de enerjia, é preciso não a contrariar. Aquelles que crusam as armas, são os mortos. Os grandes seres absorvem os pequenos. É a lei do mundo, a lei monarquica ; o mais forte

atráe o mais fraco ; o senhor arrasta o escravo, o homem a mulher. Tudo é subordinação e governo.

MILKAU, *olhando a mata.* — A naturesa inteira, o conjunto de seres, de cousas e homens, as multiplas e infinitas fórmas da materia no cosmos, tudo eu vejo como um só, immenso todo, sustentado em suas infimas moleculas por uma coesão de forças, uma reciproca e incessante permuta, n'um sistema de compensação, de liga eterna, que faz a trama e o principio vital do mundo organico. E tudo concorre para tudo. Sol, astro, terra, inseto, planta, peixe, féra, passaro, homem, formam a cooperação da vida sobre o planeta. O mundo é uma expressão da harmonia e do amor universal. (*E apontando para a vejetação no alto de uma rocha.*) Na verdade, a vida dos homens na terra é como a d'aquellas plantas sobre a pedra. O cume da montanha era uma laje esteril, e sobre ella não frutificavam as sementes de arvores e de grandes plantas trasidas pelos passaros e pelos ventos. Um dia, emfim, touxeram elles sementes de algas e vejetaes primitivos, para os quaes o mineral da terra é um alimento. Muito tempo passado, quando aquellas sementes primeiro rejeitadas foram de novo para ali carregadas, já encontraram a terra formada pelas algas e sobre ella medraram, espalhando pulo chão a sombra, protejendo os primitivos moradores da pedra, que então ousaram crescer, entrelaçando-se nos troncos das arvores, no corpo de suas filhas. Do muito amor, da solidariedade infinita e intima, surjiu aquillo que nós admiramos : um jardim tropical expandindo-se em luz, em côr, em aromas, no alto da montanha núa, que elle engrinalda como uma corôa de triunfo... A vida humana deve ser tambem assim. Os seres são deseguaes, mas para chegarmos á unidade, cada um tem de contribuir com uma porção de amor. O mal está na força, é necessario renunciar a toda a autoridade, a todo o governo, a toda posse, a toda a violencia. É preciso não perturbar a harmonia dos movimentos e da espontaneidade de todos os seres. Deante da obra da civilisação o papel de cada um é egual ao do outro : a ação dos grandes e dos pequenos confunde-se no resultado. A historia testemunha que a cultura não è sómente a obra do crime e do sangue ; ao lado da coação moral concorrem as alavancas da simpatia. A obra do passado é ainda veneravel, porque é sobre ella que se fundará o futuro. Não amaldiçoemos a civi-

lisação que nos veiu no sangue antigo, mas façamos que este sangue seja cada dia mais amoroso e menos carniceiro. Que os nossos mais entranhados instintos da animalidade se transformem no vôo luminoso da piedade, da dedicação e do amor...

OS PIRILAMPOS

Maria voltára á estrada, e ainda continuava mesmo ofegante a correr, fujindo espavorida para lonje d'aquelle ponto. Na sua carreira chegou até uma pequena mata que o caminho cortava. A claridade da tarde aí dentro esmorecia ainda mais. Maria parou, com medo de penetrar, na sombra, e, postada na abertura da floresta, tomada de um calafrio, espiou para dentro, até perder os olhos na outra lonjinqua porta de luz. Pela estrada interior iam e vinham borboletas enormes, azues e pardas, n'um vôo cativo e arquejante... Maria ficou pregada á beira da mata, sem animo para entrar, sem animo para fujir, e uma inexplicavel e funda atração por aquelle sombrio e tenebroso mundo a retinha extatica... Das mãos tremulas e despercebidas caiu-lhe a trouxa de roupa. Exgotada de forças, aterrada, vendo-se colhida em pleno deserto pela noite, desamparada, batida, a mesquinha dereou-se aos pés seculares de uma arvore, e de olhos dilatados, ouvidos apurados, ella espreitava o rumor e o curso das cousas... E o poder da visão redobrava á medida que a sombra surjia misteriosa nos meandros da floresta, como o bafo vaporoso, impalpavel da Terra... Na sua imajinação perturbada sentia a naturesa toda ajitando-se para sufocal-a. Aumentavam as sombras. No céo, nuvens colossaes e tumidas rolavam para o abismo do horisonte... Na varsea, ao clarão indeciso do crepusculo, os seres tomavam ares de monstros... As montanhas, subindo ameaçadoras da terra, perfilavam-se tenebrosas... Os caminhos, espreguiçando-se sobre os campos, animavam-se quaes serpentes infinitas... As arvores soltas choravam ao vento, como carpideiras fantasticas da natureza morta... Os aflitivos passaros noturnos gemiam agouros com pios funebres. Maria quiz fujir, mas os membros cançados não acudiam aos impetos do medo e deixavam-na prostrada em uma angustia desesperada.

Os primeiros vagalumes começavam no bojo da mata

a correr as suas lampadas divinas... No alto as estrelas miudas e sucessivas principiavam tambem a iluminar... Os pirilampos iam-se multiplicando dentro da floresta, e insensivelmente brotavam silenciosos e inumeraveis nos troncos das arvores, como si as raises se abrissem em pontos luminosos... A desgraçada, abatida por um grande torpor, pouco a pouco foi vencida pelo sono; e deitada ás plantas da arvore, começou a dormir... Serenavam aquellas primeiras ancias da Naturesa, ao penetrar no misterio da noite. O que havia de vago, de indistinto, no desenho das cousas transformava-se em limpida nitidez. As montanhas acalmavam-se na imobilidade perpetua; as arvores esparsas na varsea perdiam o aspeto de fantasmas desvairados... No ar luminoso tudo retomava a fisionomia impassivel. Os pirilampos já não voavam, e miriades e miriades d'elles cobriam os troncos das arvores, que faiscavam cravados de diamantes e topasios. Era uma iluminação deslumbrante e gloriosa dentro da mata tropical, e os fogos dos vagalumes espalhavam aí uma claridade verde, sobre a qual passavam camadas de ondas amarelas, alaranjadas e brandamente asues. As figuras das arvores desenhavam-se envoltas n'uma fosforescencia zodiacal. E os pirilampos se incrustavam nas folhas e aqui, ali e além, mesclados com os pontos escuros, cintilavam esmeraldas, safiras, rubins, ametistas e as mais pedras que guardam parcelas das côres divinas e eternas. Ao poder d'essa luz o mundo era de um silencio relijioso, não se ouvia mais o agouro dos passaros da morte; o vento que ajita e perturba, calára-se, Por toda a parte a bemfaseja tranquilidade da luz... Maria foi cercada pelos pirilampos que vinham cobrir o pé da arvore em que adormecêra. A sua imobilidade era absoluta, e assim ella recebeu n'um halo dourado a cercadura triunfal; e interrompendo a combinação luminosa da mata, a carne da mulher desmaiada, transparente, era como uma opala encravada no seio verde de uma esmeralda. Depois os vagalumes incontaveis cobriram-na, os andrajos desapareceram n'uma profusão infinita de pedrarias, e a desgraçada, vestida de pirilampos, dormindo imperturbavel, como tocada de uma morte divina, parecia partir para uma festa fantastica no céo, para um noivado com Deus... E os pirilampos desciam em maior quantidade sobre ella, como lagrimas das estrelas. Sobre a cabeça dourada brilhavam re-

flexos asulados, violaceos e d'ahi a pouco braços, mãos, colo, cabelos sumiam-se no montão de fogo inocente. E vagagalumes vinham mais e mais, como si a floresta se desmanchasse toda n'uma pulverisação de luz, caindo sobre o corpo de Maria, até o sepultarem n'uma tumba majica. Um momento, a rapariga inquieta ergueu docemente a cabeça, abriu os olhos, que se deslumbraram. Pirilampos espantados faiscavam re lampagos do côres... Maria pensou que o sonho a levara ao abismo dourado de uma estrela, e recaiu adormecida na face iluminada da Terra...

O silencio da noite foi perturbado pelas primeiras brisas, mensajeiras da madrugada. As estrelas abandonam o céo, os vagalumes vão se apagando medrosos e ocultando-se no segredo das selvas, emquanto os seus derradeiros lampejos na mata se misturam ao clarão do dia nascente, formando uma luz turva, indecisa, incolor. Na arvore que agasalha Maria, começa o canto dos passaros, e, sem tardar, de todos os galhos da floresta sáe uma nota musical, que enche os ouvidos da mulher com o accento de uma felicidade inextinguivel. E aves surjiam, e tudo se esclarecia de outra luz, e o ruido começava, e um perfume concentrado durante a noite espalhava-se, capitoso, pelo mundo despertado. Abandonada pelos pirilampos, despida das joias misteriosas, Maria foi emerjindo do sonho, e a sua inocencia de todo o pecado, a sua perfeita confusão com o Universo acabou ao rebate violento da conciencia. E a infatigavel memoria lembrou-lhe a agonia. Maria conheceu-se a si mesma. Arrancada pelo pavor dos perigos porventura passados n'aquelle deserto, ergueu-se de um salto e partiu correndo. E emquanto atravessava a mata, apezar do medo que a tomára, na sua lembrança persistia um clarão, que lhe descia d'essa mirajem entrevista no espetaculo da noite maravilhosa. E quando chegou aos caminhos descobertos, já encontrou o sol, a cuja temivel potencia morreu toda a ilusão do sonho.

A TERRA DE CHANAAN

Elles disseram que ella era formosa com os seus trajes magnificos, vestida de sol, coberta com o manto do voluptuoso e infinito asul ; que era amimada pelas cousas ; sobre o seu colo aguas dos rios fasem voltas e outras enlaçam-lhe a cintura desejada ; as estrelas, n'uma vertijem de admi-

ração, se precipitam sobre ella como lagrimas de uma alegria divina ; as flôres a perfumam com aroma extranho, os passaros a celebram ; ventos suaves lhe penteam e frisam os cabelos verdes ; o mar, o longo mar, com a espuma dos seus beijos afaga-lhe eternamente o corpo...

Elles disseram que ella era opulenta, porque no seu bojo fantastico guarda a riqueza inumeravel, o ouro puro e a pedra iluminada ; porque os seus rebanhos fartam as suas nações e o fruto das suas arvores consola o amargor da existencia ; porque um só grão das suas areias fecundas fertilisaria o mundo inteiro e apagaria para sempre a miseria e a fome entre os homens. Oh ! poderosa !...

Elles disseram que ella, amorosa, enfraquece o sol com as suas sombras ; para o orvalho da noite fria tem o calor da pele aquecida, e os homens encontram n'ella, tão meiga e consoladora, o esquecimento instantaneo da agonia eterna...

Elles disseram que ella era feliz entre as outras, porque era a mãi abastada, a casa de ouro, a providencia dos filhos despreocupados, que a não enjeitam por outra, não deixam as suas vestes protetoras e a recompensam com o gesto perpetuamente infantil e carinhoso, cantam-lhe hinos saidos de um peito alegre...

Elles disseram que ella era generosa, porque distribue os seus dons preciosos aos que d'elles têm desejo ; a sua porta não se fecha, as suas riquesas não têm dono ; não é perturbada pela ambição e pelo orgulho ; os seus olhos suaves e divinos não distinguem as separações miseraveis ; o seu seio maternal se abre a todos como um farto e tepido agasalho... Oh ! esperança nossa !

Elles disseram estes e outros louvores e caminharam dentro da luz...

A DANSA

Durante algum tempo ninguem se moveu e a musica proseguia solitaria nos seus largos e chorosos compassos. Mas, de repente, como um fauno antigo, Joca pulou na sala e principiou a dansar. A sua alma nativa esquecia por um momento essa dolorosa expatriação na propria terra, entre gente de outros mundos. Arrebatado pela musica que lhe falava ás mais remotas e imorredouras essencias da vida, o mulato transportava-se para lonje de si mesmo e transfigurava-se n'uma altiva e extraordinaria alegria. Todo o seu

corpo se ajitava n'um só ritmo ; a cabeça erguida tomava uma expressão de praser ilimitado, a boca entreaberta, com os dentes em serra, sorria ; os cabelos inquietos, em desordem, ou empinados e eriçados, ou moles caindo sobre a fronte ; os pés voavam no soalho e, ás veses, paravam, sacudindo os membros n'uma dansa desenfreiada ; as mãos, ora baixas, estalando castanholas, ora unidas, saindo dos braços retesados, ora espalmadas no ar, e n'esse gesto, ébrio de musica, perfilado nas pontas dos pés, elle parecia, com os braços abertos, querer voar. Umas veses, corria pela sala saracoteando o corpo, com os pés juntos n'um passo miudo e repinicado ; outras, obedecendo ao compasso da musica, vinha languido, requebrado, de cabeça inclinada e olhos compridos, e achegava-se a alguma mulher, quasi de rastos, suspenso, querendo arrebatal-a n'uma volupia contida, mas que se adivinhava febril, vertijinosa. Depois, erguia se n'um salto de tigre, retomava a sua doidice, n'um grande ataque satanico, ajitava-se todo, convulso, tremulo, quasi pairando no ar, n'uma oscilação de todos os nervos, rapido, imperceptivel, que dava a ilusão de um instantaneo repouso em pleno espaço, como a dansa de um beija-flôr. N'esse momento a orquestra podia parar, fazer um silencio que desequilibrasse tudo, Joca não perceberia a falta dos instrumentos, pois todo elle, no seu corpo triunfal, na sua alegria rara, no impulso da sua alma, vivendo, espraiando-se na velha dansa da raça, todo elle era movimento, era vibração, era musica.

A cena continuou algum tempo com esse unico personajem. Joca procurou um par, uma mulher que acudisse aos seus apelos, que correspondesse aos seus movimentos. Ninguem veiu, ninguem sentiu o impeto de sacudir-se, de remexer-se ao ritmo d'aquella dansa. Todos tinham curiosidade e nada mais. Desolado, tomado de uma repentina tristesa, de uma saudade das suas companheiras de mocidade, das mulheres negras, que sentiam como elle, pouco a pouco foi cançando... O peito ofegava, as pernas morenas não se retesavam com a mesma enerjia de pouco antes, com a flexibilidade vigorosa do páo d'arco...

Derreiando o corpo combalido, o ultimo interprete das dansas nacionaes foi cedendo o terreno aos vencedores, emquanto outra musica, outra dansa, invadia o cenario. Era a valsa allemã, clara, larga, fluente como um rio.

CADEIRA LAURINDO RABELO

— LAURINDO RABELO (1820-64) poeta e notavel repentista. Escreveu as *Meditações*, e outras produções esparsas, algumas ainda ineditas.

I

GUIMARÃES PASSOS

GUIMARAES PASSOS (1867-1909) naceu em Maceió (Alagoas). Poeta e prosador. Colaborou em varios jornaes do Rio, desde 1887. Escreveu *Versos de um Simples* e *Horas mortas*.

A' terra torna o que da terra veiu ;
A agua que sai do vasto mar, um dia
Mais pura do que quando ao céo subia
Torna de novo ao primitivo seio.

Assim todo o momento de alegria
Que feliz de ilusões eu via cheio ;
As horas de ventura e de receio,
Tudo eu te entrego, como te pedia.

De ti nem quero a palida lembrança ;
Viverei sem uma unica esperança
Sem o minimo amor d'uma mulher.

Mas no teu peito que viveu mentindo
Põe uma cruz — ao mundo prevenindo
Que és o sepulcro do teu proprio ser.

TEU LENÇO

Esse teu lenço que eu possúo e aperto
De encontro ao peito quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'o, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Luto comtudo, a procurar quem certo
Possa n'isto servir-me de correio ;
Tu nem calculas qual o meu receio,
Se, em caminho, te fosse o lenço aberto...

Porém, ó minha vivida quimera !
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que, emfim, verás em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir o teu lenço pelo espaço voando
Pando, enfunado, concavo de beijos.

GRAÇA !

No inverno, montes e rios
Ficam brancos, tudo é neve.
Mas, passam-se os tempos frios,

Volta o sol, e, dentro em breve.
O monte brilha em verdura ;
A agua, que o gelo reteve,

O curso antigo procura,
Correndo pelos desvios,
Tranquilamente murmura...

Correm limpidos os rios
Que o sol no inverno conteve :
Derreteu-se toda a neve...

O inverno da nossa ausencia
Poz-te o coração em gelo...
Tem um pouco de clemencia !

O fogo de meu anhelo,
O ardor de minha paixão,
O inferno atroz do meu zelo.

Movendo-te a compaixão,
Acabem-me a penitencia,
Abrandem-te o coração !

E, de teus olhos clementes,
Desçam em doce fulgor.
Duas lagrimas trementes,

— Tão unjidas de paixão —
Que, vindas cheias de amor.
Venham cheias de perdão !

AMOR, AMOR...

E assim vamos nós dois juntos vivendo
Quanto distantes poz-nos o destino,
Tu, do prazer bebendo o licor fino,
Eu, da tristeza o negro fél bebendo.

Busquei-te como o exausto beduino
O *oázis* fresco busca em febre ardendo ;
E hoje, se acaso vou teu rosto vendo,
A agrura a mais terrivel me propino.

Mais tu me fojes, menos te procuro ;
Ora contentes, ora descontentes
Fitamos ambos o horizonte escuro.

Ris-te, eu rio — que risos diferentes !
Tu, por mostrar-me um coração impuro,
Eu, por mostrar-te vingativos dentes.

II

JOÃO DO RIO

PAULO BARRETO

Paulo Barreto mais conhecido sob o seu pseudonimo JOÃO DO RIO com que tem publicado todos os seus livros, nasceu no Rio en 1878. E' principalmente jornalista, e conta numérosas obras literarias ; *As Religiões do Rio, O momento literario, Cinematographo, Psichologia urbana, Alma das Ruas, A prosfisão de Jacques Pedreira, Vida Vertiginosa, A bella Madame Vargas* (comedia representada com grande exito no Theatro nacional, en 1912), etc., etc. Na academia brasileira succedeu a Guimarães Passos.

LITERATAS

E' sabido que os homens, mesmo os de letras, têm uma especial implicancia com a especie femina cada vez mais prolixa das literatas, das escriptoras, das poetas, emfim de toda mulher que toma uma carreira liberal. Em quanto ellas tem talento apenas para flirtar com elles, sim senhor, vae tudo muito bem. Quando ellas querem agir, — são

histericas, desequilibradas e é de ver a grosseria com que as tratam a sós e a mofa com que a ellas se referem quando com outras senhoras, que por signal gostam muito, sabendo-se do principio de que uma senhora acha sempre desculpavel ouvir falar de uma outra que tem prendas de que ella não faz uso.

Em compensação o homem de idéal, principalmente o poeta, aqui, menos de que em outra qualquer parte entretanto, é o sonho de todas as meninas e de todas as senhoras. Algumas. as da chamada alta sociedade, têm um certo receio de se compromettêr. Um casamento, sem dinheiro, com um poeta que não é do «high life», sendo ao mesmo tempo filho do dono de uma casa de negocio ou de um fasendeiro! Mas no fundo a tentação vibra. Como elles falam bem! Ha versos que valem bem um vestido. Notem que eu não digo um adereço, apenas um vestido.

O FLIRT

O Flirt é um phenomeno gravissimo — é a ultima étapa da seducção da Mulher. A Mulher aliás o unico osso desnecessario de Adão, é o osso dominador do universo.

O personagem Deus fel-a na sombra, mysterioso e subtil emquanto Adão estava dormindo, e deu-lhe uma alma de onda, de renda, de attração, de encanto e de perversissima bondade. Quando Adão acordou, extasiado ficou. Não era para menos. Um pedaço da Via Lactea parecia ter descido do escuro azul da noite estrellada. O Paraiso, que até hoje ninguem sabe onde foi exatamente, rescendia mais, e aquella meiga luz, aquella doce luz sorria, fazia comprehender o Desejo — a suprema delicia de viver. Adão não era bem uma alma de analyse. Deixou de ingadar a razão do mysterio, apparecido assim, de noite, emquanto o Paraiso dormitava. E atirou-se. Todos nós fazemos mais ou menos como o Pae Veneravel: atiramo-nos. Questão de atavismo egoistico impelindo-nos a desejar maisdo que tudo, um osso inutil que a lenda diz ter sido nosso.

D'essa pretenção irracional vem talvez o erro millenar em que laboram os homens, de querer possuir, dominar, satisfazer e conhecer o osso sensivel, a primeira costella do

lado do coração. Os erros acumulam-se, a Mulher é cada vez mais a Esphinge que fala, e o homem cada vez mais pretencioso, só lhe atira injustiças. Injustiças de raposa que não alcança as uvas, mas injustiças brutaes que passam por graça e até por galanteria.

A DELICIA DE MENTIR

Oh! não ha duvida. Pilatus foi inconscientemente o maior philosopho da humanidade, com uma pergunta e um gesto. Perguntou: Que é a verdade? e logo tratou de lavar as mãos para que não o julgassem capaz da a ter tocado. Se fosse possivel a alguem ser o detentor de todas as verdades, isto é, de todas as fórmas do erro, esse alguem seria um grande criminoso se as não soltasse. Porque não nos mantivessem illusão e mentira, o homem seria para o seu proprio eu um monstro, a sociedade desabaria e nada, nada existiria sob este céo azul, que não é céo, não é azul, nem está por cima.

Eu amo os mentirosos, os que amontoam contrasensos, os que mentem inutilmente, os que só fallam mentindo a mentira. São os derviches urrantes da religião, que em cada um de nós tem um crente. Eu amo as criunças que pregam mentiras. São as intelligentes. Eu amo as mulheres, essas deliciosas mentiras que de uma mentira assea fez Adão para se torturar com a incognita. E eu digo mentiras, não mais do que qualquer outro, mas gosando o prazer destruidor de desfiar a lista das illusões diante dos homans.

Quantos ficariam aterrados em descobrir a inanidade, o vasio, o vacuo, o horror do nada, e levam a vida a enchel-a de illusões como o tonel nunca cheio da fabula. Outros, porém, vêm esse esforço, louvam-no e tiram delle lucro que é possivel tirar, o lucro de comprehendel-a. E é esta a delicia de mentir.

ELOGIOS...

Certo nada póde apagar um homem como o elogio unanime. Elogiar sempre é o meio de inutilizar sem luta. Ser elogiado sem um grito de opposição, sem varios gritos, é deixar-se arrastar por uma envenenadora melodia. O homem que sabe, espera apenas o elogio do seu igual por-

que é victorioso e fatalmente generoso. Como, porém, a victoria é rara nas letras, o artista póde fitar as estrêllas, sentir a vida, dar forma e côr á belleza impalpavel, educar a visão da propria natureza. De esconderijos e poças lobregas chega aos seus ouvidos o coaxar dos batrachios, e a seus pés, no terreeo viscoso, saltam grotescamente, zebradas de verde limo e de verde bronzeo, as carapaças postulentas dos sapos, que para elle olham como olhavam o boi do fabulista e a lua dos romanticos. Lamentaveis sapos inoffensivos! O artista que se inebria na missão de suggestionar, de mostrar o não visto, pára, observa, analysa, sorri. Por onde espinoteam os sapos ha muita vez a innocencia do verde, flores sylvestres, e quem sabe ? grandes flores perversas de olor intenso. Se não houvesse o sapo, ninguem saberia bem o que é a vida. E os risos maus, o rictus da inveja, a torpeza da calumnia, não passam afinal para os fortes, os que vencem, senão do nojo, do asco, da repugnancia que a todos causa a acrobacia macabra de um batrachio emergindo do charco.

AMOR EGOISTA

Calei-me. O pobre olhou-me.

— Sim, a ti posso fallar sem parecer ridiculo, sem essa estupida convenção que faz de um desgraçado motivo de palhaçada e de troça; a ti posso fallar da minha infelicidade. Ella engana-me. E' horrivel! Ah! Sinto — e no proprio sangue, e a raiva, o desespero a augustia estrangulam-me. Vejo-a sahir, sei para onde vae, e vem-me uma dor tal que o coração estala e bate, pequenino, tão pequenino que até parece a morte. E' com os meus amigcs agora. Dize-me, dize-me o que devo fazer ?

Era após a sobremesa. Havia luar, paisagem. Achei aquillo meio romantico, meio comico. Parecia uma peça de theatro. Respondi com prudencia.

— E' delicado.

— Qual delicado! Preciso tomar uma resolução.

— Só agora ?

— Todo tempo é tempo.

— Pois separa-te!

Elle olhou para mim, congesto, arregalando os olhos.

Ou então mata-a. E' uma solução. Ou mata-te. E' outra. De qualquer fórma, — acabas!

Elle circumvagou o olhar e de repente em pranto.

— Não, não! Se a deixo, ella vae ser só dos outros. Se a mato, oh! não! nunca! Se me suicido, sou eu a desapparecer, sem esperança, inutilmente. E não tenho coragem de fazer-lhe mal, de dar-lhe um desgosto, e não possso passar sem essa mulher! Ao menos, assim, estou perto, vejo-a, cheiro-a, sei de quem ella gosta. E' atroz. Tenho o peito como golpeado e incendiado, mas talvez acabe por gostar dos preferidos a ver o que nelles a ella agradou...

E descemos do Sylvestre os dois, elle com os olhos vermèlhos de chorar, eu muito triste, certo de que o pobre homen ecorentado iria dalli direito a tentar o amor, com a mesma causa do seu cruciante penar.

Qual dos tres é o mais sympathico ; o que mata, o que se suicida ou o que continúa, continúa, continúa com o milhafre do ciume a bicar-lhe a alma? Não sei. Não vale indagar, São os tres desgraçados. E desgraçados porque na eterna inconstancia da vida, fazem do Amor motivo de triste pensar, e de maximo egoismo, quando esse prazer deve ser transitorio e multiplo para se eternizar e quando o verdadeiro egoismo è o de não possuir senão á si mesmo — para não se perder perdendo a preza.

CADEIRA MANOEL DE ALMEIDA

— MANOEL DE ALMEIDA (1830-1861) jornalista, autor do celebre romance de costumes fluminenses *Memorias de um Sarjento de milicias* (1854-55) ; é o seu unico livro orijinal.

INGLEZ DE SOUZA

Herculano Marcos INGLEZ DE SOUZA escritor, jurisconsulto, romancista, naceu no Pará em 1853. Doutor em direito pela Faculdade de S. Paulo. No antigo rejimen foi presidente de varias provincias.

Alem de seus trabalhos juridicos e de inumeras pajinas dispersas em jornaes e revistas, escreveu os romances *Cacaolista, Coronel Sangrado, Missionario* (2 edições), *Contos Amazonicos.*

CHICO FIDENCIO

(FRAGMENTO)

. . . .

Que dia estupido aquelle ! Silencio na rua, silencio na casa ! Nem ao menos a Maria Miquelina, de ordinario palradora, queria falar agora ! Amuada, pois que o professor lhe despresara o almoço, sentara-se se a um canto da casa de jantar e fazia rendas, silenciosa e trombuda.

Francisco Fidencio voltára da varanda, e passeava a sala de visitas, onde dava as aulas, crusando-a em todos os sentidos, parando ora deante d'uma mesa, ora em frente a um quadro, umas veses ante a porta cerrada, como se tivesse vontade de sahir, outras vezes defronte á janella aberta, para olhar a rua, silenciosa e molhada.

Era uma sala pequena, mal caiada, de terra batida, coberta de palha de pindola escura, uma sala miseravel de pobre habitação sertaneja, mas com pretenções a aposento decente. A mobilia constava de dois compridos bancos, pos-

tos um atraz do outro, perto d'uma grande mesa de pinho mal envernisado. Outra mesa pequena collocada a um angulo da sala era servida por uma cadeira, a unica existente, de palhinha branca, de uso antigo. Sobre as duas mesas havia tinteiros, papeis, alguns livros velhos. Da parede do fundo pendiam, em quadro de madeira preta, uma lithographia ordinaria representando o conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, e mais abaixo, n'um pequeno quadro de moldura dourada, muito gasta, uma gravura burlesca e desrespeitosa, intitulada — *O sonho de Pio IX*. N'uma das paredes lateraes, pendentes d'um pequeno cabide de bambú falso, estavam um chapeu de homem, um guarda-chuva de alpaca côr de pinhão e uma opa de irmão do Santissimo, ostentando audaciosamente o seu encarnado vivo, ferindo os olhos. Ao lado sobre um caixão virado, uma rima de jornaes em desordem sustentava um candieiro para kerozone, sem *abat-jour* e com a chaminé rachada. Na parede fronteira, n'uma lithographia de jornal caricato, pregada com quatro obreias verdes o Papa Ganganelli fulminava com os raios pontificios a Companhia de Jesus.

No chão mal varrido, com grandes manchas pretas feitas pelos pés molhados dos alumnos de latim, pontas de cigarros e palitos de phosphoro fraternisavam. Uma gallinha com pintos ciscava em baixo da mesa grande, cacarejando.

Francisco Fidencio lembrara-se de matar as longas horas desoccupadas lendo alguma cousa. Mas que leria ? Os ultimos jornaes chegados do Pará já haviam sido inteiramente devorados, lera-os todos e nada achara n'elles que lhe prendesse a attenção, e menos ainda merecesse segunda leitura. Os de Manáos tambem nada traziam de novo. As costumadas descomposturas ao Presidente da provincia, uma noticia ou outra e os annuncios banaes, em letras grandes, espaçadas. De livros estava farto. Bastava-lhe a massada de os ler obrigatoriamente na aula, todos os dias, para leccionar os discipulos. Não iria agora dar-se ao luxo de estudar a lição do dia seguinte ! Nada, que elle não era o seu collega Annibal Americano !

Podia escrever para occupar-se. Foi á pequena meza do canto da sala, abriu uma gaveta, tirou algumas folhas de papel, caneta e penna, puxou a cadeira de palhinha, sentou-se e traçou sobre a alvura do papel em tiras as seguintes palavras ; « Am.º redactor ».

Depôz a penna, cruzou os braços sobre a mesa e pôz-se a a soletrar aquellas palavras, muito aborrecido.

Que diabo escreveria elle ? Contaria o mau tempo que reinava em Silves, a falta do pirarucú e a carestia da farinha? Que lhe importava isso ? Que interesse tinha em noticiar cousas tão banaes aos seus leitores, e que graça achariam estes em conhecer taes borracheiras ?

Só havia um assumpto possivel, em que poderia espraiar-se, lançando um bello artigo capaz de fazer sensação. Esse assumpto era Padre Antonio de Moraes. Mas, havia um mez que Padre Antonio chegara, e Chico Fidencio ainda não pudera formar delle um juiso definitivo, nem achara motivo para um pequeno artigo. Bem não queria dizer do vigario, porque isso era contra os seus principios. Para diser mal era preciso uma base, um motivo, um pretexto ao menos, e essa base, esse pretexto não apparecia.

Por isso andava o Chico Fidencio muito descontente: por isso, talvez se aggravara a hepatite.

Todo aquelle mez passara Padre Antonio de Moraes em projectos de reforma da parochia, em assear o templo, em confessar beatas, examinar creanças ao catecismo, dizer missas e cantar ladainhas. A população estava muito satisfeita. Nunca vira um vigario assim tão serio e zeloso, tão activo e pontual. Pela manhã a missa, resada de vagar, a durar vinte minutos pelo menos, macerando os joelhos do povo nos tijolos da Capella-mór. Em seguida, a confissão longa, minuciosa, cheia de conselhos paternos e de reprehensões bondosas. A Maria Miquelina fôra confessar-se, a mandado do professor, e voltara maravilhada. Ao meio-dia a aula dos pequenos ; á noite a ladainha, puxada pelo vigario em pessoa, á luz duvidosa das lampadas de azeite de mamona... isto um mez a fio... uma delicia ! no diser da senhora D. Eulalia. Beatas velhas e beatas novas bebiam os ares pelo Padre Vigario, rapagão de vinte e dois annos, simpathico, bem apessoado e de mais a mais um santo ! Sempre serio, bondoso, paternal, caminhando de olhos pregados no chão, falando baixinho, *minha filha*, *minha irmã*, em voz suave e melliflua, que fasia correr um calafrio pela espinha dorsal das devotas, acostumadas ás graçolas chocarreiras do defunto Padre José. D. Cirilla, mulher do capitão Fonseca, D. Dinildes, irmã do *Mappa Mundi*, e a famosa D. Prudencia, viuva de Joaquim Feliciano, não se

fartavam de gabal-o, admirando-lhe a barba bem escanhoada, o cabello lusidio e penteado, a batina nova, a alva camisa engommada, os sapatos envernisados a capricho, o todo de petit maître de sotaina, que contrastava de modo frisante com as sobrecasacas domingueiras, compridas e lustrosas, e com as largas calças e os sapatos grossos, de couro crú, dos rapazes mais atirados da terra. E o mulherio todo as secundava nos elogios ao padreco. Até a Maria Miquelina, a negregada ! tinha as suas simpathias pelo trocatintas do vigario !

Tanto enthusiasmo das mulheres teria certamente despertado o ciume e o odio dos homens, se, pelo seu procedimento — irreprehensivel — não lhes tivesse Padre Antonio captado a benevolencia.

Nenhuma fraqueza lhe conheciam. Essa virtude inexpugnavel causava pasmo ao Chico Fidencio, desnorteava-o. Na sua opinião todos os Padres eram mais ou menos como os cardeaes do quadro de moldura dourada, sotoposta ao retrato do Ganganeilli Brazileiro ; uns pandegos que bebiam champagne abrançando irmãs da caridade. Entretanto com Padre Antonio de Moraes não se dava isso. A Luiza Madeirense perdera completamente os seus requebros, as suas provocações impudentes. Nem sequer lhe conseguira apanhar a freguesia do engommado, que fôra dada á mulher do collector, senhora quarentona e respeitavel. D. Prudencia debalde gastara duzias de ovos em compoteiras de cocada da amarella, com que o Macario sacristão apanhava asias desesperadas. S. Revdm. lh'as agradecia pelo portador, mas não a visitava. Todo entregue aos trabalhos do culto, parecia superior ás fragilidades humanas. Andava atarefado, embebido na preoccupação de regularisar o serviço da Igreja. Parecia querer ser um parocho modelo, solicito, attento e dedicado.

Na sua casinha solitaria, acompanhado pelo Macario sacristão que lhe governava a casa, e servido por um preto velho que trouxera do Pará, levava a vida austera d'um Padre de S. Sulpicio. Jamais nenhum dos sujeitos que viviam em Silves da espionagem da vida alheia, nem o Maneco Furtado, nem o Cazuza dos Tamarindos, pudera, n'aquelle mez inteiro, divisar entre os humbraes da porta da entrada, ou na abertura da cerca do quintal, um vulto suspeito de mulher. Era simplesmente admiravel.

O Macario sacristão, empasinado de gulodices, palitando os dentes, satisfeito do mundo, clamava na villa que nunca vira uma homem assim, que um Padre d'aquelle feitio era uma cousa espantosa. E batia-se, em discussões calorosas, com os maliciosos que, mais por pirraça ao sacrista do que por convicção, notavam a fácilidade que havia em passar, sem ser visto, da casa do vigario para o quintal da Luzia Madeirense. O Macario punha a mão ao fogo pela castidade de S. Revdm. E' verdade que havia tentações... a Madeirense fasia o diabo ! E uma certa viuvinha então ? Era querer e estava feito, mas não ! S. Revdm não queria. Macario desafiava a toda a gente a que o pilhasse em falso. E elle proprio, Francisco Fidencio Nunes, o terrivel inimigo dos Padres, que escrevia correspondencias para o *Democrata*, de Manáos, em que vasava a bilis revolucionaria e atheista, *para esfregar aquella sucia*, era obrigado a confessar que o Padre Antonio era um santo ou um verdadeiro ministro do altar !

O professor ergueu-se desanimado, deixando cahir a caneta que tinha entre os dedos. Foi á varanda, onde a Maria Miquelina, sentada a um canto, tendo diante de si uma grande almofada branca, fazia rendas de bico, silenciosa e trombuda.

— Então o tal Padreco é mesmo um Sant'Antoninho, Maria Miquelina !

A mulata não respondeu.

— Tens as bananas atravessadas na garganta, rapariga? Olha que se me móes, não janto.

As bananas estavam perdidas, mas era preciso salvar a honra do pirarucú fresco, que a caseira guardara para a refeição da tarde, fritando-o em fino azeite doce. Estava de tentar,

— Olhe, seu Chico, disse a mulata depois d'uma pausa; você sabe que eu não gosto de homens de saia. Mas o vigarinho é um santo, lá isso ninguem me tira.

O professor voltou para a sala, sentou-se de novo á mesa, pegou na penna e começou a escrever :

« O escriptor destas modestas e despretenciosas linhas... »

Mas largou a caneta, sem animo de proseguir. Não queria elogiar o Padre, não queria compremetter-se. De mais, estava com um *ferro*, por causa da Maria Miquelina ! E não se

conformava facilmente com os olhos baixos e o falar melllifluo d'aquelle Padre elegante e bello.

Havia um anno que o Chico Fidencio se estabelecera em Silves, espantando os pacatos habitantes da villa com as suas theorias irreverentes e ousadas, fascinando-os, tinha presumpção disso, com o seu verbo colorido e ardente, espicaçando-lhes a molle indifferença com o aguilhão das suas criticas acerbas e dos seus sarcasmos ferinos, dominando-os pelo espirito desembaraçado de convenções e dos prejuisos da estreita vida de aldeia.

Era natural do Rio de Janeiro, carioca da gemma. Aquillo, sim, é que era terra! Cursara dois annos da antiga Escola Central. Não gostara das mathematicas, era mais amigo das sciencias sociaes, e se fôra rico, teria ido estudar a S. Paulo, teria entrado para a troça do Varella, do Castro Alves, teria sido talvez um Alvares de Azevedo. Era porém, muito pobre. Um tio, que o ajudava, fartara-se de o aturar e pusera-o fôra de casa, quando sahira reprovado em calculo dfferencial, ao 2° anno. Arranjaram-lhe um lugar de caixeiro de armarinho á rua do Cano, mas não ficara no emprego mais de tres meses. O patrão era um gallego, burro como seiscentos gallegos e malcreado como todos os da sua igualha. Chico Fidencio não estivera para o aturar, e despedira-se da casa, passando-lhe uma descompostura descabellada. Um dos fregueses do armarinho, que tinha queixas do patrão metteu-o de conductor n'um omnibus da carreira de S. Cristovão. Era uma vida deliciosa, divertida, cheia de episodios interessantes e que contribuira muito para a educação do Chico Fidencio. Ouvia tanta cousa! Estava a par da politica toda, conhecia todos os homens notaveis, sabia de mil pormenores da sua vida publica e particular. Soubera da resolução do Ministerio na crise bancaria de 1864, antes de publicada nos jornaes, vira o Christie furioso, por occasião do conflicto entre o Brazil e a Inglaterra, dera fógo ao José Liberato quando fôra pela primeira vez a S. Christovão! Era uma vida deliciosa, toda a gente o conhecia e o comprimentava, dava-lhe cigarros. Infelismente fôra obrigado a deixal-a por intrigas d'um cocheiro, seu inimigo. Havia já dado um passo decisivo na vida... entrara para a maçonaria! E o primeiro beneficio que tirara d'essa acertada resolução fôra conseguir um lugar de dispenseiro a bordo do vapor *Santa Cruz*, da Campanhia Brazileira do Norte. Mais

tarde, n'uma das viagens deixara-se ficar no Pará, porque enjoava muito, não nascera para a vida do mar. Tinha feito amisade a bordo com um deputado geral, cuja familia gostava das passas, noses e figos seccos, com que Chico a presenteava generosamente. Obtivera uma cadeira publica, n'um arrabalde da capital, e a regêra durante um anno inteiro. Mas rompera a *questão religiosa*, e o Chico Fidencio, fiel aos seus principios, não transigira. Declarara guerra aberta ao Bispo e aos *homens de roupeta* que elle importava de Roma. A nomeação era interina, e o Presidente, um carola, que ouvia missa todos os domingos, quisera ser agradavel a D. Antonio, e demittira o professor amigo do livre exame. Ficara então sem recursos. Recorrera á maçonaria, mas a maçonaria era impotente na administração d'aquelle râto de sacristia que governava a provincia. Só podia obter um emprego no commercio, mas as suas aspirações não se davam com tal modo de vida. De mais, no commercio do Pará governavam os portuguezes, e o Fidencio, apesar de maçon *enragé*, nunca perdoara aos portuguezes os desaforos que soffrera do dono de armarinho. Antes morrer de fome do que, no seu paiz, sujeitar-se novamente a ser mandado por um gallego !

Emfim, Silves não pertencia ao Pará. O seu amigo Felippe do Ver-ó-peso, um portuguez excepcional, dissera-lhe que Silves era uma boa terra, não tinha um professor que prestasse, e offerecera-lhe uma carta de recommendação para o seu correspondente Costa e Silva. Viera para tentar fortuna, e aqui soubera grangear muita consideração graças á sua incontestavel intelligencia e aos conhecimentos que obtivera na sua accidentada existencia.

A principio encontrara franca hostilidade, principalmente das mulheres, que o chamavam antipathico e desagradavel, as lambisgóias ! Como se elle não fosse da côrte do Rio de Janeiro, que ellas nunca haviam de conhecer ! Depois embirraram com as suas idéas antireligiosas, porque as expunha com a maxima franquesa, a todo o momento, em qualquer occasião, sem resguardo das conveniencias devidas ás pessoas e aos lugares. Ninguem lhe dera discipulos, poucos o cortejavam, nenhuma familia lhe offerecera a casa. Até o proprio Costa e Silva, posto estivesse *arrochado* pela carta do Felippe do Ver-o-pezo, tivera certas friezas, porque era catholico, achava a religião necessaria, principal-

mente para o povo. Parecia que temiam a infecção das heresias d'aquelle inimigo da Igreja, já condemnado em vida ás penas eternas.

Fidencio ergueu-se de novo, foi á janella e cuspiu para fôra :

— Idiotas !

Voltou para junto da mesa, alliviado, preparou um cigarro, accendeu-o, sentou-se de novo, firmando-se sobre os pés traseiros da cadeira, utilisada para balanço, e reatou o fio das suas recordações.

Alguns homens, na facil convivencia das portas das lojas, onde á tarde se renova diariamente o processo da sindicancia da vida alheia, começaram a gostar de ouvir dizer mal de tudo e de todos, com umas phrases novas, uns ditosinhos agudos, uma certa maneira de exprimir as idéas, entremeando calembours com palavrões sonoros e sibilando muito os *ss*, que adquirira ao tempo de estudante e de caixeiro de armarinho. Conquistara a facil mentalidade dos bons matutos de Silves, posto não lograsse captivar-lhes o coração desconfiado. Mas o Chico Fidencio tinha tanta graça! Tinha uns modos não sei como, o diacho do mestre-escola ! Sabia tão bem o ridiculo d'uma pessoa ou d'uma cousa, que os seus ataques eram irresistiveis. O matutos reconheciam assim o seu incontestavel merito.

Um dia, lembrara-se de escrever uma *correspondencia* para uma folha de Manáos, a proposito da ultima sessão do Juri no termo, e dissera umas cousas agradaveis ao Juiz de Direito que lhe valeram a proposta para Adjunto do Promotor Publico, cargo que nunca fôra servido na comarca e de que não havia necessidade. E satisfeito com o resultado obtido puzera-se em activa correspondencia com o jornal de Manáos, o *Democrata, orgão politico, noticioso, commercial, scientifico e independente*, que lhe estampara a prosa, contente por ter materia nova com que encher as columnas da obrigação. As cartas do Chico Fidencio não seriam talvez muito lidas na capital da provincia, mas em Silves eram devoradas avidamente, commentadas, discutidas durante quinse dias a fio. O seu estilo tinha umas vezes o sarcasmo ferino da conversação ordinaria, e outras, quando o Chico calçava assuas tamancas de jornalista grave, e queria discutir um assumpto com a seriedade necessaria, subia aos phraseados sonoros, recheados de declamações

bombasticas, de trechos de bons autores, de citações novas, com muita erudição de idéas e palavras bebidas aqui e alli, na leitura de periodicos e pamphletos.

E eram exactamente esses artigos, de que mais se orgulhava, que reputava melhor, que lia e relia aos amigos, chamando-lhes a attenção para o phraseado cheio, para as referencias sabias e o rebuscado do estilo, os mais raros e os menos apreciados. O publico, ignorante e grosseiro, preferia as pilherias e as criticas mordases, que iam subindo de tom até ao diapasão da descompostura, degenerando em maledicencias e calumnias. Tinha, porém, uma justificação para esses excessos : a necessidade de não poupar o inimigo, para não lhe morrer ás mãos.

Quando chegava o paquete e o *Democrata* apparecia, pequeno, massudo e mal impresso, coberto de *pasteis* e de falhas, como d'uma lepra incuravel, toda a gente queria saber se o *Constante leitor*, o pseudonimo do Chico Fidencio, escrevera a sua carta datada de Silves, com quem bolia, se desancava o Padre José ou o subdelegado, se falava na Luisa ou na D. Prudencia, se contava os novos amores do vigario, ou descobria as recentes ladroeiras do escrivão da policia.

Apesar d'esses triumphos, Francisco Fidencio Nunes sentia que pisava em terreno falso. Não contava com as simpathias da população, e teria de decidir-se em breve a procurar outro abrigo para a sua miseria e para o seu ideal de liberdade religiosa, tão mal amparado na povoação do lago Saracá. Não podia deixar de pensar que fôra enganado pelo Felippe do Ver-o-pezo. Sempre era gallego, e bastava.

O vigario vingava-se das correspondencias, fazendo-lhe uma guerra de morte. O collector, que era o homem mais importante do logar, não gostava d'elle, embora lhe tivesse medo. As mulheres eram-lhe hostis, não liam as suas cartas, não viam senão o homensinho feio, que desrespeitava os santos e pregava heresias. Estranho á terra, sem ligações de familia na provincia, sem a tradição d'um passado qualquer que o protegesse, reconhecia-se fraco e dispunha-se a abandonar o campo, quando surgiu de chofre o segundo periodo da questão religiosa, ferida entre os bispos do Pará e de Olinda e a maçonaria.

A gente de Silves não tinha interesse algum na questão, mesmo porque o seu vigario, um pandego, valha a verdade!

não se occupava muito de cousas da Igreja. Mas o espirito de partido, muito vivo nas povoações pequenas, o amor da novidade, o instincto de contradicção e de luta que divide os homens, mesmo desinteressados e indifferentes ao assumpto da discussão, fraccionaram a população em dois grupos. Um formara-se dos maçons, dos parentes dos maçons, dos inimigos pessoaes do vigario e dos rapases mais ardentes e mais instruidos. O outro constituira-se com os homens timoratos e pacificos, que de preferencia ás innovações, queriam viver com os Padres, acreditando, ou fazendo por acreditar, em tudo o que esses exploradares da humanidade disem. Francisco Fidencio tornou-se naturalmente chefe do partido maçonico.

A luta, a falar a verdade, não passara do terreno do palanfrorio, consistira unicamente em discussões fortes á porta do collector ou junto ao balcão do Costa e Silva e na insistencia dos maçons em acompanhar as procissões e Nossos Pais de balandrau e tocha. Francisco Fidencio era irmão do Santissimo. A sua brilhante opa encarnada, que por acinte tinha na sala, exposta a todas as vistas, apparecia em toda a parte. Padre José *bufava*. Por fim tomara o pretexto de tão grande irreverencia para acabar com festas e procissões que lhe davam muita massada. Mas o melhor fôra que o correspondente do *Democrata* lucrara com a questão.

Primeiro que tudo, dedicando as suas cartas ao assumpto da pendencia que dividia os espiritos, atacando o Papa, os Bispos, os Padres todos e especialmente os Jesuitas, poupava os habitantes da villa, com excepção do Vigario. Mereceu com esse procedimento que se corresse um veu sobre as criticas antigas, amortecendo os odios dos offendidos. Não era mais o *escrevinhador insolente*, que se occupava da vida privada de cidadãos conhecidos, achincalhando a reputação do capitão Fulano ou do negociante Sicrano. Passava a ser um escriptor preoccupado de questões sociaes, um sujeito que zursia os Padres, uma especie de adversario platonico. Os Padres que se defendessem !

As antigas victimas rejubilavam-se, descançadas, livres do temor, esforçando-se por esquecer e fazer esquecer as descomposturas recebidas no *Democrata*. Eram agora ellas mesmas que chamavam a attenção publica para os artigos do professor, que o commentavam, indagando hipocrita-

mente se seria verdade tudo aquillo que se dizia do Padre José, alardeando indignação, exclamando que taes monstruosidades eram dignas de severo castigo.

Francisco Fidencio contava á redacção do *Democrata*, por miudo, as pandegas colossaes do vigario, as aventuras nocturnas, as bambochatas em canoa, as orgias nas praias de areia, ao tempo da desova das tartarugas. Citava nomes, falava da Chica da outra banda, da mulher do Viriato, da Luiza, e até da D. Prudencia, veladamente — *uma certa Imprudencia.* Dizia que o vigario bebera o dinheiro da provincia com as mulatas, em vez de concertar a Matriz, que sedusia as beatas, que prostituia as confessadas, que era ministro de Barrabás... O diabo !

Padre José ficava furioso. Ameaçava *quebrar as bitaculas áquelle safado*, e calumniava-o, espalhando que Chico Fidencio fôra condemnado no Rio por gatuno e expulso do corpo de Permanentes do Pará por maus costumes, *peccados contra a naturesa.*

Emquanto Padre José apanhava bordoadas de cego nas columnas do *Democrata*, o subdelegado, o escrivão da policia, o commandante do destacamento, o juiz municipal e o fiscal da Camara folgavam, comprasendo-se n'uma feliz obscuridade, e como o vigario não oppunha aos artigos do Chico um procedimento exemplar, as censuras e accusações calavam na opinião, o partido maçonico augmentava, uma corrente de simpathia estabelecia-se entre o jornalista liberal e a população de Silves.

Em segundo lugar, a sua posição de chefe de partido reunira em torno da sua pessoa um grupo dedicado e attento, que o amparava e applaudia na luta, dando-lhe prestigio e força. Francisco Fidencio já se não sentia isolado, as suas palavras eram repetidas por alguns como Evangelho, as pilherias que lhe sahiam da boca tinham curso forçado. As suas opiniões eram aceitas geralmente, com desconto do exagero que lhe attribuiam os taes homens serios, em questão de doutrina e de dogma :

— Aquillo é maluquice d'elle, mas tem razão no que diz dos Padres.

— Maluquice ! resmungou Francisco Fidencio, levantando-se de novo, e chegando á porta do corredor, gritou para a varanda.

— Então nem um cafésinho hoje ! Olhe que a gente não almoçou !

Cessou o ruido dos bilros, e a voz arrastada da Maria Miquelina respondeu lá de dentro :

— Pensei que vuncê não queria nada hoje. Está de burros, parêsque !

A caseira já devia saber que, quando o figado lhe não permittia comer, o Chico Fidencio bebia muito café. Era a unica cousa que o seu estomago supportava. Demais era carioca da gemma. Era da terra do café. E quando estava damnado, bebia café. No dia em que fôra demittido de professor publico no Pará, bebera mais de vinte chicaras desse liquido que prolongara a vida de Voltaire.

Voltou a passear a sala em todos os sentidos, levando a mão á região do figado e chupando um cigarro apagado.

A chuva continuava, monotona, repinicando nos telhados visinhos. A flauta do Chico Ferreira cansara. Da casa fronteira vinha um choro de creança manhosa e endefluxada. Os pequenos sinos da Matriz espalhavam no ar alegres vibrações argentinas, saudando o meio dia.

A rua continuava deserta. Francisco Fidencio chegara á janella e não vira pessoa alguma. Pudera ! com aquelle tempo de cachorro.

— Estava de burros, sim, e tinha rasão de sobra. Havia mais de meio anno que Padre José morrera, e que Fidencio ficara sem assumpto para alimentar a sua correspondencia com a folha de Manáos. A questão religiosa amortecera, os episodios da luta iam ficando esquecidos, o terrivel adversario do clericalismo estava-se tornando inoffensivo.

Tivera uma forte tentação de voltar a bolir com os antigos inimigos, para o que não faltaria assumpto, graças a Deus. Sabia tudo que se passava em Silves, sem necessidade de espiar, nem de indagar da vida alheia. Contavam-lhe, sem que nada perguntasse.

Podia referir-se ao José Antonio Pereira, que passava por moço de muito bons costumes: mas tinha lá as suas maselas em casa. Podia contar que o Neves Barriga tinha um serralho no sitio do rio Urubús, e que por isso não queria saber da villa, onde o chamavam os seus deveres de camarista. Que o Valladão, o subdelegado, prendia por dinheiro os negros fugidos, fasendo-se capitão do mato. O fiscal merecia bem boas sovas pelo estado das ruas que a Camara o incum-

bira de zelar, e sem sahir das raias do interesse publico, que elle, como escriptor publico, devia e podia superintender, tinha muito que dizer da Camara, e especialmente d'um certo vereador João Carlos, que estava quasi sempre na presidencia, porque o Neves não gostava de deixar o serralho.

Do Costa e Silva, apesar de amigo, poderia affirmar que pregava de vez em quando o seu carapetão ao *Diario do Grão-Pará* porque tinha a imaginação exaltada e era duma credulidade de caboclo. E o proprio collector, o grave e pretencioso capitão Fonseca, não ficaria muito livre de culpa, se o Fidencio quizesse referir-se a certas cousas lá da collectoria que o escrivão Pereira lhe contara muito em confiança...

Mas a dura experiencia do passado...

Passara vicissitudes terriveis por causa d'aquelle geito que tinha para a critica e o sarcasmo. Conseguira, por um grande esforço de prudencia, fugir á tentação em que a falta de assumpto o ia despenhando.

Por isso, contentara-se com escrever generalidades contra o clero todo, contra a doutrina da Infallibilidade, e especialmente contra os *homens do hespanhol Ignacio de Loyola*, entremeadas de censuras ao Bispo por deixar tanto tempo sem pastor espiritual uma população catholica, o que provava, escrevera elle ao *Democrata*, *que a salvação das almas não era a preocupação principal desses senhores de Roma.*

Mas que se importava a gente de Silves com o hespanhol Loyola e com os homens de Roma ?

O que ella queria era a bella da descompostura a gente conhecida, a referencia directa a pessoa do lugar.

A' chegada de Padre Antonio de Moraes o espirito de luta accendera-se novamente no cerebro do Chico Fidencio. Escovara a opa encarnada e aguçara os adjectivos. A presença do novo vigario parecia prestar-se á critica que invocasse a humildade christã, o desapego dos gosos mundanos, de que os primeiros apostolos deram prova. Desd'o dia do desembarque solemne, em que a sua pilheria irritante provocara a má vontade dos figurões, Fidencio não poupara allusões á batina nova, ao penteado, á cara bem rapada, aos punhos engommados do *senhor vigario.*

Mas o diabo era que elle, Francisco Fidencio Nunes, não podia ir além d'essas allusões.

Chegou novamente á porta do corredor e gritou para dentro, em voz de caixeiro de botequim :

— Olha esse café que saia !

— Já vai, *seu* Chico. E'o diacho da lenha que está muito molhada, respondeu do fundo da cosinha a voz arrastada da Maria Miquelina.

— Pilulas, até a lenha !

Fidencio entrou na alcova, pegada á sala, e sahiu logo depois, abotoando-se.

A chuva diminuira, mas o ceu estava todo alvacento, empastado de nevoeiros. A humidade do ar penetrava, pela janella aberta, esfriando a temperatura e causando ao professor uma sensação de arrepio, levantando lhe pela raiz os pellos da epiderme. A luz escassa do dia dava aos objectos uma coloração desmaiada que lhes confundia os contornos. As linhas perdiam-se n'uma obscuridade vaga, ondulante. O preto sujo da velha pindoba do tecto pesava sobre a sala, acaçapando os moveis e os quadros. Do chão humido levantava-se um cheiro a bolor e a ponta de cigarros, insipido e fastiento. A gallinha de pintos fôra-se pelo corredor fóra, a passos lentos, catando o pavimento, cacarejando. O pio dos pintainhos irritava os nervos.

Fidencio olhou vagamente para o tecto, para as paredes, para os moveis, indeciso, abstracto, mettendo a mão entre o cós das calças e a camisa para acariciar o figado. As paredes brancas, d'um branco sujo, apertavam-no. O retrato de Saldanha Marinho morria no quadro de madeira preta, na tinta pardacenta da lithographia ordinaria, salpicada de excremento de moscas. Mais abaixo o *Sonho de pio IX* salientado pelo dourado velho da moldura, degenerava n'uma confusão de pernas largas e de seios pontudos, de taças redondas e de flores chatas, de batinas e corôas n'um plano só, sem perspectiva. Do outro lado Ganganelli, entre as quatro obreiás verdes, na alvura duvidosa do papel de impressão, erguia a mão sem vida segurando os raios pontificaes, longas linhas tremulas e quebradas a craion, para fulminar a Companhia, representada por um Padre moço e barbado, mas muito branco, barba tesa e braços enormes, parecido com D. Vital. E por baixo, a custo, apparecia, na meia tinta, a legenda, em versaes gastos, mal impressa e incorrecta : O PAPA CLEMENTE XIV EXTINGUE A COMPANHIA DE JESUS. VIDE O TEXTO.

Na parede da esquerda, proximo á porta da rua, o cabide parecia sustentar a custo o velho chapeu de pelle de lebre, o velho guarda-chuva côr de pinhão e a opa do Santissimo Sacramento que tinha agora uma apparencia desmaiada, de velho balandrau surrado em procissões e Nossos Paes sem conta ; e o candieiro de petroleo lançava do grande bojo de vidro ordinario, faceado, uma luz amarellada e baça, com reflexos esverdeados de aseite de mamona.

Tudo parecia mais velho ; as mesas, os tinteiros, os bancos, a cadeira de palhinha. Do chão escuro e fetido, do tecto negro, das paredes humidas, dos moveis, das roupas, dos contornos de todos os objectos, dos quadros parietaes, dos gestos dos personagens, da sua phisionomia dura e chata de figuras mal feitas, vinha como uma emanação de tedio, que ia subindo, espalhando-se pela janella, para lançar-se sobre a villa toda, estupida e molhada.

Fidencio abriu os braços, retorceu-os n'um espreguiçamento, vergando o corpo para traz, desarticulando as mandibulas n'um longo bocejo, e deixou escapar um grito agudo e prolongado que cortou de chofre o silencio do dia. Na casa fronteira abriu-se um pouco a janella de pau pintada de azul, e pela frincha estreita, uma mulher espiou, curiosa.

A Maria Miquelina, equivocando-se, gritou da varanda :

— Já vai, já vai, seu Chico, tenha um *mocadinho* de paciencia.

— Ah , o café ! disse o Fidencio, sorrindo.

Resoaram no corredor as tamanquinhas da caseira asafamada.

— Pensei que era o café de João Pinheiro ! exclamou, quando a mulata appareceu á porta da sala, trazendo na mão uma grande chicara de louça azul, de que sahia um fumo tenue e um odor forte a café quente.

— Que João Pinheiro, seu Chico ?

— Não sabes a historia do João Pinheiro, rapariga !

— Como havera de saber, seu Chico ? Só se era o João Pinheiro que matou outro dia o Joaquim Feliciano n'aquelle encontro da beira da lago...

— Não, Maria Miquelina. João Pinheiro era um fasendeiro da minha terra, muito conhecido e apatacado.

— Pois como eu havera de saber d'elle, se eu nunca estive lá n'esses Rio de Janeiro...

E, intrigada, a caseira collocou sobre a mesa grande a

palangana de café, e pôz-se a interrogor o professor com os olhos

Fidencio começou, narrando :

— João Pinheiro era um fasendeiro apatacado, mas muito amigo de guardar o que tinha. A fasenda d'elle ficava á beira da estrada e era escolhida pelos viajantes para descansarem durante as horas mais quentes do dia, pois era justamente no meio do caminho da cidade... da cidade... enfim, d'uma cidade para outra. Sempre que chegava algum viajante, João Pinheiro gritava para dentro :

— Moleque, trase café para este homem.

O moleque, lá de dentro, repondia :

— Já, sim siô.

O viajante ficava com a boca doce, esperando refrescar-se com o cafédorio do João Pinheiro.

Passava um quarto d'hora... e nada.

— Moleque, olha esse café ! gritava o fazendeiro.

— Já vai, sim, siô.

O viajante, que já estava com a garganta secca de engulir em falso, concebia uma esperança.

Passava outro quarto d'hora... e de café nem lembrança.

— Moleque, vem ou não vem esse café ? perguntava o João Pinheiro.

E o meleque :

— Já vai já, sim, siô.

O viajante puxava o relogio, sentindo não ter tempo de esperar que fizessem o fogo.

Passava outro quarto d'hora :

— O' moleque do diacho, então esse marvado café não vem hoje ?

— Já vai agora mesmo, meu siô.

O viajante levantava-se e despedia-se, farto de esperar.

— Este diacho de moleque, dizia o João Pinheiro, apertando a mão ao hospede, este diacho de moleque é assim mesmo.

E accrescentava muito aborrecido :

— Que vexame sahir V. S. sem beber café !

Montando a cavallo, o viajante ouvia ainda o moleque gritar lá de dentro :

— Já vai, sim siô.

A Maria Miquelina pôz as mãos nas ilhargas, rindo muito.

— Este diacho de seu Chico tem cada historia ! Pois o ho-

mem havera de fazer isso mesmo ?! Ora tome lá o seu café, que este não é do João Pinheiro.

Fidencio sorveu o café, gole a gole. Depois a caseira voltou para o seu trabalho, e o professor foi procurar alguma cousa que ler. Era preciso matar o tempo.

Accendeu um cigarro, abriu uma graveta e procurou entre varios folhetos de diversas côres e tamanhos um que lhe désse vontade de reler. Eram pamphletos anticlericaes, com titulos promettedores : *Os Jesuitas desmascarados. A Maçonaria e a Companhia de Jesus. Os Jesuitas*, simplesmente. *As astucias de Roma. A questão religiosa.* A Igreja e o Estado. O *Jesuita na garganta*, scena comica. *Os Lazaristas. Recurso á Coroa...* uma infinidade ! Todos com pseudonimos : *Ganganelli, Sebastião José de Carvalho, Fabio Rustico, Um livre pensador, Um verdadeiro catholico, O velho catholico, o Padre Jacintho, Jacolliot...* o diabo ! Obras de erudição, discursos declamatovios, pamphletos virulentos, de escacha-pecegueiro, que trituravam, moiam e reduziam a pó a Igreja, o Papado, os Bispos e os Homens de roupeta, pondo em pratos limpos, com segurança indiscutivel, a historia da Papisa Joanna, os crimes dos Borgias, os horrores da Inquisição e os sophismas audaciosos do Sr. D. Antonio. Alli, n'aquelles folhetos, discutia-se com lucidez e verdade a questão religiosa ! Faziam-se estatisticas, enumeravam-se as victimas da inquisição na Hespanha, as mortes da noite de S. Bartholomeu, em França. Mostrava-se o que era Roma, explicavam-se as patifarias dos Cardeaes, sommavam-se os milhões roubados pela Companhia de Jesus. Não havia fugir. Estava alli provado, perfeitamente provado, e o que os Padres respondiam eram sophismas.

Fidencio tomou um dos folhetos, grande, massudo, de capa amarella e typo dose. Intitulava-se : *A monita secreta*, por *Um antigo Jesuita.* Era incrivel o que aquelle livro dizia. Era um horror !

Francisco Fidencio foi buscar á mesa grande o *Magnum Lexicon*, collocou-o sobre a extremidade d'um dos bancos, para lhe servir de travesseiro.

Deitou-se no banco, ao comprido, trançou as pernas, tirou uma fumaça do cigarro e abriu o pamphleto, murmurando :

— Patifes !

Um livro assim é que elle queria ter escripto. Quizera

ter sido jesuita, conhecer todos os segredos da Ordem, apanhar-lhe as manhas, e depois vir a publico, com uma coragem extraordinaria, pôr pela imprensa todas aquellas bandalheiras a nú.

Um dia ainda reuniria em folheto as suas correspondencias, formaria um folheto como aquelles, de capa de côr, com o titulo pomposo em letras gordas e com um pseudonymo : *o Padre Kélé.* Era d'arromba. Ninguem ficaria serio, lendo-o. O diabo era não haver em Silves uma tipographia !

Esta idéa de publicar um livro, de ver o seus artigos reunidos em folheto, com capa e frontespicio, enraisara-se-lhe no cerebro, emquanto percorria distrahidamente as paginas do pamphleto que tinha nas mãos sem entender o que lia. Que prazer seria o seu ! Podia vir a ser citado — o autor do livro tal... o espirituoso e erudito *Padre Kélé* (pseudonimo)... um escriptor de pulso que zurze desapiedadamente os Padres... O livro podia ser intitulado *Carapuças romanas*, por exemplo, ou então podia ter um nome pomposo : *Os Vampiros Sociaes* ou simplesmente *Os abutres.*

E logo lhe parecia estar vendo o folheto *in octavo*, bom tipo, papel assetinado, capa verde, com o seguinte frontespicio, apparatoso :

OS ABUTRES

PELO

PADRE KÉLÉ

187...

MANAOS

TIP. DO « DEMOCRATA »

E n'uma prosa fluente, argumentação serrada, vigoroso estilo e linguagem castigada, um pamphleto mordente e verdadeiro, contando as bandalheiras inqualificaveis do vigario de Silves, reprodusidas das correspondencias do *Democrata* e entremeadas de citações latinas, de apostrophes vehementes a Roma e ao Senhor Bispo, de exclamações bombasticas e de calembours de fazer rir as pedras.

Padre José ficaria bem sovado... mas o diabo era que Padre José estava morto, e o Chico Fidencio não gostava de dar em defunto. Demais, o que escrevera sobre o fallecido vigario

não era sufficiente para dar um livro de cento e vinte paginas, pelos menos.

O bom era sovar tambem a Padre Antonio de Moraes.

Fidencio largou o pamphleto e poz-se a scismar, achando a idéa impraticavel.

O finorio do Padre era irreprehensivel. A sua vida simples e clara não se prestava á critica !

Fidencio procurava analisar, por miudo, a vida do novo vigario de Silves, rebuscando no intimo dos factos algum simptoma de fraqueza ou de hiprocrisia. Recapitulando, nada lhe escapava.

O Padre levantava-se cedo, ás seis horas, lia o breviario e passava a dizer missa. Depois da missa, confessava, e ao sahir, no adro, palestrava com os homens, indagando da sáude de cada um, muito cortez, dando conselhos uteis de higiene privada. Terminada a aula de religião que dava aos meninos, recolhia-se a concertar com o lorpa do Macario sacristão sobre as necessidades do culto. Jantava ás quatro horas, sahia a dar um breve passeio pelos arredores da villa, a espairecer, sempre serio, de olhos baixos, compenetrado do dever de dar o exemplo da sisudez e da gravidade. Voltava ás seis horas, ao toque de Ave Maria, descoberto, passeando lentamente, recolhia-se ao quarto a ler o breviario. O Macario, victorioso e nescio, sahia á porta, ardendo por dizer a toda a gente que S. Revdm.a estava em casa estudando.

Os baptisados e casamentos, atrasados um semestre, um ou outro enterro, achavam-n'o sempre prompto, nada exigente quanto a propinas, observando com affectado escrupulo a tabella do bispado, e fechando os olhos á qualidade maçonica do padrinho, do defunto ou do nubente.

O proprio Chico Fidencio, para o experimentar e faser escandalo, servira de padrinho a um rapazito do Urubús.

Padre Antonio acudia com os ultimos sacramentos a qualquer doente, por mais pobre e desamparado que fosse, levando-lhe o Nosso Pai com um cerimonial vistoso, ao toque dos pequenos sinos da Matriz e ao som da cantoria roufenha e monotona dos beatos, o Fonseca, o Valladão, o João Carlos e outros, que appareciam ao primeiro signal e corriam a disputar as cruses e as lanternas com que haviam de formar o acompanhamento. Fidencio, envergando a opa encarnada do Santissimo Sacramento, lá seguia atraz, de

tocheiro em punho. E Padre Antonio, embrulhado na capa magna, apertando o Viatico contra o peito, em attitude de uncção e respeito, caminhava lentamente sob o pallio, solemne e absorto, alheio ao que se passava em derredor, como um homem que comsigo levava um Deus. Na frente, o Macario badalava.

Na encommendação dos finados, a sua voz simpathica tinha modulações melancholicas, repassadas d'infinita saudade, como se aquelle morto tivesse em vida occupado o seu coração e o seu espirito, ou como se, ante o terrivel nada da morte, uma dor latente lhe mordesse o peito, fasendo sentir a nullidade da existencia d'esse verme pretencioso que se chama o homem... Havia talvez em tal melancholia o profundo desalento de quem se sabia sujeito áquella mesma transformação hedionda da morte, apesar do apego á vida do moço de 22 annos, que a philosophia tremenda do *momento* contrariava cruelmente... Mas o povo, fanatisado pelos homens de roupeta, não via na commoção do vigario senão mais uma prova da bondade de S. Revdm.ª do modo cabal por que sabia desempenhar os deveres do seu cargo, compenetrando-se do papel que tinha de representar. Não seria Padre José, sempre alegre, barulhento, caçoador e pandego, que se mostraria assim pesaroso da morte d'um seu parochiano !

O espertalhão do Padresinho, pensava Fidencio com uma admiração involuntaria, soubera tornar-se o objecto exclusivo da attenção e curiosidade de toda a população de Silves e dos arredores. A fama chegara a Serpa, fôra a Maués, voltára pelo Amazonas acima até á cidade de Manáos. Nunca d'aquella redondesa se vira um vigario assim tão compenetrado dos seus deveres, tão serio, affavel e pontual. Deante d'elle os homens modificavam a sua linguagem habitual, falavam em cousas serias, em pontos de doutrina christã, cheios de respeito. O ardor maçonico esmorecia, apesar dos esforços em contrario tentados por Francisco Fidencio Nunes. As qualidades moraes que o parocho affectava provocaram uma reacção favoravel no espirito d'aquelle povo indifferente em materia religiosa. O professor Annibal Americano Selvagem Brazileiro, concertando os oculos de tartaruga e cuspindo longe, falara em fundar um jornal que defendesse os interesses da Igreja e doutrinasse os tapuios dos sitios do Urubús e adjacencias. Devia cha-

mar-se a *Aurora Christã* e publicar-se de quinse em quinse dias, com dois mil réis de assignatura trimensal. A difficuldade estava em arranjar a tipographia, custava um dinheiro, era preciso abrir uma subscripção popular; ninguem que se sentisse com crenças religiosas seria capaz de negar o seu obulo, e podiam pedir o auxilio da Caixa Pia e da Camara Municipal, concorrendo esta com cincoenta mil réis por anno para a publicação das actas. O João Carlos lembrara, por economia, o jornal manuscripto, mas o professor Annibal repellira energicamente a idéa como atrasada e trabalhosa. Queria ler-se em letra de fôrma ! Afinal quando se fizera a subscripção para a compra da typographia, difficilmente arranjaram-se quarenta mil réis. O vigario, consultado, desanimou o Annibal, mostrando-se infenso ao projecto, já pela falta de competencia d'elle vigario para dirigir uma imprensa catholica, já porque não queria alimentar odios e dissenções na sua parochia. Annibal Brazileiro retirara-se enfiado. Deixara d'ir á missa e viera dizer ao Chico Fidencio que a lembrança que tivera não passara d'uma pilheria, d'um meio de experimentar o ardor religioso d'aquelles beocios que andavam todas os dias a falar em catholicismo. Mas Fidencio bem o conhecia, para cá vinha de carrinho o tal Sr. Annibal !

Este ultimo acto de Padre Antonio de Moraes agradara muito ao Chico Fidencio. Padre Antonio mostrava ser homem de juizo.

O mallogro da tentativa do professor Annibal não destruira os resultados das palavras e acções de novo vigario de Silves. A missa de todas as manhãs era bastante concorrida, á ladainha da noite ninguem faltava, os Nosso Pai nunca sahiam sem numeroso acompanhamento. As creanças corriam a instruir-se na doutrina do catecismo do Bispado, as devotas confessavam-se, os casamentos amiudavam-se, fazendo diminuir as mancebias... Tudo se encaminhava para a reforma que Padre Antonio pretendia fazer para gloria de Deus e desempenho do *honroso encargo que lhe fôra confiado por S. Exc. Revdm.a.*

Em taes condições, com um Padre como aquelle, que se dava ao luxo de ser impeccavel, que faria, que escreveria Fidencio, como comporia o seu bello folheto de cento e vinte paginas, com capa verde e frontespicio pomposo ? Um mez era decorrido, um longo mez de observação, de ana-

lise, de estudo, e os seus ataques contra o Padreco catita e apelintrado não tinham ainda podido ir além da batina nova, do penteado, dos punhos engommados e dos olhos baixos de Padre Antonio de Moraes. Era pouco para um folheto de cento e vinte paginas!

Um relogio da visinhança bateu duas pancadas argentinas. Francisco Fidencio arremessou contra a parede o folheto que não lia e que esparralhou pelo chão as folhas soltas.

A chuva cessara, mas o ar estava ainda muito carregado de vapores aquosos. Uma restea de sol, muito tenue, penetrava, avivando n'um ponto o encarnado da opa do Santissimo. As tamanquinhas da Maria Miquelina faziam-se ouvir no corredor.

— Quando vuncê quizé jantar, seu Chico, a janta está quasi prompta.

— Maria Miquelina, disse Fidencio, muito serio. O tal Padresinho ou é um santo ou um refinadissimo hipocrita.

A caseira contestou :

— Ora, *seu* Chico...

— Pelo sim, pelo não, exclamou Fidencio erguendo-se n'uma resolução assentada. Pelo sim, pelo não, vou passar-lhe uma *descalçadeira.*

A QUADRILHA DE JACOB PATACHO

Eram sete horas dadas, a noite estava escura, e o ceu ameaçava chuva.

Terminara a ceia, composta de cebola cosida e *pirarucú* assado, o velho Salvaterra dera graças a Deus pelos favores recebidos ; a *sôra* Maria dos Praseres tomava pontos em umas velhas meias de algodão muito remendadas ; a Annica enfiava umas contas destinadas a formar um par de braceletes, e os dois rapases, espreguiçando-se, conversavam em voz baixo sobre a ultima caçada. Allumiava as paredes negras da sala uma candeia de aseite, reinava um ar tepido de tranquillidade e socego, convidativo do somno. Só se ouviam o murmurio brando do Tapajoz e o ciciar do vento nas folhas das pacoveiras. De repente, a Annica inclinou a linda cabeça, e poz-se a escutar um ruido surdo que se approximava lentamente.

— Ouvem ? perguntou.

O pae e os irmãos escutaram tambem por alguns instantes, mas logo concordaram, com a segurança dos habitantes dos logares ermos :

— E' uma canôa que sóbe o rio.

— Quem ha de ser ?

— A estas horas, opinou a *sõra* Maria dos Praseres, não póde ser gente de bem.

— E porque não, mulher ? reprehendeu o marido, isto é alguem que segue para Irituia.

— Mas quem viaja a estas horas ? insistiu a timorata mulher.

— Vem pedir-nos agasalho, redarguiu. A chuva não tarda, e esses christãos hão de querer abrigar-se.

A *sõra* Maria continuou a mostrar-se apprehensiva. Muito se fallava então nas façanhas de Jacob Patacho ; nos assassinatos que a miudo commettia; casos estupendos se contavam de um horror indisivel : incendios de casas depois de pregadas as portas e janellas para que não escapassem á morte os moradores. Enchia as narrativas populares a personalidade do terrivel Saraiva, o tenente da quadrilha cujo nome não se pronunciava sem fazer arripiar as carnes aos pacificos habitantes do Amazonas. Felix Salvaterra tinha fama de rico e era portuguez, duas qualidades perigosas em tempo de cabanagem. O sitio era muito isolado e grande a audacia dos bandidos. E a mulher tinha lagrimas na voz lembrando estes factos ao marido.

Mas o ruido do bater dos remos n'agua cessou, denotando que a canôa abicára ao porto do sitio. Ergueu-se Salvatera, mas a mulher agarrou-o com ambas as mãos :

— Onde vais, ó Felix ?

Os rapases lançaram vistas cheias de confiança ás suas espingardas penduradas na parede e carregadas com bom chumbo, segundo o habito de precaução naquelles tempos infelises, e seguiram o movimento do pae. A Annica, silenciosa, olhava alternativemente para o pae e para os irmãos.

Ouviram-se passos pesados no terreiro, e o cão ladrou fortemente. Salvaterra desprendeu-se dos braços da mulher e abrio a porta. A escuridão da noite não deixava vêr cousa alguma, mas uma voz rustica sahiu das trevas.

— Boa noite, meu branco.

— Quem está ahi ! indagou o portuguez. Se é de paz, entre com Deus.

Então dois caboclos appareceram no circulo de luz projectado fóra da porta pela candeia de aseite. Trajavam calças e camisa de riscado e traziam na cabeça grande chapéo de palha. O seu aspecto nada offerecia de peculiar e distincto dos habitantes dos sitios do Tapajoz.

Tranquillo, o portuguez afastou-se para dar entrada aos nocturnos visitantes. Offereceu-lhes da sua modesta ceia, perguntou-lhes d'onde vinham e para onde iam.

Vinham de Santarém, e iam a Irituia, á casa do tenente Prestes levar uma carga de fasendas e molhados por conta do negociante Joaquim Pinto ; tinham largado do sitio deAvintes ás quatro horas da tarde, contando amanhecer em Irituia, mos o tempo se transtornára á boca da noite, e elles, receiando a escuridão e a pouca pratica que tinham d'aquella parte do rio, haviam deliberado parar no sitio de Salvaterra, e pedir-lhe agasalho por uma noite. Se a chuva não désse, ou passasse com a sahida da lua lá para a meia noite, continuariam a sua viagem.

Os dois homens fallavam serenamente, arrastando as palavras no compasso preguiçoso do caboclo que parece não ter pressa de acabar de diser. O seu aspecto nada offerecia de extraordinario. Um, alto e magro, tinha a apparencia doentia; o outro reforçado, baixo, e de cara bexigosa, não era simpathico á dona da casa, mas afóra o olhar de lascivia torpe que dirigia á Annica, quando julgava que o não viam, parecia a creatura mais inoffensiva deste mundo.

Depois que a *sôra* Maria mostrou ter perdido os seus receios, e que a Annica serviu aos caboclos os restos da ceia frugal d'aquella honrada familia, Salvaterra disse que eram horas de dormir. O dia seguinte era de trabalho e convinha levantar cedo para ir em busca da *pequena* e mais da *malhada*, duas vaccas que lhe haviam desapparecido n'aquelle dia. Então um dos tapuyos, o alto, a quem o companheiro chamava ceremoniosamente — *seu João*, — levantou-se e declarou que iria dormir na canôa, a qual posto que muito carregada, dava acommodação a uma pessoa, pois era uma galeota grande. Salvaterra e os filhos tentaram dissuadil-o do projecto, fasendo ver que a noite estava má e que a chuva não tardava, mas o tapuyo, apoiado pelo companheiro, insistio. Nada, que as fasendas não eram d'elle e *seu* Pinto era um branco muito rusguento, e sabia lá Deus o que podia acontecer ; os tempos não andavam bons, havia muito

tapuyo ladrão ahi por esse mundo, accrescentava com um riso alvar, e de mais elle embirrava com esta historia de dormir dentro d'uma gaiola. Quanto á chuva pouco se importava, queria segurança e agasalho para as fasendas ; elle tinha o couro duro e um excellente *japá* na tolda da galeota.

No fundo quadrava perfeitamente á *sôra* Maria a resolução do *seu* João, não só porque pensava que mais vale um hospede do que dois, como tambem por lhe ser difficil accommodar os dois viajantes na sua modesta casinha. Assim não duvidou applaudir a lembrança, dizendo ao marido :

— Deixa lá, homem, cada um sabe de si e Deus de todos.

O caboclo abrio a porta e sahiu acompanhado pelo cão de guarda, cuja cabeça amimava, convidando-o para lhe faser companhia, *por via das duvidas.* A noite continuava escura como breu. Lufadas de um vento quente, prenuncio de tempestade, açoutavam nuvens negras que corriam para o sul como phantasmas em disparada. As arvores da beirada soluçavam, vergadas pelo vento e grossas gottas de agua começavam a cahir sobre o chão resequido, de onde subia um cheiro activo de barro molhado.

— Agasalhe-se bem, patricio, gritou o portuguez ao caboclo que sahia. E, fechando a porta com a tranca de páo, veio ter com a familia.

Logo depois desejavam boa noite uns aos outros ; o hospede que deu o nome de Manoel, afundou-se n'uma rede, que lhe armaram na sala, e ainda não havia meia hora que sahira *seu* João, já a *sôra* Maria, o marido e os filhos dormiam o somno reparador das fadigas do dia, acalentado pela calma de uma consciencia honesta.

A Annica depois de resar á Virgem das Dôres, sua padroeira, não pudera fechar os olhos. Impressionara-a muito o desapparecimento da *pequena* e da *malhada*, que acreditava filho de um roubo, e sem querer associava na sua mente a esse facto as historias terriveis que lhe lembrara a mãe pouco antes, sobre os crimes diariamente praticados pela quadrilha de Jacob Patacho. Eram donsellas raptadas para saciar as paixões dos tapuyos ; paes de familia assassinados barbaramente ; creanças atiradas ao rio com uma pedra ao pescoço ; herdades incendiadas, um quadro interminavel de atrocidades inauditas que lhe dançava diante dos olhos, e parecia reprodusido nas sombras fugitivas projectadas

nas paredes de barro escuro do seu quartinho pela luz vacillante da candeia de azeite de mamona.

E por uma singularidade, que a rapariga não sabia explicar, em todos aquelles dramas de sangue e de fogo havia uma figura saliente, o chefe, o matador, o incendiario, demonio vivo que tripudiava sobre os cadaveres quentes das victimas, no meio das chammas dos incendios, e, producto de um cerebro enfermo, agitado pela vigilia, as feições d'esse monstro eram as do pacifico tapuyo que ella ouvia roncar placidamente no fundo da rede na sala vizinha. Mas por maiores esforços que a moça fizesse para apagar da sua imaginação a figura baixa e bexigosa do hospede, rindo nervosamente da sua loucura, mal fechava os olhos, lá lhe appareciam as scenas de desolação e de morte, no meio das quaes progrediam os olhos ardentes, o nariz chato e a boca desdentada do tapuyo, cuja figura entretanto desenrolava-se inteira na sua mente espavorida, absorvendo-lhe a attenção e resumindo a tragedia feroz que o cerebro imaginava.

Pouco a pouco, procurando provar a si mesma que o hospede nada tinha de commum com o personagem que sonhára, e que a sua apparencia era toda pacifica, de um pobre tapuyo, honrado e inoffensivo, examinando-lhe mentalmente uma a uma as feições, foi-lhe chegando a convicção de que não fôra aquella noite a primeira vez que o vira, convicção que se arraigava no seu espirito, á medida que se lhe esclarecia a memoria, sim, era aquelle mesmo; não era a primeira vez que via aquelle nariz roido de bexigas, aquella boca immunda e servil, a côr azinhavrada, a estatura baixa e vigorosa, sobretudo aquelle olhar indigno, desaforado, torpe que a incommodara tanto na sala, queimando-lhe os seios. Já uma vez fôra insultada por aquelle olhar. Onde ? Como ? Não podia lembrar-se, mas com certesa não era a primeira vez que o sentia. Invocava as suas reminiscencias. No Funchal não podia ser ; no sitio tambem não fôra ; seria no Pará quando chegára com a mãe, ainda menina, e accommodaram-se em uma casinha da rua das Mercês ? Não ; era mais recente, muito mais recente. Bem ; parecia recordar-se agora. Fôra em Santarém, havia cousa de dois annos ou tres, quando alli estivera com o pae para assistir a uma festa popular, o *sahiré*. Hospedara-se então na casa do negociante Joaquim Pinto, patricio e protector de seu pae, e foi alli, em uma noite de festa, quando se achava em companhia

de outras raparigas sentada á porta da rua, a ver passar a gente que voltava de igreja, que se sentio atormentada por aquelle olhar lascivo e tenaz, a ponto de retirar-se para a cosinha tremula e chorosa. Sim, nenhuma duvida mais podia haver, o homem era um aggregado de Joaquim Pinto, um camarada antigo da casa, por signal que, segundo lhe disseram as mucamas da mulher do Pinto, era de Camteá e se chamava Manoel Saraiva.

Nesto ponto de suas reminiscencias, a Annica foi assaltada por uma idéa medonha que lhe fez correr um frio glacia pela espinha dorsal, reseccou-lhe a garganta, e inundou-lhe de suor a fronte. Saraiva ! Mas era este o nome do famigerado tenente de Jacob Patacho, cuja reputação de malvadez chegára aos reconditos sertões do Amazonas, e cuja atroz e brutal lascivia excedia em horror aos crueis tormentos que o chefe da quadrilha inflingia ás suas victimas. Seria aquelle tapuyo de cara bexigiosa e ar pacifico o mesmo salteador da bahia do Sol e das aguas dos Amazonas, o barbaro violador de virgens indefesas, o bandido, cujo nome mal se pronunciava nos serões das familias pobres e honradas, tal o medo que incutia ? Seria aquelle homem de maneiras socegadas e cortezes, de fallar arrastado e humilde, o heróe dos estupros e dos incendios, a fera em cujo coração de bronse jamais pudera germinar o sentimento da piedade ?

A idéa da identidade do tapuyo que dormia na sala vizinha com o tenente de Jacob Patacho, gelou-a de terror. Perdeu os movimentos e ficou por algum tempo fria, com a cabeça inclinada para traz, a boca entre-aberta e os olhos arregalados, fixos na porta da sala ; mas de repente o clarão de um pensamento salvador illuminou-lhe o cerebro ; convinha não perder tempo, avisar o pai e os irmãos, dar o grito de alarme ; eram todos homens possantes e decididos, tinham bôas espingardas ; os banditos eram dois apenas, seriam prevenidos, presos antes de poderem offerecer séria resistencia. Em todo o caso, fossem ou não fossem assassinos e ladrões, mais valia estarem os de casa avisados, passarem uma noite em claro do que correrem o risco de serem assassinados a dormir. Saltou da cama, enfiou as saias e correu para a porta, mas a reflexão fel-a estacar cheia de desanimo. Como prevenir o pae, sem correr a eventualidade de acordar o tapuyo ? A sala em que este se aboletara interpunha-se entre o seu quarto e o de seus paes ; para chegar ao dormi-

torio dos velhos era forçoso passar por baixo da rede do caboclo, que não podia deixar de acordar, principalmente ao ruido dos gonsos enferrujados da porta que, por excepção e natural recato da moça, se fechára aquella noite. E se acordasse seria ella talvez a primeira victima, sem que o sacrificio pudesse aproveitar á sua familia.

Um silvo agudo, imitante do canto do *urutahy* arrancou-a a estas reflexões, e pondo os ouvidos á escuta, pareceu-lhe que o tapuyo da sala vizinha cessára de resonar. Não havia tempo a perder, se queria salvar os seus. Lembrou-se então de saltar pela janella, rodear a casa e ir bater á janella do quarto do pae. Já ia realisar esse plano quando cogitou de estar o outro tapuyo, o *seu* João, perto da casa para responder ao signal do campanheiro, e entre-abrio com toda precaução a janella, espreitando pelo vão.

A noite estava bellissima.

O vento forte afugentara as nuvens para o sul, e a lua subia lentamente no firmamento, prateando as aguas do rio e as clareiras da floresta. A chuva cessára inteiramente, e do chão molhado subia uma evaporação de humidade, que, misturada ao cheiro activo das larangeiras em flôr, dava aos sentidos uma sensação de odor e frescura.

A principio a rapariga, deslumbrada pelo luar, nada vio mas afirmando a vista percebeu umas sombras que se esgueiravam por entre as arvores do porto, e logo depois distinguio vultos de tapuyos cobertos de grandes chapeus de palha, e armados de terçados, que se dirigiam para a casa.

Eram quinze ou vinte, mas á rapariga louca de susto pareceu uma centena, por que de cada tronco de arvore a sua imaginação fazia um homem.

Não havia que duvidar. Era a quadrilha de Jacob Patacho que assaltava o sitio.

Todo o desespero da situação em que se achava apresentou-se claramente á intelligencia da rapariga. Saltar pela janella e fugir, além de impossivel, porque a claridade da lua a denunciaria aos bandidos, seria abandonar seus paes e irmãos cuja existencia preciosa seria cortada pelo punhal dos sicarios de Patacho durante o somno, e sem que podessem defender-se ao menos. Ir acordal-os seria entregar-se ás mãos do feroz Saraiva, e succumbir aos seus golpes antes de realisar o intento salvador. Que fazer ? A donsella ficou algum tempo indecisa, gelada de terror, com o olhar fixo

nas arvores do porto, abrigo dos bandidos, mas de subito, tomando uma resolução hercica, resumindo todas as forças em um supremo esforço fechou rapidamente a janella e gritou com todo o vigor dos seus pulmões juvenis :

— Aqui d'el-rei ! os de Jacob Patacho !

A sua voz nervosa repercutio como um brado de suprema angustia pela modesta casinha, e o echo foi perder-se dolorosamente, ao longe, na outra margem do rio, dominando o ruido da corrente e os murmurios nocturnos da floresta. Subito rumor fez-se na casa até então silenciosa, rumor de espanto e de sobresalto em que se denunciava a voz rouca e mal segura de pessoas arrancadas violentamente a um somno pacifico ; a rapariga voltou-se para o lado da porta da sala, mas sentio-se presa por braços de ferro, ao passo que um asqueroso beijo, mordedura de reptil antes do que humana caricia, tapou-lhe a boca. O tapuyo bexigoso. Saraiva, sem que a moça o podesse explicar, entrara sorrateiramente no quarto e se approximara d'ella sem ser presentido.

A indignação do pudor offendido e a repugnancia indisivel que se apoderou da moça ao sentir o contacto dos labios e do corpo do bandido, determinaram uma resistencia que o seu phisico delicado parecia não poder admittir. Uma lucta incrivel se travou entre aquella branca e rosada creatura semi-nua e o tapuyo, que a enlaçava com os braços côr de cobre, dobrando-lhe o talhe flexivel sob a ameaça de novo contacto de sua boca desdentada e negra, e procurando atiral-a ao chão. Mas a rapariga segurara-se ao pescoço do homem com as mãos crispadas pelo esforço espantoso do pudor e do asco, e o tapuyo, que julgara facil a victoria, e tinha as mãos occupadas em apertar-lhe a cintura em um circulo de ferro, sentio faltar-lhe o ar, oppresso pelos desejos brutaes que tanto o afogavam quanto a pressão dos dedos nervosos e afilados da victima.

Mas se a sensualidade feroz do Saraiva, unida á audacia que lhe inspirava a consciencia de terror causado por sua presença lhe fazia esquecer a prudencia que tanto o distinguia antes do ataque, o brado de alarme solto pela rapariga dera aos quadrilheiros de Patacho um momento de indecisão. Ignorando o que se passava na casa, e as circumstancias em que se achava o tenente commandante da expedição, cederam a um movimento de reserva, da indole do caboclo,

e voltaram a esconder-se por detraz dos troncos d'arvores que ensombravam a ribanceira. A moça ia cahir exhausta de forças, mas teve ainda animo para gritar com suprema energia :

— Acudam, acudam, que me matam !

Bruscamente o Saraiva largou a mão da Annica, e atirou-se para a janella, naturalmente para abril-a, e chamar os campanheiros, percebendo que era tempo de agir com resolução, mas a moça advertindo-se do intento, atravessou-se no caminho, com inaudita coragem, oppondo-lhe com o corpo um obstaculo que de facil remoção seria para o tapuyo, se n'esse momento, abrindo-se de par em par a porta da sala não désse entrada a Felix Salvaterra, seguido por dois filhos, todos armados de espingardas. Antes que o tenente de Jacob Patacho tivesse podido defender-se, cahia banhado em sangue com uma valente pancada no craneo que lhe deu o velho com a coronha da arma.

O portuguez e os filhos mal despertos do somno, com as roupas em desalinho, não se deixaram tomar do susto e da surpresa, expressa em dolorosos gemidos pela *sôra* Maria dos Praseres, que abraçada á filha, cobria-a de lagrimas quentes. Pae e filhos comprehenderam perfeitamente a gravidade da situação em que se achavam ; o silencio e ausencia do cão de guarda, sem duvida morto á traição, e a audacia do tapuyo bexigoso, mais ainda do que o primeiro grito da filha, do qual apenas haviam ouvido ao despertar o nome do terrivel pirata paraense, os convenceram de que não haviam vencido o ultimo inimigo, e emquanto um dos moços apontava a espingarda ao peito do tapuyo que banhado em sangue tinha gravados na moça os olhos ardentes de volupia, Salvaterra e o outro filho voltaram á sala, com o fim de guardar a porta de entrada. Esta porta tinha sido aberta, achava-se apenas cerrada, apesar de havel-a trancado o dono da casa quando despediu o caboclo alto. Foram os dois homens para pôr-lhe novamente a tranca mas já era tarde.

Seu João, o campanheiro de Saraiva mais afoito do que os outros tapuyos, chegára á casa, e percebendo que o seu chefe corria grande perigo, assobiou de um modo peculiar, e em seguida, voltando-se para os homens que se destacavam das arvores do porto, como visões de febre, emittiu na

voz guttural do caboclo o brado que depois se tornou o grito de guerra da *cabanagem* :

— Mata marinheiro ! Mata ! Mata !

Os bandidos correram e penetraram na casa. Travou-se então uma lucta horrivel entre aquelles tapuyos armados de terçados e de grandes cacetes quinados de *massaranduba*, e os tres portuguezes que heroicamente defendiam o seu lar, valendo-se das espingardas de caça, que, depois de descarregadas, serviram-lhes de formidaveis maças.

O Saraiva recebeu um tiro á queima roupa, o primeiro tiro, pois que o rapaz que o ameaçava sentindo entrarem na sala os tapuyos procurara livrar-se logo do peior d'elles, ainda que por terra e ferido : mas não foi longo o combate ; emquanto mãi e filha agarradas uma á outra, se lamentavam desesperada e ruidosamente, o pae e os filhos cahiam banhados em sangue, e nos seus brancos cadaveres a quadrilha de Jacob Patacho vingava a morte de seu feroz tenente, mutilando-os de um modo selvagem.

Quando passei com meu tio Antonio em Junho de 1832 pelo sitio de Felix Salvaterra, o lugubre aspecto da habitação abandonada, sob cuja cumieira um bando de urubús seccava as asas ao sol, chamou-me a attenção e uma curiosidade doentia fez-me saltar em terra e entrei na casa. Ainda estavam bem recentes os vestigios da lucta. A tranquilla morada do bom portuguez tinha um ar sinistro. Aberta, despida de todos os modestos trastes que a ornavam outrora, denotava que fôra victima do saque unido ao instincto selvagem da destruição. Sobre o chão humido da sala principal, os restos de cinco ou seis cadaveres, quasi totalmente devorados pelos urubús enchiam a atmosphera de emanações deleterias. Era medonho de ver-se.

Só muito tempo depois conheci os pormenores desta horrivel tragedia, tão commum, alias naquelle tempos de desgraça.

A *sôra* Maria dos Prazeres e a Annica haviam sido levadas pelos bandidos, depois de saque de sua casa. A Annica tocara em partilha a Jacob Patacho, e ainda o anno passado, a velha Anna, lavadeira de Santarém, contava, estremecendo de horror, os crueis tormentos que soffrera em sua attribulada existencia.

CADEIRA MACIEL MONTEIRO

— Maciel Monteiro (1804-1868) politico, orador e diplomata. D'elle ficaram alguns discursos, e algumas poesias (publicadas em 1905).

I

JOAQUIM NABUCO

Joaquim Nabuco, naceu em Pernambuco (1849-1910) orador, historiador, publicista, diplomata filho do jurisconsulto e famoso parlamentar, senador Nabuco; doutor em direito pela faculdade de Recife (1870 ; e em Letras pela Universidade de Yale. As suas obras principaes são : *Camões e os Lusiadas*, *O abolicionismo* e *Reformas nacionaes*, *Balmaceda*, o *Dever dos Monarquistas*, *Intervenção estranjeira*, *Um Estadista do Imperio*, *A minha formação* ; *Pensées et souvenirs*, e varios discursos, conferencias, panfletos, opusculos e produções avulsas em verso e em prosa.

O PALADAR

. . . .

Era para tal sociedade que o famoso Cortais, inspirando-se nas glorias dos grandes cosinheiros, formava o cortejo dos seus pratos architectonicos, verdadeiras obras-primas com que depois pretendeu, segundo me disseram, arruinar a corôa de Italia. Ouvi tambem que elle, seguindo ainda nisso as tradições dos mestres da arte, mostrára uma vez o seu reconhecimento servindo em um dos banquetes do Quirinal uma composição sua inscripta no cartão real — *á la Penedo.* Naquelle dia o diplomata brasileiro ha de ter dito, como Châteaubriand, quando deram o seu nome a um beefsteak : « *Agora, sim, não posso mais morrer.* »

Uma dessas representações de Monsieur Cortais deante de testas coroadas com toda a enscenação que reclamava,

inclusive o grupo de *bellezas profissionaes* da alta sociedade ingleza, não podia deixar de apagar de todo no espirito de um joven addido de Legação brasileiro o prestigio, si o conservavam, das decapitações reaes da Convenção ou de Whitehall.

Não me tomem por uma sibarita, porque me inclinei deante de um grande *chefe* como deante de um artista. « *Il en faudrait au moins un à l'Institut* », dizia Talleyrand. Entre o festim de Trimalcião e um *menu* composto por um estilista francez, ha, como entre a dansa das alméas e o minuete, a longa distancia de civilisação que separa a sensualidade da elegancia.

De todos os sentidos é realmente o paladar o menos intellectualisavel, o que admitte menor gráu de ascetismo. Mesmo a taça de bouillon servida a Madame de Maintenon em Saint-Cyr ou a taça de chá preto que conforta a rainha Victoria no terraço de Osborne é sempre um goso material ; não póde soffrer a transformação por que passa até tornar-se uma pura saudade o aroma das rosas e das violetas. O idealismo de que é susceptivel a cosinha artistica releva-se em não ser principalmente ao sabor que ella visa : a sua ambição seria deixar ao paladar uma sensação vaga, leve, immaterial, quasi apenas de um perfume, como a do bouqué no vinho, á vista, porém, a impressão duravel de um quadro, de uma naturesa morta pintada por um mestre. Que ingrato colorido, porém, o dos seus molhos, dos seus cremes nevados, das suas gelatinas e *primeurs !*

Ha, entretanto, poesia real, verdadeira, no alimento são, natural, patrio ; ha sentimento, tradição, culto de familia, religião, no prato domestico, na fructa ou no vinho do pais. A nós, do norte do Brasil, creados em engenhos de canna, o aroma que rescende das grandes caldeiras de mel nos embriaga toda a vida com a atmosphera da infancia. E assim como ha poesia na cosinha de cada pais, ha um *quid* de arte na cozinha ornamental, cozinha de refinamento, que se procura elevar pelo desenho e pela fórma até o motivo do banquete, — a fazer historia, fazer politica...

A ALMA EUROPÉA DO AMERICANO

. . . .

O que em materia de viagem, de paisagens me tentaria hoje, — quem sabe si não é uma pura restituição de

um atavismo longinquo ? o meu avô materno, que se transplantou em 1530 para Pernambuco e fundou o Morgado do Cabo, João Paes Baretto, era de Vianna, — seria talvez, o Lima, si eu tivesse certesa de ter deante delle a mesma impressão dos soldados romanos que chamaram ás suas margens Campos-Elyseos e lhe deram o bello nome de Lethes. A verdade é que sinto cada dia mais forte o arrocho do berço : cada vez sou mais servo da gleba brasileira, por essa lei singular do coração que prende o homem á patria com tanto mais força quanto mais infeliz ella é e quanto maiores são os riscos e incertesas que elle mesmo corre.

N'esse tempo, porém, na minha éra antes de Christo, em pleno politheismo da mocidade, o mundo inteiro me attrahia por egual ; cada nova fascinação da arte, da naturesa, da litteratura e, tambem, da politica, era a mais forte ; eu quizera conhecer as celebridades de todos os partidos. Depois do Papa, a mais nobre figura da Europa era para mim o conde de Chambord, que acabava de rejeitar a corôa de França para não repudiar a bandeira branca ; um Henrique V, bem pouco parecido com Henrique IV, e, no emtanto, eu contava como uma boa fortuna a noite que passei no salão de Monsieur Thiers. (1).

A viagem á Europa em taes condições não podia deixar de ser para mim, como foi, o eterno impulso dado ao pendulo imaginativo. Pelo sentimento, pela attitude, pelo emprego da vida, acredito ter sido, em meu plano inferior, uma das mais consistentes figuras de nossa politica ; acredito mesmo que passarei nella como um homem de uma só idéa, *persona unius dramatis*, porquanto a minha fidelidade monarchica póde ser considerada, como a de André Rebouças, ainda um ultimo compromisso, uma gratidão, um episodio da libertação dos escravos. Quanto ás affinidades espontaneas, porém, ás simpathias naturaes, ao movimento interior do

---

(1) A respeito dessa visita, eis a nota que encontro no meu jornal de 1874 : « 10 de Janeiro. A' noite fui com o Itajubá (o nosso arbitro em Genebra) á casa de Monsieur Thiers, hotel Bagration, faubourg Saint-Honoré. Apresentado a Monsieur Thiers, a Madame Thiers, a Mademoiselle Dosne. Apresentado a Jules Simon. Itinerario que este me deu : vêr Pierrefonds, Coucy, Reims, Tarascon, Arles e a Grande Chartreuse. Conversei com Monsieur Thiers sobre o Brasil. *Opinião delle sobre a desegualdade da raça negra, de que provem o direito não de escravisal-a, mas de forçal-a ao trabalho, como a Hollanda faz com os Javaneses.* »

espirito, difficilmente se encontrará um pendulo que descreva um raio de oscillação mais largo do que a minha curiosidade. Que é um homem politico assim dilettante, viajante, a quem tudo attráe egualmente, que admira as grandes construcções sociaes, qualquer que seja o sistema da architectura, convencido de que em todas ha o mesmo espirito, porque o espirito *creador é* um só ?

Nós, brasileiros, o mesmo póde-se diser dos outros povos americanos, pertencemos á America pelo sedimento novo, fluctuante, do nosso espirito, e á Europa por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predominio destas sobre aquelle. A nossa imaginação não póde deixar de ser européa, isto é, de ser *humana ;* ello não pára na Primeira Missa no Brasil, para continuar d'ahi recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta ; segue pelas civilisações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo commum de lingua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos seculos de civilisação accumulada, e, portando, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação historica.

Estamos assim condemnados á mais terrivel das instabilidades, e é isto o que explica o facto de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os praseres do rastaquerismo, como se chrismou em Paris a vida elegante dos millionarios da Sul-America; a explicação é mais delicada e mais profunda : é a attracção de affinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa commum origem européa. A instabilidade a que me refiro, provem de que na America falta á paisagem, á vida, ao horizonte, á architectura, a tudo o que nos cerca, o fundo historico, a perspectiva humana ; e que na Europa nos falta a patria, isto é, a fôrma em que cada um de nós foi vasado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausencia do mundo ; do outro, a ausencia do pais. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européa. As paisagens todas do Novo-mundo, a floresta amazonica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno, a Amalfi, um pedaço do Caes do Sena á sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos theatros, da moda, da politica, somos sempre *squatters*, como si estivessemos ainda derribando a matta virgem.

Eu sei bem, para não sahir do Rio de Janeiro, que não ha nada mais encantador *á vista* do que, ao acaso (a escolha seria impossivel) os parques de S. Clemente, o caminho que margeia o aqueducto de Paineiras na direcção da Tijuca, a ponta de S. João, com o Pão de Assucar, vista do Flamengo ao cahir do sol. Mas tudo isto é ainda, por assim diser, um trecho de planeta de que a humanidade não tomou posse ; é como um Paraiso Terrestre antes das primeiras lagrimas do homem, uma especie de jardim infantil. Não quero dizer que haja duas humanidades, a alta e à baixa, e que nós sejamos desta ultima ; talvez a humanidade se renove um dia pelos seus galhos americanos ; mas, no seculo em que vivemos, o *espirito humano*, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlantico ; o Novo-Mundo para tudo o que é imaginação esthetica ou historica é uma verdadeira solidão, em que aquelle espirito se sente tão longe das suas reminiscencias, das suas associações de idéas, como si o passado todo da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança, e elle devesse balbuciar de novo, soletrar outra vez, como creança, tudo o que apprendeu sob o céo da Attica...

Em um soberbo livro hespanhol, que faz honra á Sociedade de Jesus, *Pequeneces*, romance de um padre jesuita, que é um grande auctor, L. Coloma, ha um personagem que diz a cada instante — *Usted me entiende*. Todos nós temos algum conhecido que pontua as suas phrases com esse não fatigante *entende?* que os nervos do marquez de Paraná podiam supportar. O *entende ?* do individuo que quer forçar o ouvinte a nada perder do que elle diz, é muito diverso da formula habitual com que o imbecil marquez de Villamelon exprimia o que lhe faltava força para pensar. Ha tambem pontos, idéas, modos de sentir que o escriptor desejaria expressar por um outro *Usted me entiende* levantando apenas a ponta do véo ao seu pensamento, alludindo a elle vagamente, sem nada precisar, de facto, sem nada dizer. Cada um de nós é só o raio esthetico que ha no interior do seu pensamento, e, emquanto não se conhece a naturesa desse raio, não se tem idéa do que o homem realmente é. Nesta confissão da minha formação politica, devo, para não deixar vêr sómente a mascara, o personagem, dar uma especie de photographia dos simbolos que se imprimiram e reprodusiram mais profundamente no meu cerebro. Assim se reconhecerá que a politica não foi sinão uma refracção

daquelle filete iluminoso que todos temos no espirito. A instabilidade a que me estou referindo, está grandemente modificada ; a dualidade desappareceu em parte, não tão perfeitamente como em meu amigo Taunay... Este, apezar do seu sangue de Crusado, apezar de ter escripto o seu livro classico em francez, e apezar da sua brilhante propaganda contra o nativismo, é o mais genuino *nativista* que eu conheço, porque não comprehende siquer a vida em outra terra, em outra naturesa. Brasileiro de uma só peça é aquelle que não póde viver sinão no Brasil. Na mocidade fui um erratico, como o proprio Imperador acabou na velhice... Quando, porém, entre a patria, que é o sentimento, e o mundo, que é o pensamento, vi que a imaginação podia quebrar a estreita fôrma em que estavam a coser ao sol tropical os meus pequenos debuxos d'almas, *Ustedes me entienden*, deixei ir a Europa, a historia, a arte, guardando do que é universal só a religião e as lettras.

MASSANGANA (1)

O traço todo da vida é para muitos um desenho da creança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre que se cingir sem o saber... Pela minha parte acredito não ter nunca transposto o limite das minhas quatro ou cinco primeiras impressões... Os primeiros oito annos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação instinctiva, ou moral, definitiva... Passei esse periodo inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha provincia natal. A terra era uma das mais vastas e pittorescas de zona do Cabo... Nunca se me retira da vista

(1) A rasão e me fez nãquo começar pelos annos da infancia foi que estas paginas tiveram, ao serem primeiro publicadas, feição politica que foram gradualmente perdendo, porque já ao escrevel-as diminuia para mim o interesse, a seducção politica. A primeira idéa fôra contar minha formação monarchica ; depois, alargando o assumpto, minha formação politico-litteraria ou litterario-politica ; por ultimo, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana de modo que o livro conformasse com outro, que eu havia escripto sobre minha reversão religiosa. E' d'este livro, de caracter mais intimo, composto em francez ha sete annos, que traduso este capitulo para explicar a referencia feita ás minhas primeiras relações com os escravos.

esse panno de fundo da minha primeira existencia... A população do pequeno dominio, inteiramente fechado á qualquer ingerencia de fóra, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuidos pelos compartimentos da sensala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de rendeiros, ligados ao proprietario pelo beneficio da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que elle lhes consentia em suas terras. No centro do pequeno cantão dos escravos levantava-se a residencia do senhor, olhando para os edificios da moagem, e tendo por traz, em uma ondulação do terreno, a capella sob a invocação de S. Matheus. Pelo declive do pasto arvores isoladas abrigavam sob sua umbella impenetravel grupos de gado somnolento. Na planicie extendiam-se os cannaviaes cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca. Era por essa agua quasi dormente sobre os seus largos bancos de areia que se embarcava o assucar para o Recife; ella alimentava perto da casa um grande viveiro, rondado pelos jacarés, a que os negros davam caça, e nomeado pelas suas pescarias. Mais longe começavam os mangues que chegavam até á costa de Nazareth... Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se a sesta, respirando o aroma, espalhado por toda a parte, das grandes taixas em que cosia o mel. O declinar do sol era deslumbrante, pedaços inteiros da planicie transformavam-se em uma poeira d'ouro ; a boca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradavel e balsamica, depois o silencio dos céos estrellados majestoso e profundo. De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos de pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruido da vaga. Eu por veses acredito pisar a espessa camada de cannas que cercava o engenho e escuto o rangido longinquo dos grandes carros de bois...

Emerson quizera que a educação da creança começasse cem annos antes d'ella nascer. A minha educação religiosa obedeceu certamente a essa regra. Eu sinto a idéa de Deus no mais afas ado de mim mesmo, como o signal amante e querido de diversas gerações. N'essa parte a serie não foi interrompida. Ha espiritos que gostam de quebrar todas as suas cadeias, e de preferencia as que outros tivessem creado para elles ; eu, porém, seria incapaz de quebrar inteira-

mente a menor das correntes que alguma vez me prendeu, o que faz que supporto captiveiros contrarios, e menos do que as outras uma que me tivesse sido deixado como herança. Foi na pequena capella de Massangana que fiquei unido á minha.

As impressões que conservo d'essa edade mostram bem em que profundesas os nossos primeiros alicerces são lançados. Ruskin escreveu esta variante do pensamento de Christo sobre a infancia : « A creança sustenta muitas veses entre os seus fracos dedos uma verdade que a edade madura com toda sua fortalesa não poderia suspender e que só a velhice terá novamente o privilegio de carregar. » Eu tive em minhas mãos como brinquedos de menino toda a simbolica do sonho religioso. A cada instante encontro entre minhas reminiscencias miniaturas que por sua frescura de provas *avant la lettre* devem datar d'essas primeiras tiragens da alma. Pela perfeição d'essas imagens inapagaveis póde-se estimar a impressão causada. Assim eu vi a Creação de Miguel-Angelo na Sixtina e a de Raphael nas Loggie, e, apesar de toda a minha reflexão, não posso dar a nenhuma o relevo interior do primeiro paraiso que fizeram passar deante dos meus olhos em um vestigio de antigo Misterio popular. Ouvi notas perdidas do Angelus na Campanha Romana, mas o muezzin intimo, o timbre que sôa aos meus ouvidos á hora da oração, é o do pequeno sino que os escravos escutavam com a cabeça baixa, murmurando o *Louvado seja Nosso Senhor Jesus-Christo.* Este é o Millet inalteravel que se gravou em mim. Muitas vezes tenho atravessado o oceano, mas si quero lembrar-me d'elle, tenho sempre deante dos olhos, parada instantaneamente, a primeira vaga que se levantou deante de mim, verde e transparente como um biombo de esmeralda, um dia em que, atravessando por um extenso coqueiral atraz das palhoças dos jangadeiros, me achei á beira da praia e tive a revelação subita, fulminante, da terra liquida e movente... Foi essa onda, fixada na placa mais sensivel do meu *kodak* infantil, que ficou sendo para mim o eterno *cliché* do mar. Sómente por baixo d'ella poderia eu escrever : *Thalassa ! Thalassa !*

Meus moldes de idéas e de sentimentos datam quasi todos d'essa epocha. As grandes impressões da maduresa não têm o condão de me faser reviver que tem o pequeno caderno de cinco a seis folhas apenas em que as primeiras has-

tes da alma apparecem tão frescas como si tivessem sido calcadas n'esta mesma manhã... O encanto que se encontra n'esses *eidoli* grosseiros e ingenuos da infancia não é sinão o sentimento de que só elles conservam a nossa primeira sensibilidade apagada... Elles são, por assim diser, as cordas soltas, mas ainda vibrantes, de um instrumento que não existe mais em nós.

Do mesmo modo que com a religião e a naturesa, assim com os grandes factos moraes em redor de mim. Estive envolvido na campanha da abolição e durante dez annos procurei extrahir de tudo, da historia, da sciencia, da religião, da vida, um filtro que seduzisse a dinastia ; vi os escravos em todas as condições imaginaveis ; mil vezes li a *Cabana do Pae Thomaz*, no original da dôr vivida e sangrando ; no emtanto a escravidão para mim cabe toda em um quadro inesquecido da infancia, em uma primeira impressão, que decidiu, estou certo, do emprego ulterior da minha vida. Eu estava uma tarde sentado no patamar da escada exterior da casa, quando vejo precipitar-se para mim um joven negro desconhecido de cerca de dezoito annos o qual se abraça aos meus pés supplicando-me pelo amor de Deus que o fisesse comprar por minha madrinha para me servir. Elle vinha das vizinhanças, procurando mudar de senhor, porque o d'elle, dizia-me, o castigava, e elle tinha fugido com risco de vida... Foi este o traço inesperado que me descobriu a naturesa da instituição com a qual eu vivêra até então familiarmente, sem suspeitar a dôr que ella occultava.

Nada mostra melhor do que a propria escravidão o poder das primeiras vibrações do sentimento... Elle é tal, que a vontade e a reflexão não poderiam mais tarde subtrahir-se á sua acção e não encontram verdadeiro praser senão em se conformar... Assim eu combati a escravidão com todas as minhas forças, repelli-a com toda a minha consciencia, como a deformação utilitaria da creatura, e na hora em que a vi acabar, pensei poder pedir tambem minha alforria, diser o meu *nunc dimittis*, por ter ouvido a mais bella nova que em meus dias Deus pudesse mandar ao mundo ; e, no emtanto, hoje que ella está extincta, experimento uma singular nostalgia, que muito espantaria um Garrison ou um John Brown : a saudade do escravo.

E' que tanto a parte do senhor era inconscientemente egoista, tanto a do escravo era inscientemente generosa. A escra-

vidão permanecerá por muito tempo como a caracteristica nacional do Brasil. Ella espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade ; seu contacto foi a primeira fórma que recebeu a naturesa virgem do pais, e foi a que elle guardou ; ella povoou-o, como si fosse uma religião natural e viva, com os seus mithos, suas legendas, seus encantamentos ; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristesas sem pesar, suas lagrimas sem amargor, seu silencio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte... E' ella o suspiro indefinivel que exhalam ao luar as nossas noites do Norte. Quanto a mim, absorvi-a no leite preto que me amamentou ; ella envolveu-me como uma caricia muda toda a minha infancia ; aspirei-a na dedicação de velhos servidores que me reputavam o herdeiro presumptivo do pequeno dominio de que faziam parte... Entre mim e elles deve ter-se dado uma troca continua de simpathia, de que resultou a terna e reconhecida admiração que vim mais tarde a sentir pelo seu papel. Este pareceu-me, por contraste com o instincto mercenario da nossa epocha, sobrenatural á força de naturalidade humana, e no dia em que a escravidão foi abolida, senti distinctamente que um dos mais absolutos desinteresses de que o coração humano se tenha mostrado capaz não encontraria mais as condições que o tornaram possivel.

Nessa escravidão da infancia não posso pensar sem um pesar involuntario... Tal qual o presenti em torno de mim, ella conserva-se em minha recordação como um jugo suave, orgulho exterior do senhor, mas tambem orgulho intimo do escravo, alguma coisa parecida com a dedicação do animal que nunca se altera, porque o fermento da desegualdade não póde penetrar n'ella. Tambem eu receio que essa especie particular de escravidão tenha existido sómente em propriedades muito antigas, administradas durante gerações seguidas com o mesmo espirito de humanidade, e donde uma longa hereditariedade de relações fixas entre o senhor e os escravos tivessem feito de um e outros uma especie de tribu patriarchal isolada do mundo. Tal approximação entre situações tão deseguaes perante a lei seria impossivel nas novas e ricas fazendas do Sul, onde o escravo, desconhecido do proprietario, era sómente um instrumento de colheita. Os engenhos do Norte eram pela maior parte explorações industriaes, existiam apenas para a conservação do es-

tado do senhor, cuja importancia e posição avaliava-se pelo numero de seus escravos. Assim tambem encontrava-se alli com uma aristocracia de maneiras que o tempo apagou, um pudor, um resguardo em questões de lucro, proprio das classes que não traficam.

Fiz ha pouco menção de minha madrinha... Das recordações da infancia a que eclipsa todas as outras e a mais cara de todas é o amor que tive por aquella que me criou até aos meus oito annos como seu filho... Sua imagem, ou sua sombra, desenhou-se por tal modo em minha memoria, que eu a poderia fixar, se tivesse o menor talento de pintor...Ella era de grande corpulencia, invalida, caminhando com difficuldade, constantemente assentada, — em um largo banco de coiro que transportavam de peça em peça da casa, — ao lado da janella que deitava para a praça do engenho, e onde ficava a estribaria, o curral, e a pequena casa edificada para o meu mestre e que me servia de escola... Ella não largava nunca suas roupas de viuva. Meu padrinho, Joaquim Aurelio de Carvalho, fôra conhecido na provincia pelo seu luxo e liberalidade, de que ainda hoje se contam diversos rasgos. Estou vendo, através de tantos annos, a mobilia da entrada, onde ella costumava passar o dia. Nas paredes algumas gravuras coloridas representando o episodio de Ignez de Castro, entre as gaiolas dos curiós afamados, pelos quaes seu marido costumava dar o preço que lhe pedissem... ao lado em um armario envidraçado as pequenas edições portuguezas dos livros de devoção e das novellas do tempo. Minha madrinha occupava sempre a cabeceira de uma grande mesa de trabalho, onde jogava cartas, dava a tarefa para a costura e para as rendas a um numeroso pessoal, provava o ponto dos doces, examinava as tisanas para a enfermaria defronte, distribuia as peças de prata a seus afilhados e protegidos, recebia os amigos que vinham todas as semanas attrahidos pelos regalos de sua mesa e de sua hospitalidade, sempre rodeiada, adorada por toda sua gente, fingindo um ar severo que não enganava a ninguem quando era preciso reprehender alguma mucama que deixava a miudo os bilros e a almofada para chalrear no gineceu, ou algum morador perdulario que recorria demasiado á sua bolsa. Parece que seu maior praser era trocar uma parte das suas sobras em moedas de ouro que ella guardava sem que ninguem o soubesse sinão o seu liberto confidente para me entregar quando eu tivesse edade,

Era a isso que ella chamava o seu *invisivel.* Por occasião da morte do servo de sua maior confiança, ella escrevia á minha mãe pela mão de outros : « Dou parte a V. Ex. e ao meu compadre que morreu o meu Elias, fazendo-me uma falta excessiva aos meus negocios. De tudo tomou conta, e sempre com aquella bondade e humildade sem parelha, e ficou a minha casa com elle no mesmo pé em que era no tempo do meu marido. Nem só fez falta a mim como a nosso filhinho que tinha um cuidado n'elle nunca visto. Apesar d'eu ter parentes, a elle era a quem eu o entregava, porque si eu morresse para tomar conta do que eu lhe deixava, para entregar a VV. EEx... Mas que hei de fazer, si Deus quiz ? » Em outra carta, mais tarde, a ultima que possúo, ella volta á morte de Elias : — « ... o meu Elias, o qual fez-me uma falta sensivel, tanto a mim como ao meu filhinho, porque tinha um cuidado nelle maior possivel, como pelas festas que elle gosta de passear ia sempre entregue a elle... Deus me dê vida e saúde até o vêr mais crescido para lhe dar alguma coisa invisivel, como disia o defunto seu compadre pois só fiava isso do Elias, apezar de ter ficado o Victor, mano d'elle, que faço tambem toda a fiança n'elle... » Ah ! querida e abençoada memoria, o thesouro accumulado parcella por parcella não veiu a minhas mãos, nem teria podido vir por uma transmissão destituida das fórmas legaes, como talvez tenhas pensado... mas imaginar-te, durante annos, n'essa tarefa agradavel aos teus velhos dias de ajuntar para teu afilhado que chamavas teu filho um peculio que lhe entregarias quando homem, ou outrem por ti a meu pae, si morresses deixando-me menor ; acompanhar-te em tuas conversas com o teu servo fiel, n'essa preoccupação de amor de teus derradeiros annos, será sempre uma sensação tão inexprimivelmente doce que só ella bastaria para destruir para mim qualquer amargor da vida...

A noite da morte de minha madrinha é a cortina preta que separa do resto de minha vida a scena de minha infancia. Eu não imaginava nada, dormia no meu quarto com a minha velha ama, quando ladainhas entrecortadas de soluços me accordaram e me communicaram o terror de toda a casa. No corredor, moradores, libertos, os escravos, ajoelhados, rezavam, choravam, lastimavam-se em gritos ; era a consternação mais sincera que se pudesse vêr, uma scena

de naufragio ; todo esse pequeno mundo, tal qual se havia formado durante duas ou tres gerações em torno d'aquelle centro, não existia mais depois d'ella ; seu ultimo suspiro o tinha feito quebrar-se em pedaços. A mudança de senhor era o que havia mais terrivel na escravidão, sobretudo si se devia passar do poder nominal de uma velha santa, que não era mais sinão a enfermeira dos seus escravos, para as mãos de uma familia até então estranha. E como para os escravos, para os rendeiros, os empregados, os pobres, toda a *gens* que ella sustentava, a que fazia a distribuição diaria de rações, de soccorros, de remedios... Eu tambem tinha que partir de Massangana, deixado por minha madrinha a outro herdeiro, seu sobrinho e visinho; a mim ella deixava um outro dos seus engenhos, que estava de fogo morto, isto é, sem escravos para o trabalhar... Ainda hoje vejo chegar, quasi no dia seguinte á morte, os carros de bois do novo proprietario... Era a minha deposição... Eu tinha oito annos. Meu pae pouco tempo depois me mandava buscar por um velho amigo, vindo do Rio de Janeiro. Distribui entre a gente da casa tudo que possuia, meu cavallo, os animaes que me tinham sido dados, os objectos do meu uso. « O menino está mais satisfeito, escrevia a meu pae o amigo que devia levar-me, depois que eu lhe disse que a sua ama o accompanharia. » O que mais me pesava era ter que me separar dos que tinham protegido minha infancia, dos que me serviram com a dedicação que tinham por minha madrinha, e sobretudo entre elles os escravos que litteralmente sonhavam pertencer-me depois d'ella Eu bem senti o contragolpe da sua esperança desenganada, no dia em que elles choravam, vendo-me partir, espoliado, talvez o pensassem, da sua propriedade... Pela primeira vez sentiram elles, quem sabe, todo o amargor da sua condição e beberam-lhe a lia.

Mez e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixava assim o meu paraiso perdido, mas pertencendo-lhe para sempre... Foi alli que eu cavei com as minhas pequenas mãos ignorantes esse poço da infancia, insondavel na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz d'elle para sempre em certas horas um oasis seductor. As partes adquiridas do meu ser, o que devi a este ou áquelle, hão de dispersar-se em direcções differentes ; o que, porém, recebi directamente de Deus, o verdadeiro eu sahido das suas mãos, este ficára preso ao canto de terra onde repousa aquella que me iniciou

na vida. Foi graças a ella que o mundo me recebeu com um sorriso de tal doçura que todas as lagrimas imaginaveis não m'o fariam esquecer. Massangana ficou sendo a séde do meu oraculo intimo: para impellir-me, para deter-me e, sendo preciso, para resgatar-me, a voz, o fremito sagrado, viria sempre de lá. *Mors omnia solvit...* tudo, excepto o amor, que ella liga definitivamente.

Tornei a visitar dose annos depois a capellinha de S. Matheus onde minha madrinha, Dona Anna Rosa Falcão de Carvalho, jaz na parede ao lado do altar, e pela pequena sacristia abandonada penetrei no cercado onde eram enterrados os escravos... Cruzes, que talvez não existam mais sobre montes de pedras escondidas pelas ortigas, era tudo quasi que restava da opulenta *fabrica*, como se chamava o quadro da escravatura... Em baixo, na planicie, brilhavam como outr' ora as manchas verdes dos grandes cannaviaes, mas a usina agora fumegava e assobiava com um vapor agudo, annunciando uma vida nova. A almanjarra desapparecera no passado. O trabalho livre tinha tomado o logar em grande parte do trabalho escravo. O engenho apresentava do lado do « porto » o aspecto de uma colonia ; da casa velha não ficára vestigio... O sacrificio dos pobres negros que haviam incorporado as suas vidas ao futuro d'aquella propriedade, não existia mais talvez sinão na minha lembrança... Debaixo dos meus pés estava tudo o que restava d'elles, defronte dos *columbaria* onde dormiam na estreita capella aquelles que elles haviam amado e livremente servido. Sosinho alli, invoquei todas as minhas reminiscencias, chamei-os a muitos pelos nomes, aspirei no ar carregado de aromas agrestes, que entretem a vegetação sobre suas covas, o sopro que lhes dilatava o coração e lhes inspirava a sua alegria perpetua. Foi assim que o problema moral da escravidão se desenhou pela primeira vez aos meus olhos em sua nitidez perfeita e com sua solução obrigatoria. Não só esses escravos não se tinham queixado de sua senhora, como a tinham até o fim abençoado... A gratidão estava do lado de quem dava. Elles morreram acreditando-se os devedores... seu carinho não teria deixado germinar a mais leve suspeita de que o senhor pudesse ter uma obrigação para com elles, que lhe pertenciam... Deus conservára alli o coração do escravo como o do animal fiel, longe do contacto com tudo que o pudesse revoltar contra a sua dedicação. Esse perdão espontaneo da divida

do senhor pelos escravos figurou-se me a amnistia para os paises que cresceram pela escravidão, o meio de escaparem a um dos peiores taliões da historia... Oh ! os Santos pretos ! seriam elles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor ! Eram essas as idéas que me vinham entre aquelles tumulos, para mim, todos elles, sagrados, e então alli mesmo, aos vinte annos, formei a resolução de votar a minha vida, si assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas que a desegualdade da sua condição enternecia em vez de asedar o que por sua doçura no soffrimento emprestava até mesmo o oppressão de que era victima um reflexo de bondade.

II

GENERAL DANTAS BARRETO

O General Dantas Barreto, neste momento Governador do Estado de Pernambuco, succedeu na Academia a Joaquim Nabuco. São notaveis os seus escriptos militares, a historia da expedição militar de *Mato Grosso* e a *Destruição de Canudos* (2a éd. 1912) de que damos algums trechos.
Nasceu em Pernambuco em 1852.

ANTONIO CONSELHEIRO

(Canudos)

Um homem talvez superior, mas obscuro, tinha produzido abalo profundo em todo o organismo nacional !

A origem desse homem era decerto humilde, o seu passado obscuro. Um profundo desgosto esmagara-lhe o coração amante e esse mesmo sentimento psichico dera-lhe as proporções legendarias dos grandes aventureiros, cuja audacia redobra de intensidade na proporção dos obstaculos que surgem.

Perseguido da sorte no remoto povoado de Quexeramobim, onde a esposa querida se entregara aos amores de

um sargento - commandante de pequeno destacamento, errou de terra em terra pelos Estados do norte; soffreu todas as consequencias da sua immensa desdita, até se encontrar nos remotos sertões da Bahia, já divorciado dos melhores sentimentos dos outros homens, com quem nada mais tinha de commum, senão o odio e a perversidade. Fez-se um beato misterioso; viveu pelos templos dos povoados quasi desconhecidos; isolou-se inteiramente porfim, e esse afastamento premeditado, intelligentemente concebido, começou a dar-lhe o prestigio de um piedoso ermita, em cuja severidade de costumes assentava a sua pobre existencia.

A principio suspeito de uns, tornou-se mais tarde o objecto curioso de outros, a quem esse viver solitario attraia irresistivelmente,

Ouviram-no multidões de simples sertanejos a quem a sua linguagem despretenciosa porém vasada na crença de uma vida feliz além desta, de uma existencia onde todos se nivelam e onde não ha ricos nem pobres, porque todas as riquesas consistem na humildade, no amor de proximo e no abandono de todas as paixões tumultuarias; ouviram-no esses desherdados dos favores da civilisação, cuja alma está sempre aberta ás manifestações sentimentaes do meio crendeiro em que nasceram e se desenvolveram, o desconhecido filho dos sertões do Ceará começou tambem a ser apontado como um predestinado do *Senhor,* para protecção dos pobres e consôlo dos desgraçados.

Os seus paternaes conselhos repassados de piedosa bondade christã, moldados no desinteresse dos bens mundanos, habilmente concebidos nas noites veladas do seu retiro, foram desde logo acolhidos com religiosa attenção e das aldeias e cabanas mais distantes, affluiram peregrinos ao seu exilio, ávidos da sua palavra insinuante e commovedora.

Chamava-se Antonio Vicente Mendes Maciel esse aventureiro famoso, a quem os seus fanaticos, com a propriedade caracteristica da sua tocante simplicidade, denominaram — Antonio Conselheiro.

Quando esse homem percebeu que se havia insinuado fundamente no espirito do povo ignorante, que se rojava a seus pés fanatisado pela sua palavra incisiva e calorosa, deixou a solidão em que vivera abismado e começou a

faser as suas predicas com tanto maior audacia quanto mais attentamente era ouvido.

Contrariado, porém, alguma vez em seus secretos intuitos, abafava os rugidos de vingança que lhe irrompiam da alma e, na violencia do seu immenso despeito, na persistencia do seu odio de muitos annos concentrado, transferia-se immediatamente de um para outro lugar. Em começo, poucos o seguiam nesse frequente errar e, só entre os humildes, procurava o conforto compativel com o seu modo de viver. Depois o seu poder suggestivo cresceu, expandiu-se na medida do seu acariciado idéal e até os favorecidos da fortuna o acolheram com disputado interesse.

Nos ultimos tempos da sua vida errante, quando sentia a necessidade irreprimivel daquellas transferencias calculadas, já era invariavelmente acompanhado de centenas de fanaticos, como antigamente os missionarios que percorreram as terras longinquas do Brasil.

Tornou-se, enfim, o Messias dos sertões do norte.

***

Homem inculto, mas de penetração aguda — Antonio Conselheiro esteve em Queimadas, Monte-Santo, Bom Conselho, Cumbe, Massacara, etc., mas nenhum destes lugarejos lhe agradara tanto como a pobre e então despovoada aldeia de Canudos, onde terminára a sua fatigante peregrinação.

Foi principalmente na escolha desse recanto sertanejo para sua residencia definitiva, que o celebre aventureiro accentuou bem a superioridade da sua intelligencia.

Distante das populações mais civilisadas no Estado da Bahia; servida de muitas estradas por onde podia contar com recursos de toda a sorte; situada á margem do Vasa-Barris, a famosa posição preferida pelo Conselheiro satisfasia inteiramente os seus intuitos subversivos e os antigos dominios de varios fasendeiros bahianos, constituiram o formidavel centro de actividade perversa com que jámais se contara no pais.

De toda a parte lhe chegavam proselitos! Familias, que viviam com abundancia relativa, quasi felises na sua

abscuridade, abandonavam terras, casas, plantações, todos os seus pequenos haveres, para se installarem junto ao bemdito Conselheiro, o salvador das almas peccadoras. Tambem os assassinos, os ladrões e os que não trabalhavam, encontravam ali a terra *promettida* e, em breve, Canudos parecia constituir a força demolidora das instituições republicanas do Brazil.

E era simples a vida desses turbulentos indigenas na grande aldeia do rio sagrado, onde tudo se confundia numa promiscuidade aventurosa, refractaria á civilisação e ás normas regulares da communhão nacional. Habitavam pequenas casas de taipa, cobertas de ramas de coirana, sob uma camada espessa de barro amassado, normalmente com tres peças de pequenas dimensões, em que nada mais se encontrava além de uma rêde de fibras de carauá, na sala, e um girau de varas presas entre si por meio de cipós resistentes ou embiras de *barriguda*, no quarto exiguo de dormir. Cosinhavam em grosseiras trempes de pedras, collocadas para um canto da outra peça, que lhes servia de sala de refeições, ou na área do terreiro, e condusiam agua de cacimbas, abertas no leito do rio quanto secco, em potes tambem de barro cozido e cabaços de capacidade para muitos litros. Todo o trem de cosinha e de mesa, se porventura havia mesa, era igualmente de barro cozido, tosco e grosseiro. Não conheciam os opulentos cristaes italianos, as porcellanas de Sevres e nem cogitavam destas superfluidades no seu rebelde afastamento.

En geral, as mulheres trajavám pobremente e, das suas roupas que não eram abundantes, esalava forte bafio de asedo arruinado, ao sol candente dos tropicos, que lhes determinava uma transpiração copiosa durante o dia. Muitas não tinham mais do que a saia de chita ordinaria ou de algodão branco, commum, sobre a camisa aliás frouxa, descuidosa, que expunha a olhares de vadios impertinentes os seios e os braços completamente nus, cujos traços grosseiros davam a medida exacta do seu trato abandonado. Algumas, entretanto, exhibiam *toilettes* relativamente apresentaveis, na sua simplicidade elegante, em que já se percebiam tons accentuados de cultura e gosto. Entre estas se salientava a *Pimpona*, bonita morena de olhos grandes e negros, cunhada de Antonio

Villa-Nova, a qual, segundo os fanaticos, exercera decidida influencia sôbre o famoso Conselheiro.

Era tambem assim a mulher de um negociante, proprietario de uma casa commercial de roupas e comestiveis, cujo estabelecimento importante ali, nos abasteceu de cereaes e carnes salgadas de porco e ovelhas, excellente provisão com que se alimentaram os officiaes do 25 batalhão de infantaria, nos primeiros dias, depois do combate de 18 de Julho, dentro das posições occupadas naquelle dia sinistro.

Essa irrequieta população obedecia ás condições do meio que se creára e dava a nota afinada da sua existencia despreoccupada e, sem outras ambições que não fossem de servir humildemente ao Conselheiro: uns por devotamento fanatico, na convicção de que eram agradaveis a Deus; outros por calculos perversos de gosos premeditados, á farta, sem responsabilidades; outros ainda por terem percorrido toda a escala dos crimes hediondos e não acharem esconderijo, onde melhor se conservassem mais seguros, ao abrigo da policia.

Mettidos nas suas calças de algodão listrado, camisas brancas da mesma fazenda e calçando alparcatas de coiro crú, os homens sentiam-se muito bem assim, nessa liberdade que defendiam desesperadamente, com todo o ardor da sua naturesa arrojada. E se conseguiam, como ainda hoje succede com o sertanejo, um gibão. um guarda peito e um chapéo de coiro curtido, de bode ou de viado, nada nada mais aspiravam para se mostrarem flammantes. Uns sapatos tambem de coiro vermelho ou alaranjado, conforme o rigor do costume, completavam esse hienio longa e anciosamente desejado. João Abbade, Antonio Villa-Nova e outros que se fartavam da credulidade fanatica dessa gente quasi primitiva, vestiam-se entretanto com outro apuro, principalmente para não se confundirem com a massa, que elles dominavam e de quem eram obedecidos com a satisfação de um dever legitimo, que a dignificava na sua aspiração doentia. Muitos dos combatentes, talvez os mais arrojados ou fanaticos, usavam gorro branco circundado de uma faixa asul, de cujo fundo chato pendia uma borla igualmente asul. Foram sertanejos assim uniformisados, que nos correr das operações, em numero de quinze, atacaram toda a brigada de artilharia, aliás prote-

gida por um batalhão de infantaria, a machados e alavancas de ferro, no alto da Favella, em pleno dia.

Habituados á penuria proveniente das seccas frequentes, que esterilisam as regiõs do alto sertão ao norte do Brasil, passavam um dia inteiro com uma chicara de farinha de mendioca, num prato de feijão cozido, sem mais nada, quando o tinham, ou com cem grammas de bacalháo, que elles apreciavam muito, com um prato de pirão d'agua fria.

Nos tempos ditosos dessa vida sem normas seguiam para differentes pontos distantes. onde o solo era susceptivel do cultura ; faziam as suas derrubadas na mataria virgem, de quem quer que fosse, pelas encostas das serras ou pelas margens dos rios ; deitavam-lhes fogo para redusirem a cinsa as madeiras desgalhadas ; cercavam o sitio queimado, depois, e regressavam a Canudos satisfeitos do seu trabalho. Na estação das chuvas voltavam ás roças, dessa forma preparadas : fasiam as suas plantações de mandioca, milho, feijão, aboboras e com as recoltas successivas que transportavam em cargueiros, abasteciam a *terra santa* de recursos alimenticios para um anno inteiro.

Quando o Conselheiro emprehendeu os trabalhos da igreja nova grande parte dos homens, deixando a outros a tarefa da lavoura, seguiam em bandos numerosos para as mattas distantes a procura de madeiros colossaes, que conduziam aos hombros, para o vigamento do templo em construcção.

Nessa piedosa romarias frequentes empregavam-se mais de tresentas pessoas, as veses acompanhadas do Conselheiro, no seu petiço castanho, por já lhe serem mortificantes as longas viagens a pé. Então, penetravam nos templos dos povoados por onde passavam de torna-viagem retiravam pesados sinos, imagens dos santos mais considerados, os melhores paramentos sacerdotaes, sempre a contragosto de Canudos, que se opulentava dos despojos das populações assaltadas, como a faustosa Babilonia das artes sublimes do Egipto.

Imitavam, assim, o povo romano em sua formação primitiva, decerto sem o perceberem.

Se, entretanto, as tribus que deram origem á cidade eterna semeavam nos terrenos palustres conquistados ao mar, e, partindo para a guerra, só depois colhiam os productos do sólo cultivado, os fanaticos da Bahia, ao con-

trario, voltavam a Canudos e ahi ficavam na espectativa dos acontecimentos, preparados para a defesa da sua remota *Chanaan*.

Por outro lado, as mulheres, as creanças e os velhos, que não podiam abordar outros serviços, entoando estrophes de um sentimentalismo desolador, mal pronunçiadas e mal comprehendidas, carregavam pedra para o famoso edificio catholico, em andamento rapido como era dos intuitos do Conselheiro.

Esse viver sem preoccupações mundanas e mesmo sem a menor visão das lutas civilisadoras cá fóra, fasia-os felises e nada, além disso, ambicionavam.

Para elles a Republica era uma situação transitoria, desorientada, que devia, cêdo, ser substituida pela monarchia, unica forma de governo que comprehendiam, vagamente, nesse afastamento que os arrebatava para o sobrenatural.

Os elementos assim, espontaneamente preparados, affrontavam desde muito o ragimen da ordem constitutional no Estado da Bahia, que os tolerou, a principio, por calculo politico, e depois por não ter como dissolvel-os.

Mas, só depois da derrocada da expedição Moreira Cesar, foi que se mediu a grandesa do mal que se gerava no organismo nacional e o governo da União viu o precipicio em que dir-se-ia prestes a tombar o monumento de 89. Chegou-se, mesmo, a pensar que não se cogitava de gente simplesmente fanatisada por sentimentos religiosos, habil e cuidadosamente inflammados ; que a aggremiação de Canudos era muito mais seria do que parecia, porque visava o desmoronamento do grande edificio de 15 de Novembro, trabalhosamente desenvolvido até a morte do marechal Floriano Peixoto, o seu mais energico e genial architecto.

Desenhavam-se quadros apavorantes : que todos os odios e todas as paixões, todas as esperanças e todas as perfidias, estavam resumidas ali, naquelles formidaveis baluartes da longinqua cidadella, em cujos lugares simbolicos do amor christão guardavam-se as imagens de Christo e de Maria, com todo o prestigio da sua muda serenidade.

Era nesse remoto esconderijo do Brasil, diziam ainda; que os ultimos validos da monarchia bragantina depositavam as suas mais caras esperanças e julgavam sepultar as

brilhantes phalanges republicanas, em nome da religião e do rei.

E os documentos que vão adiante publicados, aliás encontrados em Canudos, pareciam denunciar essa grande conspiração, que de facto não existia ainda, salvo provas mais seguras, que o autor deste trabalho desconhece até hoje.

CANUDOS

Eram onse horas, mais ou menos da manhã ; o sol ardia implacavel como um grande caustico, e lá, para a frente da casinha que nos servia de misero abrigo, sob a acção de de dores horriveis, ao calor suffocante de um ambiente paralysado, ainda entre os soldados mortos e feridos, estava o coronel Carlos Telles, com o seu chapeu de palha sobre os olhos, a roupa ensanguentada e toda a parte ferida assombrosamente inchada. Não gemia, nem se queixava ; apenas de quando em quando, pedia un bocado d'agua, que um soldado do 25º ia de casa em casa, atravez de todo o perigo, buscar para o valente official. Esse brioso soldado, de nome Ricardo, que acompanhava o corpo com um cargueiro de munição, morreu no dia seguinte, varado por uma bala de bacamarte, que lhe abriu um rombo medonho no peito direito.

Os tenentes-coraneis Dantas Barreto e Tupy Caldas estavam ainda ao lado do coronel Telles, que se conservava deitado no sólo, quando appareceu o general Arthur Oscar, a chamado do coronel, provavelmente para alguma combinação, que não se realisou decerto em consequencia do estado grave deste official.

O general tinha atravessado uma zona de 500 metros, seguramente, a pé, e por onde ninguem passaria a cavallo; estava muito fatigado e não occultava a contrariedade que lhe ia no espirito, diante de uma situação ainda mal definida, como era a nossa em tal momento. Conversou reservadamente com aquelles dois tenentes-coroneis, que lhe communicaram o seu plano de resistencia ali, onde sustentariam as posições já conquistadas e, em seguida voltou para o ponto em cujo terreno assentára o seu acampamento.

Uma força que desde o clarear do dia, e sob a direcção do tenente-coronel Siqueira de Meneses, simulava um ataque pelo lado da Favella, já tinha regressado ao seu acampamento do alto, e tudo se manteve sem mais alteração durante o resto do dia.

Dentro de Canudos ninguem podia dar um passo menos cauteloso que não fosse alvejado e attingido das igrejas ou das casas brancas; por isso, só á noite tratámos de remover os nossos feridos para o hospital de sangue e enterrar os mortos que jasiam por ali. Conseguintemente, ao escurecer, mandamos arrancar as portas das casas mais proximas, arrecadar as rêdes dos jagunços, ainda armadas em grande quantidade, pelas mesmas casas, e parte do pessoal que tinhamos em toda a linha se occupou, até até alta noite, do serviço de remoção dos feridos que não podiam caminhar. O coronel Carlos Telles seguiu logo ao escurecer, amparado por dois camaradas, e, desde que elle se retirou, o commandante Dantas Barreto se dirigiu para a direita, afin de vérificar o grau de segurança da extensa posição que deviamos guardar na vanguarda.

A força que ali estava, como em todos os pontos de Canudos nessa noite, era constituida de fragmentos de batalhões, mas ainda assim preponderava o respectivo pessoal dos corpos 25º, 5º, 7º, 9º, 40º, 35º, 30º, 12º e 31º de infantaria. Uma vez convencido de que havia elemento sufficiente para uma resistencia forte, no caso de um ataque á noite, o commandante Dantas, depois de se entender a esse respeito com os majores Olegario Sampaio e Nonato Seixas, regressou ao ponto donde havia saido, que era, decerto, o mais fraco da linha, e ahi passou o resto da noite.

O commandante Tupy, sempre activo e emprehendedor, tinha ido ao quartel-general; por lá conseguiu faser um bocado de café, e, do pouco que lhe deixaram, teve a suprema delicadesa de levar em um caneco de folha, algumas colheres ao autor deste trabalho, que nunca poude esquecer essa prova de affectuosa amisade do seu infortunado e bravo companheiro.

O que durante essa noite se passou no espirito daquelles sobre quem pesava a grande responsabilidade da posição que guardavam na vanguarda, daquelles sobre cujo valor descançavam o general em chefe, os feridos da Favella e

todos quantos buscaram algum repouso na propria zona do combate, não se refere com exactidão, depois do facto passado. Sente-se o phenomeno, mais não se pintam os seus effeitos com as cores do momento.

Dependia do heroismo das tropas que ali estavam, nessa noite como durante todo o tempo que permanecemos em Canudos, a sorte da expedição inteira. Mas a primeira noite, essa em que tudo em torno de nós era vago, e quando todos os batalhões se achavam ainda desordenados ; essa noite de responsabilidades excepcionaes para os chefes que ali chegaram triumphantes e que tinham a direcção da defesa, não a calculará exactamente quem não lhe sentiu o peso ou, pelos menos, quem não compartilhou da sorte daquelles soldados.

O nosso cordão de vigilancia estava collocado na parte culminante de uma extensa, collina, inteiramente desabrigada, e á frente na rampa suave qne se seguia, estavam tambem as casinhas jugunças, sem ordem, num amontoado que se não comprehendia.

Ninguem acreditava que os fanaticos, protegidos pela escuridão, conhecedores de todos os accidentes e meandros do seu vasto aldeiamento e, ainda, favorecidos pela casaria que acompanhava a direcção da nossa linha, na distancia de seiscentos metros seguramente, deixassem de nos levar um ataque no correr dessa noite terrivel, com todo o valor dos seus intrepidos guerrilheiros.

E neste caso resistiria a nossa linha, em todos os seus pontos, ao choque do inimigo resoluto e audaz ? O cordão que começava na extrema direita da linha principal e se dirigia para a retaguarda em angulo recto, estaria em condições de supportar qualquer aggressão do inimigo por ahi ? O leito do Vasa-Barris, guardado na zona de combate apenas por dois batalhões já disimados, não seria excellente conducto para escoamento dos fanaticos, afim de occuparem a nossa retaguarda ?

E nesta situação vaga, desconhecida e temeraria, se encontraram os commandantes da grande linha central, á qual os officiaes veteranos do Paraguay denominaram de — *negra* — no coração de Canudos, a oitenta metros da igreja velha, na noite de 18 de julho. E, comtudo, nenhum communicava ao outro as duvidas e os receios que lhe assaltavam o espirito: não por si, que desde muito

haviam feito abstracção da propria vida. mas pela expedição, pelo exercito e pela Republica, que não supportaria mais un desastre das suas forças em Canudos.

Um passo á retaguarda em qualquer ponto da linha central, diante dos fanaticos enfurecidos, na escuridão infinita da noite, era talvez a nossa perdição total. Desde que o inimigo attingisse a *linha negra* e se confundisse, em grande numero, com a nossa gente, viria fatalmonte a desordem, a luta corpo a corpo e o cahos dos combates.

O panico manifestar-se-ia nos pontos mais distantes, por maiores e mais heroicos que fossem os esforços dos officiaes para conter a tropa, cuja imaginação girava ainda em torno dos horrores mil veses referidos pelos officiaes e soldados da primeira expedição, e o resultado seria assombrosamente sinistro para as nossas armas. Dado o facto, como fica palidamente delineado, quem, aproveitando a escuridão, fugisse em qualquer rumo, iria decerto encontrar a morte logo depois, num recanto de estrada, por onde quer que passas se na desordem da fuga. Os feridos desse dia, os de 25, 27 e 28 de junho, tres mil homens mais ou menos, seriam barbaramente trucidados ; todo o material da Favella cairia em poder do inimigo, nada escaparia ao desastre !

Tal era a perspectiva da situação, a que nospodia o destino condusir, dentro de Canudos, em a noite de 18 de julho !

Um inimigo habituado á luta regular, que soubesse tirar partido dos nossas desvantagens tacticas, não teria, certamente, deixado passar esse momento, em que a vingança e a desforra seriam a consequencia da mais requintada selvageria.

Entretanto, assoberbados por tantos imprevistos, a fortuna decidiu-se em favor da nossa causa, e no dia seguinte, muitas bandeirolas encarnadas, feitas de cobertores dos soldados, traçaram os limites das nossas posições no grande aldeiamento de Canudos.

CADEIRA JOAQUIM SERRA

— Joaquim Serra (1838-1888). Naceu no Maranhão e faleceu no Rio de Janeiro. Poeta e jornalista-autor dos *Sessenta anos de jornalismo*, *Um coração de mulher*, *Quadros*, *Salto do Leucade*, etc.

I

JOSÉ DO PATROCINIO

— José do Patrocinio (1854-1905) naceu em Campos, Rio de Janeiro, grande jornalista e publicista, orador e romancista. E' autor dos romances *Mota Coqueiro*, *Retirantes* e *Pedro Espanhol*.

SEMANA POLITICA

Estamos em plena aurora.

Dentro em tres dias vai começar a historia moderna do Brazil e fechar-se a triste historia dos tempos barbaros da nossa terra.

Não é possivel imajinar de um lance de pensamento o que será todo esse iluminado futuro, não obstante o presente fornecer-nos o esboço do que elle será nos largos traços dos acontecimentos que nos sorpreendem.

O que está por traz do dia 3 de Maio não cabe na previsão dos politicos e não é demaziado optimismo profetisar que a nossa evolução nacional será feita com a mesma rapidez da dos Estados-Unidos.

As estrelas do sul dentro em um quarto de seculo não invejarão o fulgor da constelação do norte

Já podemos acentuar orgulhosamente um contraste.

A maior revolução social da nossa terra está sendo feita entre bençãos e flores.

Nada mais extraordinario : bastaram o atrito da imprensa e o calor da palavra para limar e fundir os grilhões de tres seculos de cativeiro.

A alma nacional mostrou-se preparada em todas as camadas sociaes para praticar e receber a liberdade.

Em nenhuma outra historia do mundo se encontram pajinas como as que se tem escrito ultimamente em nossa terra.

A esses fasendeiros prodigos que atiram pela janela fora a carne tarifada de seus cativos, carne que era a sua fortuna legal, porque era genero de valor no mercado da deshumanidade antiga e da afronta á moral e á civilisação, a esses fasendeiros que precedem a lei para afirmar que nunca em nossa patria o interesse se colocará diante da justiça, a rebeldia diante da rasão, correspondem os libertos que tendo parecido acumular odios de tres seculos, demostram que nunca souberam senão sofrer resignados, que não viram no seu martirio, um crime de opressores, mas uma tremenda e inexplicavel fatalidade ; os libertos que devendo ter aprendido na escravidão a anarquia provam, ao contrario, que lá mesmo conservaram intactos o patriotismo e o amor da ordem e saem do cativeiro para cooperar na obra do bem estar geral, tanto que se iniciam na vida cedendo em favor da produção uma parte dos direitos da sua liberdade : — o salario.

Os povos que sinceramente se arreceiam de que os primeiros fenomenos resultantes da revolução social que se está operando sejam perturbações da ordem, abandono do trabalho, desassombrem os espiritos.

Ha de reproduzir-se em todo o Brazil o que se deu no Ceará. Em vez de guerra fratricida — paz patriarcal ; em vez da estagnação da produção — aumento de riquesa e progresso.

As epopéas de Itú e de Friburgo aí estão.

Esses negros que atravessam povoações com a cabeça baixa, depois de um combate em que haviam revelado a corajem dos companheiros de Leonidas, e apesar de famintos, maltrapilhos e sangrando feridas do tiroteio e da luta corpo a corpo condusindo creanças extenuadas, não atacam a população aterrorisada, não abusam da sua força nem para satisfaser ás mais urjentes necessidades da vida ; esses outros negros que respondem aos senhores no dia da liberdade : descançai quanto á organisação da nossa nova existencia industrial — nós não queremos salario nos primeiros tempos ; esses negros falam, por uma raça, são as indossantes da letra de amor á ordem e á probidade, que elles pretendem descontar no rejimen da liberadde e da igualdade nacional.

O que ha mais admiravel na nova fase de nossa vida de povo civilisado é a uniformidade de pensamento, desde o governo até o ultimo liberto.

O ministerio restaura a segurança publica em todas as manifestações.

O presidente do conselho garante a fortuna do pais, esforçando-se para restituir á moeda, representação do trabalho, o seu valor exato no cotação universal. Bate se como um duelista tão inimigo da luta, como terrivel no combate e em menos de um mez de administração derrota a horda dos especuladores de cambio.

Este gloriozo trabalho de valor inestimavel é feito sem estrepito, com a modestia do dever comprido.

O emprestimo foi o mais solene desmentido ao escravismo, que nos dava como unico titulo decredito europeu o sermos o ultimo pais, cuja fortuna se baseava no trafico das almas, no roubo do trabalho.

O ministro da fasenda provou que o pais podia comparecer perante o mercado do ouro levando como valores a hipotecar a sabedoria de seu procedimento, resolvendo sem perturbação da ordem o mais temeroso dos problemas e a certesa de que este pais foi dotado pela naturesa de tesouros que nem mil seculos de prodigalidade poderão dissipar.

O ministro da justiça garante a liberdade do cidadão com a letra cega da lei e com a lucidez humanitaria do seu espirito. Quebra-lhe o punhal da vingança para dar-lhe a balança das reparações e da correção.

Põe o codigo á cabeceira de cada cidadão por mais humilde que elle seja ; todos podem dormir tranquilos dentro de seus limites legaes.

A autoridade perdeu a carrança de Medusa com que petrificava o direito.

Ella não pode mais espalhar caprichosamente panico e lagrimas, violencias e calunias.

E porque veio da imprensa e porque veio da desilusão popular um ministro extraordinario, compreendendo que para prégar a boa nova de regeneração governamental é préciso, como Jesus, frequentar as multidões, dar vinho ás suas bodas, distribuir com as proprias mãos pão e peixe aos famintos, parar junto das sepulturas para resuscitar os mortos ; esse ministro está em todas as féstas para que é convidado, destribuindo o vinho generoso, o cordeal de sua palavra, que é banho de nardo no corpo do mendigo e agno do Cenaculo ao espirito das creanças.

O ministro da guerra faz recolher a quarteis o exercito, que se viu obrigado a vir a praça publica reclamar como cidadão o que o seu patriotismo lhe impediu que exijisse como soldado ; respeito pelo seu brio e pelo seu direito.

Certo de que está salvando a patria e de que ella bem merece o sacrificio de conveniencias efemeras, o ministro enche a fé de oficio dos heroes com as repetidas provas de confiança do governo ; faz-se no poder o orgão da opinião que cercou com o seu prestijio os perseguidos da vespera.

O que será este pais amanhã, quando o que hoje sorpreende fôr a norma do procedimento dos governos e do povo ? Quando extincta a recordação do cativeiro, cada cidadão entender que elle é tanto maior quanto mais respeitar no direito de outrem o seu direito e o direito de todos ?

Temos o olhar alongado sobre esse amanhã que vem rapido, ver-

tijinosamente e que, entretanto afigura-se á nossa anciedade lento como o desdobrar de um seculo.

Bate-nos novamente o coração, perguntando-nos ao pensamento se é com effeito verdade que dentro em poucos dias uma senhora vae comparecer perante a assemblea de um povo não para impôr, mas para pedir e conquistar como a timida Esther, piedade para os milhares de desgraçados, os filhos de uma raça que foi degradada por haver contribuido tanto como qualquer outra para a grandesa de sua patria.

Sabemos que a promessa de homens de bem é a anticipação da realidade, e entretanto temos ainda essa incredulidade fujitiva que nos provoca o bem muito maior do que esperavamos.

E por isso mesmo perdoamos aos que não acreditam de todo, aos que julgam que amanhã havemos de chorar de despeito.

Não ha negal-o : a corrupção havia minado tanto o pais, que é quasi impossivel acreditar que se conservasse intacta uma porção do caracter completamente refractario ao contajio.

Demais, é melhor não esperar muito, para morrer de alegria recebendo tudo.

II

MARIO DE ALENCAR

Mario de Alencar, filho do notavel escritor brazileiro José de Alencar, naceu em 1872. Formado em sciencias sociaes ; é hoje Bibliotecario da Camara dos Deputados.

Escreveu : *Lagrimas* ; *Versos* (duas edições ; a 2ª Garnier, 1909) e numerosos trabalhos de literatura e de critica, esparsos no jornalismo. “ *O que tinha de ser* ” é um primoroso romance é seu ultimo trabalho (1912).

I

Existe em mim, bem no intimo do peito,
Uma vaga tristesa inexprimivel
Que ás veses dóe mais forte que essas dores
Comuns de todo dia.

Estas no corpo apenas nos magoam,
E, si violentas grito e pranto arrancam,
Acham no proprio grito o proprio alivio,
Nas lagrimas alivio.

Consolo traz o tempo que as esquece ;
Mas a vaga tristesa que se esconde,
Não me tira uma lagrima dos olhos,
Das labios nem um grito.

Do que provém, não sei. Talvez comigo
Nacesse já. Si os brincos não toldava
Da infancia, cedo a minha adolecencia
Velou de tibia sombra.

É um mixto obscuro de incertesa e anceio,
Temor e tedio e inquietação e magua :
É como um éco muito lonje e obscuro
De uma dor que eu ignoro.

É uma voz a falar-me sempre, sempre,
Do nada que sou eu, do incerto e frajil
De quanto aspiro e tenho. É uma saudade
De um bem só presentido.

Procuro ás veses deslembrar-me della
No tumulto da vida ; é um só momento.
E subito minh'alma treme inquieta
Ao punjir que a desperta.

Assim mão descuidada procurando
Uma flor no rosal, retrai, si a punje
Aguilhão que não vira de um inseto
Na flor adormecido.

II

Falas e buscas animar-me, e o goso
De viver fantasias eloquente ;
E a alma te sobe aos olhos tão contente,
Que olhando-te sou menos inditoso.

E fico a ouvir-te, crédulo, invejoso
De tua alma feliz ; mas de repente
Lembra-me o fim que toca a toda gente
E eu te lastimo, ó frajil venturoso.

Olho as tuas feições, olho-as, e esqueço
O antigo mal constante que padeço,
E sofro só da tua propria sorte.

Porque em teus olhos quentes de alegria,
Vejo, espantado e inquieto, que me espia
A macilenta mascara da morte.

III

PASES

Olhe, aqui estou
Nosso pesar,
Si começou,
Deve acabar.

Já tudo jaz
Passado ; a paz
Faça-se pois
Entre nós dois.

Nessa questão
Que em zanga deu,
Quem tem rasão,
Você ou eu ?

Si eu é que sou,
Perdão lhe dou :
Mas si é você,
Perdão me dê.

Culpado, sim,
Um de nós foi ;
Culpe-me a mim
E me perdõe.

Não basta ! quer,
Porque é mulher,
Ter o praser
De ver sofrer ?

É muito má !
De certo que é.
Egual não ha
Desde Noé.

Olha p'ra o ar ?
Olhe p'ra mim.
Sem disfarçar,
Sem rir, assim.

Que cara faz !
Não é capaz.
Não pode ! Ri !
Já riu, que eu vi.

Custou ! Mas pois
Que estamos bem,
Um... dois... que tem ?
Mas um... mais dois...

Mais um ! mais um !
Não deu nenhum.
Todos que dei,
Eu que os roubei.

Quero que dê
Sem a forçar.
Posso roubar,
Mas dê você.

Agora, sim !
Meu coração,
Nós dois emfim
Temos rasão.

IV

Bemdigo o teu olhar, bemdigo
A tua voz e o teu amor.
Porque tu és meu anjo amigo
E ás tuas asas eu me abrigo
Para fujir ao mal e á dor.

Na escuridão triste da vida
O teu olhar trouxe-me luz.
E a estrada escura, sem guarida,
Ora aparece esclarecida
Do teu olhar que me conduz.

A tua voz trouxe a bonança
Ao meu turbado coração.
A tua voz, meiga criança,
Deu-me valor, deu-me a esperança
Que me elevou para a iluzão.

Eu definhava na incerteza
Do meu destino, sem viver.
Amei-te, e logo a naturesa
Refez no amor, para a belesa,
Todas as forças do meu ser.

Por isso o teu olhar bemdigo
E a tua voz e o teu amor.
O' anjo tutelar ! abrigo,
A que eu me acolho, ora comtigo
Já não receio mal nem dor.

V

A RISADA DOS DEUSES

Zeus, deixando o aureo assento,
Apartou-se da sala a passo duro e lento.
O concilio era findo.
Mas alguns imortais
Inda ficaram discutindo
Sobre questões gerais.

Os grupos eram varios
E assim os comentarios...
Neste era a guerra o assunto,
Era naquelle o amor...
E das voses o som, recrescendo conjunto,
Ecoava pelo Olimpo amplissimo rumor.

Aphrodite, deitada em languida postura,
Falava com ternura
Do amor ; porém o olhar e o gesto voluptuosos
Eram melhor lição
Para os deuses que ao pé a admiravam, sequiosos
De requintes subtis do coração.

O rude e ousado Arês com calor discorria
Sobre a guerra de Troya, o mór tema do dia.
Porém de quando em quando olhava Cithereia
E absorto nesse olhar,
Como quem se concentra á cata de uma ideia,
Parava de falar.

De todos afastada,
Como a todos alheia, Hera estava calada.
Tinha o animo triste, e inchados, rasos d'agua
Os belos olhos seus,
Que choravam de magua
Pelo modo brutal com que a tratara Zeus.

Era ainda recente
Esse extranho incidente.
Hera surpreendêra em palestra animada
Thétis e Zeus a sós,
E o que viu foi bastante a deixal-a intrigada,
Pois que o gesto lhes viu sem lhes ouvir a voz.

Thetis co'a dextra a Zeus acariciava o rosto,
Co'a esquerda um joelho, e assim cauzava-lhe tal gosto
Que elle em vez da expressão austera do costume
Tinha a mole expressão de um satiro sensual.
Hera teve ciume,
Como sente qualquer creatura mortal.

Entretanto esperou que Thetis se ausentasse ;
Depois surjindo em face
Do esposo, esteve a olhal-o, a medil-o, escarninha,
Falando, interrogando-o a espaços, de revez.
Mas explodiu por fim a colera que tinha
Em palavras crueis.

Zeus em calma a escutou, mas ante a impertinencia
De outras rasões perdeu de todo a paciencia ;
Zangou-se, e logo irado,
Rude na ameaça foi ;
A Hera não lhe valeu o seu olhar maguado,
O grande e terno olhar dos seus olhos de boi.

Emquanto isso occorria,
Entre os deuses o fato extranho produsia
Diversas impressões, em favor delle ou della ;
Porém nenhum siquer
A intervir se animou, que é falta de cautela
Nas brigas intervir de marido e mulher.

Apenas, — Zeus saindo e acabado o concilio —
Chegou-se a Hera o filho
Hephaïsto, o arquiteto.
De mansinho achegou-se a ella e então
Com carinhoso afeto
Começou a falar afagando-lhe a mão :

« Que é isto, mãi ! Que é isto !
« Olha, sou eu teu filho, o teu caro Hephaïsto.
« Esquece o que passou. Não chores. Sê contente.
« Punje-me tanto ver-te acabrunhada assim !
« Pois hão de os imortais, como essa humana gente,
« Separados viver, em discordias sem fim ?

« Entre os homens e nós, qual é a diferença,
« Si ora nos enfraquece a feia desavença ?
« Onde iremos sentir a alegria divina,
« Os gosos dos festins ? Adeus, volupia e paz !
« Já que a discordia humana invade e contamina
« A alma dos imortais ! »

« Mãi, meu conselho escuta !
« Cede a Zeus nesta luta.
« Elle é teu esposo, é o rei do Olimpo onipotente.
« Zangado, ninguem pode arrostar-lhe o furor.
« Mas inda é tempo, vai, mostra-te obediente ;
« Fala-lhe brando, beija-o e o vencerás de amor. »

Estas palavras disse
Co' uma doce inflexão de suasiva meiguice.
Triste, no entanto, a deusa conservou-se
E quieta, sem o ouvir.
Mas elle em taça de ouro haurindo o nectar doce
Apresentava-lh'o a sorrir:

« Mãi, bem sabes que eu só contra Zeus não podia.
« Deve lembrar-te o dia
« Em que eu só contra Zeus quiz fazer-me de forte
« Por defender-te, e o que sofri aquella vez.
« Zeus atirou-me á terra e, se escapei da morte,
« Aqui vês como estou, aleijão dos dois pés. »

Disse e de modo tal que a deusa lhe achou graça.
E sorriu, e aceitando a aurilavrada taça,
Entre um gole e outro gole, olhava o filho e ria.
Houve silencio então
Na sala, e para os dois, filho e mãi, converjia
De todos a atenção.

Hephaïsto que os viu atentos a esse efeito,
Mais se animou, e logo alegre e satisfeito,
Ajitado, bulhento,
Todo cheio de si,
Vinho aos deuses servia, a correr no aposento,
Rapido, aqui e ali.

Mal sabia, coitado!
Que a mór graça que tinha era o ser aleijado.
E mais e mais perdido em acessos de riso,
Quanto se riam mais,
Sem a ajuda dos pés e da calma, o seu piso
Eram pelo salão saltos descomunais.

A hilaridade intercadente
Crecendo, amiudando, de repente
Numa só voz vibrou, aguda, retumbante,
Imensa, universal,
Como orquestra que, apoz breve ensaio hesitante,
Rompe com todo o instrumental.

O som da orquestra volve em recrecente escala;
Subito dece, cala,
Mas de novo prorompe e mais forte se alteia...
Tal no Olimpo se ouvia a risada rolar,
Fluindo, refluindo, ora escassa, ora cheia,
Como na praia o mar.

Todo o Olimpo tremeu pelo som sacudido,
Tremeu a terra e o espaço, e Zeus, sorpreendido
Por tanta hilaridade,
Veiu ver, e mal tinha entrado no salão,
Perdeu a seriedade,
Pondo-se a rir tambem, sem saber a rasão.

Hera que o viu a rir, córando de ventura,
Foi sentar-se a seu lado e afavel, com ternura
E receioso enleio,
Da taça em que bebia ao esposo fez beber ;
E, esquecendo-lhe o ciume, o seu tumido seio
Batia de praser.

O riso foi cessando,
Ouvido agora, aqui e ali, de quando em quando ;
Mas Apollo tomou da citara e ao dedilho
Leve, melodioso, as Musas sensuais
Entoaram em côro o sonoro estribilho,
Animando o festim dos deuses imortais.

FOLHETIM

« Sei que todos sofreis, mas nenhum de vós tanto sofre como eu : pois a dor fere-vos a cada um individualmente, não aos outros ; a minha alma, porém, doe por mim, por ti e pela cidade ao mesmo tempo.

Não viestes despertar-me de um sono repousado ; ao contrario, sabei que eu tenho chorado muito, e o meu espirito se transvia, errante, pelos multiplos caminhos do inquieto pensamento. »

Respondia assim aquelle rei *Œdipo* ao velho sacerdote, voz experimentada e triste do povo, aflito pela mortandade que devastava a antiga Thebas e pela fome que se abatera

sobre todo o povoado com a esterilisação repentina das sementes nos campos. E o povo buscava a vizinhança dos templos dos deuses; queimáva os incensos propiciatorios: prostrava-se nos brancos degraus dos altares, esperando a intervenção divina. O velho rei ouviu o seu choro e desceu da magestade do throno ao ancontro da multidão soffredora. Não tinha dormido o velho *Œdipo* ; a solicitude pelo povo lavara-lhe as palpebras, e a dor vigilante enchera a sua alma, perscrutando um remedio para o mal terrivel que um deus, em colera, atirara sobre a cidade. Era ao tempo da grande fé na acção dos deuses. O unico remedio que *Œdipo* achou foi a consulta do oraculo ; e como o *theoros* não voltava, e as horas passavam, vasias e tardas, medidas pela impaciencia de sua alma, o rei desceu ao meio do povo prostrado, para ouvir o que já sabia, para derramar com a sua palavra bemvida o consolo suave que esperançava a multidão.

« Nenhum de vós tanto soffre como eu ; a dor fere-vos a cada um individualmente, não aos outros ; a minh'alma, porém doe por mim, por ti e pela cidade ao mesmo tempo. Sabei que tenho chorado muito, e o meu espirito se transvia, errante. pelos multiplos caminhos do inquieto pensamento. »

Era ao tempo em que os homens acreditavam na acção e intervenção dos deuses e dos rei eleitos pelos deuses. Os deuses. Os deuses se foram; mas os reis ficaram e proliferaram na terra, e o povo ainda crê nos reis.

E é com essa crença ingenua e inestinguivel dos simples corações que, ainda agora, toda aquella gente faminta do norte volve os olhos d'alma para o sul, buscado o allivio da palavra magestosa nos labios do alto senhor e rei da grande terra. A alma do povo não sabe discernir entre as subtilesas dos regimens politicos ; e o chefe supremo, reja-o por quatro annos ou por toda uma vida, é sempre o rei para o povo.

A multidão faminta desce dos sertões arenosos, abandona as casas resequidas, as sementeiras queimadas, os rebanhos esmaecidos ; e avança pelo deserto, sob as vergastadas do sol vermelho, tostando os pés nas brasas do caminho, correndo em poz da ultima esperança de salvação, que ella espera achar, não já nos degraus dos altares dos deuses, mas nos de raus luxuosos e atapetados por onde sobem os pés reaes do altissimo rei.

Senhor, fasei como *Œdipo*. Não deixeis que a multidão vos espere, nem vos busque : descei sollicito e bom a levar-lhe a efficacia do vosso remedio.

Mal chegaes da viagem alegre, carregado de dons de valia, e cheio de recordações inesqueciveis do acolhimento triumphal de uma nação afortunada e hospitaleira. Nos vossos labios ainda prurem as saborosas lembranças dos acepipes principescos ; ainda vos trescala as narinas o perfume acridoce dos vinhos finissimos de champagne ; ainda vos cantam nas oiças deleitadas as ovações gloriosas e aturdidoras de milhares de vozes estranjeiras. Dias regalados e felises passastes, esquecido das miserias da terra, ignorante das torturas da fome e da sede

Fazei agora como *Œdipo !* Decei da vossa ventura ás tristesas da patria, ás afliçōes da pobre terra faminta e sedenta ! Dai á multidão que sofre o alivio do vosso verbo eloquente e doirado. *Œdipo* consumira as suas noites na dor insone ; regava o seu coração com as lagrimas da piedade e da inquietação. Vós, rei nosso, consumistes as vossas noites na insonia dos praseres festivos, nas contradanças cadenciadas dos bailes fulgurantes, nos doces cuidados de satisfaser o apetite aguçado ; e as lagrimas que chorastes, foram aquellas lagrimas vertidas nas barbas do outro rei amigo, quando, peito no peito, faces nas faces, sentistes, na hora da partida, que o sonho acabava e que a vida não era só de folias, e que a realidade assomava ao lonje, no contorno indeciso das costas do oceano. Mas o povo é sempre o injenuo povo. Decei da vossa altura e dizei-lhe, como *Œdipo*, que a sua dor e a sua fome vos levaram dos olhos o repouso, e que a vossa alma doeu e chorou pelas torturas que o disimam. O povo tem fé, ainda mesmo nas mentiras dos reis, e só busca a intervenção delles perante o grande deus sonoro destes tempos de agora.

Não careceis de mensajeiro para escutar o oraculo divino. Apollo deixou a Delphos antiga e plantou a sua sabedoria aqui, na mesma cidade que habitaes ; e a voz publica ecoa aquellas mesmas palavras com que o mensajeiro de *Œdipo* retornou a Thebas gloriosa.

« As desgraças, se forem bem tratadas, mudar-se-ão em prosperidades. » A voz publica ecoa taes palavras e não as julga tão enigmaticas como o foram outr'ora para os entendimentos obcecados dos gregos. O povo profetisa e

diz que os males da fome e da sede se tornarão em bens para a terra dezolada do Ceará, se a vossa majestade abalançar-se a levar aos famintos, com a presença do vulto real, a animação e o conselho da vossa palavra. Que muito, rei nosso e altissimo senhor, que sacrifiqueis o bem estar de alguns dias da doce vida de palacio, e visiteis o povo faminto, em cujas veias afrouxadas flûe o escasso sangue, que é tambem vosso sangue, e em cujas carcassas angulosas se articulam ossos despidos, que são tambem vossos ossos ! Arrostastes a furia dos pampeiros, gastastes milhares de moedas na ornamentação e equipação de tres vasos de guerra, levastes majistrados, politicos e poetas, e ministros, com pingues ajudas de contos e contos — sómente para serdes gentil com o rei amigo que vos fez vizita.

Que muito, grande rei, que, sem afrontardes os vagalhões dos mares do sul, sem consumirdes milhares de dinheiros num simples navio modesto, sem levardes majistrados, nem politicos, nem poetas, nem ministros com ajudas do erario — singreis os mansos mares do norte, só sinho, com a vossa benevolencia e a vossa misericordia, com o vosso prestijio supremo, e visiteis por uns dias o triste torrão devorado pela seca, para com os vossos olhos cheios (se não de lagrimas piedosas) cheios de justiça severa, presidirdes á distribuição das esmolas pelos pobres miseraveis que morrem de fome !

Fazei de *Œdipo*, se não sincero, ao menos de mentira ; porque o povo é injenuo e se consola com as mentiras dos reis Fazei de *Œdipo*, senhor ; ide visitar e aliviar os vossos subditos famintos da terra cearense.

INDICE

(*TOMO I*)